



**Filomena Maria Pinto
Almeida**

**A liderança do director e a indisciplina dos alunos-
Um estudo de caso**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, Área de Especialização em Administração e Políticas Educativas, realizada sob a orientação da Doutora Patrícia Susana Pinho Castanheira, bolsista de investigação do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Aos que me acompanham
de perto e de longe
me apoiam e acarinhos
nos momentos mais alegres
ou mais tristes
de mais serenidade
ou mais angústia
de mais esperança
ou mais desânimo ...

Que eu estimo, respeito e amo.

E sobretudo
às minhas maravilhosas
Estrelas cintilantes
por quem resisto e persisto.

E que
visíveis ou invisíveis
permanentemente
brilham
no meu Universo.

o júri

presidente

Prof. Doutor António Augusto Neto Mendes
Professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor José Alexandre da Rocha Ventura Silva
Professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutora Dora Maria Ramos Fonseca de Castro,
Docente do Ensino Secundário, requisitada na Escola Superior de Educação
do Instituto Politécnico do Porto

Doutora Patrícia Susana Pinho Castanheira
Bolsista de Investigação da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Aos que contribuíram
para que o projecto tivesse corpo,
o meu reconhecimento.

O silêncio é
frequentemente,
a forma de nos pronunciarmos
quando as palavras
são escassas
para exprimir
a imensidão de sentimentos...

À minha Estrela Maior
omnipresente,
pelas palavras e pelo silêncio.

palavras-chave

Disciplina, indisciplina, liderança, quotidiano escolar, regras, intervenção, eficácia, ineficácia, estratégias

resumo

A indisciplina dos alunos tem assumido gradualmente um papel de destaque no quotidiano escolar pela perturbação que provoca e pelos efeitos nefastos no sucesso educativo, sendo uma grande preocupação para a comunidade escolar mas principalmente para os professores e directores de escola.

As estratégias definidas e aplicadas, no âmbito da liderança escolar, nem sempre se traduzem no tão desejado ambiente ordeiro que permite aos docentes realizarem a sua prática pedagógica e contribuir para o desenvolvimento harmonioso dos alunos.

Através deste trabalho procurou-se conhecer a relação entre liderança da directora de uma escola e as percepções globais sobre a indisciplina na escola para os vários agentes no processo educativo - presidente da Associação de Pais e encarregados de educação, alunos, directores de turma, directora da escola – e a eficácia das estratégias e medidas articuladas por essa liderança para fazer face aos desafios colocados.

Para o estudo empírico, escolheu-se um Estudo de Caso, realizado no ano lectivo de 2010/11, numa escola de 2º e 3º ciclo, sede de um Agrupamento Vertical de Escolas, situado na Beira Litoral.

keywords

Discipline, indiscipline, leadership, daily school life, rules, intervention, efficacy, ineffectiveness, strategy

abstract

The indiscipline of students has gradually assumed a leading role in the daily school life for the disruption it causes and the adverse effects on educational success, which is a major concern for the school community but especially for teachers and school principals.

The strategies developed and implemented by the school leadership do not always translate into the much-desired orderly environment that allows teachers to conduct their practice and contribute to the harmonious development of students.

Through this work we sought to determine the relationship between the school's principal leadership and the perceptions about indiscipline with the various actors within in the school setting, namely - the president of the Association of Parents and Guardians, students, home room teachers, school principal - and the effectiveness of strategies and measures articulated by the leadership to meet these challenges.

In this empirical study, which took place in the academic year 2010/11, we chose to conduct a case study in a school of the 2nd cycle and 3rd cycle, and a thirst for Vertical Grouping of Schools, located in Beira Litoral.

Índice

INTRODUÇÃO	5
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
CAPÍTULO 1 - INDISCIPLINA EM CONTEXTO ESCOLAR.....	10
1.1- <i>Definição de Indisciplina</i>	10
1.2- <i>Indisciplina dos alunos: o caso português</i>	14
1.3- <i>A indisciplina e o Estatuto do Aluno</i>	16
1.4- <i>A autoridade do professor e a indisciplina na sala de aula</i>	20
CAPÍTULO 2 - AS LIDERANÇAS NA ESCOLA	25
2.1- <i>A liderança do Director de acordo com o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de Abril</i> ..	25
2.2- <i>Definição de liderança no contexto escolar</i>	26
2.3- <i>O Director da escola: líder ou gestor?</i>	30
2.4- <i>A Liderança Transformacional e Transaccional na Escola</i>	34
2.5- <i>O papel do órgão de gestão: questões organizacionais</i>	37
2.6- <i>As lideranças e a indisciplina</i>	40
PARTE II – A LIDERANÇA DO DIRECTOR E A INDISCIPLINA DOS ALUNOS: UM ESTUDO DE CASO.....	43
CAPITULO 3 – O ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	44
3.1- <i>Considerações metodológicas</i>	44
3.2- <i>Problema e objectivos da investigação</i>	45
3.3- <i>Plano da investigação: processo e percurso</i>	47
3.4 - <i>Recolha de informação</i>	48
3.4.1 - <i>Análise documental</i>	49
3.4.2 - <i>Projecto Educativo</i>	49
3.4.3 - <i>Regulamento Interno</i>	52
3.4.4 - <i>Relatório da avaliação externa da Inspeção Geral da Educação</i>	53
3.4.5 - <i>Entrevista</i>	54
3.4.6 - <i>Inquérito por questionário</i>	55
3.5 - <i>Contextualização do estudo - caracterização da Escola</i>	56
3.5.1- <i>Contexto socioeconómico</i>	56
3.5.2 - <i>O corpo discente</i>	58
3.5.3 - <i>O corpo docente</i>	58
3.5.4 - <i>O pessoal não docente</i>	59
3.5.5 – <i>A Associação de Pais</i>	59
3.6 - <i>A População participante no estudo</i>	59
3.6.1 - <i>A Directora da escola</i>	59
3.6.2 - <i>Os directores de turma</i>	60
3.6.3 - <i>Os alunos</i>	61
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	64
4.1 - <i>O conceito de indisciplina na perspectiva dos participantes</i>	64
4.2 - <i>O quotidiano na escola: os comportamentos de indisciplina</i>	68

4.3 - <i>O quotidiano na escola: a acção anti-indisciplina</i>	75
4.3.1 - Estratégias da directora da escola	75
4.3.2 - Estratégias das directoras de turma.....	76
4.3.3 - Medidas/sugestões dos alunos.....	80
4.3.4 - Medidas/sugestões da Associação de Pais e Encarregados de Educação	81
4.3.5 - Avaliação pelos alunos das medidas do Regulamento Interno e Estatuto do Aluno	83
4.3.6 - Avaliação pelas directoras de turma das medidas do Regulamento Interno e Estatuto do Aluno	83
4.3.7 - Avaliação das medidas implementadas pela directora da escola.....	84
4.4 - <i>Articulação entre a directora e os restantes agentes educativos</i>	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
BIBLIOGRAFIA	100
ANEXOS	111

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Corpo discente da Escola Alfa no ano lectivo de 2010/11	58
Tabela 2 - Pessoal não docente na Escola Alfa no ano lectivo de 2010/11	59
Tabela 3 - Número de questionários distribuídos e recebidos, por direcção de turma	60
Tabela 4 - Comportamentos considerados indisciplina, pelas directoras de turma.....	65
Tabela 5 – Comportamentos considerados indisciplina pelos alunos	66
Tabela 6 - Comportamentos mais frequentes nas turmas das directoras de turma questionadas.....	70
Tabela 7 - Frequência dos comportamentos indisciplinados na escola, na percepção dos alunos	71
Tabela 8 - Percentagem de alunos que já protagonizaram episódios de indisciplina.....	73
Tabela 9 - Medidas privilegiadas pela directora de turma no seu quotidiano escolar.....	78
Tabela 10 - Valorização das medidas promotoras de disciplina, segundo as directoras de turma.....	80
Tabela 11 - Opinião das directoras de turma sobre as medidas previstas no Estatuto do Aluno.....	84
Tabela 12 - Avaliação da acção da directora, pelas directoras de turma	86

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Comportamentos de indisciplina, na perspectiva das directoras de turma.....	64
Gráfico 2 - Comportamentos mais frequentes nas turmas das directoras de turma questionadas	69
Gráfico 3 - Nível de disciplina dos alunos da turma, na percepção das directoras de turma	71
Gráfico 4 - Nível de disciplina dos alunos da escola, na opinião das directoras de turma	72
Gráfico 5 - Respostas dos alunos à pergunta “Sentes-te bem na escola?”	73
Gráfico 6 - Avaliação da escola	73
Gráfico 7 - Responsáveis pelos episódios de indisciplina dentro da sala de aula, na opinião dos alunos	74
Gráfico 8 – Responsáveis pelos episódios de indisciplina fora da sala de aula, na opinião dos alunos	74
Gráfico 9 - Considerações dos alunos sobre a causa dos comportamentos de indisciplina	75
Gráfico 10 - Medidas privilegiadas pela directora de turma no seu quotidiano escolar.....	77
Gráfico 11 - Número de vezes que o encarregado de educação se deslocou à escola....	79
Gráfico 12 - Medidas correctivas ("castigo") referidas pelos alunos como mais eficazes .	81
Gráfico 13 - Eficácia das medidas do Regulamento Interno, na opinião das directoras de turma	84

Índice de Siglas

RI - Regulamento Interno

PE - Projecto Educativo

EA - Estatuto do Aluno

IGE- Inspeção Geral da Educação

DE - Director (a) da Escola

DT - Director(a) de turma

AO - Assistentes Operacionais

APEE - Associação de Pais e Encarregados de Educação

Índice de Anexos

Anexo I - Documento de contacto com a escola, solicitando autorização para a realização do estudo	113
Anexo II – Guião de entrevista à directora da escola.....	114
Anexo III - Regulamento Interno da Escola	116
Anexo IV - Projecto Educativo da Escola	126
Anexo V - Atribuições do director, de acordo com o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de Abril	131
Anexo VI - Documento solicitando autorização aos Encarregados de Educação para aplicar os questionários aos alunos.....	133
Anexo VII - Guião de entrevista a realizar aos directores de turma	134
Anexo VIII - Modelo de questionário a aplicar aos directores de turma	137
Anexo IX - Modelo de questionário a aplicar aos alunos	142
Anexo X - Guião de entrevista a realizar à coordenadora dos assistentes operacionais	148
Anexo XI - Guião de entrevista a realizar ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação	149
Anexo XII -Transcrição da entrevista realizada à directora da Escola Alfa	150
Anexo XIII - Transcrição das entrevistas realizadas às directoras de turma	154
Anexo XIV - Transcrição da entrevista realizada ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação	200
Anexo XV - Transcrição da entrevista realizada à coordenadora dos assistentes operacionais.....	204
Anexo XVI - Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados às directoras de turma e aos alunos (em suporte digital)	207

INTRODUÇÃO

É frequente ouvir-se comentar que os alunos estão mais indisciplinados, que não respeitam, que não obedecem, que é difícil trabalhar com eles. Não é raro ouvir relatos nos meios de comunicação social de episódios de agressão física ou verbal, envolvendo alunos e docentes ou outros agentes escolares, apesar de alguns ficarem circunscritos ao meio escolar. É mais ou menos consensual que o ambiente nas escolas se tornou mais instável.

Os comportamentos de indisciplina dos alunos constituem, assim, uma preocupação muito vincada da população escolar, dos pais e da sociedade em geral, tendo ganho, nos últimos anos, proporções e contornos particularmente relevantes, tornando-se um elemento central na avaliação da ecologia escolar pelos vários grupos da comunidade. Vários relatos públicos, divulgados nas televisões, jornais e outros partilhados na rede de relações profissionais no sistema educativo, para além da actividade legislativa (e.g., Estatuto do Aluno), colocam grande ênfase na centralidade da disciplina nas escolas.

A reacção à indisciplina na escola é particularmente saliente quando analisada na dinâmica do conflito entre o aluno e o professor, parecendo estar circunscrita à díade e ao contexto da sala de aula. Contudo, apesar de os casos de indisciplina dos alunos acontecerem maioritariamente na sala de aula, existem outros actores no contexto escolar que têm um papel importante, tanto na sua prevenção como resolução. Nesse sentido, esta investigação tem como objectivo expandir a análise da indisciplina ao nível da díade aluno-professor para uma abordagem mais panorâmica e inclusiva mas determinante na acção da liderança da figura do director da escola na prevenção e resolução dos casos de indisciplina.

A motivação pessoal para a realização desta investigação decorre do facto de, na qualidade de docente com larga experiência e protagonista de vários cargos na escola, como o de directora de turma, nos vemos frequentemente confrontados com a necessidade de lidar com episódios de indisciplina, dentro e fora das aulas, e de pôr em prática medidas de redução do elevado número de episódios de indisciplina dos alunos. Contudo, a experiência demonstrou-nos que uma acção orientada apenas pela motivação e sensibilidade pessoais de um professor, isolada de uma estratégia geral da Escola, da qual o Director é o seu rosto na liderança, é insuficiente para responder aos desafios actuais.

Esta é, deste modo, uma tentativa de alargar a análise sobre a indisciplina para além dos comportamentos que a caracterizam, focando-se sobretudo no espectro organizacional das relações que intervêm na avaliação e reflexão sobre as medidas e estratégias utilizadas para lhes fazer face, tanto ao nível da prevenção como da resolução.

As razões principais que suscitaram o interesse por este trabalho referem-se às seguintes questões: quais são estratégias que a figura do Director da Escola (DE) utiliza para prevenir, minimizar e/ou resolver os comportamentos de indisciplina verificados na sua escola? E, por outro lado, de que forma e em que medida é que o tipo de liderança exercida na escola influencia positiva/negativamente os episódios de indisciplina? Como se exerce essa liderança? Isto é, como deverá o Director(a) da Escola lidar com situações repetidas de indisciplina de um aluno? De que forma deverá articular estratégias eficazes com as lideranças intermédias para lidar com a indisciplina? Deverá o Director(a) da Escola assumir apenas ou sobretudo a sua função administrativa e burocrática no âmbito daquilo que lhe é exigido pela legislação? Ou deverá participar activamente com os professores na acção sobre a indisciplina? Estas são algumas das questões que nos suscitam reflexão e às quais esta investigação pretenderá fornecer respostas.

Tendo presente que a estruturação e o carácter dinâmico da escola dependem habitualmente da forma como os seus agentes exercem as funções de liderança, e também como estes implicam os restantes professores de forma a irem, eles próprios, exercendo no seu grupo uma função de liderança, considerámos importante estudar a forma como as lideranças interagem face aos casos de indisciplina dos alunos, dentro e fora das aulas. Importa, portanto, averiguar que estratégias a direcção da escola utiliza para prevenir, minimizar e/ou resolver os comportamentos de indisciplina e que contributo poderá dar no âmbito do seu papel, enquanto agente neste sistema complexo.

Focando-se numa abordagem multifacetada dos fenómenos de indisciplina e congregadora dos contributos dos vários actores do sistema escolar, i.e., alunos, professores, funcionários e directora da escola, foram gizados questionários e entrevistas sobre a avaliação da indisciplina numa escola do Litoral Norte de Portugal, com o objectivo de serem avaliadas as estratégias, comportamentos, contributos e outras respostas que a directora da escola utiliza para responder às situações de indisciplina no contexto específico em que actua. O trabalho estrutura-se em duas partes, sendo que na primeira se faz um enquadramento teórico-normativo, sobre as áreas de abrangência da liderança, gestão e (in)disciplina, e na segunda parte procede-se à caracterização da

investigação e análise dos resultados obtidos com particular incidência no que concerne a abordagem da indisciplina pelo director da escola.

Prevê-se que as informações obtidas através desta investigação suscitem reflexões pertinentes sobre o compromisso das estratégias formais e informais utilizadas na articulação da abordagem da indisciplina pelo director da escola, pretendendo-se uma análise crítica e construtiva das estratégias utilizadas para minimizar este fenómeno.

PARTE I - Enquadramento teórico

Capítulo 1 - Indisciplina em contexto escolar

1.1- Definição de Indisciplina

Embora polissêmica, complexa e eminentemente relacional, a indisciplina tem sido progressivamente alvo de preocupação, considerando as suas manifestações, a sua dimensão e a sua redução. Esta preocupação veicula a compreensão de que a indisciplina é profundamente negativa para o sucesso das aprendizagens e para a harmonia no seio da comunidade escolar (Harris, 2002; Skiba, Boone, Fontanini, Strussell & Peterson., s.d; Munn, Johnstone & Sharp, s.d.).

É igualmente consensual que ela se manifesta de várias formas e com diversos graus de intensidade, podendo ainda considerar-se como um reflexo do que se passa na sociedade local e no próprio sistema educativo, configurando, por isso, um fenómeno complexo, multifactorial e sem taxonomia perfeitamente definida.

No âmbito da preocupação que vem suscitando, o Conselho Nacional de Educação, no Parecer 3/2002, com o título “Para Combater a Indisciplina nas Escolas”, alerta para o crescimento dos fenómenos de indisciplina nas escolas portuguesas. De acordo com este parecer, a indisciplina comportaria todos os comportamentos que incidem na perturbação dos processos de aprendizagem que decorrem na escola, dificultando o exercício da função do professor e a cooperação discente e perturbando a convivência da comunidade educativa. A indisciplina estaria, por isso, não apenas no processo relacional, ao nível micro de conflito entre dois indivíduos, mas enquadrada ao nível da organização e do estabelecimento de regras e de papéis.

A disciplina em contexto educativo é vulgarmente definida como a interiorização de regras sociais que permitam/facilitem o quotidiano educativo, o processo ensino - aprendizagem e lhe conferem a tranquilidade desejável, pelo que, por antítese, se conclui que a indisciplina resulta da negação ou dificuldade extrema de interiorização das regras sociais, causando fortes condicionalismos na obtenção de condições para um processo educativo com sucesso. Neste sentido, como é referido por Estrela (1992: 15), “o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas”.

Nesse sentido, Jesus (1999: 31) refere que “a indisciplina dos alunos integra todos os comportamentos e atitudes que estes apresentam como perturbadores e inviabilizadores do trabalho que o professor pretende realizar”. Igual consideração é feita

por Amado (2001), quando refere que o incumprimento de regras de trabalho, enquadrado nos comportamentos dentro do espaço da aula, impede ou dificulta a prossecução dos objectivos do processo de ensino-aprendizagem. Semelhante definição é apresentada por Veiga (2001: 15) ao afirmar que “por indisciplina entende-se a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola”. A esse incumprimento estaria subjacente o desrespeito moral, i.e., a violação de princípios e normas que caracterizam o património comum de uma sociedade e que definem as responsabilidades dos seus cidadãos. Nesse sentido, Durkeim, citado por Estrela (1992: 86), sublinha que “a disciplina é a moral da classe, como a moral propriamente dita é a disciplina do corpo social e a classe é um microcosmos social.”

Assim sendo, a maior dificuldade na clarificação deste conceito resulta do facto de não se lhe poder atribuir uma significação sem o integrar num determinado contexto e singularidade semiótica, isto porque actores diferentes podem percepcioná-lo de forma também diferente, ainda que dentro do mesmo contexto (Magalhães, 1992, cit. in Renca, 2008).

A latitude das definições apresentadas sobre o fenómeno de indisciplina poderá dificultar a sua definição exacta e consensual, mas talvez seja possível situá-la na ténue fronteira entre o que é expectável no âmbito das relações hierarquizadas, considerando-se desejáveis o respeito e o cumprimento pelas normas escolares e sociais instituídas.

Numa tentativa de compreensão deste fenómeno e no apuramento das suas causas, Afonso *et. al* (1999) consideram que no quotidiano escolar os alunos são tanto mais indisciplinados quanto menos sentido atribuírem à escolaridade e lhe reconheçam utilidade, já que a escola não se lhes afigura como um espaço relevante nem com o potencial de poder corresponder aos seus anseios de vida, já que ao contrário do que frequentemente se lhes quer fazer crer, não é garantia de obter um emprego estável e boa remuneração. Deste modo, a indisciplina será entendida como o resultado objectivo de manifesta falta de valores e de perspectivas que os alunos sentem quanto ao seu futuro (Veiga, 2001).

O fenómeno da indisciplina poderá ainda ser descrito como um problema não apenas inerente às escolas, mas sobretudo o reflexo de uma sociedade pouco disciplinada, orientada para a gratificação imediata e fácil, marcada por uma decadente desvalorização do esforço e da superação duradoura e consistente das dificuldades.

Curiosamente, o carácter transversal da indisciplina na sociedade afecta indelevelmente a escola e poderá ser objecto de intervenção pela própria escola,

funcionando como um organismo social auto reparador. Nesse sentido, Estrela (1992) afirma que a escola é uma instância insubstituível de socialização, que deve promover a aprendizagem sobre como lidar com os conflitos e saber gerir os limites postos pelos constrangimentos do mundo físico e social em ordem à preservação possível da sua autonomia.

Na perspectiva de alguns autores, as mudanças verificadas na sociedade contemporânea, em rápida transformação, a sociedade industrializada e a democratização do ensino trouxeram consigo um desequilíbrio precário, pondo em causa a universalidade do autoritarismo e da tradição, antes existentes. Sendo a escola, actualmente, um universo de culturas diferentes é também um meio onde coabitam distintos modelos relacionais, culturas e valores, cabendo à escola harmonizar os comportamentos de indivíduos tão diferentes e com particularidades desenvolvimentais extremamente dinâmicas.

Em suma, a indisciplina e a violência nas escolas, como referem Estrela e Marmoz (2006), não são fenómenos novos, mesmo que seja necessário reconhecer que eles adquiriram uma maior visibilidade e presença devido à escola de massas e à existência de uma sociedade em alegada crise de valores e repleta de desequilíbrios de toda a ordem.

No que concerne a sua concepção, ainda segundo Afonso *et. al* (1999), a indisciplina, nas suas manifestações, reveste-se de ambivalência e muita ambiguidade, sendo que aí pode caber a desatenção, participação desordenada, apatia, verbosidade, agressividade, as formas particulares de agir, o vocabulário impróprio, entre outros.

Com tudo o que lhe é inerente e consequente, a indisciplina dos alunos é uma preocupação muito vincada dos docentes, tendo ganho, nos últimos anos, proporções e contornos mais exagerados, tornando-se central na avaliação da ecologia escolar por vários agentes educativos. Utilizando uma expressão tecnológica, poder-se-á dizer que a indisciplina dos alunos não é de forma alguma *education-friendly* (amiga da educação). Segundo Jesus (1996), muitos professores queixam-se do desinteresse dos seus alunos e dos comportamentos de indisciplina na sala de aula, perturbadores, como entraves ao sucesso educativo e a uma boa e profícua relação pedagógica.

Os efeitos perversos da indisciplina devem ser analisados também na perspectiva dos seus efeitos nos docentes, sendo que sobre isso, Veiga (2001) refere que muitos professores, face aos comportamentos de indisciplina dos seus alunos, se sentem ansiosos antes de entrar na sala de aula, durante a aula e depois da aula e que muitos

alunos sentem também o clima de medo e insegurança que os episódios de indisciplina dos seus colegas provocam no quotidiano escolar.

Não será de subestimar que a indisciplina e a violência nas suas formas mais graves, custam caro à sociedade pois os efeitos delas decorrentes podem ser devastadores, considerando não só os prejuízos económicos mas também os prejuízos psicológicos, resultantes da ansiedade, doença mental ou psicossomática que podem contribuir para aumentar o absentismo docente e também para diminuir o grau de satisfação e o investimento no desempenho da função. Mas não só. A indisciplina e violência dos alunos tende a ser profundamente disfuncional, levando, muitas vezes, a um reduzido desempenho académico e a um contundente abandono escolar, com custos sociais e económicos elevados e repercussões sérias na sociedade portuguesa. Assim sendo, no contexto escolar, os episódios de indisciplina afectam negativamente as aprendizagens escolares e podem ser propiciadores de percursos de desvio, para além de deteriorarem o clima relacional na escola (Skiba *et. al.*, s.d.).

Nesta conjuntura, a escola representa um contexto paradoxal, já que seria desejável que ela fosse um local favorável à aprendizagem, propiciadora da promoção de valores como os de respeito pelo outro, de tolerância e de solidariedade e onde deveria, para bem de todos (alunos, pais, professores e encarregados de educação) imperar um clima de serenidade, harmonia e tranquilidade. No entanto e contrariamente ao desejável, a violência, a agressividade e os maus-tratos figuram entre as principais preocupações públicas da nossa sociedade (Fuensanta Ramirez: 2001).

De acordo com Jesus e Alves (2000), na sociedade actual existe um predomínio da incerteza, intranquilidade, instabilidade e imprevisibilidade. As famílias, pelo facto de estarem pouco disponíveis para acompanhar os seus educandos, declinam e transferem grande parte da sua responsabilidade educativa para a escola, cabendo aos docentes a inevitabilidade de terem, de alguma forma, de compensar as carências que muitos alunos trazem de casa. Por outro lado, apesar de os encarregados de educação solicitarem aos professores esta compensação, o seu trabalho é por eles e pela sociedade em geral frequentemente desvalorizado, como se vai evidenciando, talvez pela facilidade em aceder presentemente a várias fontes de informação e de conhecimento (Harris, 2002).

Face à constatação dos factos, mais importante é encontrar formas de ultrapassar os constrangimentos e neste sentido, Hill e Hill (1994) consideram que as manifestações de violência nas escolas servem de aviso para a necessidade de se mudar o modo como se percepção esta realidade, bem como para a necessidade de se encontrar formas de a prevenir e de a combater.

De facto, é imperioso ultrapassar as consequências nefastas deste fenómeno, evitando-se posturas de cómodo conformismo, como se de um fatalismo e de um fenómeno inultrapassável se tratasse.

1.2- Indisciplina dos alunos: o caso português

A análise das estatísticas sobre indisciplina e violência apresentadas neste âmbito, deverá ser lida com prudência, embora se possam inferir tendências e avaliar os sinais empíricos recolhidos. Refira-se que não foi possível obter dados estatísticos oficiais apenas sobre os episódios de indisciplina verificados nas escolas portuguesas, por inexistentes, sendo que fazemos alguma alusão ao reporte dos casos de violência, exigindo-se, no entanto, o devido cuidado na sua leitura por serem fenómenos distintos embora frequentemente associados.

De acordo com Afonso *et al.* (1999), tem-se notado uma evolução que se caracteriza pela evidência de situações de indisciplina cada vez mais graves e frequentes, inviabilizando toda a planificação das aulas e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem pretendida pelos professores. A avaliação da tendência de aumento dos casos de indisciplina é também notada por Jesus (1999), ao afirmar que “nos últimos anos, tem-se verificado um aumento da frequência e da gravidade das situações de violência nas escolas e de indisciplina dos alunos na sala de aula, nomeadamente das agressões verbais e físicas entre os alunos e destes aos professores e funcionários, fomentando um clima de medo e insegurança entre os alunos, sobretudo os mais novos e disciplinados” (cit. in Renca, 2008: 17). Igual percepção é veiculada por Veiga (2001: 9) quando afirma que “o aumento dos comportamentos de indisciplina e violência nas escolas tem vindo a ocorrer a largos passos, sobretudo nos últimos anos”. Trata-se, portanto, de afirmações que sustentam uma evolução negativa e com o aumento dos casos de indisciplina.

Em dados constantes de um estudo realizado por Estrela (1986) e citado por Veiga (2001) concluiu-se que cerca de 30% dos jovens alunos são vistos como indivíduos que transgridem e até que agredem. De acordo com o autor, estes comportamentos são de difícil solução para os professores e outros responsáveis educativos, como o Director da Escola.

Num outro estudo, realizado por Costa e Vale (1998), numa amostra de 4925 alunos, do 8º e 11º ano, repartidos por 142 escolas, verificou-se que 42% dos alunos já

tinha ouvido insultar um professor; 3.5% observara um professor a ser agredido e 4.3% vira destruir os materiais dos professores.

Contudo, quando as informações reveladas por estes autores e os dados obtidos pelos vários estudos referidos são confrontadas com os dados divulgados pelo Relatório Anual de Segurança Interna 2010 (Ministério da Administração Interna, 2010) e pelo Relatório Anual Ano Lectivo 2008/2009 do projecto Escola Segura (Ministério da Administração Interna e Ministério da Educação, s.d.), várias questões se colocam.

No que se refere ao Relatório Anual Ano Lectivo 2008/2009 do projecto da Escola Segura (Ministério da Administração Interna e Ministério da Educação, s.d.), o total de ocorrências no interior e exterior das escolas cifrou-se em 5134, constituindo uma redução de 15% relativamente ao ano lectivo de 2007/2008, quando se verificaram 6039. Das 5134 ocorrências, verifica-se que 3525 ocorreram no interior das escolas, sendo que 7.3% das escolas (865), reportara um incidente. No conjunto das ocorrências, destacam-se 1029 agressões a alunos, 284 agressões a professores e 184 a funcionários.

Relativamente à parte do Relatório Anual de Segurança Interna 2010 referente aos ilícitos em ambiente escolar no ano lectivo 2009/2010 (Ministério da Administração Interna, 2010), foram registadas 4713 ocorrências no interior e exterior das escolas, 3212 verificadas no interior das escolas, comparando com 4612 ocorrências no ano lectivo anterior, valor bastante inferior àquele referido pelo Relatório Anual da Escola Segura no ano lectivo 2008/2009. De acordo com este documento, terá havido um aumento de 101 participações, equivalentes a um incremento de 2.2%.

Isto é, para além das discrepâncias encontradas relativamente ao número de ocorrências encontradas no interior da escola, possivelmente decorrentes de critérios diferentes de definição dos incidentes a reportar, importa salientar a redução das ocorrências em 15% relativamente ao ano lectivo 2007/2008 (Ministério da Administração Interna e Ministério da Educação, s.d.). De acordo com estas informações, estar-se-á perante uma diferença substancial no que se refere à tendência de aumento da frequência e gravidade dos comportamentos de indisciplina assinalada por vários autores (e.g., Afonso *et al.*, 1999; Veiga, 2001).

De relevância superior para este trabalho é a compreensão de que os dados apresentados por estes relatórios de organismos do Estado se referem a ocorrências comunicadas às forças de segurança. Isto é, os comportamentos de indisciplina ocorridos no seio da escola e que não possuem gravidade suficiente para lhes serem comunicados, não estão reflectidos nestes números. Percebe-se então que a grande maioria dos comportamentos de indisciplina não redundam em comunicações às forças de segurança.

A discrepância notada entre a tendência de aumento dos comportamentos de indisciplina nas escolas e a constatação estatística da diminuição de ocorrências de gravidade suficiente para a comunicação às forças de segurança, poderá ter vários significados. Por um lado, é possível estar-se perante uma inversão da tendência identificada pelos autores referidos ou, por outro, verificar-se uma diminuição dos comportamentos graves e um aumento ou manutenção de comportamentos de indisciplina de moderada gravidade, sem valoração pelas forças de segurança.

Portanto, não é possível afiançar com segurança que os comportamentos de indisciplina nas escolas, em termos médios, possuam uma tendência de subida, nem proceder à sua caracterização. Este facto coloca severas dúvidas quanto às abordagens globais de intervenção reactiva à indisciplina.

Afigura-se igualmente relevante destacar que a análise e retrato dos comportamentos de indisciplina (e.g., Jesus, 1999; Amado, 2001; Estrela, 1992; Veiga, 2001) se reporta a uma imagem passada da realidade dinâmica da escola e da sociedade. Tal significa que mudanças recentes no âmbito da política do sistema educativo (e.g., Estatuto do Aluno) poderão condicionar a comparabilidade e a compreensão das informações relativamente aos factores presentes, até na mesma escola.

1.3- A indisciplina e o Estatuto do Aluno

O Estatuto do Aluno (EA) em vigor, em Portugal, no ano lectivo de 2010/2011 é descrito como sendo uma “lei (que) tem como objectivo definir com clareza os direitos e os deveres dos alunos, a fim de criar condições para garantir a segurança, a tranquilidade e a disciplina indispensáveis ao ensino, à aprendizagem e ao bom clima de trabalho e de respeito na escola” (Governo de Portugal, 2010).

Como lei focada nos deveres e direitos dos alunos, é particularmente notável a ênfase dada à disciplina, seja pela referência explícita da palavra, seja pela articulação de constructos relacionados, como são exemplo a segurança e o respeito. Decorre ainda desta definição que a disciplina é condição essencial para as aprendizagens poderem ocorrer.

As normas gerais descritas pelo EA apresentam um conjunto de prescrições sobre como as escolas deverão interpretar os direitos e os deveres dos alunos, assim como as

medidas que visam responder à quebra da disciplina. Essas medidas estão divididas em “correctivas” e “sancionatórias”.

De acordo com a Lei 39/2010, expressa no artigo 24.º da Segunda Alteração ao EA dos Ensinos Básico e Secundário (Assembleia da República Portuguesa, 2010), as medidas correctivas têm um objectivo pedagógico e preventivo e de normalização do contexto escolar. Adicionalmente, as medidas sancionatórias têm finalidade punitiva e são aplicadas sempre em relação ao caso particular do comportamento de indisciplina e à história pessoal do aluno.

Portanto, constata-se que o EA não só valoriza a disciplina dos alunos como prescreve medidas de prevenção e correcção dos comportamentos de indisciplina. Para além disso, é ainda sensível à separação entre as medidas que visam corrigir um comportamento de indisciplina (medidas correctivas) e aquelas que sendo correctivas contêm um grau de punição superior (medidas sancionatórias).

De facto, medidas correctivas implicam correcção de um comportamento de menor gravidade e esporádico, i.e., visam a clarificação ao aluno da dicotomia moral do correcto vs errado, tantas vezes incompreensível para os alunos, tal a carga cultural que ela observa. Neste sentido, todas as medidas correctivas terão na sua forma um grau moderado de punição.

O EA surge, portanto, como um instrumento que retrata uma realidade prototípica da resolução de todos os comportamentos que não estão previstos nos direitos dos alunos e que correspondem a uma quebra dos seus deveres. O artigo 15.º do documento revela que os alunos devem fundamentalmente tratar com respeito todas as pessoas da comunidade educativa, promover a harmonia das relações escolares e respeitar a propriedade do património escolar.

Das 18 alíneas referidas neste artigo é possível discernir uma mensagem principal: o aluno deve respeitar todos os objectos e as pessoas que são actores na comunidade educativa. O respeito surge, portanto, como elemento central e completamente consonante com a necessidade de estabelecer um princípio básico, i.e., o aluno não deve cometer actos de indisciplina. Quando o aluno desrespeita alguém ou a propriedade das coisas, incorre em penalizações. De facto, o capítulo V do anexo ao DL 39/2010, refere-se às infracções previstas quando a disciplina não é respeitada.

Qualquer evidência de um comportamento que viole os deveres do aluno exige uma tomada de conhecimento, que tomará um percurso diferente se for um 1) professor ou membro do pessoal não docente a presenciá-lo ou 2) um aluno. No primeiro caso, essa informação deverá chegar ao director; no segundo caso, deverá ser transmitida ao

professor titular ou director de turma que os poderá comunicar ao director se a gravidade do comportamento for elevada.

A participação das ocorrências (Artigo 23.º-A) suscita também algumas reflexões. Se muitos dos comportamentos de indisciplina forem presenciados pelos professores, isso significa que obrigatoriamente essa informação chegará ao director; contudo, se for um aluno a presenciá-los, presumindo que os comunica ao professor titular ou director de turma, é provável que uma abordagem inicial os resolva com uma sanção informal. Adicionalmente, a elevada gravidade de um comportamento presenciado por aluno poderá ser veiculado pelo professor ao director. No entanto, essa valoração será realizada pelo professor mediante a comunicação do aluno. Sendo aceitável que o aluno não possua a maturidade exigível para aferir a severidade e a amplitude dos comportamentos de indisciplina, será questionável que o professor possua todas as informações necessárias para saber se o director deverá ser informado sobre a ocorrência.

A gravidade ou a elevada gravidade, tidos como critérios para a divulgação do comportamento de indisciplina do aluno é percebida como tentativa de fazer chegar ao director apenas os casos mais complicados de gerir, sendo delegada ao professor a gestão corrente das situações de indisciplina. Contudo, tal facto não se afigura coerente com a exigência de total esclarecimento de comportamentos de indisciplina ao director quando são presenciados por um professor ou membro de pessoal não docente. Existirão abundantes exemplos de comportamentos de indisciplina cujas consequências serão irrelevantes e que terão que ser comunicados ao director, enquanto comportamentos de indisciplina de gravidade questionável poderão ficar fora do conhecimento do director devido à acção resolutive do professor.

A tomada de decisão sobre uma medida correctiva possui uma finalidade pedagógica e dissuasora, assumindo, de acordo com o ponto 1 do artigo 26.º, uma função de cariz preventivo. Nesse âmbito, incluem-se a advertência e a ordem de saída da sala de aula, da responsabilidade executiva do professor, e outras acções mais gravosas como a realização de tarefas e actividades de integração escolar, condicionamento de acesso a certos espaços escolares e a mudança de turma, da responsabilidade do director, podendo ou não ouvir o director de turma ou o professor titular. Mais uma vez se regista a objectiva tentativa de envolver o director na tomada de decisão sobre as medidas correctivas mais gravosas.

No que se refere às medidas sancionatórias (Artigo 27.º), que incluem a repreensão registada, suspensão temporária da escola e transferência de escola,

pretende-se garantir um último reduto de salvaguarda da disciplina na escola. Estas medidas mais gravosas (que as previstas nas medidas correctivas) são dirigidas àqueles alunos para quem as medidas correctivas não são suficientes na resolução dos comportamentos de indisciplina verificados, seja pela repetição desses comportamentos ou pelo aumento da sua gravidade.

Em suma, pela análise do EA, permitimo-nos inferir e concluir que a indisciplina é, deste modo, considerada alvo de uma avaliação gradativa da sua gravidade e consequências, sendo a acção do director relegada para a resolução dos casos mais difíceis, seja por envolverem aspectos da administração escolar ou por exigirem uma autoridade superior àquela de que os professores usufruem. Existe, portanto, uma relação directamente proporcional entre a gravidade da indisciplina e o grau de acção do director, exceptuando-se a situação já referida atrás e respeitante à informação que o professor e o membro do pessoal não docente deverão prestar ao director quando presencia um comportamento de indisciplina.

A abordagem do Estatuto do Aluno (EA) relativamente aos comportamentos de indisciplina, nomeadamente na criação de uma tipificação de deveres e responsabilidades e medidas resolutivas, assegura a organização de um quadro normativo de acção, o que permite uma resolução previsível dos casos de indisciplina.

Contudo, ainda na análise do EA mas focalizando-a na posição do director, verifica-se que a sua acção se centra no registo de incidências de indisciplina e administração ou comunicação de medidas de correcção. O EA na abordagem que faz da indisciplina, não prevê que a função do director possa assumir-se no âmbito de uma liderança que dilate o âmbito da sua autoridade, nem contempla a inclusão do director num registo mais fiável das reais ocorrências de comportamentos de indisciplina na escola, como se pode verificar pelos critérios e canais de comunicação utilizados para reportar esses acontecimentos.

Igualmente importante é a consideração da asserção perpassada pelo E.A. mas não decorrente da sua criação, referente ao significado da posição hierárquica do director. É pertinente referir que toda a conceptualização da abordagem aos casos de indisciplina está assente na perspectiva de que o director é a entidade máxima na avaliação destes casos. Contudo, esta autoridade conferida pela posição hierárquica está condicionada pelo perfil do director e pelas competências e conhecimentos específicos para gerir convenientemente a resolução dos casos de indisciplina, seja através da mediação dos professores ou exercendo a sua decisão. Não é linear que da autoridade conferida pela sua posição hierárquica decorram vantagens claras nas acções

despoletadas para gerir os casos de indisciplina, nem tão pouco que todos os directores possuam conhecimentos e perfil pessoal para encarar a diversidade de situações de indisciplina que grassam no dia-a-dia de uma escola.

1.4- A autoridade do professor e a indisciplina na sala de aula

A autoridade é um constructo complexo, realizada e validada no âmbito dum determinado contexto social e relacional em que se exerce. Não depende apenas da volição pessoal exercer a autoridade, nem tão pouco existe uma fórmula precisa para a compreender. A autoridade não é, portanto, inacabada ou definitiva, sendo que está em permanente construção e reformulação perante as experiências socioeducativas que a afectam no contexto da actividade do professor na escola (Poblete & Rodriguez, 2009). Em consonância, Weber (1979), aponta para a existência de vários tipos de autoridade, nomeadamente: a autoridade tradicional, cujo fundamento é a tradição e o costume; a autoridade racional-legal, cujo fundamento é a legalidade das normas e o direito dos indivíduos de ocuparem postos de comando em virtude dos seus méritos para ocupá-los (e.g., diploma); e a autoridade carismática, que se baseia no vínculo entre o líder e as massas.

À figura do professor está historicamente associada uma imagem de autoridade, reconhecida pela sociedade (e.g., pais, alunos e restantes cidadãos) e validada pelas leis vigentes. No entanto, a sua autoridade tem sido gradativamente posta em causa. De facto, no âmbito das alterações da sociedade e das políticas educativas que foram tomadas nos últimos anos, tem-se discutido a autoridade dos professores com particular efusividade. Nesse sentido, Veiga (2001: 13) refere que “nas escolas, passou-se do autoritarismo tradicional para uma permissividade elevada”, num movimento de transição de pais e professores para uma educação baseada na compreensão e responsabilidade. O autoritarismo referido foi um elemento central na relação professor-aluno, imbuído o primeiro de um poder sem necessariamente ser autoridade, uma vez que a autoridade e o poder estão sujeitos a uma legitimidade justificada pelo seu exercício (Weber, 1979).

Ao longo de várias décadas, as relações hierárquicas na escola possuíram uma vincada delimitação dos papéis dos alunos e dos professores. São extremamente comuns os relatos daqueles que estudaram nesse contexto histórico e que afirmam que *havia muito respeito* (e medo, acrescentamos) pela figura do professor, partilhado por todos os agentes da comunidade. Assim, os professores que começaram a leccionar há

várias décadas assinalam as diferenças substanciais ao nível do respeito (e relação) pela posição do professor, sublinhando a banalização da função do professor, hoje em dia tão sentida pelos docentes e constatada pelas organizações escolares. Não restam hoje dúvidas que “no passado, os padrões sociais e educativos baseavam-se na relação superior-inferior, em que o primeiro [o professor] mantinha, frequentemente, o seu domínio por meio de ameaças, de castigos, prémios ou concessão de privilégios” (Veiga, 2001: 12). Tal concepção é, hoje em dia, dificilmente aceitável nas sociedades desenvolvidas, embora verbalizada em surdina quando as situações de indisciplina na sala de aula atingem níveis significativos de perturbação.

A relação assimétrica entre professor e aluno nesse contexto histórico era tomada como normal, i.e., como norma evidente, porque valorizada e preservada pela sociedade. Serve isto para dizer que as mudanças ocorridas na sociedade portuguesa nas últimas décadas têm proporcionado e suscitado uma reformulação da delimitação daquilo que é permitido aos professores e aos alunos. Esta transição marcante tem sido decisivamente observada no aumento gradual da consciencialização sobre os direitos dos alunos, colocando em causa os métodos tradicionais que sustinham a disciplina e permitiam a segurança/tranquilidade necessária para a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores (Veiga, 2001).

As particularidades das mudanças ocorridas na Educação e nos valores da sociedade não se verificaram apenas no vector tempo mas também no vector espaço. O confronto entre duas narrativas sobre a Educação na sociedade - a visão conservadora e a visão pós-moderna - é particularmente acutilante e produz perspectivas tão distintas que parecem ser totalmente inconciliáveis. De acordo com Gomes (2009: 260), esse confronto ocorre porque nas “actuais sociedades democráticas e (pós) modernas, caracterizadas por um processo de personalização individualista, entraram em crise, aparentemente irremediável, as grandes narrativas (educacionais e pedagógicas, também), a socialização disciplinar e os modelos de transmissão cultural assentes numa relação unilateral, assimétrica e hierárquica entre as gerações adulta e jovem”.

Neste contexto, um modelo pedagógico acentuadamente assimétrico e impositivo não teria qualquer hipótese de resistir às profundas mudanças das relações de autoridade nas escolas, tais como a redução do alcance da autoridade escolar; ausência de consenso na definição dos direitos e deveres dos professores e dos alunos; perda de legitimidade dos modelos de autoridade quase parentais e a sua progressiva substituição por concepções de autoridade de tipo profissional; limitação das formas de punição disponíveis e mudança das concepções de autoridade na sociedade (Gomes, 2009).

De facto, hoje em dia os alunos estabelecem relações de proximidade com os professores que eram inconcebíveis há alguns anos atrás e para tal tem contribuído decisivamente a fragilização das antes impenetráveis barreiras erguidas entre gerações. Actualmente, vários professores privilegiam a posição única do aluno no seu desenvolvimento pessoal global em detrimento da transmissão do conhecimento *per se*, i.e., o aluno deixou apenas de ser receptáculo da sabedoria do professor para ser considerado alguém que possui necessidades e dificuldades específicas, as quais devem ser atendidas de forma a não frustrar o seu desenvolvimento harmonioso, e com o qual é aceitável e permitido alimentar uma relação que extravasa os limites da escola. Um dos exemplos destas mudanças ocorre na forma com as várias redes sociais digitais (e.g., Facebook, Google+) têm permitido o estabelecimento de interpelações e partilhas entre professores e alunos, impensáveis até há poucos anos (Mazer *et al.*, 2007).

Perante a relativização da relação de autoridade entre professores e alunos, contextualizada no âmbito de transformações sociais complexas ainda em curso, matizadas na emergência de novos paradigmas, não foi observado um reajustamento das competências educativas do professor de forma a responder a tão substancial alteração. O vazio deixado por esta gradual mas contundente alteração da autoridade dos professores relativamente aos alunos, criou uma realidade em que a autoridade pedagógica é questionada (Harris, 2002). Porém, como referem Poblete e Rodriguez (2009), a autoridade pedagógica só se alcança no encontro entre professores e alunos, numa relação mediada pelo saber e cultura.

É provavelmente na fragilidade do equilíbrio entre diferentes valorações da autoridade pelos professores e alunos que surgem potenciais conflitos e a indisciplina. Contudo, esse equilíbrio não será realizado sem os alunos, as suas famílias e a própria sociedade. É importante ter presente que não se podem encarar os alunos como seres que estão automaticamente *programados* através de um dispositivo atitudinal para respeitarem a suposta autoridade do professor. As atitudes e representações da autoridade formal são, de facto, indispensáveis para que os alunos reconheçam no professor um indivíduo que realiza uma função específica e com um papel social distinto que o coloca num nível relacional das relações assimétricas e não ao nível das relações simétricas que estabelecem entre si (Pereira & Pires, 1999). Contudo, tal não significará que um movimento concomitante de desligamento entre professores e alunos tenha que automaticamente ocorrer, pois essa mudança traduziria uma alteração semelhante àquela verificada pela perda da autoridade dos professores.

Ainda segundo as autoras, vários estudos permitem concluir que os adolescentes com atitudes positivas reconhecem que lhes é exigível respeitar a autoridade do professor e que essa autoridade é percebida como vantajosa e justa, enquanto os adolescentes com atitudes negativas desprezam a autoridade e as regras associadas e têm a percepção de que são alvo de tratamento injusto, tendencioso e inaceitável.

Por outro lado, Halstead e Jiamei (2009) referem que existe um equilíbrio tendencial nos comportamentos subversivos que os alunos têm relativamente à autoridade dos professores. Comportamentos de falta de atenção, distrações menores e realização de tarefas de desperdício de tempo parecem ser mais do que meras respostas causais de indisciplina, mas também elementos que promovem a reflexão dos alunos e a aprendizagem relativamente ao seu próprio comportamento e experiências. Desta forma, os comportamentos de indisciplina são, no âmbito da sua definição local e relacional entre determinados alunos e professores, parte de uma semiótica desenvolvimental de produção de significado sobre as experiências de socialização (Sampaio, 1996).

Nesse sentido, é possível notar que a análise sobre a indisciplina na sala de aula varia imenso de acordo com a definição que se lhe atribui. Trata-se, portanto, de um fenómeno complexo e multifactorial, que depende de comportamentos específicos realizados por um indivíduo em relação a um Outro, num determinado contexto escolar e que perturba substancialmente o ambiente que o contextualiza (Jesus, 1999; Veiga, 2001).

Estabelecem-se nestes conceitos uma relação dinâmica em que as atitudes e os comportamentos socialmente desadequados - indisciplina - se compreendem na sua própria realização perante uma exigência moral que não é cumprida - respeito pela autoridade. A ocorrência da indisciplina tende a ser considerada, portanto, como resultado percebido mas não linear da incapacidade de um indivíduo - o aluno - em reconhecer uma autoridade - a do professor -, conferida por um direito estabelecido, como aquele que se determina no E A.

Os comportamentos de indisciplina na sala de aula são, por isso, percebidos como estando directamente relacionados com o não cumprimento de valores de respeito, humildade e educação, sendo muitas vezes percebido que eles se agravam quando os professores não são reconhecidos como figuras de autoridade. Nesta perspectiva, pode considerar-se que a questão da indisciplina se coloca ao nível da organização e do estabelecimento de regras e de papéis, ou seja, saber-se concretamente quem faz o quê, como e quando. O conhecimento mútuo dos limites que sinalizam a amplitude aceitável

dos comportamentos dos alunos e professores é, de acordo com Cohen e Cohen (1987), um elemento essencial para existir segurança e confiança entre ambos interlocutores.

Contudo, ao assinalar-se a análise dos comportamentos de indisciplina, torna-se indispensável perceber quais são os comportamentos que questionam a autoridade do professor e qual a sua origem.

Sendo a escola um contexto regulamentado, de desempenho ordinário de tarefas repetitivas, inscritas em rotinas bem vincadas, de longas horas diárias de atenção, Jackson (1968, cit. por Halstead & Jiamei, 2009) afirma que existe um potencial de perturbação e fricção nessas actividades estruturais da actividade escolar que devem ser valorizadas. É, nesse sentido, imprescindível perceber, de acordo com o autor, que existem várias experiências comuns (e.g., relações com os pares, reprovação por pessoas com autoridade superior) que poderão criar um desconforto subjectivo que deverá ser alvo da maior atenção por parte dos professores. Dessa forma, torna-se possível construir uma compreensão significativa da vida de cada aluno na sala de aula e prevenir rapidamente a emergência de comportamentos desadequados.

No entanto, de acordo com Halstead e Jiamei, 2009, a fricção do dia-a-dia da vida na escola, tão singular e polifónica quanto todos os contextos complexos, consideram que os comportamentos de perturbação da aula; actividades de desperdício de tempo e “*meter-se*” com os colegas, são fundamentalmente reactivos, i.e., são uma resposta a comportamentos de aborrecimento; percepção de ineficácia e inadequação pessoais; enfim, de uma contundente incapacidade de criar um significado importante e motivador para a presença do aluno num contexto de aprendizagem.

Finalmente, importa perceber que a consideração de um professor sobre a significação de um determinado comportamento como sendo de indisciplina, assim como a forma de o abordar, são determinantes para o desenvolvimento do aluno e da sua reflexão sobre os modelos comportamentais.

O mesmo acontece do lado dos alunos. De acordo com Tennant (2004), muitos alunos entendem que os comportamentos que os professores consideram ser impróprios, são, muitas vezes, perfeitamente aceitáveis e até dignos de registo positivo. Tal acontece porque parece que os alunos muitas vezes não percebem quais são as expectativas comportamentais da sala de aula.

A autoridade do professor e a indisciplina na sala de aula imprimem, portanto, uma complexidade enorme de factores significativos, que variam na sua importância, mas que determinam a qualidade da relação pessoal e de aprendizagem que os professores e os alunos estabelecem.

Capítulo 2 - As lideranças na escola

2.1- A liderança do Director de acordo com o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de Abril

Sendo o objecto deste estudo o papel do director da escola face à indisciplina na escola e tendo em conta que as suas funções são definidas pela administração central, considerámos pertinente e necessário realizar uma análise ao DL 75/2008, que regulamenta o regime de autonomia e gestão das escolas e define as competências do director, nas suas várias abrangências (Anexo V deste trabalho).

No âmbito deste enquadramento legal, o director apresenta competências de designação dos coordenadores de escola ou dos estabelecimentos de educação pré-escolar; directores de turma e os coordenadores dos departamentos curriculares. É também o director que possui o poder de nomear o subdirector e os adjuntos, podendo, desse modo, desenhar a sua equipa mediante o projecto que apresentou para a sua comissão de serviço.

Contudo, o director não detém apenas o poder de designar mas também o de exoneração fundamentada do subdirector, adjuntos, coordenadores de estabelecimento e coordenadores de departamento. É, portanto, responsabilidade do director gerir todos os recursos humanos da escola de forma a potenciar e cumprir a resolução eficaz dos preceitos legais instituídos e realizar a boa gestão e liderança escolar.

Deste modo, e no que concerne o exercício da liderança na escola, e considerando o objectivo de se averiguar o que da parte da administração central está subjacente a este pressuposto, pode ler-se no preâmbulo que “com este DL, procura-se reforçar as lideranças nas escolas, o que constitui reconhecidamente uma das medidas de reorganização do regime de administração escolar”, apesar de constatarmos que refere também que “sob o regime até agora em vigor, emergiram boas lideranças e até lideranças fortes e existem até alguns casos assinaláveis de dinamismo e continuidade”, mas que “esse enquadramento legal em nada favorecia a emergência e muito menos a disseminação desses casos” (DL nº 75/2008: 2342). Portanto, o objectivo da tutela seria o de “criar condições para que se afirmem boas lideranças e lideranças eficazes, para que em cada escola exista um rosto, um primeiro responsável, dotado de autoridade

necessária para desenvolver o projecto educativo”, sendo esse objectivo concretizado pelo “presente DL pela criação do cargo de director, coadjuvado por um subdirector e um pequeno número de adjuntos, mas constituindo um órgão unipessoal e não um órgão colegial” (*ibidem*).

Adicionalmente, é possível ainda ler neste documento, no artigo quarto, alínea d), que este novo quadro legal visa “cumprir e fazer cumprir os direitos e deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina” (DL nº 75/2008: 2343).

É possível notar através da análise deste documento que a relação que facilmente se estabelece entre a proclamação administrativa da liderança, autoridade e manutenção da disciplina, é fácil e imediata, embora revestindo-se de uma artificialidade legal que não encontra correspondência na realidade polifónica da gestão escolar, impossível de funcionar por decreto regulamentar.

De facto, as condições poderão ser estabelecidas mas a relação entre as condições legais atribuídas, que se prevêm facilitadoras no seu alcance e o resultado pretendido de lideranças eficazes que desenvolvam um projecto educativo, parece exaurir-se de qualquer relação significativa.

Sintetizando-se a análise a este normativo, permitimo-nos afirmar que nele não existe qualquer referência ao tipo de liderança ou à relação entre os vários tipos de liderança, nem tão pouco se fundamentam recomendações caracteriais indispensáveis para o perfil do director da escola. Provavelmente decorrente deste facto se justifica o facto de ser extremamente comum ouvir-se dizer que *nem todos podem ser líderes* e esse adágio é particularmente relevante nesta situação. De facto, pela diferença de temperamento, formação e conhecimentos, organização identitária e tendência atitudinal, nem todos os directores de escola poderão ser líderes, mesmo que a fundamentação legal do seu cargo unipessoal estabeleça relação causal com a emergência de uma liderança forte e eficaz.

2.2- Definição de liderança no contexto escolar

A liderança escolar tem sido colocada com uma das prioridades mais vincadas nas agendas dos governos e das organizações internacionais. Esta relevância é resultado da constatação de que uma liderança efectiva influencia decisivamente a motivação dos professores, o clima escolar e a equidade e eficiência da Educação (Pont, Nusche, & Moorman, 2008). De facto, as alterações verificadas nos últimos anos nos

sistemas escolares, estão ancoradas na necessidade imperiosa de responder às transformações aceleradas das sociedades pós-modernas, entre as quais se incluem solicitações cada vez mais prementes das populações escolares diversificadas e a preparação dos alunos para uma sociedade em que o conhecimento e as mudanças tecnológicas têm sido vertiginosos.

Consequentemente, o repertório funcional dos directores de escola assume outra importância, uma vez que os métodos e perfis atitudinais de abordagem à realidade escolar são indubitavelmente, diferentes daqueles utilizados em contextos históricos muito diferentes dos actuais. É também neste sentido que Costa (2000) sublinha a complexidade da liderança, aludindo ao carácter multifacetado de que as expressões de liderança são resultado. A liderança pode ter diferentes definições mediante a sua caracterização e o contexto em que se desenvolve.

É, portanto, desejável que a liderança escolar constitua um fenómeno de promoção da organização escolar que está permanente evolução e que possa resolver de forma autónoma os seus problemas e dificuldades, conseguindo desenvolver localmente dinâmicas satisfatórias e válidas perante as diversas necessidades. É nesse sentido que tem sido veiculada a importância da boa liderança para promover o desenvolvimento harmonioso da escola (Fullan, 2003).

Considerando que a escola se apresenta como uma organização deveras complexa, mas na qual é necessário introduzir mudanças, autores como Sergiovanni consideram que é premente “mudar a nossa teoria de escola-como-organização para escola-como-comunidade e que essa é a forma de devolver integridade e carácter às obras sobre organização, gestão e liderança escolar. As organizações tornam-se em comunidade quando são instiladas de valores” (2004: 89).

Indubitavelmente, dada a complexidade da escola, trabalhar para a transformar não é tarefa fácil e implica a determinação necessária para a definição de objectivos, compromissos com propósitos e valores partilhados, ligações interpessoais e autoridade moral para realizar tarefas. É neste contexto complexo que o líder, numa visão clara e habilmente transmitida, tem que mobilizar os actores educativos para a prossecução de objectivos comuns e partilhados por todos (Leithwood & Poplin, 1992).

A liderança, na sua análise mais simples, pode ser definida como a “capacidade para persuadir os outros a voluntariamente mudarem o seu comportamento” (Armstrong, 2006: 299). De facto, é na dependência do líder que o grupo assume a sua função e o legitima. Os grupos e os líderes são, portanto, interdependentes, i.e., a liderança não se

faz ou não existe sem o claro reconhecimento na organização de que uma pessoa é um líder.

De acordo com Armstrong (2006), na sua função, os líderes têm que considerar a satisfação de várias necessidades:

a) necessidades da tarefa: o líder é líder de um grupo e o grupo existe com um determinado propósito. Nas escolas, os grupos existem para promover a educação das crianças. O líder terá a função de potenciar esse resultado. Se as suas acções não forem conducentes a esse propósito, então o líder será alvo de desconfiança, frustração e poderá, possivelmente, levar a que o grupo se desintegre;

b) necessidades de manutenção da coesão do grupo: o grupo só atingirá os objectivos definidos pelo seu líder se se mantiver coeso. O líder tem a responsabilidade de manter o espírito de grupo positivo e de resolver todas as situações que causem a perturbação dessa satisfação. Isto significa que uma liderança desfasada das necessidades colocadas ao grupo pelas exigências da tarefa, promoverá atitudes de desconfiança e desmotivação, levando a comportamentos contrários aos objectivos do líder; e

c) necessidades individuais: os indivíduos têm as suas próprias necessidades e esperam que elas sejam satisfeitas. O líder deverá estar atento a todos os sinais que exprimam essas necessidades e actuar prontamente para enquadrá-las nas necessidades da tarefa e da coesão do grupo. Ou seja, o líder escolar deve ser vigilante, no sentido de aferir a *homeóstase* e intervir perante formulações pessoais ou grupais de dificuldade face aos desafios colocados.

Mais do que apenas uma relação entre uma pessoa - o líder - e um grupo de pessoas - os liderados -, existe uma interdependência de necessidades às quais o líder deverá prestar atenção. A função de gestor do equilíbrio do grupo perante os desafios justificativos da liderança, deverá alertar o líder para a precariedade do seu poder ou autoridade, pelo que a liderança pode ser vista como um fenómeno de influência interpessoal, podendo o líder ser percebido como aquele que decide o que deve ser feito e faz com que as pessoas executem essa decisão.

Ainda segundo Armstrong (2006), não é com desleixo e sem esforço que se consegue ser líder, mas com justeza e correcção, sendo que para além da competência científica exigida, na liderança é necessário um conjunto de destrezas técnicas, para além de ser um bom gestor da comunicação. De acordo Loureiro (2001), a forma mais eficaz de organização para os profissionais da educação, não é uma hierarquia burocrática mas uma estrutura lateral, cuja disciplina é mantida pela lealdade à

organização como um todo e não a deveres rigorosamente definidos através de um cargo específico.

Adicionalmente, a liderança ocorre dentro de um determinado contexto que o valida de acordo com a cultura organizacional existente. Uma definição da liderança que seja insensível à dimensão complexa do contexto será sempre artificial, uma vez que reportará a um constructo incipiente sem reconhecimento na realidade. Nesse sentido, a definição do que é a liderança na organização escolar deverá responder às contingências legais e formais da lei que rege as escolas, assim como à especificidade socio-histórica de cada escola. Diferentes escolas no mesmo contexto histórico ou em diferentes contextos históricos, regidas por dispositivos legais iguais ou diferentes, situadas em contextos socioeconómicos distintos, promoverão sempre uma acrescida complexidade analítica que não aceitará uma definição de liderança taxativa e inerte (Pawar & Eastman, 1997).

Numa investigação conduzida por Chapman e Harris (2002) sobre a liderança em escolas com problemáticas desafiantes, concluiu-se que os líderes eficazes nestes contextos apresentavam três características principais:

a) foco na gestão diária das (im)previsíveis tensões, conflitos e problemas relativos a situações concretas do contexto escolar;

b) acção centrada nas pessoas, i.e., os princípios e valores pessoais e profissionais dão ênfase às necessidades das pessoas em desfavor das questões organizacionais; e

c) capacidade para equilibrar um propósito moral com o alargamento do perímetro de inclusão de outras pessoas nas tomadas de decisão e trabalho de equipa.

Assim, a complexidade da liderança envolve um trabalho árduo de condução da comunidade escolar através do convite aos seus membros para partilharem essa visão. Tal processo pode ser particularmente exigente para a comunidade, podendo mesmo surgir conflitos entre os liderados e o líder.

Portanto, apesar da definição de liderança apresentar características de um tronco comum a vários contextos, a efectiva liderança é naturalmente diversificada. A *execução* da liderança exige uma articulação muito sensível entre o líder e os liderados, assim como a emergência de diferentes formas de liderar mediante o contexto em que ocorre, incluindo o nível de desenvolvimento da organização (Spillane, Hallett & Diamond, 2003).

A liderança através da preocupação genuína com as necessidades das pessoas, assumida com um poder transformacional e de *empowerment*, incluindo-as numa visão e

trajecto partilhados, parece ser ingrediente essencial a uma execução positiva das lideranças na escola (Stolp & Smith, 1994; Chapman & Harris, 2002).

Uma liderança efectiva é, portanto, largamente reconhecida como sendo um elemento essencial para o desenvolvimento do contexto escolar. Os resultados das investigações realizadas em vários países e em diferentes escolas revelam que o impacto da liderança na mudança e no desenvolvimento escolar é extremamente significativo (Van Velzen *et al*, 1985; Hopkins, 2001a; West *et al*, 2000).

Portanto, permitimo-nos concordar que líderes eficazes são, acima de tudo, “profissionais centrados nas pessoas. A prática da liderança é subalterna a um conjunto de valores pessoais e profissionais que colocam as necessidades dos alunos acima das necessidades da organização; são capazes de combinar um ímpeto moral com uma postura colaborativa e que promove a colaboração entre os colegas, quer seja através do trabalho de equipa ou do alargamento das fronteiras de participação na liderança e nos processos de decisão” (Chapman e Harris, 2002: 2).

2.3- O Director da escola: líder ou gestor?

A existência de um consenso alargado sobre a necessidade de uma efectiva liderança escolar parte do princípio que a Escola, como organização singular na sociedade, prevê, aceita e valoriza as suas lideranças. Julga-se importante, por isso, perceber se o director da escola poderá efectivamente ser considerado um líder e se dessa condição advêm vantagens para a organização escolar.

Como se pode constatar pela análise ao preâmbulo do DL n.º 75/2008, e também já por nós referido em ponto anterior deste trabalho, ele é criado com a intenção de reforçar as lideranças, sendo que este documento transmite que a direcção, sendo um órgão unipessoal, tem a função principal de executar localmente as políticas centrais, gerindo (administrativa, financeira e pedagogicamente) a escola ou agrupamento de escolas, e que esse conjunto de responsabilidades é assumido, por si só, como uma garantia da sua boa liderança.

Contudo, como também já referimos antes, não se verifica no DL n.º 75/2008 nenhuma referência ou formulação da liderança, ao seu estilo, incidindo nas características pessoais, comportamentos e tarefas do líder, contingências da liderança ou factores relacionais e de tarefa entre líder e liderados. Essa informação encontra-se disponível em vários trabalhos de diferentes organizações e autores (cf. Pont, Nusche, &

Moorman, 2008; Pont, Nusche, & Hopkins, 2008), mas não neste documento fundamental.

A relação entre a figura do director e a sua liderança parece, portanto, exaurir-se de real causalidade. Assim sendo, a mera proclamação em lei de uma menção de liderança não origina, necessariamente, que a figura do director seja a de um líder. Igualmente importante é o pressuposto de que essa consideração restringe a legitimidade dessa relação, nomeadamente através da a) associação directa de equivalência entre o director como gestor e, por isso, líder; da b) ausência de características formais e de exercício da liderança no portefólio de competências da figura do director; c) ausência de uma orientação clara relativamente às responsabilidades da liderança escolar e do seu enquadramento temporal; d) ausência de um planeamento claro de formação/treino das capacidades de liderança; e e) ausência de uma discriminação distintiva do exercício de uma liderança positiva para o desenvolvimento da organização escolar. A interrogação de Lima e Manuel (2011: 78) surge, neste momento, muito acutilante: “poderá, em qualquer caso, garantir-se uma ‘boa liderança’ sobretudo por via jurídico-formal?”.

É muito questionável, portanto, que a figura do director possa, através do enquadramento legal conferido e das responsabilidades que lhe são incumbidas pela lei, produzir lideranças boas e eficazes, como referido anteriormente.

Toda a caracterização legal parece assentar no pressuposto de que o gestor é um líder, bastando-lhe, para tal, que a centralização do poder, feita a partir das instâncias superiores lhe confira esse direito/qualidade. A liderança seria, nesse sentido, exportada por uma centralidade administrativa e legal, importada pelas escolas e assumida na sua formalidade como uma transmissão autêntica de liderança. Esse movimento permitiria colocar a liderança acima do próprio exercício da liderança e da relação necessária e indubitável da sua dependência com os indivíduos liderados, o que parece contrariar a noção de que “liderar implica uma interacção entre o líder e os indivíduos” (Wong & Law, 2002, cit. in Heitor, 2006: 141) e, conseqüentemente, um processo de construção relacional de significados comuns e objectivos partilhados.

Desta forma, o director obteria uma autoridade de liderança na gestão e administração dos grupos e recursos da escola, confundida, no entanto, na ausência de uma legitimidade autêntica de liderança só conseguida no seio dos indivíduos participantes nessa suposta liderança. A própria reconstrução anual dos grupos de professores, decorrente dos concursos de docência, coloca sérios entraves à liderança do director. Nesse sentido, é pertinente o contraste com a consideração de que a “liderança (...) é o equivalente de um exercício de liderança não coerciva que pretende

coordenar os membros de um grupo organizado no alcance dos seus objectivos de grupo” (Jabo, 1982, cit. in Neves, 2001: 378).

A premissa apresentada no ponto 5 do art.º 20 e que constitui o anexo V deste trabalho, - competências do director -, que refere que o director tem a competência para “exercer o poder hierárquico em relação ao pessoal docente e não docente” (DL n.º 75/2008, p. 2347), é vista, na perspectiva referida, como contrária à não coercividade da liderança. A acção do poder não configura, em si, uma essência da liderança.

De uma leitura atenta ao documento, decorrem várias dúvidas que parecem ter implícitas as mesmas questões: será o director um gestor ou um líder? Será possível que um director seja um líder e um gestor? Serão liderança e gestão a mesma coisa? E no contexto, o que convém à organização escola?

De acordo com Azevedo (2003: 81) e porque a escola, sendo uma instituição peculiar, não é uma empresa, mas existe e age num meio eminentemente social/formativo, coopera com a comunidade, é habitada por pessoas e dá um contributo importante para a formação dos cidadãos, dirigi-la “exige muito mais do que mantê-la aberta, em cumprimento estrito do que são as normas instituídas”. Assim sendo, permitimo-nos afirmar que a escola necessita mais de bons líderes do que de bons gestores.

Contudo, os conceitos de liderança e de gestão possuem fronteiras conceptuais difusas, sendo, por isso, muitas vezes utilizados indiferentemente, como refere Neves (2001). A expressão dessa ambiguidade conceptual é compreendida no sentido em que a “liderança aparece como um dos papéis do gestor, entendido como a responsabilidade pela direcção e motivação de colaboradores, através da integração das necessidades individuais com os objectivos organizacionais” (Neves, 2001: 391). No sentido apresentado por este autor, o gestor poderá assumir, no âmbito da sua acção global, uma acção de liderança, estando circunscrita a gestão a tudo o que não implica a direcção e a motivação dos colaboradores.

Ao director deve exigir-se, como refere Azevedo (2003), que seja um bom líder da comunidade escolar, que esteja permanentemente preocupado a incentivar as equipas de trabalho e a melhorar continuamente a qualidade da educação. Tem de saber edificar equipas, ter autoridade e poder para tomar decisões e saber conduzir a instituição educativa para uma melhoria permanente.

Na realidade escolar, segundo Azevedo (2003: 85), verifica-se, que há “lideranças que coabitam com pouco rigor na gestão e são inconsequentes, há gestores que burocratizam a função e gestores que são incapazes de exercer lideranças activas”.

De facto, a liderança e a gestão têm sido alvo de uma análise valorativa diferente. Existem autores, por exemplo, que defendem a primazia da liderança sobre a gestão (e.g., Zaleznik, 1989) por acreditarem que a liderança potencia a inovação e aproveita as inteligências das organizações. Outros, como Bennis e Nanus (1985), optam por traçar uma clara distinção caracterizadora entre as funções do líder e do gestor, referindo por exemplo, que ao líder cabe inovar, ser original, criar, questionar-se e questionar os outros, inspirar confiança, orientar-se para fins e não para resultados, pensar a longo prazo e centrar-se nas pessoas; ao gestor caberia administrar, gerir assuntos correntes, dirigir, orientar-se para resultados e não para fins, pensar a curto prazo e centrar-se nos sistemas e estruturas formais.

Apesar da contundente distinção realizada por estes autores sobre estes dois conceitos, considera-se que o perfil necessário a cada organização deverá decorrer da síntese das características do líder e do gestor, mediante o contexto e os desafios que são colocados a essa organização (Neves, 2001). Nesse sentido, a posição e função do director são substancialmente diferentes, por exemplo, da posição e função de um qualquer líder de uma empresa de serviços.

De acordo com Jesuíno *et al.* (1989), mais do que as distinções de características entre líder e gestor, é importante perceber quais são os requisitos exigidos aos responsáveis organizacionais (e.g., director), assim como as funções de liderança que devem ser desempenhadas, mediante o nível organizacional. Com essa perspectiva, os autores referem que os responsáveis devem apresentar atributos a) cognitivos: visão, competência técnica, criatividade; e b) afectivos: coragem, humildade, motivação para o sucesso e carisma.

No que se refere a conhecimentos de gestão, devem apresentar uma visão global da economia e do sector de actividade em que trabalham (e.g., Educação), capacidade para motivar pessoas (e.g., professores, funcionários) e para delegar.

Relativamente às funções de liderança e tendo em conta a função do director no seio da hierarquia do Ministério da Educação, seria expectável que assumisse uma liderança de topo, i.e., que tomasse uma iniciativa de criação e mudança na estrutura, assim como carisma e visão sistémica e panorâmica do seu trabalho. Contudo, a caracterização da função do director feita pelo DL n.º 75/2008, coloca a sua liderança a um nível de base, i.e., remetendo-o para a utilização da estrutura e sua administração, na base da competência técnica e equidade.

Portanto, desta análise depreendemos que ao director de uma escola é exigido um desempenho que evidencie uma elevada capacidade de gestão, como amplamente

referido pelo DL n.º 75/2008, e uma reduzida actividade de liderança. Esta conclusão contraria o objectivo e a vantagem (necessidade) de criação de “lideranças fortes” apresentados por vários autores e como apresentado explicitamente nesse documento, uma vez que o nível de base da liderança a que é confinado não lhe permitirá aceder a níveis de liberdade necessários para desencadear uma liderança efectivamente transformadora.

Para Azevedo (2003: 83), um bom líder na comunidade escolar deve “aprender a sistematizar os principais referentes da instituição, normativos e simbólicos, valores e tradições numa cultura própria, capaz de dar sentido ao que cada um faz e ao rumo da instituição”.

Respondendo à questão “será o director um líder ou um gestor?”, parece-nos evidente que, a um nível formal, o director de uma escola é principalmente um gestor, a quem é permitida uma reduzida margem para exercer a sua capacidade de liderança.

2.4- A Liderança Transformacional e Transaccional na Escola

A análise do impacto que alguns indivíduos têm sobre as estruturas da organização em que trabalham tem despertado um interesse crescente, considerando as enormes exigências que têm sido colocadas nas empresas e noutros contextos específicos e complexos, como as escolas, ao nível da sua eficiência, eficácia e desenvolvimento inovador.

Em Portugal, o estudo da liderança nas organizações escolares tem suscitado também particular interesse e motivada investigação nomeadamente no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro onde uma equipa sustenta que “os comportamentos de liderança mais frequentemente observados (...) são uma mistura de comportamentos de liderança transformacional e transaccional” (Ventura *et al.*, 2005: 150).

Neste sentido, optámos por focar a atenção deste trabalho nestes dois conceitos da liderança.

Em investigações sobre o conceito de liderança como de Bass, (1985; 1990); Antonakis & House, (2002) comparam-se estes dois tipos de comportamento de liderança: transaccional e transformacional. Os líderes transaccionais determinam o que os subordinados precisam para realizar os seus próprios objectivos e os objectivos da organização; os líderes transformacionais segundo Bass, (1985: 28) “motivam a fazer mais do que originalmente esperavam realizar” elevando o sentimento da importância e

do valor de cada tarefa, e “fazendo transcender os interesses pessoais em nome da equipa, da organização ou de uma política mais ampla e elevando o nível de necessidade para as necessidades mais altas, como a auto-realização” (Bass, 1985: 29). Esses indivíduos podem ser chamados líderes carismáticos (Weber, 1968) ou transformacionais (Bass, 1985; 1990) sendo que são estes os líderes que, através da sua visão pessoal e de sua energia, inspiram os seus seguidores e têm um impacto significativo nas suas organizações.

No seu livro *Leadership*, Burns (1979) afirma que a liderança transformacional é fundada na noção de que as condições de injustiça criam a necessidade de mudança. Como referido atrás, os líderes transaccionais têm um foco gestor baseado na reciprocidade das trocas. Nesse sentido, são as recompensas extrínsecas, no âmbito das políticas organizacionais que motivam os liderados a atingir os objectivos propostos. Poderemos dizer, portanto, que a expressão *carrots and sticks*¹ teria aqui alguma relevância, no sentido de que é a *cenoura* o estímulo para prosseguir o caminho esperado. O *pau*, por outro lado, pode ser pensado como o elemento motivador da transacção. É o desencadeador que solidifica a troca e que contratualiza os liderados a agir de acordo com os ganhos prometidos.

Trata-se, desta forma, de uma perspectiva de liderança de mera causa-efeito, mediada por um ou vários factores de contratualização de comportamentos e resultados. De acordo com Burns (1979), este tipo de liderança é particularmente notado em contextos de elevada burocracia.

Contrariamente à liderança transaccional, a liderança transformacional despreza os motivadores extrínsecos *per se* e foca-se na capacidade do líder para motivar intrinsecamente os seus liderados de forma colectiva e para atingir o objectivo comum (Burns, 1979). Talvez um dos exemplos mais paradigmáticos desta ecologia de liderança seja o de uma equipa desportiva.

Contudo, o autor prossegue referindo que é imprescindível que o objectivo comum tenha uma matriz ética de mudança, ancorada num compromisso sincero de mudança pessoal, o que significa que os fins não justificam os meios, ao contrário daquilo que se poderia pensar na perspectiva de liderança transaccional atrás apresentada.

Talvez o aspecto fundamental da teoria de Burns (1979) seja aquele que releva que a condição dos liderados não é estática e que o próprio processo de liderança transformacional visa elevá-los a líderes por direito e com uma forte vertente moral e

¹expressão em inglês que indica uma combinação de recompensas e punições de forma a suscitar um determinado comportamento. A tradução livre é “cenouras e paus”.

ética. Como este autor refere, a “liderança moral emerge de e para as necessidades e motivações fundamentais, ambições e valores dos liderados. (...) Este é o tipo de liderança que consegue produzir mudança social que satisfaz as necessidades autênticas dos liderados” (1979: 4).

Em consonância com a perspectiva de Burns, Dumdum, Lowe, & Avolio (2002: 38) referem que os líderes transformacionais “inspiram confiança, buscam desenvolver a liderança em outros, exibem o auto-sacrifício e servem como agentes morais, concentrando-se e fazendo com que os seguidores se concentrem em objectivos que transcendam as necessidades mais imediatas do grupo de trabalho”.

Uma das perspectivas mais interessantes sobre o modelo de liderança transformacional nas escolas tem sido desenvolvida por Leithwood, *et al* (1994), conceptualizando-o em oito dimensões: 1) construir uma visão partilhada para a escola; 2) criar consensos relativamente aos objectivos da escola e as suas prioridades; 3) construir expectativas de elevado desempenho para todos os actores; 4) agir como modelo de boas práticas e valores organizacionais importantes; 5) proporcionar um nível de apoio pessoal que reflecta as preocupações sinceras sobre os sentimentos e necessidades por todos os actores; 6) suscitar a estimulação intelectual dos liderados; 7) promover uma cultura de escola, em que as normas, valores, crenças e atitudes sejam partilhados por todos os elementos; 8) desenvolver estruturas que facilitem a participação em decisões da escola.

Resultados de estudos efectuados em escolas secundárias canadianas mostram que os mais importantes comportamentos de liderança transformacional criam uma visão, estabelecem altas expectativas de desempenho, criam consenso à volta de objectivos do grupo e desenvolvem um clima intelectualmente estimulante (Leithwood, Aitken, & Jantzi, 2006; Leithwood, Jantzi, & Fernandez, 1994).

A existência de comportamentos de liderança transaccional não anula a possibilidade de surgirem, no mesmo contexto, comportamentos de liderança transformacional. Nesse sentido, a liderança transaccional é um pré-requisito essencial à liderança eficaz e os melhores líderes aprendem a exhibir tanto a liderança transaccional como a transformacional. Dando sustentação a esta proposição, várias investigações têm revelado que a liderança transformacional promove um desempenho superior quando “aumenta” ou acrescenta à liderança transaccional (Antonakis & House, 2002).

Várias investigações têm revelado que os líderes transformacionais tendem a ter personalidades que são mais extrovertidas, amigáveis e proactivas do que os não

transformacionais, e as líderes usam mais a liderança transformacional que os líderes (Bono e Judge, 2004; Eagly *et al.*, 2000).

Segundo Tichy e Devanna (1986) há um número de características inerentes aos líderes transformacionais: identificam-se como agentes de mudança; são corajosos; acreditam nas pessoas; são impulsionados por valores pessoais; são eternos aprendizes; têm a habilidade de lidar com a complexidade, ambiguidade e incerteza e são visionários. Estudos empíricos mostram que os líderes transformacionais empregam técnicas que despertam e desenvolvem altos níveis de identificação e internalização bem como melhor desempenho (Tepper *et al.*, 1993).

Ainda numa abordagem do perfil pessoal que os líderes transformacionais devem apresentar, Bennis e Nanus (1985) relevam as quatro aptidões utilizadas e aperfeiçoadas pelos líderes transformacionais. Em primeiro lugar, o líder tem uma visão e consegue formulá-la. A visão pode ser um objectivo, um plano ou uma série de prioridades; em segundo lugar, o líder é capaz de comunicar a realização da visão; em terceiro lugar, o líder é capaz de construir um ambiente de confiança justo, decisivo e coerente e a sua persistência ultrapassa mesmo barreiras e problemas. Finalmente, o líder transformacional tem uma auto-estima positiva e esforça-se por desenvolver as suas capacidades de forma a alcançar sucesso.

É, portanto, importante sublinhar que a liderança transformacional não é indiferente ao actor que a pratica, nem ao contexto em que ele e os liderados interagem. Para além disso, a liderança (transformacional ou não) é condicionada pela cultura nacional, local e pelas políticas educativas, que por sua vez afecta os objectivos e a cultura da escola, os quais têm laços directos com os compromissos dos professores para a mudança e o desenvolvimento.

2.5- O papel do órgão de gestão: questões organizacionais

A administração escolar em Portugal nem sempre foi pautada por um regime democrático. De facto, as leis emanadas e as práticas escolares durante o regime ditatorial do século XX visavam essencialmente a propagação dos valores do regime. As pessoas formadas nessa altura da história portuguesa falam abundantemente da forma como a escola estava orientada para servir o regime.

De acordo com Ventura *et al.* (2006: 128), “as escolas não tinham autonomia e a participação dos professores, pessoal não-docente e alunos na tomada das decisões que

affectavam a vida quotidiana da escola era praticamente nula. As escolas eram geridas por directores e reitores de uma forma repressiva de modo a assegurar o controlo político e ideológico. Os reitores eram figuras nomeadas pelo ministro da educação tendo por base critérios de confiança política”. Percebe-se assim que todos os directores serviam o regime, exercendo, desse modo, um grande poder sobre os professores, pessoal não docente e alunos.

A escola é, portanto, uma organização ancestral basilar na sociedade, que ao longo da história portuguesa foi evoluindo e adaptando-se à realidade social e cultural de cada momento, tendo em conta os princípios ideológicos e o modelo social que se pretendia que formasse. Considerada actualmente uma via estruturante da sociedade e por isso, tida como indispensável, de acesso universal e obrigatório, não se podem ignorar as suas dificuldades em corresponder às necessidades do sistema e em lidar com as adversidades do meio em que se insere.

Assim, analisar a realidade das escolas em geral ou em particular, é tarefa exigente porquanto se trata de organizações complexas e com intervenientes múltiplos, pelo que a sua análise, atendendo à especificidade, não poderá nunca ser feita de forma única, mas antes, será feita em diversas perspectivas globalizantes, não podendo ignorar-se que, como estabelecimentos públicos, são estruturalmente dependentes das orientações e normas do Ministério da Educação que por seu lado, como nos afirma Azevedo (2003:12) é uma administração “regra geral, muito centralista, burocrática, (e que) não concede autonomia real às escolas (...) e alimenta uma doentia dependência dos órgãos de gestão das escolas face a si mesma”.

Neste âmbito, Ventura *et al.* (2006) referem que devido a essa centralidade, existe falta de autonomia do órgão de gestão/director em diversas áreas, nomeadamente na gestão dos recursos humanos, materiais e financeiros, currículos escolares, e avaliação e recrutamento de professores e funcionários não docentes. Estas limitações produzem entraves a uma liderança que possa alterar positiva e significativamente o rumo da escola. Os autores prosseguem referindo que “a configuração de ‘gestão democrática’ inter-pares continua a dificultar o exercício de uma verdadeira liderança pautada por critérios alheios às pressões de carácter corporativo ou às medidas circunstanciadas para agradar, sobretudo, a clientelas docentes internas” (Ventura *et al.*, 2006: 135).

Para além destas questões estruturais, Azevedo (2003) aponta ainda outros aspectos que contribuem para tornar a realidade escolar muito complexa e de difícil análise e que se prendem, entre outros, com o facto de a escola ser uma instituição eminentemente social e como tal, sobre ela e os seus agentes recaírem, em determinada

conjuntura, muitas e vastas responsabilidades, expectativas e esperanças, estas talvez até desmesuradas, pretendendo-se que dê respostas que vão para além do que lhe será exigível. Como se diz na gíria escolar, a escola deve ser *pau para toda a obra* e assumir as funções da família, segurança social, entre outros.

Numa organização tão complexa como esta, que papel ou responsabilidade caberá ao órgão de gestão? O que pode ele fazer face a tanta exigência mas também tanta ambiguidade? A tanta incerteza? E que desempenho é lícito exigir-se-lhe? Quando o funcionamento da escola não é satisfatório e o seu director não corresponde ao que se espera dele, a quem se deve atribuir a culpa? São dadas ao director da escola as ferramentas necessárias a uma boa “construção”?

Segundo Azevedo (2006), o facto de o grau de autonomia das escolas ser tão reduzido leva a que a melhoria das escolas seja difícil e que as suas lideranças encontrem obstáculos à execução da sua visão e estratégias. Um dos aspectos referidos pelo autor e que constitui uma limitação do desenvolvimento da escola, é o facto de não existirem programas específicos de formação, ancorados numa perspectiva duradoura e desenvolvimental, algo que é partilhado por Ventura *et al.* (2006: 135) na observação de que “em muitas situações continua a haver uma falta de formação específica para o desempenho de cargos de gestão de elevada responsabilidade, o que dificulta o exercício de uma acção profissional e de uma estratégia de desenvolvimento do estabelecimento de ensino”.

Azevedo (2003: 27), refere que “a escola tecnocrática, integrada como uma peça da engrenagem no sistema nacional, está em desagregação. Uma escola torna-se uma verdadeira instituição de educação quando se liberta da opressão do sistema”. Mas, é opinião nossa, que o director de uma escola não poderá ser apenas mais uma peça da engrenagem do sistema anónimo, descaracterizado. A responsabilidade, como refere J. M. Duarte, citado por Azevedo (2003: 29), “no quadro da construção ética das organizações, é a ponte entre a organização e as suas finalidades e entre as pessoas e a organização.”

Na escola, mais do que um gestor, cumpridor de normas éticas e preceitos legais, tecnocrata, parece-nos desejável alguém que, como refere Azevedo (2003: 32) ajude a “transformar ideias e iniciativas em planos, que reúna e aplique recursos, que actue e faça actuar, que avalie e faça avaliar, que ligue e que una o que pode andar separado pelos campos administrativos, financeiros, pedagógicos”.

Para além da questão fulcral da autonomia concedida ao director da escola, o próprio contexto escolar torna difícil fazer coabitar vários grupos de presença, nas várias

limitações e nas várias culturas, exigindo-se, como refere Azevedo (2003: 55), "uma liderança aberta, plural e capaz de suscitar integração em vez de dispersão ou de selecção". Pretende-se a escola como uma organização com forte cariz ético, assumindo a sua responsabilidade e considerando a sua missão social, perante cada um dos professores, dos alunos e dos pais.

Portanto, as leis, os regulamentos e os planos de escola não esgotam o quadro de referência onde o director deve sustentar as suas decisões. Neste contexto, é desejável uma harmonia articulada entre a autonomia e a liberdade, havendo muitas organizações escolares em que, na rotina quotidiana, no cumprimento cego de normas, se desperdiçam os potenciais humanos existentes, sendo que, em acordo com Azevedo (2003: 59), a "autonomia se aprende como um modo de ser escola, de organizar o processo educativo, de estabelecer uma interacção com as famílias, de cooperar com as comunidades locais".

2.6- As lideranças e a indisciplina

Numa reflexão sobre a organização escolar, o seu quotidiano e os episódios de indisciplina, surge inevitavelmente a questão: não terão o director e os professores uma responsabilidade particular na abordagem à indisciplina na escola, complementar daquela que o aluno, os funcionários, a família ou a sociedade são chamados a assumir?

Se considerarmos que a formação das crianças, missão da escola, exigem ambientes estimulantes de ensino-aprendizagem a que não será alheia a necessidade de fomentar e manter coesas equipas de docentes cooperantes e um clima harmónico de convivência e de transmissão de valores, mais preponderância será atribuída à importância da liderança exercida. Sendo a indisciplina reconhecida como um factor perturbador do quotidiano escolar e por isso preocupante para os vários agentes, a escola necessita que da parte dos líderes escolares sejam definidas e implementadas estratégias adequadas que permitam minorar este problema. É com essa perspectiva que Fullan (2003) considera que a "liderança é necessária para os problemas que não têm respostas fáceis", pois só a sua realização fluída permitirá alcançar o rumo desejado para os enfrentar.

Diversas investigações têm permitido concluir que o desempenho dos líderes mais eficazes revela uma preocupação com o rendimento do aluno, com processos adequados de ensino e com um bom ambiente relacional fortalecido por um conjunto de regras

coerentes e consistentes (Harris & Chapman, 2002; Estrela, 1992). Eles põem em evidência que a escola, enquanto espaço relacional, está em estreita dependência do processo como os professores orientam as suas turmas e do suporte e orientação que lhes são dados pela direcção do estabelecimento escolar.

Ainda neste âmbito e citando Hilda Taba, Estrela (1994: 57) afirma “que quando as relações pessoais são rígidas e bloqueadas, a disciplina e o trabalho são imediatamente afectados”. Assim sendo, julga-se importante estabelecer, cultivar e desenvolver um bom ambiente educacional e estabelecer procedimentos conducentes a uma boa relação entre professores e alunos. Neste âmbito e em consonância, segundo Prawat, citado por Sergiovanni (2004), os líderes escolares devem cultivar relações positivas com os pais, alunos e professores e ser capazes de estabelecer com eles um bom canal de comunicação, suscitando a partilha de opiniões que congreguem esforços para aquilo que consideram o bem comum, para além de também dominarem as questões do domínio do ensino e aprendizagem. Pelo que, os professores que não estabelecem comunicação *real* e que não comprometem uma acção efectiva e esclarecida, condizente com as suas responsabilidades, poderiam ser substituídos por um qualquer computador que conseguisse libertar informação (Teixeira, 1995), já que todo o seu manancial de influência relacional era desperdiçado.

De acordo com Sampaio (1996: 121), “a indisciplina na escola é um mar de equívocos” já que, segundo o autor, dois dos factores propiciadores deste fenómeno são a disparidade e a falta de homogeneidade das regras estabelecidas, e que frequentemente se verifica que estas variam de aula para aula, de professor para professor, de escola para escola, já não falando na família. Dessa forma, todas as lideranças fracas ou incapazes de articular uma visão partilhada do rumo que a escola deve tomar, conjugadas na liderança do director, produzem uma base ininteligível sobre a qual a indisciplina tem mais probabilidades de ocorrer.

Uma liderança que define claramente na sua visão e acção o que é a indisciplina, o que é aceitável, inaceitável e desejável, transmitindo uma orientação apelativa ao nível das competências relacionais de todos os actores da escola, dos significados que criam um espaço de compreensão comum, tenderá a diminuir a desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas e das medidas avulsas que lhe é dedicada.

**PARTE II – A liderança do director e a indisciplina dos alunos:
um estudo de caso**

Capítulo 3 – O Estudo empírico: Metodologia de Investigação e contextualização

3.1- Considerações metodológicas

Relativamente à essência da metodologia e sobre a opção por um método de estudo em ciências sociais, vários autores se têm debruçado, podendo referir-se entre eles, Lima (1995:13) referindo que “a metodologia consistirá na análise sistemática e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação de determinados problemas sociológicos”. Da mesma forma, Pardal (1995:10) considera que “corresponde a um corpo orientador da pesquisa que, obedecendo a um sistema de normas, torna possível a selecção e a articulação de técnicas, no intuito de se poder desenvolver o processo de *verificação empírica*.”

Situam-se aqui as questões relacionadas com o método de pesquisa a adoptar, a sua adequação aos objectos em análise e o que concerne à relação e integração dos resultados obtidos através do uso de técnicas adequadas. A escolha de uma metodologia adequada permitirá ao investigador traçar o caminho conducente à profícua obtenção de resultados na investigação que se propõe realizar, sendo que esse processo deve estar imbuído de estratégias de rigor, precisão, detalhe e imparcialidade. Neste propósito, de acordo com Pacheco (2006), o investigador deve ser criterioso na selecção dos instrumentos a utilizar, dos intervenientes e na forma de tratar os dados.

Como repetidamente afirmado, na sociedade actual, a indisciplina é encarada como um problema do quotidiano escolar já que os seus efeitos são consideravelmente nefastos, reflectindo-se na forma como se desenrola o processo de ensino aprendizagem dos alunos bem como a sua aquisição de competências sociais, requisitos para uma participação livre, consciente e cívica, e prejudicando o meio relacional de todos os intervenientes.

A escolha do nível de ensino para a realização deste estudo mereceu alguma hesitação mas recaiu sobre uma escola dos 2º e 3º ciclos, já que, pela nossa já longa experiência profissional e pelo que nos apontam estudos realizados por Estrela (1983), donde se conclui que se verifica um enfraquecimento da autoridade pedagógica dos professores nos 2º e 3º ciclos e secundário, relativamente ao 1º ciclo, sendo que aqueles alunos procuram pôr em causa a autoridade do professor, desrespeitando-o, o estudo neste nível de ensino e a recolha de elementos seria mais rica e interessante. A escola em causa, a que chamaremos Escola Alfa, integra um agrupamento vertical e é a sua

escola sede. Em contacto prévio com a directora do agrupamento, confirmámos que é neste nível de ensino que se verificam os maiores problemas de indisciplina, razão pela qual se decidiu excluir as restantes escolas do estudo. Apenas por isso, no decorrer deste trabalho, são escassas as referências às restantes escolas que compõem este agrupamento vertical.

Como metodologia de investigação e em acordo com Pardal (1995), optámos pelo método do estudo de caso, já que considerando as condicionantes que se nos apresentavam, seria feito um estudo de natureza eminentemente qualitativa, embora para o complementar sejam apresentados alguns dados quantitativos que possam dar um contributo válido para a compreensão e análise dos dados e bem assim para a consecução dos objectivos definidos.

Em consonância com o apontado por Bexiga (2009: 151) que cita Bogdan e Bilken (1994), considerou-se que “a metodologia de carácter qualitativo permite obter um conhecimento mais aprofundado do objecto de estudo porque os dados são recolhidos através de um contacto mais directo com os indivíduos nos seus contextos naturais e são predominantemente descritivos”, acrescentando que é um aspecto positivo o facto de o investigador “estabelecer um contacto directo com a situação a estudar com o objectivo de a perceber e a retratar salientando não apenas os factos mas sobretudo o significado que as pessoas atribuem às coisas”.

3.2- Problema e objectivos da investigação

A indisciplina é, reconhecida e consensualmente, uma problemática que perturba o quotidiano da comunidade escolar, assumindo-se factor perturbador do processo educativo, comprometedor do sucesso discente e provocador de acentuado desgaste físico e emocional dos professores, reflectidos em desânimo, redução da proficiência, absentismo, sensações de impotência e frustração, para além do consumo estéril de tempo (Harris, 2002; Skiba, Boone, Fontanini, Strussell & Peterson., s.d; Munn, Johnstone & Sharp, s.d.).

Assim, pretendemos através deste estudo, analisar o fenómeno da indisciplina na escola, tentando apreendê-la na perspectiva conceptual dos alunos, dos directores de turma, da directora, da Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE) e do coordenador dos assistentes operacionais. De igual modo, conhecer as estratégias definidas pelas estruturas educativas, sobretudo pelo director da escola e que grau de

eficácia lhes é reconhecido pelos restantes agentes. Constituíram-se, deste modo, objectivos deste estudo:

- Conhecer as concepções que os alunos e os restantes agentes educativos têm sobre indisciplina;
- Apurar a dimensão estatística dos dados relativos à manifestação dos comportamentos de indisciplina na escola;
- Conhecer as medidas correctivas e sancionatórias aplicadas na escola;
- Identificar as medidas correctivas e sancionatórias que, na opinião dos docentes, são as mais eficazes, contribuindo para a redução dos casos de indisciplina; e
- Apurar que estratégias estão definidas, pelo líder da escola, para resolver estes problemas e qual a sua eficácia, na perspectiva dos directores de turma.

Considerando os objectivos definidos, o seu desenvolvimento concerne as questões já afloradas antes e que agora passamos a formular:

a) que situações do quotidiano são vistas pelos vários agentes educativos e pelos discentes como indisciplina;

b) quais são as estratégias que o director da escola utiliza para prevenir, minimizar e/ou resolver os comportamentos de indisciplina verificados na sua escola;

c) na perspectiva dos professores directores de turma, do presidente da Associação de Pais e da coordenadora dos assistentes operacionais, de que forma e em que medida, o tipo de liderança exercida (ou não) por ele na escola, representa um contributo válido, seja na prevenção ou na remediação, dos episódios de indisciplina; e

d) como, na sua perspectiva, é exercida e reconhecida essa liderança;

Depois de termos identificado claramente o problema que suscitou o interesse por este estudo e de se terem definido os seus objectivos, tarefa essencial para o orientar, já que, tal como nos refere Pacheco (2006: 16), estes “orientam o investigador na prossecução dos percursos inicialmente inventariados”, definimos o método a utilizar.

Tratando-se de uma temática complexa e de um estudo de caso, não é objectivo deste trabalho extrapolar para generalizações, mas antes conhecer a dinâmica específica e particular desta escola, tentando que a sua análise possa suscitar reflexão apurada sobre o tema ou despoletar interesse pela problemática, de forma propiciadora de futuros estudos empíricos.

Sendo a indisciplina uma problemática recorrente, é inerente ao nosso desempenho da função de directora de turma a nossa inquietude e a preocupação de a

encarar numa perspectiva de prevenção e redução mais do que de remediação ou punição.

3.3 - Plano da investigação: processo e percurso

Como já referido anteriormente, a estratégia metodológica adoptada foi o estudo de caso. Considerou-se que este seria o método que permitiria uma análise qualitativa adequada e que conduziria à apreensão da enorme fluidez e complexidade dos aspectos mais importantes e singulares sobre o fenómeno da indisciplina nesta realidade. Neste aspecto, estamos em consonância com Renca (2008: 116), já que afirma que “o estudo de caso permite compreender em profundidade a realidade em estudo, integrando-a em contextos mais globais. O enfoque que utiliza é colocado não apenas num elemento, mas sim numa maior multiplicidade deles”. Ainda segundo Yin (2004), a realização de uma investigação recorrendo ao método do estudo de caso, permite ao investigador um conhecimento mais rigoroso de uma realidade, em temáticas em que outros métodos não dariam resposta satisfatória.

Definido o tema a estudar e a metodologia a utilizar, o obstáculo seguinte foi conseguir que um director aceitasse a nossa solicitação e nos prestasse colaboração. Nas duas primeiras escolas não recebemos reacção positiva, por razões diversas². Numa terceira escola, obtivemos anuência, estabelecemos um contacto prévio com a directora para explicitar os objectivos do estudo e as suas fases, bem como quais seriam os intervenientes, a forma de aceder aos documentos de escola e agendou-se a primeira entrevista. O objectivo desta entrevista era conhecer a dinâmica da direcção da escola e a sua concepção de indisciplina, bem como apurar a amplitude da sua acção face aos episódios indisciplinados.

A selecção da escola na qual se desenvolveu o estudo não foi acidental mas resultou da conjugação de vários factores que considerámos facilitadores, entre os quais a sua proximidade geográfica da nossa residência e do nosso local de trabalho, possibilitando economia de tempo nas deslocações, o facto de termos conhecimento de ser frequentada por alguns alunos oriundos de ambientes familiares problemáticos e outros inseridos em instituições de acolhimento e ainda, na nossa perspectiva, sendo de assinalável relevância, por se tratar de uma escola onde nunca tínhamos exercido

² Na primeira escola, o director declinou o pedido argumentando que havia várias pessoas a solicitar colaboração em estudos e não tinham disponibilidade. Na segunda escola, a directora inicialmente aceitou colaborar mas foi colocando diversos obstáculos para a realização do estudo e não comparecia aos encontros agendados nem facultava os dados solicitados.

funções, o que por princípio seria garante de isenção e neutralidade na recolha de informações, na realização das entrevistas e na análise dos resultados. Outra razão facilitadora para a realização do estudo nesta escola, foi o facto de se ter verificado, desde o primeiro contacto, bom acolhimento à nossa pretensão, bem como total disponibilidade da directora e directores de turma para colaborarem, disponibilizando informações e meios logísticos. De realçar que não houve, em momento algum, qualquer tentativa de cercear as questões ou acções a desenvolver. O mesmo não aconteceu numa escola onde se iniciara o estudo, facto que contribuiu para que aí cancelássemos o nosso trabalho.

Ao iniciarmos a preparação do estudo tentámos apurar através da entrevista feita à directora da escola e de diálogo estabelecido com a coordenadora dos directores de turma, quais as turmas que incluíam alunos que protagonizavam mais situações de indisciplina. Decidimos então aplicar aí os questionários e realizar as entrevistas. Após este primeiro passo, elaborámos um guião da entrevista semi-estruturada a realizar à directora e aos directores de turma e dois modelos de questionário, um a aplicar a alunos e outro aos directores de turma.

Foi tomada a decisão de não limitar a população alvo do estudo em função da idade ou do género, considerando que a averiguação dos anos de escolaridade em que os episódios eram mais frequentes seriam a informação mais relevante para o estudo. É importante referir que todos os nomes indicados no decorrer do trabalho são fictícios e que todos os participantes foram informados previamente dos procedimentos, objectivos e da confidencialidade dos dados e do anonimato.

3.4 - Recolha de informação

Ao optarmos pela realização deste estudo, estávamos conscientes das dificuldades com que nos depararíamos, nomeadamente devido à abrangência do tema.

Tentámos realizá-lo com a maior profundidade possível mesmo considerando as limitações que se nos impunham, mormente temporais. Para a consecução dos objectivos, recorreremos a algumas técnicas que pudessem complementar-se, nomeadamente à análise documental, (da legislação vigente e dos documentos de escola), à aplicação de questionários, à realização de entrevistas semi-estruturadas a realizar aos directores de turma do 2º e 3º ciclos, (dois por turma e segundo as sugestões da coordenadora) à directora da escola, à coordenadora dos assistentes operacionais e

ao presidente da APEE. Posteriormente procedemos à análise da informação recolhida e à análise estatística dos questionários aplicados aos alunos. Apesar de se tratar de um estudo de cariz predominantemente qualitativo encararam-se estas duas formas de recolha de informação como complementares e, nesse sentido, profícuas.

3.4.1 - Análise documental

Para um mais profundo conhecimento e compreensão da realidade que constitui o quotidiano escolar em estudo e as opções estratégicas do órgão de administração e gestão em funções, procedemos à análise dos normativos vigentes, nomeadamente os que regulamentam os procedimentos dos vários agentes, como é o caso do Regulamento Interno (RI) e do Projecto Educativo da Escola (PE) e que se apresentam como documentos anexos a este trabalho, respectivamente III e IV, assim como o Estatuto do Aluno e o Decreto-Lei 75/2008 (Anexo V).

Estávamos conscientes de que o quotidiano escolar está imbuído de considerável complexidade relacional mas esse facto não obsteu à motivação para este estudo, sendo antes um contributo motivador. Neste âmbito, Azevedo (2003) considera que ao tentar fazer-se uma análise da instituição escolar deve ter-se presente que é uma instituição ambígua, com especificidades algo contraditórias i.e., dirige-se a públicos muito diversos, pretende fomentar a cooperação e a solidariedade mas promove a competição individual, diz promover a cidadania mas tem dificuldades em fomentar a participação activa e crítica dos alunos e diz querer a participação de todos mas afasta parceiros incómodos como os pais.

Contudo, procurámos efectuar aos documentos em uso na escola uma análise objectiva e isenta considerando os objectivos do estudo e para complementarmos as informações recolhidas por outras vias e apurarmos as opções estratégicas e as prioridades educativas definidas para a Escola Alfa pelos órgãos competentes

3.4.2 - Projecto Educativo

Neste âmbito, não podemos deixar de anuir com o referido por Loureiro (2001: 56), que citando Canário, define a escola como uma “organização social, inserida num contexto local, com uma identidade e cultura próprias, um espaço de autonomia a construir e descobrir, susceptível de se materializar num projecto educativo” e também

com Estevão (2004: 56) quando afirma que “a construção do bem comum no interior da escola deve tornar-se visível na construção do PE, dada a natureza essencialmente política deste documento”.

Consideramos por isso que o PE é um documento estruturante na vida da escola e por isso, de primordial relevância. Assim sendo, era prioritário conhecer as suas linhas orientadoras e as prioridades estratégicas, sobretudo no concernente às metas educativas definidas e às medidas para minimizar/combater a indisciplina.

Na Escola Alfa, o PE vigente, disponível no seu sítio na Internet, está organizado e apresentado sob o tema “Educar para Crescer”, sendo que a Escola considera que “educar é preparar para a vida, para o trabalho e para os inúmeros desafios que compõem a trajectória humana”.

Este documento foi aprovado em Conselho Geral realizado a 21 de Janeiro de 2010, e como se pode constatar pela leitura da página 5, é apresentado como sendo “um código de conduta individual, colectiva e organizacional, um instrumento de operacionalidade dos princípios do Agrupamento, com a finalidade de construir uma escola mais solidária, mais cooperativa, mais exigente e mais independente e responsável”.

Ainda na análise deste documento, pela leitura da página 23, verificamos que surgem identificados como problemas pelos docentes e pelo órgão de gestão como e apresentados como sendo das suas maiores preocupações, os comportamentos desadequados e/ou agressivos de alguns alunos dentro da sala de aula; alunos que demonstram alguma ausência de valores de cidadania; a utilização de linguagem pouco adequada entre alunos e destes para com os assistentes operacionais e, mesmo com alguns docentes, devidamente identificados; a falta de limpeza e higiene de alguns alunos (corporal e ambiental); as assimetrias económico-sociais entre os alunos; a falta de expectativas em relação à escola; a pouca participação de alguns alunos nas actividades escolares nomeadamente nas académicas, devido, em grande parte, ao pouco acompanhamento familiar; e a dificuldade de integração e inclusão dos alunos de etnia cigana que não querem frequentar a Escola.

No que concerne o papel desempenhado pelos encarregados de educação e como se verifica através da leitura da página 24 deste documento, são identificados pelo órgão de gestão alguns constrangimentos nos seus propósitos, considerando que se tem verificado no meio envolvente uma “recente degradação social, com aumento das famílias pobres e desestruturadas, a existência de uma baixa escolarização e formação

profissional da maioria das famílias, assim como reduzida participação na vida escolar dos seus educandos, de parte significativa dos encarregados de educação”.

Identificados e ponderados pela Escola todos estes factores e feita a reflexão e definição das estratégias a implementar para dar resposta às dificuldades com que se depara no quotidiano, a Escola delineou orientações. Assim, pode verificar-se nas páginas 25 e 26 do PE que se afirma que “terá que haver uma cultura de co-responsabilização de todos os intervenientes no processo educativo, professores, alunos, pessoal assistente, pais ou encarregados de educação e outras estruturas ou parcerias que possam ajudar ao sucesso de todos os intervenientes. Tudo passa pela definição clara das finalidades da educação ao nível da escola, com os alunos, professores e assistentes/técnicos operacionais, com pais e outros elementos do agregado familiar e ao nível do meio envolvente, com os recursos que este pode proporcionar”. Ainda na página 25, consta que “há que ter uma especial atenção aos que correm riscos de exclusão social/abandono escolar. Continua a ser uma das prioridades deste Agrupamento a consciencialização de que a educação para todos é um imperativo social, político, económico, cultural e ético”.

Para além de tudo o atrás referido, e considerando as metas a atingir, a Direcção da Escola considerou importante definir (página 32) outras estratégias para combater o insucesso educativo, tais como “manter e reforçar um bom relacionamento pedagógico, evitando problemas disciplinares graves; preservar o bom ambiente de trabalho conseguido pelo relacionamento dos órgãos de direcção da escola com os restantes elementos da comunidade escolar e destes entre si e fomentar a participação de todos os elementos da comunidade escolar na vida da escola, promovendo o trabalho colectivo”.

Por outro lado, no capítulo referente à avaliação do PE, pode ler-se na página 43 que se prevê “a melhoria da disciplina da escola/responsabilização dos alunos, através do estudo das participações disciplinares e das medidas implementadas em conselho de turma (disciplinar ou não) e a integração dos alunos de etnia cigana, através do cumprimento de regras e da participação nas actividades de enriquecimento”.

Deste modo, afigura-se interessante e necessário averiguar que medidas práticas foram implementadas pela directora para dar resposta às dificuldades já diagnosticadas e assumidas, sobretudo aquelas no âmbito da indisciplina e que são por si apontadas como factor perturbador do insucesso escolar.

3.4.3 - Regulamento Interno

Como está determinado no Decreto-Lei 75/2008 de 22 de Abril, que define o regime de autonomia e gestão das escolas e em que pode ler-se, nomeadamente no artigo 9º, alínea b) reportando-se ao regulamento interno, este é “o documento que define o regime de funcionamento das escolas, de cada um dos seus órgãos (...), bem como os direitos e deveres dos membros da comunidade escolar”.

Sendo a escola uma realidade complexa e eminentemente relacional, a definição rigorosa do seu regime de funcionamento é imprescindível, pois e em acordo com o que nos afirma Renca (2008: 104), “todas as organizações necessitam de regras, manifestas ou implícitas, inatas ou adquiridas, aceites ou impostas, que não deverão, nem restringir a sua liberdade de acção, nem empobrecê-la, mas torná-la mais dinâmica e actuante, delimitando obrigações e direitos, para que todos os que dela fazem parte possam ser defendidos e respeitados”.

Ora, deste modo, tratando-se de um documento estruturante e regulador das relações sociais e institucionais do quotidiano escolar, é expectável, na nossa perspectiva, que o regulamento interno seja clara e inequivocamente orientador do funcionamento da escola, incluindo as normas mais elementares e abrangentes e outras mais particulares. Assim sendo, para um melhor conhecimento dos princípios reguladores das interacções institucionais vigentes na escola, não poderíamos deixar de efectuar uma análise cuidada ao conteúdo do seu regulamento interno, especificamente no que concerne às normas de comportamento impostas aos alunos, dentro e fora das aulas e às medidas correctivas e sancionatórias aplicadas em caso de incumprimento.

Assim, no Regulamento Interno, documento constante do Anexo III deste trabalho, verifica-se que no capítulo quarto, como princípios orientadores e objectivos, foram definidos” c) assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional; e na alínea d), cumprir e fazer cumprir os direitos e os deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina³”.

No capítulo 201, referente aos Deveres dos Alunos, podem ler-se normas de carácter mais geral e abrangente como nas alíneas “b) “ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das actividades escolares; b) seguir as orientações dos Professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem; d) tratar com respeito e correcção qualquer membro da comunidade

³ Transcrevem-se as alíneas como no documento original.

educativa; e) guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa; f) respeitar as instruções dos Professores e do Pessoal Não Docente; e g) contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na Escola de todos os alunos” e outras de índole mais específica, em contexto de sala de aula como as alíneas “f), g), h) e no recinto exterior”.

Podemos ainda constatar que na subsecção III, concernente à Disciplina, estão especificados os procedimentos bem como as medidas de carácter correctivo e sancionatório.

3.4.4 - Relatório da avaliação externa da Inspeção Geral da Educação

Através de consulta realizada à página electrónica da Inspeção Geral da Educação (IGE) tivemos acesso aos dados resultantes da última avaliação externa realizada em Janeiro de 2009, ao agrupamento a que pertence a escola Alfa. Desta análise, destacámos algumas informações mais relevantes para o tema em estudo. Assim, constatamos que no decorrer do ano lectivo de 2005/06 se instauraram aos alunos desta escola treze procedimentos disciplinares, no ano lectivo de 2006/07 se verificaram oito casos e em 2007/08 igualmente oito.

Pela leitura do referido documento se constata ainda que a escola foi avaliada com Bom nos domínios de Resultados, Prestação do Serviço Educativo, Organização e Gestão Escolar, Capacidade de Auto-Regulação e Melhoria do Agrupamento e Muito Bom no domínio da Liderança.

Na página 4 do referido relatório, pode ler-se “A organização tem realizado várias acções promotoras do desenvolvimento cívico, contribuindo para um ambiente indutor de comportamentos disciplinados. Existe uma política de inclusão de todas as crianças e alunos, tendo sido criados percursos alternativos para responder aos interesses e às expectativas de alguns discentes.” Ainda no âmbito da avaliação realizada ao domínio do Comportamento e Disciplina, a equipa da IGE (pág. 7) considerou que havia “um bom ambiente de relacionamento entre alunos, docentes e não docentes, com respeito pelos direitos e deveres de cada um”, concluindo que “as estratégias adoptadas...têm contribuído, para a existência na generalidade de um ambiente disciplinado”.

3.4.5 - Entrevista

A técnica de recolha de informação através da realização de uma entrevista é, segundo António (2004: 22) uma forma de recolher “os dados do problema, os pontos de vista presentes, os sistemas de relações e o funcionamento de uma organização” e em acordo com Pardal e Correia (1995), proporciona uma obtenção de informação mais rica. Esta especificidade é apontada como uma considerável vantagem apesar de se verificarem também algumas desvantagens nesta técnica de recolha de informação, tal como a baixa possibilidade de aplicação a grandes universos, o que, neste caso concreto, não era necessário nem obstáculo à sua utilização.

Para este efeito, recorreremos ao modelo de entrevista semi-estruturada em que, na definição de Pardal (1995: 65), “o entrevistador possui um referencial de perguntas-guia, suficientemente abertas, que serão lançadas à medida do desenrolar da conversa, não necessariamente pela ordem estabelecida no guião mas antes à medida da oportunidade”.

Neste trabalho, a entrevista semi-estruturada correspondia às exigências do estudo e foi encarada como uma forma de estabelecer a proximidade desejável com os entrevistados e obter informações sobre a real percepção dos directores de turma face à actuação da directora e dos seus constrangimentos, sem influenciar ou condicionar as respostas. Como refere Pardal e Correia (1995:66), através da entrevista semi-estruturada “o discurso do entrevistado informa sobre as percepções e informações que faz sobre um acontecimento, sobre as suas experiências e memórias, fornece indícios sobre o seu sistema de valores, emotividade e atitudes (...) e denuncia os elementos em jogo e suas relações, ajudando à compreensão dos fenómenos”.

Concebemos pois um modelo de entrevistas semi-estruturadas, que considerámos, conforme referem Bogdan e Bilken (1994), o mais indicado a este tipo de investigação educacional, tendo em vista não colocar demasiada directividade na sua condução, o que possibilitou liberdade de percurso e nos permitiu fazer, enquanto entrevistadores, as necessárias adaptações no decurso da mesma e uma recolha opinativa dos participantes.

As entrevistas foram realizadas a professores directores de turma, à directora da escola, à coordenadora dos assistentes operacionais e ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE). Para a realização da entrevista, seleccionaram-se directores das turmas do segundo e terceiro ciclos, (dois por ano de escolaridade), aquelas em que se verificam mais episódios de indisciplina. Todas as

entrevistas foram realizadas após a anuência da directora da escola e das próprias intervenientes e após termos estabelecido um contacto prévio com os entrevistados e com a coordenadora dos directores de turma, (fazendo-se o seu agendamento). Esta docente foi-se revelando ao longo do estudo, uma colaboradora afável e inexcedível no seu papel de mediadora entre a investigadora e os restantes participantes no estudo.

Todas as entrevistas decorreram num ambiente tranquilo, cordial e descontraído, na sala onde habitualmente os directores de turma recebem os encarregados de educação e realizaram-se em momentos previamente agendados, tentando conciliar a nossa disponibilidade com o horário de atendimento dos directores de turma aos encarregados de educação. Em dois casos em que isso não foi possível contou-se com a amabilidade das directoras de turma para realizar as entrevistas noutro momento. As entrevistas realizaram-se nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março e foram registadas através de gravador digital e transcritas em suporte de papel, para posterior processamento de texto, análise de conteúdo e tratamento adequado. Esta técnica aplicou-se com a prévia autorização das intervenientes, já que se considerou que seria a melhor opção por se supor que as entrevistas poderiam ser longas e isso permitiria uma maior fluidez no diálogo. Esta forma de recolha de informação permitiu retirar, ao longo das entrevistas, elementos de reflexão e informação ricos e variados, estabelecer um contacto directo investigador/interlocutor, apreender as informações não-verbais, as hesitações, as expressões faciais, ao mesmo tempo que exigiu saber ouvir e estimular o fluxo da informação, sem forçar as respostas, respeitando o entrevistado e os limites que pretendia imprimir e transmitir, mas tendo presente o objecto em estudo.

3.4.6 - Inquérito por questionário

A recolha de informação através da elaboração e aplicação de um questionário de administração directa foi outra opção utilizada, considerando-se as suas características e vantagens, já que permitia o anonimato, a flexibilidade no horário de preenchimento, na respectiva recolha e a economia de recursos. A formulação das questões constantes dos questionários foi da nossa inteira responsabilidade e incluiu questões fechadas e de escolha múltipla, sendo aplicados questionários aos alunos e aos directores de turma. Aos directores de turma foram aplicados os questionários no final do primeiro período e aos alunos no início do segundo período. Para a tarefa de distribuição e recolha dos

questionários aos directores de turma, contámos com a colaboração inestimável da coordenadora dos directores de turma.

Sendo a componente temporal um obstáculo significativo a ultrapassar no decurso da realização deste estudo, consideramos que a adopção desta técnica foi profícua, apesar de não termos recebido a totalidade dos questionários distribuídos.

Com vista a facilitar o seu preenchimento e recolha e de forma a evitar falhas no seu preenchimento, os questionários aplicados aos alunos foram, com a colaboração dos directores de turma, respondidos numa aula de Formação Cívica. Assim, procedeu-se à sua distribuição nas turmas já identificadas como aquelas onde se verificam menos e mais casos de indisciplina, após ter sido solicitada autorização escrita aos respectivos encarregados de educação. Numa primeira fase, colocou-se à consideração dos docentes que a resposta dos alunos aos questionários fosse feita *online*, mas esta modalidade não mereceu grande acolhimento por considerarem que seria mais morosa e difícil a recepção, bem como a clarificação das questões e respostas.

3.5 - Contextualização do estudo - caracterização da Escola

3.5.1- Contexto socioeconómico

Este estudo desenvolveu-se, no terreno, no decorrer do ano lectivo de 2010/11, mais precisamente entre Setembro de 2010 e Julho de 2011, numa escola do 2º e 3º ciclos do ensino público, sede de um agrupamento vertical, situado numa freguesia da Beira Litoral Norte. Este agrupamento é constituído por três jardins-de-infância, três escolas do 1º ciclo e a referida escola do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico a que por razões de compreensível cuidado, chamámos Escola Alfa. Esta escola foi inaugurada em 1987 e passou a sede de um agrupamento no ano lectivo de 2000/01. A distância entre as escolas entre si e a Escola Alfa é muito reduzida, não ultrapassando, no caso do maior afastamento, os 2.5 km, sendo que uma das escolas faz parte do mesmo recinto, embora separadas por um pavilhão gimnodesportivo e um espaço recreativo ao ar livre.

Como referido atrás, a escolha para realizar este estudo recaiu sobre esta escola devido a uma conjugação de factores que nos pareceram de relevar: o facto de não termos tido, até ao momento do início do estudo, qualquer contacto com os docentes deste agrupamento o que à partida constituía garantia de total isenção nas acções e

relações a estabelecer e que também promoveria o desejável distanciamento e imparcialidade no tratamento que lhe seria posteriormente dispensado; a proximidade geográfica da escola relativamente à nossa residência e ao nosso local de trabalho, o que configurava um factor facilitador de todas as diligências; e ainda o facto de ser frequentada por alunos de estratos socioeconómicos diversificados, incluindo alunos residentes em instituições de solidariedade social. Este último factor afigurou-se-nos como uma provável mais-valia para o desenvolvimento do estudo, pela possível diversidade de situações e informações que poderia fornecer.

Relativamente à localização do agrupamento, há a acrescentar que se insere numa freguesia com uma área de cerca de 21,5 Km², com 6.474 habitantes (censos de 2001) e um rácio de 300.6 habitantes por Km² e que o agrupamento foi criado por despacho datado de 17 de Maio de 1999.

Segundo informações recolhidas no sítio da escola na Internet e através da directora, num contacto prévio, a actividade económica da população do meio envolvente é predominantemente industrial, embora a agricultura continue a ocupar uma parte importante dos seus habitantes. Nos últimos anos, com o encerramento de várias fábricas na região, aumentou o número de desempregados e conseqüentemente os que vivem do subsídio de desemprego e do rendimento social de inserção. Em consequência disso, tem-se verificado na freguesia um aumento da sensação de insegurança e ocorrência de significativos casos de marginalidade social. Segundo declarações da directora da escola, registadas no decorrer da entrevista e que consta do Anexo XIII deste trabalho, cerca de 70% dos alunos recebem subsídios do SASE.

As zonas limítrofes, a nascente e a poente, são também zonas económico-sociais de considerável risco, com problemas diversos de cariz social. Recentemente, começaram a fazer parte deste aglomerado populacional, grupos de etnia cigana cujos filhos frequentam, nos vários ciclos, as escolas do agrupamento. Esta inclusão trouxe também representações sociais muito diversas daquelas da restante comunidade educativa, provocando alguns constrangimentos no quotidiano e na aprendizagem das competências sociais e cognitivas, com conseqüentes episódios de conflito e indisciplina.

Segundo informações recolhidas junto da directora da escola e da coordenadora dos directores de turma, a maioria dos encarregados de educação possui baixa habilitação académica, sendo que se verifica actualmente, entre eles, um elevado índice de desemprego e também significativo alcoolismo. Na perspectiva da directora da escola e dos directores de turma, da parte de um elevado número de encarregados de educação

não é prestado aos alunos o acompanhamento que os docentes consideram necessário e desejável, verificando-se mesmo casos de clara negligência.

3.5.2 - O corpo discente

No ano lectivo em que realizámos este estudo, 2010/11, segundo dados recolhidos no sítio da escola na Internet, o Agrupamento era frequentado na totalidade, por 688 alunos, sendo que na Escola Alfa, o corpo discente estava distribuído da seguinte forma:

Ano lectivo	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	C A
Nº de turmas	4	3	4	4	2	1
Total de alunos	75	59	68	87	49	11

Tabela 1 - Corpo discente da Escola Alfa no ano lectivo de 2010/11

Para além destes alunos a frequentar a escola sede do agrupamento e apenas a título informativo, já que não foram alvo do nosso estudo, referimos o número de alunos do 1º ciclo e do pré-escolar. Assim sendo, a educação pré-escolar é frequentada por 72 alunos, nos três jardins-de-infância e o primeiro ciclo por 283 alunos, nas 3 escolas do 1º ciclo do agrupamento.

3.5.3 - O corpo docente

Na escola Alfa, e conforme apurámos através de consulta do Projecto Educativo disponível no sítio na Internet e pelos dados recolhidos no decorrer da realização das entrevistas e dos questionários aplicados, leccionam 57 docentes, dos quais apenas seis são homens, sendo que os professores directores de turma possuem entre 16 e 20 anos de serviço, verificando-se que uma grande parte possui vários anos de serviço na escola. Como se verifica pela consulta da página 20 do Projecto Educativo do Agrupamento, estão claramente definidos os critérios para atribuição da direcção de turma aos docentes.

3.5.4 - O pessoal não docente

O pessoal não docente em exercício na Escola Alfa está expresso na Tabela 2.

Categoria	Quadro	CTI	Câmara Municipal	Total
Assistentes técnicos	5	1	0	6
Assistentes operacionais	13	13	2	28

Tabela 2 - Pessoal não docente na Escola Alfa no ano lectivo de 2010/11

3.5.5 – A Associação de Pais

A Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE) constituiu-se no ano de inauguração da escola Alfa (1987) e participa em todas as iniciativas para as quais é solicitada, para além daquelas que lhe estão facultadas por normativos legais. Revela ainda iniciativas autónomas, previstas num plano de actividades próprio, disponível na sua página electrónica.

3.6 - A População participante no estudo

3.6.1 - A Directora da escola

A directora da escola é professora do primeiro ciclo e exerceu funções, durante vários anos, na extinta Direcção Escolar da sede do concelho, após o que regressou às funções docentes, numa escola do 1º ciclo deste agrupamento. Mais tarde, integrou uma equipa do conselho executivo como vice-presidente, após o que cumpriu um mandato como presidente do conselho executivo. Com a alteração no regime de administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básicos e secundários aprovada através da aplicação do DL nº 75/2008, de 22 de Abril, a então presidente do conselho executivo candidatou-se ao cargo de directora, encontrando-se a exercer, no corrente ano lectivo, o seu segundo ano do mandato. Da Direcção da Escola

fazem ainda parte um subdirector e uma adjunta. A partir do primeiro contacto em que se mostrou muito receptiva ao pedido para colaboração no estudo, revelou-se afável e colaboradora, embora cautelosa nas informações prestadas, mas sempre disponível para que fosse possível a prossecução do nosso trabalho.

3.6.2 - Os directores de turma

Em acordo com Lima (1995), permitimo-nos afirmar que “a direcção de turma constitui um nível privilegiado para a coordenação pedagógica e interdisciplinar, para a solução de problemas disciplinares, para o necessário contacto entre a escola e os encarregados de educação”, sendo um elo de ligação escola-meio.

Em consonância, ao longo da nossa recolha de informação, concretizada através das entrevistas semi -estruturadas e da aplicação dos questionários, para além das questões directas e objectivas, tentámos apreender a percepção destes directores de turma face às situações de indisciplina que vivenciam na escola e conhecer que medidas privilegiam na sua acção quotidiana. Para além disso, era importante indagar como encaram a colaboração da directora e a eficácia (ou não) das medidas por ela implementadas face a episódios de indisciplina.

Após termos obtido anuência da directora da escola e dos participantes, distribuámos através da respectiva coordenadora os questionários à totalidade dos directores de turma (16). Contudo, e apesar de todas as diligências efectuadas e insistências, apenas recebemos 14, i.e., 82% dos questionários distribuídos, como se pode verificar pela leitura da Tabela 3.

Directores de turma	Distribuídos	Recebidos
5º ano	4	3
6º ano	3	1
7º ano	4	4
8ºano	4	4
9º ano	2	2
Total	17	14

Tabela 3 - Número de questionários distribuídos e recebidos, por direcção de turma

Com o objectivo de conhecer a experiência profissional dos docentes directores de turma, questionámos há quantos anos exercem actividade docente. Através da análise dos questionários recebidos (Anexo XVII), constata-se que dos docentes respondentes, 56% exercem funções docentes há mais de 20 anos, 13% exercem entre 15 e 20 anos e 13% entre 10 e 15 anos. No que concerne o tempo de exercício nesta escola, no mesmo anexo pode confirmar-se que nenhum docente exerce funções na escola Alfa há menos de 5 anos e 3 docentes estão há mais de 20 anos.

Ainda através do questionário pretendemos saber há quantos anos os actuais directores de turma exercem essa função na escola Alfa. Pela síntese das respostas dadas, pode concluir-se que 21% dos respondentes exercem essa função há menos de 5 anos, 29% há mais de cinco mas há menos de 10 anos, 14% exercem há mais de 15 e menos de 20 anos e 7% exercem há mais de 20 anos. Depreende-se assim que poderão, decorrendo da sua experiência nesta função na escola e pelas suas vivências, emitir opinião sobre a interacção com a directora e a sua acção de liderança.

3.6.3 - Os alunos

A selecção dos alunos a quem aplicaríamos os questionários foi feita com a colaboração da directora, da coordenadora dos directores de turma e dos respectivos directores de turma, escolhendo todos os alunos das turmas onde se registam mais episódios de indisciplina.

É importante referir que apesar de terem sido aplicados na aula de Formação Cívica, alguns alunos responderam apenas a parte do questionário e ainda outros rasuraram algumas questões ou deram respostas descontextualizadas, razão pela qual por vezes as respostas analisadas não contabilizam o total dos respondentes. A opção recaiu apenas sobre turmas do 3º ciclo, já que segundo estas colaboradoras, nas turmas do 2º ciclo os episódios de indisciplina são raros e pouco significativos, o que forneceria dados insuficientes para o estudo. O modelo de questionário aplicado constitui o Anexo IX deste trabalho.

No sentido de conhecer melhor os alunos respondentes analisámos o teor das suas respostas aos questionários, permitindo-nos caracterizá-los ainda que de forma sumária, mas nos aspectos que nos parecem mais relevantes para o estudo. Assim sendo, constatamos que:

- Frequentam o 9º ano 25 alunos, 23 frequentam o 8º ano e 12 frequentam o 7º ano, representando, respectivamente 42, 38 e 20% dos participantes;
- As suas idades situam-se entre os 13 anos (23 alunos), os 14 anos (21) e os 15 anos (14), respectivamente com uma percentagem de 38%, 35% e 23%. A menor parte dos alunos respondentes tem 12 anos, representando apenas 3% dos respondentes;
- Dos respondentes, 58% eram alunos do género masculino e 42% eram do género feminino;
- Dos respondentes, 25% já reprovou pelo menos uma vez e 75% nunca reprovou;
- Relativamente à profissão dos pais, 47% é trabalhador não especializado, 8% está desempregado, 32% é trabalhador especializado, 3% é técnico superior, e 5% é trabalhador por conta própria;
- Dos agregados familiares destes alunos, 75% tem pelo menos um irmão e 8% tem também pelo menos um avô.

Considerou-se ainda importante ter uma percepção da forma como os alunos sentem a sua vivência na escola e que sentimentos nutrem pelos docentes e respectivo director de turma. Com esse propósito, formularam-se as questões que se enunciam e obtiveram-se as seguintes respostas:

- Em resposta à questão “*Como avalias a tua escola?*” verifica-se que 3% dos respondentes considera a escola como muito agradável, 72%, agradável, 17% desagradável e 8% chega a ponto de a considerar horrível;
- Questionados sobre como se sentem na escola, 52% dos alunos diz que se sente bem na escola, 40% diz que se sente razoavelmente e 8% diz que não se sente bem na escola;
- Em relação à sua própria turma 47% dos alunos responde “gosto muito”, 48% “gosto” e 5% “não gosto”;
- Em relação aos professores, definimos uma escala de 1 a 5, sendo 5 Gosto Muito e 1 Não gosto, sendo que 22% responde no nível 5 (Gosto Muito), 38% no nível 4, 37% no nível 3, 3% no nível 2 e 0% no nível 1 (Não gosto);
- No que concerne ao gosto relativamente às disciplinas, usámos a mesma escala e constata-se que 8% se posiciona no nível 5 (Gosto muito) 48% no nível 4, 37% no nível 3, 3% no nível 2 e 3% no nível 1 (Não gosto). Pode concluir-se que a maioria das respostas se situa num nível médio;

- Quanto às actividades e usando a mesma escala, 25% coloca-se no nível 5 (Gosto Muito), 52% no nível 4, 20 % no nível 3, 2% no nível 2 e 5 % no nível 1, a que corresponde Não Gosto;
- Relativamente ao director de turma, 30 respondentes declaram gostar muito (48%) e 24 alunos gostam (40%). Verifica-se ainda que 2 alunos se posicionam no nível 3 e outros tantos se posicionam no nível 2, representando 3% cada um. Apenas 4 alunos (5%) declaram que não gostam do director de turma.

Capítulo 4 - Apresentação e análise da informação

4.1 - O conceito de indisciplina na perspectiva dos participantes

Relativamente à questão colocada a todos os participantes neste estudo, “*quais dos seguintes comportamentos constituem comportamentos de indisciplina?*” e que se prende com uma das questões importantes deste estudo, constata-se que os respondentes têm uma concepção muito lata da definição dos comportamentos de indisciplina, como é possível observar-se pelo Gráfico 1.

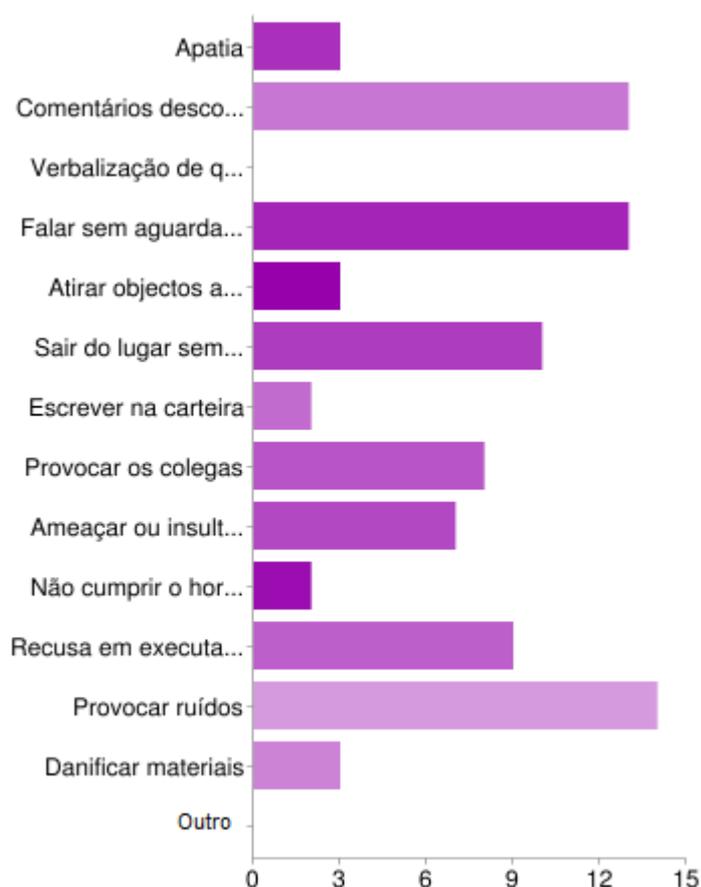


Gráfico 1 - Comportamentos de indisciplina, na perspectiva das directoras de turma

Dada a dificuldade em apresentar a informação de forma totalmente legível no gráfico referido, descrevemos com maior pormenor esta informação na Tabela 4.

Comportamento	Nº de respondentes	Percentagem %
Apatia	3	21
Verbalização de questões embaraçosas	0	0
Falar sem aguardar ou pedir palavra	13	93
Atirar objectos ao ar na aula	3	21
Sair do lugar sem pedir licença	10	71
Escrever na carteira	2	14
Provocar os colegas	8	57
Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores	7	50
Não cumprir o horário	2	14
Recusa em executar as tarefas	9	64
Provocar ruídos	14	100
Danificar materiais	3	21

Tabela 4 - Comportamentos considerados indisciplina, pelas directoras de turma

Colocada a mesma questão à amostra de 60 alunos, as respostas obtidas correspondem aos valores seguintes, sintetizados na Tabela 5.

Comportamento	Nº de respondentes	Percentagem %
Fazer comentários descontextualizados	42	70
Colocar questões embaraçosas ao professor	28	47
Falar sem aguardar ou pedir palavra	45	75
Atirar objectos ao ar na aula	49	82
Sair do lugar sem pedir licença	44	73
Escrever na carteira ou nas paredes	48	80

Provocar os colegas	45	75
Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores	50	83
Não cumprir o horário	34	57
Recusa em executar as tarefas	39	65
Fazer muito barulho	45	75
Danificar materiais	47	78
Não cumprir o regulamento interno	50	83
Não levar o material necessário	15	25

Tabela 5 – Comportamentos considerados indisciplina pelos alunos

Estas informações permitem concluir que a definição dos comportamentos de indisciplina é fundamentalmente diferente entre os alunos e os directores de turma. Enquanto os professores se focam nos comportamentos que perturbam a instrução (provocar ruídos; falar sem aguardar ou pedir palavra; recusa em executar as tarefas), os alunos detêm-se principalmente nos aspectos relacionais dos comportamentos (ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores) e na perturbação da sala de aula (atirar objectos ao ar na aula) e destruição da propriedade (escrever na carteira ou nas paredes; danificar materiais).

No que se refere à definição do conceito de indisciplina, a directora da escola, na entrevista realizada (Anexo XIII), definiu-a como sendo “*toda a atitude que um aluno toma de incumprimento de regras definidas, contrárias ao contrato social, de recusa em aceitar a autoridade do adulto, ultrapassar os limites da boa educação, pôr em cheque a liberdade dos outros, não desempenhar, no fundo, o seu papel de aluno na escola*”.

Solicitada a apresentar exemplos de comportamentos específicos que caracterizam a indisciplina, referiu a “*recusa dos alunos em ir às aulas, ficar fora, destratar os professores, não respeitar as ordens dos professores, não respeitar os colegas, agredir um colega*”, referindo ainda que os alunos “*respondem mal aos professores, atiram comida uns aos outros, maltratam os funcionários (chamam nomes, respondem mal, fazem só o que querem)* e às vezes, nos balneários, *masturbam-se e espreitam as raparigas*”.

Já a coordenadora dos assistentes operacionais define a indisciplina como “*não respeitar os adultos, os professores, é perturbar as aulas, não estarem atentos. São as faltas de educação. No fundo, o que eu acho é que há uma grande falta de educação*”. Isto significa que ao contrário dos alunos e dos directores de turma, esta responsável enquadra a indisciplina no âmbito da qualidade de educação que os pais proporcionam aos filhos e concretamente na ausência dos valores que os alunos deveriam possuir.

O presidente da APEE, afirma que “*a indisciplina ao fim e ao cabo é a desobediência a uma série de regras que são dadas aos alunos pelo Estatuto do Aluno. Essas regras, na prática são regras simples do dia-a-dia, não perturbar, não falar alto, não levar uma chiclete para a aula, porque o espaço de aula é um local de aprendizagem. Se os alunos perturbam a aula, o trabalho do professor, que já por si é complicado, mais complicado se torna*”.

Sendo o director de turma o primeiro interlocutor nas situações de indisciplina, considerámos que teriam informações muito diversificadas pelo que as entrevistas realizadas são transcritas no Anexo XIV. Aí se registam declarações bastante pormenorizadas, como a da entrevista 2 em que é afirmado “*um aluno que é capaz de desrespeitar o professor, porque está chateado, o professor diz alguma coisa e ele responde vai pró cara...o, isso é insulto e portanto é um desrespeito total. Considero muito mais grave do que dizer Oh, hoje não me apetece, hoje não estou para me chatear, hoje não me apetece fazer o meu trabalho...*”.

Na entrevista 1, a directora de turma define como sendo “*falarem todos ao mesmo tempo, não respeitarem as regras de participação oral. Aquilo a que normalmente se chama a falta de educação, não é? Se calhar até acrescentaria que a indisciplina além de tudo, é aquilo que obstrói o trabalho normal de aula...*”

Na entrevista 4, a directora de turma declara que “*as agressões físicas são o mais grave, seja a colegas, a professores, a funcionários (e que já tem acontecido ao segurança cá da escola), assim como o uso de palavrões*”.

Na entrevista 5 a directora de turma afirma que “*atirar a comida, colocarem a comida dentro da sopa uns dos outros, espinhas ou ossos, isso para mim é indisciplina*”, e na entrevista 6 é referido que “*outra coisa que acontece e é grave, acho que é o facto de tentarem infringir as regras como fumar cá dentro, sabem que não podem mas tentam e vão-se esconder. Para mim isso é muito grave*”.

Na entrevista número 6, a directora de turma declara que indisciplina “*é a falta de respeito para com o professor. A partir do momento em que eles desrespeitam o*

professor, tratam mal o professor, já tem de se agir....já tive nos outros anos, casos em que insultavam mesmo o professor”.

O mesmo conceito é revelado por outra directora de turma, na entrevista 8, referindo que “ *indisciplina é o não cumprimento das regras da sala de aula. Normalmente quando o aluno está na aula a brincar com os colegas, não executa as tarefas, não deixa cumprir com o planeado*”. Numa outra entrevista (7) a directora de turma declara que “*...já me chegaram a levantar a mão para me bater, (um cigano) porque aos ciganos uma pessoa parece que não pode dizer nada. Mas eu, o que tenho a dizer também digo*”.

Afigura-se-nos, portanto, muito claro que os participantes no estudo definem a indisciplina no sentido mais lato possível do desrespeito de regras no interior da escola, considerando desde os comportamentos que são tidos na cantina, no exterior e aqueles que ocorrem na sala de aula. A indisciplina dos alunos não é, desta forma, um exclusivo de um contexto negativo que afecta apenas a instrução, mas um fenómeno social complexo com uma forte caracterização moral.

Estes relatos permitem concluir que a indisciplina tem um traço comum, partilhado enquanto uma quebra das regras instituídas, quer sociais e mais abrangentes ou mais restritas, sendo a formulação de cada um dos intervenientes tende, como compreensível, a focar-se no âmbito das suas funções e expectativas, embora não limitada a esses contextos.

4.2 - O quotidiano na escola: os comportamentos de indisciplina

Relativamente à frequência na escola dos comportamentos de indisciplina anteriormente referidos (Ver Tabela 6 auxiliar do gráfico 2 para designação completa de cada comportamento), concluímos que as directoras de turma afirmam que *fazer comentários descontextualizados, falar sem aguardar ou pedir a vez e provocar os colegas* são os mais frequentes. Estes elementos são apresentados de forma complementar no Gráfico 2 e Tabela 6.

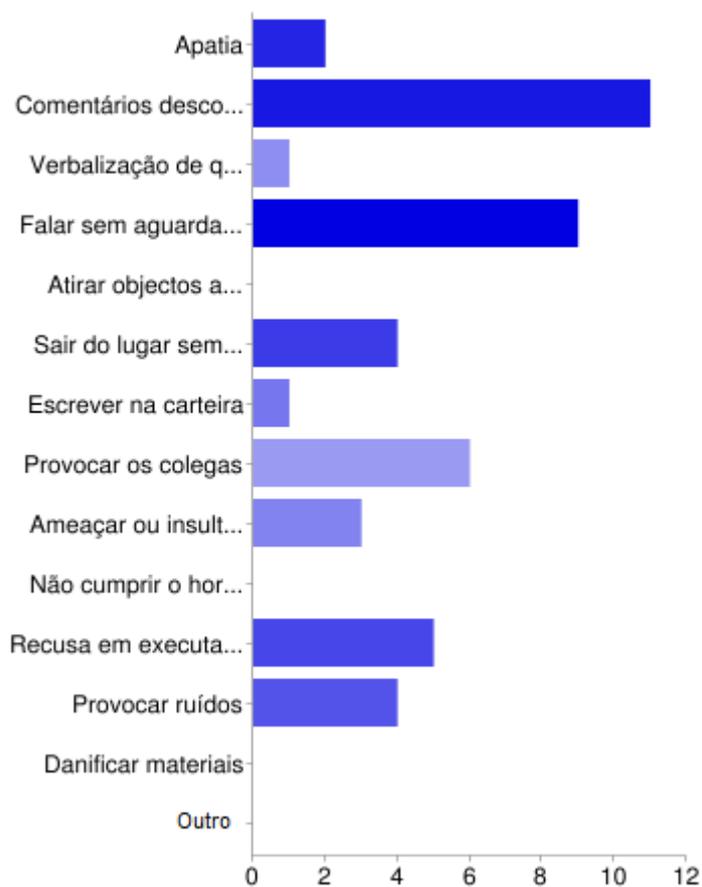


Gráfico 2 - Comportamentos mais frequentes nas turmas das directoras de turma questionadas

Dada a dificuldade em apresentarmos todas as designações dos comportamentos no Gráfico 2, elaborámos a seguinte tabela complementar (Tabela 6).

Comportamento	Número de respondentes	Percentagem %
Apatia	2	14
Comentários descontextualizados	11	79
Verbalização de questões embaraçosas	1	7
Falar sem aguardar ou pedir palavra	9	64
Atirar objectos ao ar na aula	1	7
Sair do lugar sem pedir licença	4	29

Escrever na carteira	2	14
Provocar os colegas	7	50
Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores	3	21
Não cumprir o horário	0	0
Recusa em executar as tarefas	6	43
Provocar ruídos	4	29
Danificar materiais	0	0

Tabela 6 - Comportamentos mais frequentes nas turmas das directoras de turma questionadas.

Informação complementar ao Gráfico 2

Colocada a mesma questão aos alunos, concluímos que os comportamentos de indisciplina mais frequentes são *ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores, escrever na carteira ou nas paredes e provocar os colegas*. Esta informação está em consonância com a valorização destes comportamentos como sendo aqueles que, de acordo com os alunos, melhor significam/caracterizam o que é um comportamento de indisciplina.

Comportamento	Muito frequentemente %	Frequentemente %	Raramente %
Fazer comentários descontextualizados	32	35	23
Colocar questões embaraçosas ao professor	23	20	40
Falar sem aguardar ou pedir palavra	23	30	38
Atirar objectos ao ar na aula	25	37	20
Sair do lugar sem pedir licença	15	30	48
Escrever na carteira ou nas paredes	47	13	28
Provocar os colegas	40	30	23
Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores	52	13	15

Não cumprir o horário	18	27	37
Recusa em executar as tarefas	13	25	47
Fazer muito barulho	28	23	38
Danificar materiais	32	25	35
Não cumprir o Regulamento Interno	47	23	23
Não levar o material necessário	10	12	58

Tabela 7 - Frequência dos comportamentos indisciplinados na escola, na percepção dos alunos

Existe, portanto, consonância relativamente à significação partilhada do comportamento de indisciplina entre directoras de turma e alunos, podendo afirmar-se que ambos os grupos têm uma percepção semelhante, embora a sua posição social, de autoridade e funcional, seja distinta.

No que se refere à avaliação global do nível de disciplina que o director de turma atribui à sua turma, constata-se que maioria refere que é *satisfatório*. Apenas duas directoras de turma referiram que é *insatisfatório* ou *muito satisfatório*. Isto permite-nos afirmar que os comportamentos descritos, porventura repetitivos e exigentes ao nível da gestão contínua de pequenos incidentes, não elevam substancialmente a percepção das directoras de turma relativamente ao nível de indisciplina que grassa nas suas turmas.

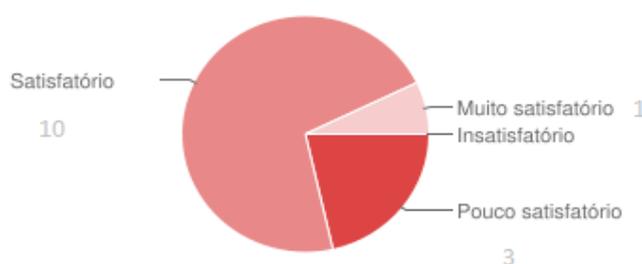


Gráfico 3 - Nível de disciplina dos alunos da turma, na percepção das directoras de turma

Realizada uma análise que se pretendeu mais global da disciplina dos alunos da escola, esta permitiu-nos concluir a estabilidade das respostas, havendo oito directoras de turma que consideram o nível de disciplina dos alunos como *satisfatório* e as restantes consideram-no *pouco satisfatório* (Gráfico 4).

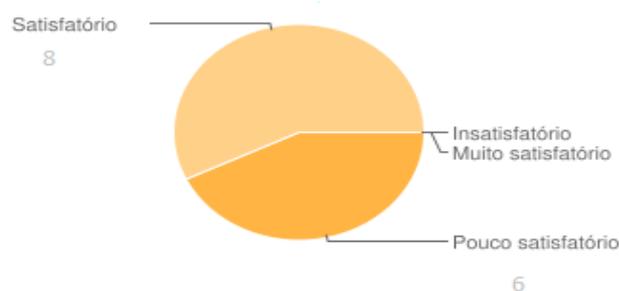


Gráfico 4 - Nível de disciplina dos alunos da escola, na opinião das directoras de turma

No sentido de recolher dados objectivos sobre a ocorrência de episódios de indisciplina nas suas turmas, questionámos quantas participações disciplinares as directoras de turma tinham recebido no decorrer do ano lectivo, até ao momento da inquirição. Assim, sete directoras de turma (44%) receberam cinco participações; quatro (25%) receberam três; duas directoras de turma (13%) receberam uma participação cada; e duas directoras de turma (13%) não receberam qualquer participação disciplinar.

No que se refere à averiguação junto dos alunos, se já tinham sido alvo de procedimento disciplinar, constata-se que apenas dezanove afirmaram já ter sido alvo de uma participação disciplinar, a nove foi instaurado um processo disciplinar e cinco foram alvo de suspensão.

No que se refere ao número de alunos respondentes (60) e ao enquadramento e consequências dos seus comportamentos de indisciplina, verificámos que 32% dos sessenta alunos já teve uma participação disciplinar e que 25% foi chamado à directora da escola. Destes alunos, nove foram alvo de processo disciplinar, que segundo as palavras da directora no decorrer da entrevista (Anexo XII), se reservam apenas aos casos muito graves (Tabela 8).

Medida	Número de alunos	Percentagem %
Já foi chamado à directora da escola	15	25
Já teve participação disciplinar	19	32
Já teve processo disciplinar	9	15
Já foi suspenso das actividades	5	8

Tabela 8 - Percentagem de alunos que já protagonizaram episódios de indisciplina

Embora se verifique uma percentagem elevada de alunos já sujeitos a uma medida de reparação do episódio de indisciplina, é importante salientar que a maioria dos alunos desta amostra avalia favoravelmente a escola, sendo que apenas cinco alunos dizem não se sentir bem na escola (Gráfico 5).

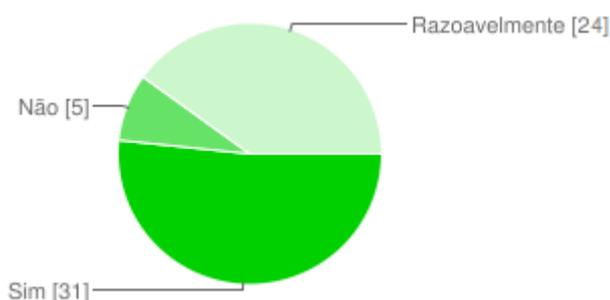


Gráfico 5 - Respostas dos alunos à pergunta "Senteste-te bem na escola?"

A grande maioria afirma mesmo que a escola que frequenta é agradável (Gráfico 6), isolando, porventura, os factos de indisciplina e as repercussões destes relativamente aos aspectos recreativos e muitas vezes potenciadores desses mesmos episódios.

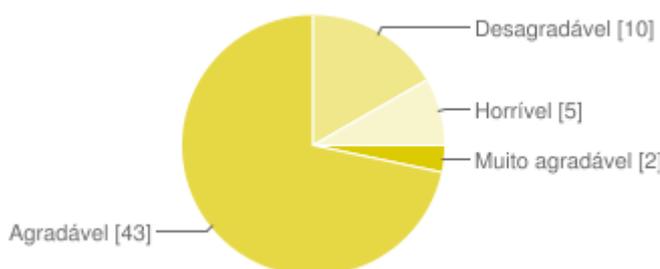


Gráfico 6 - Avaliação da escola

Embora não se tratasse de uma questão essencial neste estudo, considerámos interessante obter dados no que se refere à percepção dos alunos acerca da responsabilidade da indisciplina. Verifica-se pois, que a maior parte (80%) assume *mea culpa* pelos episódios de indisciplina ocorridos na sala de aula, demonstrando desta forma que são capazes de realizar auto-reflexão. Apenas 27% dos respondentes

considera que são os professores os responsáveis pelos episódios de indisciplina na sala de aula.

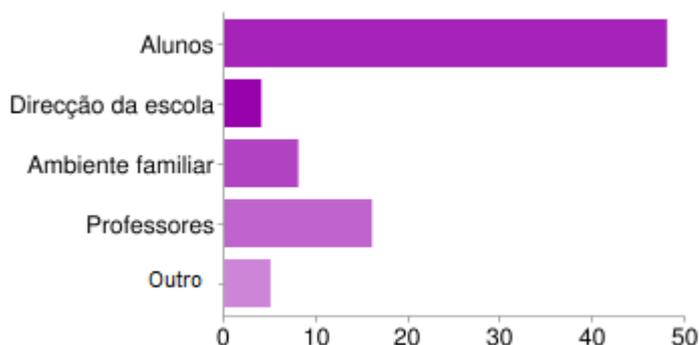


Gráfico 7 - Responsáveis pelos episódios de indisciplina dentro da sala de aula, na opinião dos alunos

Questionados os alunos sobre os responsáveis pela indisciplina quando esta ocorre fora das aulas (Gráfico 8), 68% considera que a culpa é dos alunos; 28% que é dos funcionários; e apenas 3% dos alunos considera que os professores promovem a indisciplina fora da sala de aulas. Julgamos importante relevar a preponderância da responsabilidade atribuída aos funcionários, pois são estes quem tem a missão de gerir os comportamentos nos espaços extra-aula e de agir nos casos em que os conflitos emergem.

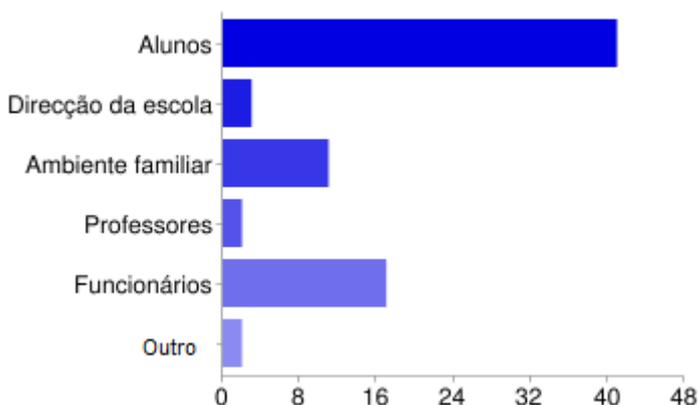


Gráfico 8 – Responsáveis pelos episódios de indisciplina fora da sala de aula, na opinião dos alunos

Ainda relativamente à análise dos comportamentos de indisciplina dos alunos (Gráfico 9), podemos concluir, quanto às razões que o justificam, que a *má influência de*

colegas perturbadores, é apontada por 60% dos respondentes, como a principal causa para a sua ocorrência; 57% afirma que o comportamento de indisciplina é motivado pela vontade de chamar à atenção e 40% declara que incorre nestes comportamentos devido a falhas na sua educação familiar.

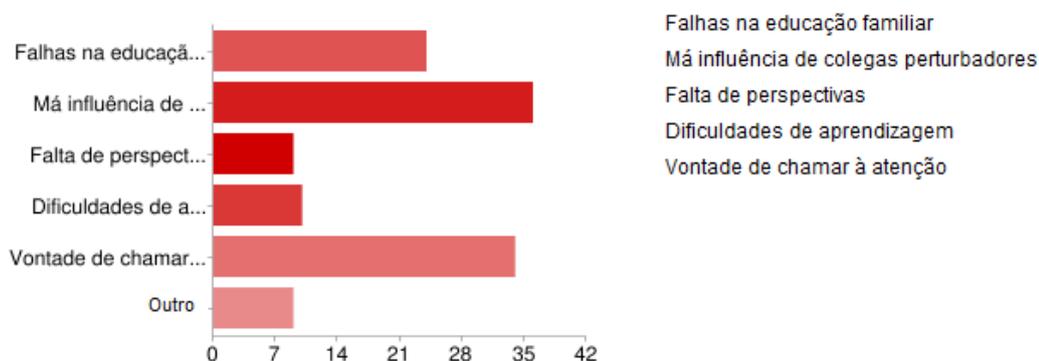


Gráfico 9 - Considerações dos alunos sobre a causa dos comportamentos de indisciplina

4.3 - O quotidiano na escola: a acção anti-indisciplina

Como já repetidamente afirmado por nós no decorrer deste trabalho e corroborado pelas informações obtidas dos participantes no estudo, a indisciplina dos alunos é um factor perturbador e condicionador do quotidiano escolar e por inerência, do processo educativo. Tornou-se assim, para nós, um objectivo incontornável conhecer quais as estratégias que são postas em prática por parte de quem lidera a escola e pelas lideranças intermédias para a minimizar/anular.

4.3.1 - Estratégias da directora da escola

Através da entrevista realizada à directora da escola (transcrita no Anexo XII) pudemos apurar como define a sua actuação face às situações de indisciplina. De acordo com a directora, a metodologia utilizada para abordar os factos de indisciplina determina que *“primeiro são comunicados ao director de turma que contacta com o encarregado de educação. Se for um caso mais grave comunica à direcção. É o subdirector que age mais nos casos. Quando são reincidentes, avaliamos e falamos com o encarregado de educação. Só em último caso é que se vai para processo disciplinar. Tentamos ir*

resolvendo a situação. Quando não há envolvimento do encarregado de educação, apelamos à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens.” Uma outra medida que toma e nos transmitiu foi que “através do conselho de turma, pode vedar-se o acesso a alguns espaços, depois de se informar os pais disso, põe-se os alunos a trabalhar, por exemplo na biblioteca”. E acrescenta, tentando transmitir as medidas que lhe parecem mais eficazes para reduzir os casos de indisciplina, referindo que “tentamos estar atentos aos distúrbios, aqueles que nós já sabemos que se portam mal. Este ano ainda não houve processos disciplinares. Também estamos atentos ao ambiente familiar e tentamos perceber se aí há problemas. A prevenção é melhor do que quaisquer outras medidas”.

E, convicta de que o diálogo é a melhor forma de lidar com a indisciplina embora reconheça que nem sempre surte os efeitos desejados, refere que *“tal como consigo dialogar e com alguns isso dá alguns resultados, gostaria que isso resultasse com todos”*, afirmando, desta forma, que a prevenção e o diálogo são a estratégia e o instrumento, respectivamente, de abordar os episódios de indisciplina.

4.3.2 - Estratégias das directoras de turma

Como referimos anteriormente neste trabalho e em acordo com Sá (1997:15) citando Lima, “o director de turma e o conselho de turma, enquanto estruturas pedagógicas de gestão intermédia, surgem como esforços de recomposição e como tentativas de estabelecimento de uma certa coordenação e conexão no interior de processos relativamente desarticulados”. Desta forma, o papel do director de turma assume-se muito relevante e com várias abrangências, nomeadamente numa primeira abordagem aos episódios de indisciplina, na articulação com os restantes docentes do conselho de turma, bem como na busca de estratégias para os problemas disciplinares e no necessário contacto entre a escola e os encarregados de educação.

Nesta perspectiva, quisemos saber que estratégias são implementadas pelas directoras de turma no seu quotidiano escolar, face às manifestações de indisciplina dos seus alunos. As suas declarações constam dos Anexos XIV e XVII e são sintetizadas no Gráfico 10 e detalhadas na Tabela complementar 9.

Quais das seguintes medidas privilegia no seu quotidiano escolar?



Gráfico 10 - Medidas privilegiadas pela directora de turma no seu quotidiano escolar

Medida	Percentagem %
Acção educativa focada na compreensão dos problemas emocionais/psicológicos do aluno	67
Mais controlo e vigilância	13
Esclarecimento das regras	67
Agravamento das sanções disciplinares	7
Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos	13

Clarificação das regras	33
Reforço da educação cívica	40
Apelo a maior colaboração dos pais	67
Penalização na avaliação sumativa	13
Promoção de debate sobre valores e atitudes	47
Responsabilização dos docentes e dos alunos	13
Melhor divulgação do regulamento interno	7
Participação dos alunos na elaboração do Regulamento Interno	7
Participação dos alunos na definição das regras da sala de aula	13
Outro	7

Tabela 9 - Medidas privilegiadas pela directora de turma no seu quotidiano escolar
Informação complementar ao Gráfico 10

Através da análise do teor das entrevistas constantes do Anexo XIV, pudemos também constatar algumas estratégias implementadas rotineiramente pelas directoras de turma, nomeadamente a presente na declaração constante da entrevista 4 e que refere que *“quando eu acho que é uma coisa realmente grave, tento falar com o aluno, a bem, uma vez, duas vezes. Se de todo em todo, o aluno se recusar a cumprir o que lhe pedi, não chamo a direcção, antes expulso o aluno da sala de aula. Chamo a funcionária e faço o que está previsto no regulamento da escola...o mais conveniente é nós comunicarmos ao director de turma e o mesmo chamar o encarregado de educação”*.

Uma outra directora de turma (entrevista 5) revela que na sua opinião a solução tem de começar pela postura dos pais pois, *“antes de mais, os pais têm que ser pais. E acho que muitos pais acham que ser pai é ser amigo e então vamos ser amigos antes ser pais. E não deve acontecer isso. Depois chega-se a um ponto em que o filho acha que pode estar em pé de igualdade. Por isso gera-se sempre um conflito e há uma grande confusão de valores e sobre quem manda o quê”*.

Uma outra directora de turma (entrevista 6) considera que a escola, por si só, não pode fazer muito mais e aponta para a necessidade de serem colocados ao dispor da escola técnicos de psicologia “...acho que o que primeiro falta à escola é apoio psicológico porque nós não temos técnicos de psicologia”.

Em suma, através da análise das várias respostas podemos concluir que as directoras de turma privilegiam a inclusão da família na abordagem aos episódios de indisciplina e a clarificação de regras, assim como a compreensão da especificidade dos factos emocionais que poderão justificar os comportamentos de indisciplina dos alunos.

Apesar da ênfase colocada pelas directoras de turma relativamente à importância da colaboração próxima com os encarregados de educação, verifica-se pelos dados obtidos que a maioria vai à escola no máximo três vezes por ano (Gráfico 11).

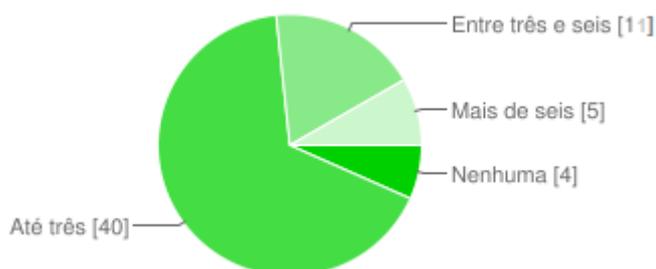


Gráfico 11 - Número de vezes que o encarregado de educação se deslocou à escola

No que se concerne a percepção da importância e a necessidade das medidas, podemos concluir que a medida apontada pelas directoras de turma como mais importante consiste em apelar à colaboração dos pais na resolução familiar dos motivos que justificam a indisciplina dos seus educandos, seguindo-se da valorização emocional do aluno. Isto significará que as medidas privilegiadas pelas directoras de turma são, naturalmente, consideradas as mais importantes e, por esse motivo as mais utilizadas no seu quotidiano.

No entanto, verifica-se que a educação cívica, assinalada com uma das medidas mais necessárias e profícuas, é apenas a 5ª medida mais promovida no quotidiano escolar (Ver Tabela 10). A esta discrepância não deve ser estranho o facto de a educação cívica ser um fenómeno de uma amplitude muito grande, em que vários actores da comunidade escolar participam e onde a família tem também uma preponderância fundamental.

Medidas	Considera a medida profícua %	Não considera a medida profícua %	S. O. %
Acção educativa focada na compreensão dos problemas emocionais dos alunos	85	0%	7%
Mais controlo e vigilância	57	7%	0%
Esclarecimento das regras	64	0%	0%
Agravamento das sanções disciplinares	36	36%	7%
Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos	7	50%	0%
Clarificação das regras	57	0%	7%
Reforço da educação cívica	71	21%	7%
Apelo a maior colaboração dos pais	100	0%	0%
Penalização na avaliação sumativa	21	43%	0%
Promoção de debate sobre valores e atitudes	64	21%	7%
Responsabilização dos docentes e dos alunos	21	36%	0%
Melhor divulgação do Regulamento Interno	36	21%	0%
Participação dos alunos na elaboração do Regulamento Interno	21	29%	21%
Participação dos alunos da definição das regras da sala de aula	43	29%	0%

Tabela 10 - Valorização das medidas promotoras de disciplina, segundo as directoras de turma

4.3.3 - Medidas/sugestões dos alunos

Conhecidas as percepções das directoras de turma e da directora da escola sobre os fenómenos de indisciplina e averiguadas as estratégias implementadas para lhe fazer face, julgámos importante compreender qual é a opinião dos alunos relativamente a medidas que eles consideram serem mais eficazes para reparar os comportamentos de indisciplina (Gráfico 12).

Nesse âmbito, através da análise dos questionários, podemos concluir que os alunos consideram que dar conhecimento ao encarregado de educação sobre o comportamento de indisciplina do seu educando é a medida mais eficaz de todas. Percebe-se, deste modo, que os alunos têm bem presente a moralidade dos seus comportamentos, assim como as repercussões da acção parental que poderão daí advir. Adicionalmente, coloca a importância da família como um grupo social prioritário na promoção das competências básicas de relacionamento interpessoal.

A realização de trabalho cívico é, na opinião dos alunos, a segunda medida considerada mais eficaz na reparação correctiva e a transferência de escola e a suspensão de escola, medidas muito mais gravosas, são percebidas como pouco eficazes. Um dos alunos sugeriu ainda que *tirar-se durante algum tempo o que o aluno mais gosta de fazer* seria a medida que consideraria mais eficaz para penalizar os alunos com comportamentos de indisciplina.

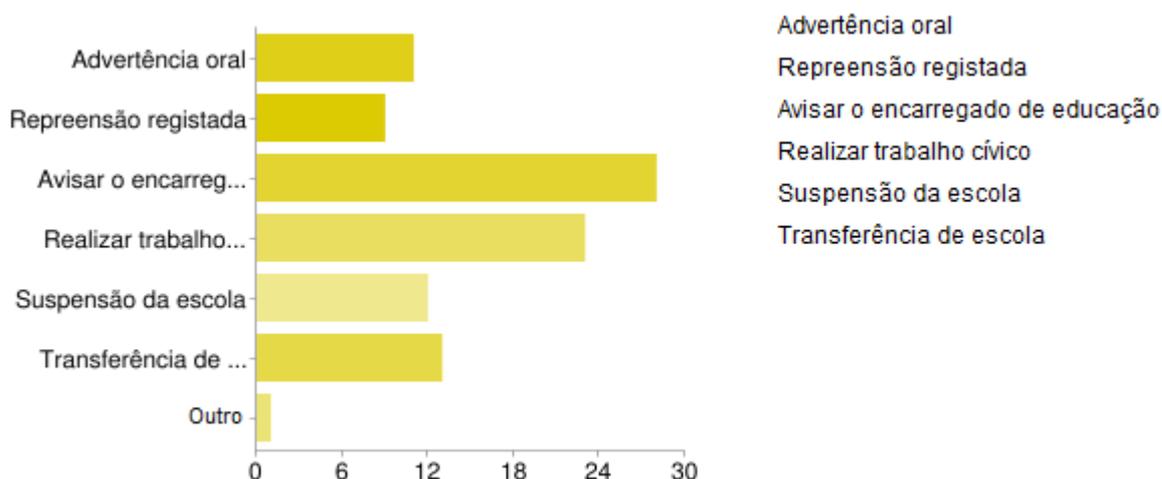


Gráfico 12 - Medidas correctivas ("castigo") referidas pelos alunos como mais eficazes

4.3.4 - Medidas/sugestões da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Ao presidente da APEE realizámos uma entrevista que se transcreve no anexo XV deste trabalho. Considerando o conhecimento de que dispõe sobre os casos de indisciplina e chamado a pronunciar-se sobre as medidas que são postas em prática pela

directora da escola, respondeu: *“No fundo, é tudo uma questão de falta de educação e por isso é difícil a escola resolver. A família é que deve educar. Os alunos são repreendidos, são chamados os pais, mas aqueles que precisavam de vir mais vezes não põem cá os pés! É como lhe disse há bocado. O problema é os pais não educarem os filhos e não deixar castigá-los”*.

Fazendo um paralelo entre o que era a transmissão de valores de pais para filhos e a educação no seu tempo de infância e na actualidade, afirma: *“agora ...até parece que os filhos é que mandam nos pais. Mas acho que se os professores pudessem castigar, bastava uma vez e dava resultado. Assim não!”*.

Face a estas declarações somos levados a concluir que o representante dos pais e encarregados de educação antevê poucas probabilidades de sucesso das acções da escola contra a indisciplina, se não se verificar adequada colaboração da parte da família e alteração dos seus procedimentos educativos. Por outro lado, assume que a indisciplina decorre apenas da má educação, sem contextualizar o fenómeno no âmbito da organização escolar.

Solicitado a sugerir algumas medidas que a implementar na escola poderiam dar um contributo válido para combater/minimizar os casos de indisciplina, reitera a sua convicção de que é essencial a educação e a acção dos pais, dizendo: *“isso é uma questão complicada! São muitos problemas num só. Mas a educação é preciso começar na família. A escola deve estar para ensinar e a educação tem de começar em casa... Se não, nada feito!”* E, vendo a problemática numa perspectiva mais alargada, de colectivo, acrescenta que *“não se pode deixar esses alunos prejudicarem os outros”*, sugerindo uma medida que parece considerar rápida e eficaz: *“deviam ir logo para a rua. O que andam cá a fazer se não aproveitam? Eu acredito que os professores não têm trabalho fácil. Os pais não educam!”*

Considerando as declarações do presidente da APEE poderemos questionar-nos se esta será uma análise demasiado simplista ou se de facto, apesar de todos os seus esforços, os professores terão de continuar a, resignadamente, lidar no seu quotidiano com imensos casos de indisciplina, enquanto não se verificar a assunção da parte dos pais de uma postura mais responsável. Ou por outro lado, se a abordagem aos fenómenos de indisciplina deverá ser realizada no âmbito multidisciplinar, angariando cada um dos actores (incluindo o aluno) na compreensão dos comportamentos de indisciplina e em medidas integradas de prevenção e de remediação.

4.3.5 - Avaliação pelos alunos das medidas do Regulamento Interno e Estatuto do Aluno

Sendo o Regulamento Interno o documento que na escola define as regras de conduta dos vários actores, não podíamos deixar de questionar os alunos sobre o conhecimento que têm deste documento e a importância que lhes atribuem. Curiosamente, 25% respondeu que não o conhece, e 75% respondeu afirmativamente. Questionados se participaram na elaboração do Regulamento Interno da Escola, 88% disse que não e 12% disse que sim. Parece-nos importante acrescentar que todos os restantes intervenientes no estudo afirmaram que no início de cada ano lectivo, a Escola lhes fornece este documento para levarem para casa e dele darem conhecimento ao respectivo encarregado de educação.

Face a este nível de desconhecimento, poderá questionar-se se os encarregados de educação analisam e discutem com os seus educandos os aspectos que nele estão vertidos. De acordo com o presidente da APEE (Anexo XV) este desconhecimento do Regulamento Interno ocorre porque eles “*não querem saber. O trabalho de casa, digamos assim, não é feito*”. Mais uma vez se destaca a importância que por ele é atribuída à família na preparação dos alunos para a vida escolar.

No que concerne ao Estatuto do Aluno, 68% dos alunos respondentes considera-o adequado e 32% considera desadequado. Não foi possível, contudo, conhecer os fundamentos dos alunos que consideram este documento desadequado nem o contrário, i.e., conhecer as diferenças valorativas daquelas que afirmam ser adequado.

4.3.6 - Avaliação pelas directoras de turma das medidas do Regulamento Interno e Estatuto do Aluno

Questionadas as directoras de turma sobre a eficácia das medidas do Regulamento Interno (Gráfico 13), constata-se que existe uma grande divisão entre aquelas que as consideram pouco satisfatórias e aquelas que lhes atribuem uma avaliação *satisfatória*. Nenhuma das directoras de turma afirmou estar muito satisfeita ou insatisfeita com a eficácia das medidas.

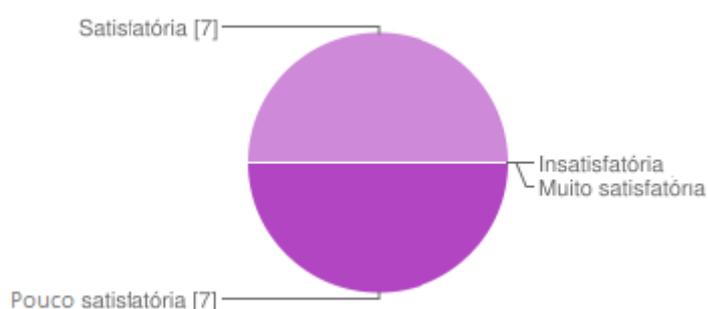


Gráfico 13 - Eficácia das medidas do Regulamento Interno, na opinião das directoras de turma

No que se refere ao Estatuto do Aluno, as directoras de turma afirmam total concordância com as medidas sancionatórias, sendo a maior discordância (29%) relativa às medidas preventivas. Esta consideração é particularmente curiosa, dada a pertinência expressa na literatura relativamente à importância das medidas preventivas na promoção da disciplina (cf. Skiba, Boone, Fontanini, *et al.*, s.d.).

Decorre deste facto que várias directoras de turma tenham comunicado a ineficácia das medidas preventivas na abordagem da escola aos casos de indisciplina (ver Anexo XIII) embora a directora da escola tenha também declarado no decorrer da sua entrevista, (Anexo XII) que se deve valorizar a prevenção.

Medidas	Concorda %	Discorda %
Preventivas	71	29
Correctivas	71	21
Sancionatórias	100	0
Procedimento disciplinar	93	0

Tabela 11 - Opinião das directoras de turma sobre as medidas previstas no Estatuto do Aluno

4.3.7 - Avaliação das medidas implementadas pela directora da escola

No decorrer das entrevistas realizadas constatámos que as questões disciplinares são tratadas sobretudo pelo subdirector - professor José - e não pela directora. Na primeira entrevista que lhe realizámos, a directora fez-nos essa declaração e questionada

sobre a razão dessa delegação de competência, justificou-a pelo facto de ele ser da localidade e conhecer melhor o meio.

Esta questão foi depois colocada a todos os entrevistados e confirmada. Uma directora de turma (entrevista 6) declara: “*sim, é ele, mas é a directora claro que assina os papéis e que toma a decisão final, não é ele. Nós dirigimo-nos mais a ele porque ele anda sempre por aí, ele conhece os miúdos todos, se eu falar do fulano tal, ele sabe quem é*”.

É esta a razão pela qual, no decorrer de muitas entrevistas são referidas as acções do professor José. No entanto, e estando o objectivo deste estudo focado na forma como os fenómenos de indisciplina são abordados no âmbito da liderança da directora da escola e na relação com os actores que aí realizam o seu trabalho, pareceu-nos que seria muito relevante analisar esta delegação de responsabilidades no âmbito dessa liderança.

No final de cada entrevista realizada às directoras de turma e porque lhes foi solicitado que avaliassem a eficácia da acção da directora da escola face à indisciplina, a sua avaliação enquadrou-se num nível intermédio, salientando-se que nenhuma avalia com *Muito Eficaz* e apenas duas atribuem *Pouco Eficaz* (Tabela 12). Este pedido foi feito mesmo tendo em consideração que tinham declarado que era o subdirector que agia mais directamente com os alunos e as famílias e circulava mais pela escola.

Directora de turma	Ineficaz	Pouco eficaz	Eficaz	Muito eficaz
5ºA	X			--
5ºB		X		--
6ºC			X	--
6ºD			X	--
7ºE		X		--
7ºF			X	--
8ºG			X	--
8ºH	X			--

9ºI			X	--
9ºJ		X		--

Tabela 12 - Avaliação da acção da directora, pelas directoras de turma

No decorrer da entrevista a uma directora de turma (entrevista 4) e porque indicou o professor José como mais actuante, solicitámos-lhe que avaliasse a sua acção, tendo sido referido, *“penso que ele faz aquilo que pode fazer. Às vezes era desejável fazer-se muito mais, mas ele também só pode ir até um certo ponto, não é? Muitas vezes a situação acalma naquele dia mas sabemos muito bem que no dia seguinte, o aluno está na mesma e não passa disto”*. Ainda na mesma entrevista, pedimos para seleccionar as medidas por ele tomadas e consideradas mais eficazes, ao que respondeu *“o contacto com a família”*.

Numa outra entrevista (entrevista 4), a directora de turma declara que *“entre os professores cá na escola, nós achamos que a direcção é um pouco branda com os casos de indisciplina. É a opinião que o corpo docente tem. São muito brandos e tentam sempre pôr água na fervura, partir para o conselho disciplinar é sempre a última medida. E nós quando temos um aluno que nos deixa muito exaltadas, queremos sempre fazer mais qualquer coisa, vamos à direcção e aquilo fica tudo ali numa conversa. Eu também acho que o que se pode fazer a seguir, segundo a lei, o conselho disciplinar, não resolve nada. O aluno vem igual depois da suspensão. É difícil”*.

Uma outra directora de turma, na entrevista 1, expressa a sua discordância relativamente à acção da direcção, referindo que *“um aluno entra na direcção, bate com a porta e sai, acho que há qualquer coisa que falha, na minha opinião não deveria bater com a porta ou então se bate, tem de ser repreendido e não é, deveria sofrer alguma sanção. Por vezes, há situações desse género, os alunos abandonam a sala, quer dizer, nem ouvem o que há para dizer, saem, batem com a porta e depois vão lá fora dizer ‘até bati com a porta na cara da directora’. Digo eu, desrespeita, porque é esse mesmo o problema, desrespeitar professores, desrespeitar os colegas, portanto acho que é preciso fazer sentir que alguém manda na escola, não é?...Acho que chega a um ponto que eles têm de agir mais, ser mais firmes, que isto não pode ser desculpa para tudo...”*.

Opinião reforçada por uma outra directora de turma ao afirmar, na entrevista 10, que *“a direcção é um dos elementos que eu acho que também tem que se envolver em todas as situações de indisciplina, havendo outra directora que refere “acho que continua*

a ser uma questão de autoridade, de quem é que manda, dos princípios, porque eles acham que vão para casa uma semana ou 5 dias mas quando regressam, volta tudo ao mesmo”.

E ainda no mesmo sentido se pronuncia a directora de turma (entrevista 10) que sobre a acção da directora declara *“Penso que se poderia ir mais longe, fazer melhor. O director da escola tem funções acrescidas relativamente ao presidente do conselho executivo. Nesta escola, penso que deveria ter um papel mais interventivo, tomar o pulso à escola, ter mais vivência do dia-a-dia, sair mais do gabinete para ter melhor conhecimento do que se passa na escola”.* E quando lhe foi pedido para pormenorizar, respondeu que *“deveria haver uma atitude de mais firmeza, de mais intervenção, de mais acção. E talvez também agir mais com os encarregados de educação”.* Questionada se reconhecia na directora da escola perfil para lidar com os casos de indisciplina respondeu que não porque *“é uma pessoa demasiado passiva, não tem uma atitude assertiva, está demasiado fechada no gabinete, talvez porque é do 1º ciclo, enfim... Talvez por isso é muitas vezes o subdirector que trata dessas coisas”.* E acrescenta que *“praticamente a função dela dilui-se no meio da restante equipa”.*

Uma outra directora de turma (entrevista 1) declarou que à direcção falta *“procurar uma estratégia mais adequada a determinadas características dos miúdos que aqui temos...também conversar com os alunos. Há um elemento da direcção que muitas vezes anda aí pela escola e conversa com este e com aquele, mais com determinados miúdos, aqueles mais problemáticos. E segue a conversa com as famílias, vai mesmo a casa de determinadas famílias”.* Questionada se é a directora que toma essas acções, diz que não, *“é mais o subdirector porque é uma pessoa aqui da terra, conhece bem o meio, está cá há muitos anos”.*

Outra directora de turma (entrevista 5) considera que as estratégias postas em prática pela directora são as possíveis já que, segundo ela *“tendo em conta a legislação, pouco se pode fazer mais”.* E acrescenta que *“quando se avança para processo disciplinar, já aconteceu os alunos serem suspensos preventivamente e não se viram resultados positivos”.*

Ainda no que concerne a eficácia das medidas postas em prática pela direcção, na entrevista 8, a directora de turma considera serem pouco proficuas, já que *“...voltam a reincidir. Os alunos são mal-educados, as famílias não ajudam, não há colaboração. A culpa não é da escola, não se pode fazer mais”.* Opinião reiterada por outra entrevistada (entrevista 9) que afirma *“o mais importante era conseguir-se que os pais percebessem*

que a escola é um local de trabalho e que os filhos estão a ser os mais prejudicados. E ainda que lhes incutissem atitudes de respeito”.

Sendo a APEE um parceiro importante no processo educativo, colocámos-lhe a mesma questão no decorrer da entrevista ao seu presidente (Anexo XV). Este respondeu que não se sentia em condições de fazer uma avaliação justa, por se tratar de uma questão complicada e agravada pelo facto de muitos pais não providenciarem a educação devida. Presume-se, assim, tal como nos foi transmitido ao longo de toda a entrevista, que o representante dos pais e encarregados de educação responsabiliza muitos dos seus pares pela indisciplina dos alunos na escola. Reitera ao longo da entrevista que a indisciplina é o fruto da falta de educação e da ausência de transmissão de valores de respeito e necessário cumprimento de regras da parte de quem exerce a função parental.

4.4 - Articulação entre a directora e os restantes agentes educativos

Conscientes de que a organização escolar se reveste de enorme complexidade, com múltiplos factores que influenciam o comportamento dos vários intervenientes e a relação destes entre si, atrevemo-nos a dizer que a escola é um tempo, um espaço, um sistema de interações sociais. Quisemos conhecer como é feita a articulação entre a directora e as restantes estruturas de gestão intermédia e que lhe eficácia lhe é reconhecida. Nesse sentido, analisámos as transcrições das entrevistas realizadas e das quais reproduzimos os excertos mais significativos.

Uma directora de turma, no decorrer da entrevista 1, diz que há algumas falhas, mesmo com *“...uma questão qualquer que tenha ocorrido aí fora, normalmente não é nas aulas, por vezes os encarregados de educação vêm e vão directamente à direcção e nós até nem sabemos ou ficamos a saber depois de terem sido avisados os encarregados de educação. Não tenho nada contra a direcção falar com os encarregados de educação mas acho que poderia haver uma melhor comunicação entre todos. Um dos membros da direcção é daqui da zona, portanto as pessoas conhecem-no então vão directamente lá falar... Os pais chegam aqui sem avisar e nós algumas vezes estamos a dar aulas. E muitas vezes a informação não circula”*

Questionada se acredita que da parte da direcção, de quem lida com essas situações, as estratégias são as adequadas para lidar com os casos de indisciplina da escola, ou se proporia e implementaria, caso fosse directora, acções diferentes, a mesma

directora de turma diz *“eu acho que tomaria as mesmas. Eu acho que primeiro tem que ser pelo diálogo e tentar também chamar o encarregado de educação à pedra como se costuma dizer para que a família intervenha, tenha também a sua quota-parte para resolver a situação. Neste caso é importante e é o ponto fulcral. E em caso então que não resulte, partir-se-á para uma outra hipótese mais séria e às vezes mais dura”*.

Questionada porque é que recorrem mais ao subdirector e não à directora, a mesma directora de turma declara que *“...achamos que é ele a pessoa que está mais canalizada para os alunos. Achamos que na direcção cada um tem a sua área de trabalho. É uma tradição, de longos anos, aqui na escola que o Professor José está virado para os alunos. Será a tradição, o facto de ser calmo, embora os outros membros da direcção também sejam calmos, ele dedica-se mais a resolver este tipo de problemas. A directora tem outro tipo de tarefas, produzir documentos, etc.”*

Opinião diferente manifestou uma directora de turma na entrevista 10, afirmando que *“deveria haver um papel mais activo da parte da directora. Praticamente a função dela dilui-se no meio da restante equipa. E também em relação aos directores de turma, criar uma relação mais próxima, com os alunos e com os encarregados de educação. É tudo passado para o director de turma”*.

Sendo uma das funções dos assistentes operacionais a circulação pelos espaços escolares e a manutenção da disciplina, durante a realização da entrevista à directora da escola quisemos averiguar a forma como sugere actuações aos assistentes operacionais face a episódios de indisciplina, tendo respondido que *“eles não actuam muito, passa pelo diálogo, indicam que estão a agir mal. E o mais habitual é comunicarem ao director de turma e à direcção”*.

Analisando o teor das entrevistas realizadas às directoras de turma, verificamos uma declaração (entrevista 1), de que quando recorre à directora *“espero apoio, espero que como órgão de direcção da escola em termos hierárquicos que tem mais poder, possa resolver melhor. Portanto espero que os miúdos respeitem mais, porque há sempre aquela ordem, o professor, o director de turma, a direcção da escola. Portanto se as coisas vão subindo estes degraus, é uma forma de alertar os miúdos de que o seu comportamento está a ser pior e tem que mudar porque senão temos que endurecer essas medidas”*.

Perante este manancial de informações recolhidas, permitimo-nos concluir que a articulação existente entre a directora da escola e as directoras de turma para fazer face à indisciplina, na generalidade não é considerada eficiente, não se verificando também

que sejam postas em prática, um conjunto de medidas perfeitamente clarificadas e articuladas entre os vários actores.

Considerações finais

É inevitável que seja feita uma reflexão sobre os aspectos mais significativos desta investigação, assim como sobre as conclusões que suscita e as inferências mais pertinentes. Conhecida a abrangência e a complexidade que o tema pressupõe, sentimos invadidos por sentimentos algo contraditórios sobre os quais não podemos evitar uma sensação ambivalente.

Por um lado, invade-nos a satisfação de ter, ao longo do tempo disponível, mas também profundamente condicionante e com alguns constrangimentos incontornáveis, desenvolvido um conjunto de procedimentos estruturados de acordo com uma metodologia escolhida, orientada para a consecução de um conjunto de objectivos previamente definidos e de ter obtido, ao longo do percurso, um importante conjunto de informações sobre o fenómeno da indisciplina e da liderança de uma directora numa escola pública portuguesa.

No entanto, muito mais haveria ainda a investigar e a compreender (e.g., por que motivo parece haver uma vincada percepção da comunidade escolar sobre a ineficácia dos pais na sua função parental e de que forma isso afecta a eficácia da liderança escolar e a acção disciplinar dos professores), dada a complexidade do estudo de um fenómeno - a liderança - que se articula em co-relação - com os professores, funcionários e outros actores -, no âmbito de uma resposta ao igualmente complexo fenómeno da indisciplina - dos alunos -, numa organização extremamente complexa - a escola.

A escola é o contexto privilegiado desta investigação. De acordo com Estrela (1994), trata-se de um espaço insubstituível de socialização que proporciona a aprendizagem, orientando para o desenvolvimento pessoal, ajudando cada um a aprender a lidar com os conflitos e a saber gerir os limites impostos pelos constrangimentos do mundo físico e social, em ordem à preservação possível da sua autonomia.

A indisciplina revela-se então como um factor inescapável ao qual a escola deve dar resposta para concretizar a sua função formadora.

Este trabalho foi estruturado de forma a tentar perceber-se a importância da acção da directora face aos episódios de indisciplina ocorridos na escola. A legislação vigente confere-lhe essa legitimidade e os restantes actores esperam isso dela. No decorrer do estudo empírico, foi igualmente importante conhecer as suas percepções bem como as dos alunos, das directoras de turma, do presidente da APEE e da coordenadora dos assistentes operacionais, sobre o que é um episódio de indisciplina e

os aspectos caracteriais que o fundamentam na escola. Só conhecendo a significação do constructo em questão poderemos perceber a inteligibilidade das afirmações dos participantes e perceber a acção de liderança da directora.

Pela análise das declarações obtidas através dos questionários e das entrevistas, concluímos que a definição de indisciplina é consensual e a maioria considera que decorre da falta de educação e ausência de valores transmitidos na função parental, manifestando-se no incumprimento das regras, atitudes e intervenções verbais descontextualizadas e faltas de respeito na relação com colegas e adultos. Foi recorrente ouvir-se os entrevistados declararem que os alunos *não respeitam colegas, funcionários e professores e não cumprem as regras instituídas*. Como já referido no Capítulo 4, 93% das directoras de turma inquiridas considera indisciplina *falar sem aguardar ou pedir a palavra*; 100% refere *fazer ruídos*; e 64% das inquiridas afirma que *sair do lugar sem pedir licença* é também considerado indisciplina. Idêntica percepção é declarada pela directora da escola, pelo presidente da APEE e pela coordenadora dos assistentes operacionais.

Estas percepções estão em consonância com o que nos refere Amado (2001), para quem o incumprimento de regras de trabalho, dentro do espaço da aula, impede ou dificulta a prossecução dos objectivos do processo de ensino-aprendizagem, pelo que é o oposto da disciplina desejável, ou ainda Veiga (2001: 15) que afirma que comportamentos desta natureza são “a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola”.

Neste estudo, todos os inquiridos consideraram que este tipo de comportamentos inviabiliza um bom ambiente de trabalho na sala de aula e a concretização dos objectivos de sucesso escolar. Esta consideração é, de resto, corroborada por Estrela (1998: 108), para quem “a indisciplina, ao quebrar as normas da sala de aula e da escola, interfere altamente no processo pedagógico, pois, para além de afectar a aprendizagem do aluno, tira tempo útil ao professor e compromete a sua performance”.

Todos os inquiridos são unânimes na revelação de que a indisciplina assume consequências nefastas e impeditivas do sucesso educativo. Assim sendo, a organização escolar e sobretudo os seus actores com mais responsabilidade - professores, directores de turma e sobretudo o director da escola -, devem reflectir sobre a sua actuação de modo a desenhar estratégias que permitam abordar eficazmente a problemática da indisciplina.

É nossa convicção e em consonância com o afirmado por Azevedo (2003: 55) que “não são os decretos que mudam as relações e os poderes estabelecidos nem alteram os corações humanos e as suas atitudes. Eles podem apoiar melhorias mas as melhorias têm de consistir em dinâmicas sociais concretas, que implicam pessoas concretas e órgãos precisos dentro das organizações”.

Tendo presente que a escola é um local de múltiplas interacções e relações que se afiguram complexas, tornou-se imprescindível conhecer as estratégias que são postas em prática pela directora e avaliar a sua eficácia na perspectiva dos restantes intervenientes, bem como avaliar a articulação estabelecida com as lideranças intermédias.

Neste âmbito, e como já apresentado anteriormente neste trabalho (Ver ponto 4.3.7), através da informação recolhida nos vários documentos e pelos questionários e entrevistas, constatámos que a resolução das questões da indisciplina é delegada pela directora da escola no subdirector. Embora se possa tratar de uma delegação de competências legítima e aceitável, se este facto implicar que uma divisão de actividades e responsabilidades de forma a centrar a acção da directora sobretudo nos aspectos administrativos, na estrita interpretação das responsabilidades legais, descurando a efectiva liderança, isso significará que muitos dos comportamentos de indisciplina passarão total ou parcialmente fora do seu conhecimento e, principalmente, da sua intervenção. Neste caso, pode considerar-se que existe realmente uma liderança, reconhecida pelos professores e directoras de turma? E ainda, se considerarmos que a delegação de competências relativamente à gestão dos episódios de indisciplina fazem parte da acção de liderança, será esta profícua? Terá efeitos positivos e reconhecidos pela comunidade escolar?

Em consonância, estas perguntas são sublinhadas implicitamente na avaliação feita pelas directoras de turma à acção da directora e já sintetizados na Tabela 12. Aí se constata que nenhuma directora de turma considera a acção da directora como muito eficaz e duas avaliam-na como sendo ineficaz. Acresce que no ponto 4.3.7 e no Anexo XIII deste trabalho, se verifica que várias directoras de turma tecem sérias críticas à acção da directora, nomeadamente quando é referido que “*é muito branda, é uma questão de autoridade*”. Como igualmente transcrevemos da entrevista 10, é declarado que é desejável que a acção da directora vá para além das funções administrativas porquanto é considerado que “*a direcção é um dos elementos que eu acho que também tem que se envolver em todas as situações de indisciplina*”.

Em congruência com o princípio de que a função de direcção ultrapassa a mera função burocrática, a mesma directora de turma declara que *“deveria ter um papel mais interventivo, tomar o pulso à escola, ter mais vivência do dia-a-dia, sair mais do gabinete para ter melhor conhecimento do que se passa na escola”*, acrescentando que *“praticamente a função dela dilui-se no meio da restante equipa”*.

Segundo as declarações de outra directora de turma, (entrevista 4) quando questionada sobre a razão de ser o subdirector a tratar das situações de indisciplina, respondeu *“será a tradição, o facto de ser calmo...ele dedica-se mais a resolver este tipo de problemas. A directora tem outro tipo de tarefas, produzir documentos, etc”*.

Colocada a mesma questão no decorrer da entrevista 2, a resposta foi *“não sei se é mesmo ele que está com a alçada desses assuntos ou se está sob a alçada dela. Agora, talvez também seja por ele ser um homem...Talvez por ele ser homem esteja mais à vontade”*.

Idêntica resposta obtivemos na entrevista 6, dizendo, *“mas é a directora, claro, que assina os papéis e que toma a decisão final, não é ele. Nós dirigimo-nos mais a ele porque ele anda sempre por aí, ele conhece os miúdos todos, se eu falar do fulano tal, ele sabe quem é. Conhece as famílias, ele vai a casa das famílias mais problemáticas porque ele é de cá e conhece bem o meio”*.

Solicitado à directora de turma na entrevista 10 que comentasse a acção da directora, respondeu, *“penso que deveria haver uma atitude de mais firmeza, de mais intervenção, de mais acção. E talvez também agir mais com os encarregados de educação”*.

Note-se ainda que na entrevista 2 (o que se nos afigura estranho), se constata que a directora de turma não está certa de quem trata das questões disciplinares mas coloca a hipótese de que, *“a ser ele, será pelo facto de ser homem...”* E na entrevista 6 é referido que no final das acções do subdirector, a directora *“assina os papéis”*.

Face a estas declarações é possível questionar se a acção da directora da escola poderá ser encarada como uma verdadeira liderança, já que parece focalizar a sua acção sobretudo nas questões administrativas e negligenciar o seu papel na intervenção de um dos mais relevantes fenómenos do contexto escolar (o seu papel na abordagem à indisciplina passa despercebido mesmo a um director de turma), como amplamente referido neste trabalho. Ora, não podemos considerar que exista uma liderança activa, visível e eficaz quando os supostos liderados - directoras de turma - não reconhecem essa liderança.

Em contraponto, se tomarmos como referência o relatório da avaliação externa da equipa da IGE, a liderança da escola foi avaliada com Muito Bom. Verifica-se, de facto, uma discrepância entre esta avaliação e a realizada pelas directoras de turma. Contudo, se estiver subjacente a esta avaliação da IGE que ser líder é estritamente cumprir uma função de gestão administrativa e dar cumprimento aos normativos legais, então estará justificada a avaliação, tão díspar daquela realizada pelas directoras de turma.

Na nossa perspectiva e em acordo com autores como Bennis e Nanus (1985), é significativamente diferente a função de ser gestor ou líder, sendo por exemplo, que ao líder cabe inovar, ser original, criar, questionar-se e questionar os outros, inspirar confiança, orientar-se para fins e não para resultados, pensar a longo prazo e centrar-se nas pessoas; ao gestor caberia administrar, gerir assuntos correntes, dirigir, orientar-se para resultados e não para fins, pensar a curto prazo e centrar-se nos sistemas e estruturas formais. No mesmo sentido, Azevedo (2003: 55) afirma que mais do que uma acção pautada pelo cumprimento de normativos, “são os objectivos definidos de modo participado, são os planos de melhoria estabelecidos e executados, com eficácia e eficiência, é a determinação no caminho a seguir e a persistência na rota acordada, é a avaliação e a correcção das trajectórias, é a gestão eticamente fundada e a liderança eficiente, é um adequado e eficaz apoio da administração educacional, é isso que pode ajudar a mudar uma escola, cada escola concreta.”

No sentido referido por estes autores e considerando as valorações das directoras de turma, afigura-se-nos difícil significar a acção desta directora como sendo de efectiva liderança.

A todas as directoras de turma perguntámos se na escola estavam definidas estratégias e medidas específicas para responder aos alunos que incorrem em recorrentes episódios de indisciplina e para os respectivos encarregados de educação. Todas responderam que não. Uma directora de turma (entrevista 6) declarou mesmo que numa ocasião em que realizou reunião geral de pais para tratar de questões disciplinares, “*nenhum membro da direcção esteve presente, nem sendo convidados estiveram...e acho que aí falham*”. Na entrevista 5, a directora de turma declarou que “*sei que os pais desses miúdos que têm casos de indisciplina que são muitas vezes chamados, muitas vezes à direcção, já houve casos em se participou à Comissão de Protecção de Menores*” e por esse facto, considerou que a acção “*portanto é diferenciada*”.

No decorrer da entrevista 8, questionámos a directora de turma se tinha acções estipuladas para os alunos mais indisciplinados. A resposta foi “*não. Mas tento chamar os*

pais, tentar que acompanhem mais os filhos". Nas restantes entrevistas foi obtida a mesma resposta.

No que se refere às estratégias implementadas pela directora para lidar com a indisciplina e segundo as declarações da própria, a sua abordagem preferencial é o "diálogo com o aluno".

Face a este manancial de informações, conclui-se que a directora da escola e as directoras de turma encaram o diálogo com os alunos e respectivos encarregados de educação como as únicas estratégias exequíveis para lidar com a indisciplina, ainda que reconheçam que não surtem os efeitos desejados, imputando aos encarregados de educação a total responsabilidade pelo comportamento dos alunos no contexto escolar.

Considerando que a directora assume a prevenção da indisciplina como parte importante do seu projecto de intervenção, está integrada no Projecto Educativo da Escola e é assumida como uma preocupação relevante, torna-se difícil estabelecer a coerência do edifício de práticas e estratégias que são utilizados nesta escola para promover a disciplina/agir sobre a indisciplina.

No que se refere à perspectiva dos alunos sobre a indisciplina, e fazendo uma análise das informações obtidas nos questionários aplicados aos alunos, apresentados no Capítulo 4 deste trabalho, constata-se que a maioria declara gostar dos professores, das disciplinas, das actividades, do que aprende, da turma, da directora de turma, dos colegas, sente-se bem na escola e considera a escola agradável. Existe, portanto, uma satisfação conclusiva sobre a frequência da escola. Contudo, tal não funciona como travão para a emergência de comportamentos de indisciplina nem para a ocorrência de situações de retenção - 25% teve já uma retenção.

Sobre as causas da indisciplina, verifica-se que 60% considera que a má influência dos colegas contribui para que haja indisciplina e 57% acha que os comportamentos de indisciplina são para chamar à atenção, mas reconhecem que a responsabilidade da indisciplina é deles (80%), sendo que 32% já teve uma participação disciplinar e já foi chamado à directora da escola por causa de comportamentos de indisciplina.

Constata-se ainda pela análise dos questionários que são os comportamentos repetitivos, inapropriados, moralmente desadequados, de incumprimento das regras, que são mais frequentes nas salas de aula. Não são comportamentos graves mas repetitivos e de gravidade menor. Contudo, não é possível ignorar a declaração de uma directora de turma que refere que um aluno tentou bater-lhe durante uma aula.

Talvez por ser um caso de grande gravidade mas isolado e de todos os restantes comportamentos serem de menor gravidade, as directoras de turma avaliam o nível de disciplina na escola como sendo maioritariamente satisfatório, ao contrário do que se poderia pensar numa análise superficial. Idêntica apreciação é feita quando se solicita às directoras de turma que façam a avaliação da disciplina na sua turma, em que 63% refere ser satisfatória.

Ainda no que se refere às estratégias utilizadas pelas directoras de turma para responderem aos desafios colocados pelos episódios de indisciplina, e como se pode verificar no Gráfico 13, há uma divisão acentuada entre uma avaliação satisfatória e pouco satisfatória das directoras de turma face à eficácia das medidas do Regulamento Interno da Escola. Como pode constatar-se pela leitura da Tabela 10 deste trabalho, a totalidade das directoras de turma considera a medida “Apelo a maior colaboração dos pais” como necessária para promover a disciplina, logo seguida com 85% das respondentes, da “Acção educativa focada na compreensão dos problemas emocionais dos alunos”. Acresce que apenas 21% dos inquiridos considerou profícua a medida “Participação dos alunos na elaboração do Regulamento Interno” bem como a medida “Responsabilização dos docentes e dos alunos”. De facto, constatámos que dos alunos participantes, apenas 12% declarou que participou na elaboração do Regulamento Interno e o presidente da APEE declarou que o conhece pois é enviado pelos directores de turma no início do ano mas não foi chamado a participar na sua elaboração.

Sendo este um documento estruturante e o meio privilegiado de clarificação das regras no seio da escola, não deveria merecer uma acção de mais amplo debate, participação e divulgação? Apurámos pelos questionários que se afigura que os alunos não conhecem as regras pois 88% declara que não conhece o Regulamento Interno da Escola. Assim sendo, revela-se pertinente salientar que o desconhecimento das normas e regras contidas neste documento poderá contribuir para a emergência de comportamentos de indisciplina, dado que parece não existir uma clarificação das expectativas relativamente aos comportamentos dos alunos.

Pelo que nos foi dado apurar, a participação dos pais na vida escolar é razoável, sendo que 66% deles foi até três vezes à escola no ano lectivo transacto, logo seguido de 18% que foi entre três e seis vezes.

Não pretendemos retirar a quota-parte de responsabilidade que é imputável aos encarregados de educação pelo parco acompanhamento que frequentemente dispensam aos seus educandos e pela ausência de transmissão de valores como o respeito e a participação cívica. Mas parece-nos de primordial importância perceber que os

comportamentos de indisciplina referenciados na escola estão a ocorrer num contexto distinto do familiar, muito mais complexo e onde os alunos se vêem sujeitos a vários condicionamentos (e.g., é necessário aprender, é necessário estar quieto, estar concentrado, esperar para falar, executar as tarefas, cumprir o horário; os programas curriculares por vezes não promovem interesse; a normal e pontual desmotivação de alguns professores; os alunos estão numa fase de transformação acelerada e a todos os níveis complexa; a relação de autoridade com os professores é questionada pelo adolescente que procura o seu papel enquanto indivíduo activo e que interpela a procura do seu lugar na turma, nos grupos, dentro de si mesmo).

Face à análise de todas as informações que nos foi possível recolher, concluímos que uma parte muito significativa dos participantes no estudo encara a indisciplina que se verifica na escola como uma inevitabilidade que “vem de casa”. Esta é, porventura, uma das formas dos actores escolares criarem inteligibilidade não apenas do fenómeno da indisciplina mas também da dificuldade que se lhes é colocada na sua prevenção e resolução. De facto, os indivíduos em posições de liderança - directora e directoras de turma - apresentam soluções que incidem apenas num diálogo paternalista, tão frequentemente utilizado para reparar as “falhas” educativas que os alunos “trazem” de casa.

Isto é, reconhecido que o problema da indisciplina jaz na falta de discernimento dos pais para educarem os seus filhos, a escola força-se a assumir uma posição que implicitamente parece pretender resolver esse dano, mas não articulando uma matriz que analise os comportamentos de indisciplina no âmbito do contexto específico e irrepetível que é caracterizado pela escola Alfa.

Por outro lado, a reflexão sobre o que é a liderança da directora da escola, significada pelos actores referidos numa zona difusa em que se destacam a forma (o diálogo como instrumento); posição na intervenção (necessidade de afirmar a autoridade); e relação com os liderados (frágil devido à substantiva irrelevância na acção sobre a indisciplina, assumida pelo subdirector), é particularmente premente. De facto, as informações obtidas apontam para a percepção de uma liderança frágil, sem uma estratégia distinta e motivadora, centrada na resolução desintegrada dos fenómenos de indisciplina, em que as causas e as soluções são depositadas na família.

A liderança da directora da escola parece, neste sentido, estar condicionada por vários factores, não só ao nível da fundamentação legal, conceptual e prática da função que a própria faz, mas também pelas expectativas dos professores e directoras de turma relativamente à acção da directora. Esta relação imbricada de expectativas parece criar

desorganização e desintegração da percepção de um caminho que guiaria a abordagem da escola relativamente à indisciplina. As divisões e insatisfações evidenciadas aparentam, neste sentido, resultar da ausência de uma matriz clara de missão, visão e estratégia que pudesse angariar os liderados para um objectivo comum.

Estávamos cientes das limitações do nosso trabalho e certos de que ele não nos proporcionaria generalizações extrapoláveis para outras realidades. Contudo, esperamos que este estudo possa suscitar investigações complementares noutras comunidades escolares acerca da acção do líder na importante e inalienável tarefa de responder aos desafios que a indisciplina coloca actualmente.

Bibliografia

Afonso, A., Amado, J., & Jesus, S. (1999). *Sentido da escolaridade, indisciplina e stress dos professores*. Colecção cadernos do CRIAP. Porto: Asa Editores.

Alves, M. (2000). *O Primeiro de todos os ofícios*. Colecção cadernos do CRIAP. Porto: Asa Editores.

Alves, J., Campos, P., Jesus, S., & Alaiz, V. (2000). *Trabalho em equipa e gestão escolar*. Colecção cadernos do CRIAP. Porto: Edições Asa.

Amado, J. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições Asa.

Ambrósio, T., Terrén, E., Hameline, D., & Barroso, J. (2001). *O Século da Escola, entre a utopia e a burocracia*. Actas das Conferências do Curso de Verão. Porto: Edições ASA.

Antonakis, J., & House, R. J. (2002). An analysis of the full-range leadership theory: The way forward. In B. J. Avolio & F. J. Yammarino (Eds.) *Transformational and charismatic Leadership: The road ahead*, (pp. 3-33). Amsterdam: Elsevier Science/JAI.

António, A. S. (2004). *O outro lado do espelho*. Porto: Edições Asa.

Armstrong, M. (2006). *A Handbook of Human Resource Management Practice* (10ª ed.). London: Kogan Page.

Autoridade, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2010, <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=autoridade> [consultado em 28-04-2011].

Azevedo, J. (2003). *Cartas aos Directores das Escolas*. Porto: Edições Asa.

Azevedo, J. (2006). Processos de melhoria gradual das escolas e papel das assessorias. *Comunicação ao IV Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar*. Universidade de Aveiro.

Barreto, A. (2009). *Liderança Transformacional na escola, estudo de caso sobre um presidente de um agrupamento*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Bass, B. M. (1985). *Leadership and performance beyond expectation*. New York: Free Press.

Bass, B. M. (1990). From transactional to transformational leadership: Learning to share the vision. *Organizational Dynamics*, 19-31.

Batista, B. (2006). *A liderança feminina nos cargos de gestão escolar: um estudo sobre as percepções dos professores*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Bennis, W., & Nanus, B. (1985). *Leaders*. New York: Harper and Row.

Bertrand, Y., & Valois, P. (1994). *Paradigmas Educacionais*. Lisboa: Instituto Piaget.

Bexiga, F. (2009). *Lideranças nas organizações Escolares*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Bogdan, R., & Biklen S. (1994) – *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (1ª ed.). Lisboa: Porto Editora.

Bolivar, A. (2003). *Como melhorar as escolas*. Porto: Edições Asa.

Bono, J. E., & Judge, T. A. (2004). Personality and Transformational and Transactional Leadership: A Meta Analysis, *Journal of Applied Psychology* 89, 901–910.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Burns, J. M. (1979). *Leadership*. New York: Harper Torch.

Carita, A., & Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula - como prevenir? Como remediar?* Lisboa: Editorial Presença.

Castanheira, P., & Costa, J. A. (2007). Lideranças Transformacional, Transaccional e Laissez-faire: Um Estudo exploratório sobre os Gestores Escolares com Base no MLQ. In Maria S. J. e Carlos N. F. (org.). *A Escola Sobe Suspeita*. Porto: ASA.

Chade, Colin (1992). *Gestor como líder*. Lisboa, Gradiva .

Chapman, C., & Harris, A. (2002). *Effective Leadership in Schools: facing challenging circumstances*. Nottingham: National College for School Leadership.

Cohen. L., & Cohen. H. (1987). *Disruptive Behaviour*. London: Harper & Row.

Cortesão, L. (2000). *Escola, Sociedade: Que relação?* (3º ed.). Porto: Edições Afrontamento.

Costa, J. A. (1991). *Organização e Administração Escolar*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Costa, J. A. (1999). *Gestão Escolar, Participação, Autonomia, Projecto Educativo da Escola*. Lisboa: Texto Editora.

Costa, J. A. (2000). Liderança nas Organizações: revisitando teorias organizacionais num olhar cruzado sobre as escolas. In Jorge Adelino C., António Neto- Mendes e Alexandre Ventura (org.). *Liderança e Estratégia nas Organizações Escolares – Actas do 1º Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar* . Aveiro: Universidade de Aveiro.

Costa, J. A. (2003). *Imagens Organizacionais da Escola* (3ª ed.). Porto: Edições Asa.

Curto, P. M. (1998). *A escola e a indisciplina*: Porto: Porto Editora.

Davies, D. Marques, R., & Silva, P. (1993). *Os Professores e as famílias, a colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.

Dumdum, U. R., Lowe, K. B., & Avolio, B. J. (2002). A meta-analysis of transformational and transactional leadership correlates of effectiveness and satisfaction: An update and

extension. In B.J.Avolio & F. J. Yammarino (Eds.), *Transformational and charismatic leadership: the road ahead*. Amsterdam: JAI.

Durkheim, É. (2001). *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70.

Eagly, A. H., M. C. Johannesen-Schmidt, & M. L. van Engen (2003). Transformational Leadership, Transactional and Laissez-Faire Leadership Styles: A Meta Analysis Comparing Women and Men, *Psychological Bulletin*, 129, 569–591.

Estevão, C. (2004). *Educação, Justiça e Autonomia*. Coleção cadernos do CRIAP. Porto: Edições Asa.

Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.

Estrela, M. T. (1994). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula* (3ª ed.). Porto: Porto Editora.

Fullan, M. (2003). *Liderar Numa Cultura de Mudança*. Porto: ASA.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Guerra.

Gomes, C. A. (2009). Poder, autoridade e liderança institucional na escola e na sala de aula: perspectivas sociológicas clássicas, *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, vol.17, n.63, 235-262.

Gomes, C. A. (2010). *Cidadania, Civismo e Indisciplina: Investigação numa escola Portuguesa*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Guerra, M. (2005). *Aprender a conviver na escola*. Porto: Edições Asa

Halstead, J. M., & Xiao, J. (2009). Maintaining the balance: teacher control and pupil disruptions in the classroom, *Cypriot Journal of Educational Sciences*, 4 (3),142-156.

Harris, N. (2002). The legislative response to indiscipline in schools in England and Wales, *Education and the Law*, vol. 14, nº. 1-2.

Harris, A., & Chapman, C. (2002). *Effective Leadership in Schools Facing Challenging Circumstances*. Nottingham: National College of School Leadership.

Heitor, M.I.P. (2006). Liderança, Inteligência Emocional, e organizações com desempenho elevados: Que relações? in Gomes, J.F.S, Pina e Cunha, M., & Rego, A. (Eds.). (2006). *Comportamento Organizacional e Gestão: 21 Temas e Debates para o Século XXI* (p. 135-148). Lisboa: Editora RH, Lda.

Hill, M., & Hill, F. (1994). *Creative Safe School- What principals can do*. California: Corvin Press.

Hill, M., & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Indisciplina, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2010, <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=indisciplina> [consultado em 28-04-2011].

Jesus, S. (1996). *Influência dos professor sobre os alunos*. Colecção Cadernos CRIAP. Porto: Edições ASA.

Jesus, S. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?* Colecção Cadernos do CRIAP. Porto: Edições ASA.

Jesus, S., & Afonso, A., (1999). *Sentido da escolaridade, indisciplina e stress nos professores*. Porto: ASA.

Jesuíno, J.C., Pereira, O. G., & Reto, L. (1989). *Caracterização e Factores de Êxito da Liderança em Portugal*. Relatório de Investigação. Lisboa: ISCTE/IEFP.

Justino, D. (2010). *Difícil é educá-los*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Leithwood, K., Jantzi, D., & Fernandez, A. (1994). Transformational leadership and teachers' commitment to change. In J. Murphy & K. Louis (Eds.), *Reshaping the principalship*. Corwin Press.

Leithwood, K., Aitken, R., & Jantzi, D. (2006). *Making schools smarter: leading with evidence* (3ª ed.). California: Corwin Press.

Lima, L. (1992) *A Escola como organização e a participação escolar*. Braga: Universidade do Minho, Instituto da Educação.

Lima, Licínio (1995). *Reformar a administração escolar: a recentralização por controlo remoto e a autonomia como delegação política*. Revista Portuguesa da Educação, vol. 8, n.º 1.

Lima, L., & Manuel, T. (2011). *A Educação da República*. Braga: Profedições Lda.

Lopes, A. (2001). *Mal-estar na docência? Visões, razões e soluções*. Porto: Edições Asa.

Lopes, A. (2001). *Professoras e identidade*. Coleção cadernos do CRIAP. Porto: Edições Asa.

Loureiro, C. (2001). *A Docência como profissão*. Porto: Edições ASA.

Ludke, Menga e André, Marli (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. S. Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Maya, M. J. (2002). *A autoridade do Professor – o que pensam alunos, pais e Professores*. Lisboa: Texto Editora.

Mazer, J. P., Murphy, R. E., & Simonds, C. J. (2007). I'll see you on "Facebook": The effects of computer-mediated teacher self-disclosure on student motivation, affective learning, and classroom climate. *Communication Education*, 56, 1-17.

Morgado, M. (2010). *Autoridade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Neto-Mendes, A. (2004). Escola Pública. “Gestão Democrática” e Colegialidade e Individualismos. *Revista Portuguesa de Educação*, Vol. 17, nº 2, p.115-131.

Neto-Mendes, A. (2002). Um olhar sociológico sobre a violência. In A. Pedro e H. Pedro (Org.), *A Violência na Escola* (pp. 23-40). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Neves, J. (2001). O processo de liderança. In J.M.C Neves, J. Neves e A. Caetano (Eds.), *Manual de psicossociologia das organizações* (pp. 377-403). Lisboa: McGraw-Hill.

Ofsted (2000). *Improving city schools*. London: Office for Standards in Education.

Pacheco, J. A. (2006). Um Olhar sobre o Processo de Investigação. In Jorge A. Lima e José A. P. (orgs.). *Fazer Investigação – Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 13-28). Porto: Porto Editora.

Pardal, L. A. (2005). *A educação, a escola e a estratificação social: elementos de análise sociológica*. Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação, 4ª Edição.

Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Pawar, B., & Eastman, K. (1997). *The Nature and Implications of Contextual Influences on Transformational Leadership: a conceptual examination*, *Academy of Management Review*, 22, 1, 80-109.

Pereira, M.G., & Pires, S. S. (1999). Experiência escolar e julgamentos sobre autoridade. *Análise Psicológica*, 1, vol.18, pp. 97-109.

Poblete, G. Z., & Rodriguez, A. M. Z. (2009). Sentido de la Autoridad pedagógica actual: una mirada desde las experiencias docentes. *Estudios pedagógicos*, vol.35, n.1, pp. 171-180.

Pont, B., D. Nusche, & H. Moorman (2008). *Improving School Leadership, Volume 1: Policy and Practice*. Paris: OECD.

Pont, B., D. Nusche, & D. Hopkins (2008). *Improving School Leadership, Volume 2: Case Studies on System Leadership*. Paris: OECD.

Quivy, r. & Campenhoudt, I. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2.^a ed). Lisboa: Gradiva.

Rego, A. (1998). *Liderança nas Organizações – Teoria e Prática*. Universidade de Aveiro.

Renca, A.(2008). *A Indisciplina na Sala de Aula: Percepções de Alunos e Professores*. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro.

Sampaio, D. (1996). *Indisciplina: um signo geracional?* Lisboa. Instituto De Inovação Educacional.

Santos, F., & Veiga, F. H. (2007). A gravidade da violência e da indisciplina escolar dos alunos percebida por pais e encarregados de educação. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte da Silva & L. Almeida (Eds.), *Livro de Actas do IX Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 75-83). A. Coruña, Universidad da Coruña: Revista Galego Portuguesa de Psicoloxía e Educación.

Santos Guerra, Miguel Ángel (2002a). *Entre bastidores. O lado oculto da organização escolar*. Porto: Edições ASA.

Sergiovanni, T. (2004). *O Mundo da Liderança*. Porto: Edições ASA.

Sergiovanni, T. (2004). *Novos Caminhos para a liderança escolar*. Porto: Edições Asa.

Silva, M., (1994). *Controlo Disciplinar na Sala de Aula: Implicações no processo ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Spillane, J., Hallett, T., & Diamond, J. (2003). Forms of Capital and the Construction of Leadership: Instructional Leadership in Urban Elementary Schools, *Sociology of Education*, 76, 1-17.

Stolp, S., & Stuart, S. (1994). *School Culture and Climate: The Role of the Leader*. OSSC Bulletin. Eugene: Oregon School Study Council.

Skiba, R., Boone, K., Fontanini, A., Wu, T., Strussell, A., & Peterson, R. (s.d.). *Preventing School Violence: A Practical Guide to Comprehensive Planning*. Bloomington: Indiana Education Policy Center.

Teixeira, M. (1995). *O Professor e a Escola: perspectivas Organizacionais*. Lisboa: McGraw-Hill.

Tennant, G. (2004). Nobody wants it so why is it there? Towards an understanding of low-level disruption. *Education*, 3-13, 32(3), 51-8.

Tepper, B. J., Brown, S. J., & Hunt, M. D. (1993). Strength of subordinates' upward influence tactics and gender congruency effects. *Journal of Applied Social Psychology*, 23, 1903-1919.

Tichy, N., & Devanna, M. (1986). *The Transformational Leader*. New York: John Wiley & Sons.

Trigo-Santos, F. (1997). As mulheres e a liderança educacional. In A. Luís, J. Barroso e J. Pinhal (Org). *A Administração da Educação: Investigação, Formação e Práticas* (Actas do Congresso do Fórum Português de Administração Educacional). Lisboa.

Vale, d., Costa, e. (1994). "A violência nos jovens contextualizada nas escolas". *Inovação*, Vol. 7, nº 3.

Van Velzen, W., Miles, M., Elholm, M., Hameyer, U., & Robin, D. (1985). *Making school improvement work*. Leuven Belgium: ACCO.

Veiga, F. H. (2001). *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.

Ventura, A., Costa, J. A., Neto-Mendes, A., & Castanheira, P. (2005). Perceptions of Leadership – a study from two Portuguese schools. *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación* – REICE, vol. 3, nº 1, 120-130.

Ventura, A., Castanheira, P., & Costa, J. A. (2006). Gestão das Escolas em Portugal. REICE - Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, Vol. 4, No. 4, 120-128.

Weber, M. (1979). *Ensaio de Sociologia* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

West, M., Jackson, D., Harris, A., & Hopkins, D. (2000). Leadership for school improvement. in K. Riley & K. Seashore-Louis (eds.) *Leadership for change*. London: Routledge (p. 35-47).

Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Zaleznik, A. (1989). *The Managerial Mystique: Restoring Leadership in Business*. New York: Harper & Row.

Referências legislativas/Legislação

DL n.º 39/2010 de 2 de Setembro: segunda alteração ao Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pela Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro, e alterado pela Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro (2010).

DL n.º 75/2008, de 22 de Abril de 2008.

Governo de Portugal. (2010). *Estatuto do Aluno*. Acesso no dia 28 de Março, 2011, de http://www.governo.gov.pt/pt/GC18/Governo/Ministerios/MEd/Documentos/Pages/201009_07_ME_Doc_Estatuto_Aluno.aspx Portaria n.º 921/92 - Competências do director de turma Portari921/92 - Competências do director de turma.

Governo de Portugal. (2010). *Estatuto do Aluno*. Acesso no dia 28 de Março, 2011, de http://www.governo.gov.pt/pt/GC18/Governo/Ministerios/MEd/Documentos/Pages/20100907_ME_Doc_Estatuto_Aluno.aspx

Parecer nº 3/2002 do CNE (Conselho Nacional de Educação)

Ministério da Administração Interna. (2010). *Relatório Anual de Segurança Interna 2010*. Acesso no dia 6 de Maio, 2011, de http://www.mai.gov.pt/data/documentos/Relatorios%20Seguranca%20Interna/Relatorio20Anual%20de%20Seguranca%20Interna%202010_vf.pdf

Ministério da Administração Interna e Ministério da Educação. (s.d.). *Escola Segura: Relatório Anual Ano Lectivo 2008/2009*. Acesso no dia 6 de Maio, 2011, de http://www.min-edu.pt/data/seguranca_escolas/relatorio_escolaSegura_2008_2009.pdf

Anexos

Anexo I - Documento de contacto com a escola solicitando autorização para a realização do estudo

Anexo II - Guião de entrevista à directora

Anexo III - Regulamento Interno da Escola

Anexo IV - Projecto Educativo da Escola

Anexo V- Decreto-Lei 75/2008

Anexo VI - Documento solicitando autorização aos encarregados de educação para aplicar questionários aos alunos

Anexo IIIII - Guião de entrevista aos directores de turma

Anexo IVIII - Modelo de questionário a aplicar aos directores de turma

Anexo IX- Modelo de questionário a aplicar aos alunos

Anexo X- Guião de entrevista a realizar ao coordenador dos assistentes operacionais

Anexo XI- Guião de entrevista a realizar ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Anexo XII- Transcrição da entrevista realizada à directora da escola

Anexo XIII - Transcrição das entrevistas realizadas às directoras de turma

Anexo XIV - Transcrição da entrevista realizada ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Anexo XV - Transcrição da entrevista realizada à coordenadora dos assistentes operacionais

Anexo XVI- Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados às directoras de turma (apresentados em suporte digital)

Anexo XVII- Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados aos alunos (em suporte digital)

Anexo I - Documento de contacto com a escola, solicitando autorização para a realização do estudo



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

O documento que a seguir se apresenta foi acompanhado por uma declaração do professor da Universidade de Aveiro, orientador deste trabalho de dissertação.

Exma Sra. Directora do Agrupamento de Escolas,

Eu, Filomena Maria Pinto Almeida, professora e aluna do Curso de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Administração e Políticas Educativas, da Universidade de Aveiro, venho por este meio solicitar a V^a Exa. autorização/colaboração para a realização de um estudo nesse Agrupamento de Escolas, no âmbito da elaboração da Dissertação de Mestrado, sob o tema "Indisciplina dos alunos: Formas de encarar e lidar" (título provisório), sob a orientação do Professor Doutor Jorge Adelino Costa.

No âmbito deste estudo, se for deferido este pedido, será aplicado um questionário a alguns docentes (sobretudo directores de turma), a alguns alunos, à directora da escola e serão também consultados alguns documentos como o Regulamento Interno e o Projecto Educativo.

Desde já, agradeço a disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

A professora,
Filomena Almeida

Anexo II – Guião de entrevista à directora da escola



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

Objectivos

Conhecer a percepção da directora relativamente à indisciplina;
Conhecer os objectivos da sua acção na escola, relativamente à indisciplina;
Averiguar que estratégias define e aplica para fazer face à indisciplina;
Conhecer que agentes envolve e de que forma, para fazer face à indisciplina na escola;
Conhecer a sua opinião sobre os normativos legais.

Questões:

- 1- Na sua perspectiva, o que configura um episódio de indisciplina?
- 2- Dê-me alguns exemplos de situações de indisciplina.
- 3- A indisciplina dos alunos fazia parte do seu Projecto de Intervenção?
- 4- No dia-a-dia, a indisciplina dos alunos é uma preocupação para si? Se sim, em que medida?
- 5- Como age face aos episódios de indisciplina?
- 6- Através de que canais de comunicação é que estas situações chegam ao seu conhecimento?
- 7- Que métodos considera serem mais eficazes em termos de prevenção e de resposta ao problema? E quais os menos eficazes?
- 8- Face à indisciplina, o que gostaria de concretizar mas não consegue? Porquê?
- 9- Consegue perceber a relação entre a indisciplina, a dinâmica familiar, a educação e outros factores sociais como o desemprego?
- 10- Considera que o actual Estatuto do Aluno regulamenta convenientemente as respostas à indisciplina?
- 11- Como envolve outros agentes (directores de turma, professores, pais) face à indisciplina?
- 12- Numa abordagem mais lata, na sua opinião, que intervenientes deveriam agir para lidar/atenuar com a indisciplina?

13- De que forma sugere actuações dos AAE face à indisciplina? Estão eles coordenados com a postura da directora e as suas orientações e o EA?

14-Quais são os factores inibidores que existem na escola e que contribuem para o controlo do número de casos de indisciplina?

15- Quais os factores potenciadores de indisciplina já identificados pela escola?

16- A disciplina constitui meta do Projecto Educativo do seu agrupamento? Como?

Anexo III - Regulamento Interno da Escola

(consultado no sítio da escola, na Internet, em Outubro de 2010)



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em **Administração e Políticas Educativas**

Dada a dimensão do documento, optámos por transcrever apenas capítulos e artigos que se relacionam directamente com a temática em estudo, razão pela qual a ordem das alíneas pode não ser sequencial.

No artigo 4º do Regulamento Interno, dos Princípios orientadores e Objectivos, na alínea c) “Assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional”; e na alínea d) pode ler-se: “cumprir e fazer cumprir os direitos e os deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina.

No artigo 18º do Regulamento Interno (Competências do director) pode ler-se na alínea d) “Exercer o poder disciplinar em relação aos alunos”;

No ponto 7 pode ler-se: “O Director pode delegar e subdelegar no subdirector e nos adjuntos as competências referidas nos números anteriores”.

No mesmo documento, na página 79 e seguintes, Secção III, artigo 201º, são especificados como deveres dos alunos, o que de seguida se transcreve:

1. São deveres dos Alunos:

- a) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral;
- b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das actividades escolares;
- c) Seguir as orientações dos Professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem;
- d) Tratar com respeito e correcção qualquer membro da comunidade educativa;
- e) Guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa;
- f) Respeitar as instruções dos Professores e do Pessoal Não Docente;

- g) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na Escola;
- i) Respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa;
- j) Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e psicológica dos mesmos;
- k) Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didáctico, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correcto dos mesmos;
- l) Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;
- o) Conhecer e cumprir o estatuto do aluno, as normas de funcionamento dos serviços da escola que frequenta e o Regulamento Interno do Agrupamento, subscrevendo declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral;
- p) Não possuir e não consumir substâncias aditivas, em especial tabaco, drogas e bebidas alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;
- q) Não transportar quaisquer materiais, equipamentos tecnológicos, instrumentos ou engenhos, passíveis de objectivamente perturbarem o normal funcionamento das actividades lectivas ou poderem causar danos físicos ou psicológicos aos outros alunos ou a terceiros;
- r) Não utilizar telemóvel no decurso das actividades lectivas, mantendo-o na mochila e em silêncio ou desligado; em caso de incumprimento incorre em procedimento disciplinar;
- s) Respeitar a autoridade do professor;
- t) Utilizar indevidamente quaisquer equipamentos tecnológicos no recinto escolar é passível de sanção disciplinar;
- u) Trazer diariamente o cartão magnético e garantir a sua posse em perfeitas condições de conservação;
- v) Manter o Encarregado de Educação informado do seu percurso escolar e solicitar que assine as comunicações feitas na caderneta e os testes;

2. Especificamente no âmbito da sala de aula constituem deveres do Aluno:

- a) Comparecer pontualmente às aulas. Na escola sede, deve dirigir-se para a porta exterior da sala de aula. Quando chover, deverá permanecer na entrada principal do bloco e aguardar, com serenidade, a chegada do Professor;

- b) Entrar de forma calma e ordeira na sala de aula, sem boné na cabeça;
- c) Justificar a sua demora, perante o professor, caso chegue atrasado;
- d) Cumprir regras de conduta exemplar dentro da sala de aula, sem esquecer o devido respeito pelos colegas e professores;
- e) Manter a postura adequada ao espaço e actividades em desenvolvimento;
- f) Aguardar a sua vez para tomar a palavra;
- g) Respeitar a opinião dos outros;
- ⁴g) Não comer;
- h) Não mascar pastilhas elásticas;
- i) Cumprir as regras de utilização do material didáctico ou outro, determinadas pelo professor. Os estragos causados propositadamente ou por desleixo/negligência obrigarão ao pagamento da despesa necessária aos consertos, podendo o responsável ficar sujeito a acção disciplinar;
- j) Cumprir as normas de higiene que conduzam às melhores condições de trabalho e bem-estar físico e psíquico;
- k) Solicitar a autorização do professor sempre que necessite de se ausentar da sala de aula;
- l) Manter a devida ordem e não perturbar outros trabalhos e actividades, mesmo quando abandonar a sala de aula com a autorização do professor;
- m) Não permanecer nas salas de aula durante os intervalos, excepto quando acompanhado pelo professor ou com a presença de outro profissional.

3. Especificamente no âmbito do uso de espaços comuns, interiores ou exteriores, constituem deveres do Aluno:

- a) Utilizar unicamente o portão principal e as regras estabelecidas para sair e entrar na Escola;
- b) Não saltar ou danificar a vedação da escola;
- c) Não participar em actividades que possam causar danos físicos, materiais ou morais a si ou a terceiros (rebetamento de bombas de Carnaval, lançamento de balões de água, ovos, farinha, etc.)
- e) Aceitar a livre discussão e as ideias dos outros;
- f) Não afixar cartazes ou comunicações sem prévia autorização do Director;
- g) Respeitar os cartazes afixados e ler atentamente os avisos afixados em locais próprios;

⁴ A repetição da alínea g) encontra-se no documento original.

- h) Prestar atenção às normas de segurança afixadas nos locais próprios;
- i) Manter-se afastado do depósito de gás, instalações eléctricas e outros equipamentos com aviso expresso.
- j) Não utilizar bicicletas, *skates*, patins dentro do recinto da escola, salvo em provas devidamente organizadas e após autorização do Director;
- k) Entregar aos Auxiliares de Acção Educativa todos os objectos achados;

4. Especificamente no âmbito da utilização dos recintos desportivos são deveres do Aluno:

- a) Preocupar-se em manter as condições de higiene, indispensáveis à prática do desporto;
- b) Não praticar actividades desportivas fora dos locais para o efeito destinado;
- c) Respeitar escrupulosamente as regras de segurança respeitantes à utilização dos equipamentos desportivos;
- d) Não utilizar linguagem imprópria no decorrer das actividades não monitorizadas a realizar nestes espaços;
- e) Entregar, obrigatoriamente, objectos de valor e/ou dinheiro ao Delegado de Turma/ que posteriormente os colocará à responsabilidade do Professor. No Pavilhão, estes objectos serão guardados em cacifos destinados para esse efeito.
- f) Zelar pela conservação dos espaços acima mencionados.

Na subsecção III, (página 86) referente à Disciplina, artigo 210º, pode ler-se a **Qualificação de Infracção Disciplinar:**

A violação pelo aluno de alguns deveres previstos no artigo 15º. da Lei nº. 39/2010 e/ou do Regulamento Interno do Agrupamento, em termos que se revelem perturbadores do normal funcionamento das actividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infracção, passível da aplicação de medida correctiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes.

No artigo 211º, **Participação da Ocorrência**, pode ler-se:

1. O professor ou membro do pessoal não docente que presencie ou tenha conhecimento de comportamentos susceptíveis de constituir infracção disciplinar

nos termos do artigo anterior deve participá-los imediatamente ao director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

2. O aluno que presencie comportamentos referidos no número anterior deve comunicá-los imediatamente ao professor titular de turma ou ao director de turma, o qual, no caso de os considerar graves ou muito graves, os participa, no prazo de um dia útil, ao director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

Artigo 212 °

Qualificação de Infracção Disciplinar

A violação pelo aluno de alguns deveres previstos no artigo 15º. da Lei nº. 39/2010 e/ou do Regulamento Interno do Agrupamento, em termos que se revelem perturbadores do normal funcionamento das actividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infracção, passível da aplicação de medida correctiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes..

Artigo 212º

Finalidades das medidas correctivas e das disciplinares sancionatórias

1. Todas as medidas correctivas e medidas disciplinares sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos professores no exercício da sua actividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa.
2. As medidas correctivas e as medidas disciplinares sancionatórias visam ainda garantir o normal prosseguimento das actividades da escola, a correcção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.
3. As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e a gravidade da infracção praticada, prosseguem igualmente, para além das identificadas no número anterior, finalidades punitivas.
4. As medidas correctivas e as medidas disciplinares sancionatórias devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objectivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projecto educativo da escola, de acordo com as orientações do Conselho de Turma.

Artigo 213º

Determinação da medida disciplinar

1. Na determinação da medida disciplinar correctiva ou sancionatória a aplicar, deve ter-se em consideração a gravidade do incumprimento do dever, as circunstâncias, atenuantes e agravantes apuradas, em que esse incumprimento se verificou, o grau de culpa do aluno, a sua maturidade e demais condições pessoais, familiares e sociais.
2. São circunstâncias atenuantes da responsabilidade disciplinar do aluno o seu bom comportamento anterior, o seu aproveitamento escolar e o seu reconhecimento, com arrependimento, da natureza ilícita da sua conduta.
3. São circunstâncias agravantes da responsabilidade do aluno a premeditação, o conluio, bem como a acumulação de infracções disciplinares e a reincidência, em especial se no decurso do mesmo ano lectivo.

Artigo 214º

Medidas Correctivas

1. As medidas correctivas prosseguem finalidades pedagógicas, dissuasoras e de integração, nos termos do n.º 1 do artigo 212.º, assumindo uma natureza eminentemente preventiva.
2. São medidas correctivas, sem prejuízo de outras que, obedecendo ao disposto no número anterior, venham a estar contempladas no regulamento interno da escola:
 - a) A advertência.
 - b) A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar.
 - c) A realização de tarefas e actividades de integração escolar, podendo, para esse efeito, ser aumentado o período de permanência obrigatória diária ou semanal do aluno na escola.
 - d) O condicionamento no acesso a certos espaços escolares, ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se encontrem afectos a actividades lectivas.
3. A advertência consiste numa chamada verbal de atenção ao aluno, perante um comportamento perturbador do funcionamento normal das actividades escolares ou das relações entre os presentes no local onde elas decorrem, com vista a alertá-lo para que deve evitar tal tipo de conduta e a responsabilizá-lo pelo cumprimento dos seus deveres como aluno.

4. Na sala de aula, a repreensão é da exclusiva competência do professor, enquanto, fora dela, qualquer professor ou membro do pessoal não docente tem competência para repreender o aluno.

5. A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar é da exclusiva competência do professor respectivo e implica a permanência do aluno na escola, competindo àquele determinar o período de tempo durante o qual o aluno deve permanecer fora da sala de aula, se a aplicação da medida correctiva acarreta ou não marcação de falta e, se for caso disso, quais as actividades que o aluno deve desenvolver no decurso desse período de tempo.

6. A aplicação das medidas correctivas previstas nas alíneas c), d) e e) do n.º 2 é da competência do director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada que, para o efeito, pode ouvir o director de turma ou o professor titular da turma a que o aluno pertença.

7. A aplicação, e posterior execução, da medida correctiva prevista na alínea d) do n.º 2 não pode ultrapassar o período de tempo correspondente a um ano lectivo.

8. O Conselho de Turma deverá, identificar as actividades, local e período de tempo durante o qual as mesmas ocorrem e, bem assim, definir as competências e procedimentos a observar, tendo em vista a aplicação e posterior execução da medida correctiva prevista na alínea c) do n.º 2.

9. Obedece igualmente ao disposto no número anterior, com as devidas adaptações, a aplicação e posterior execução da medida correctiva prevista na alínea d) do n.º 2.

10. A aplicação das medidas correctivas previstas no n.º 2 é comunicada aos pais ou a encarregado de educação, tratando -se de aluno menor de idade.

Artigo 215º

Medidas Disciplinares Sancionatórias

As medidas disciplinares sancionatórias traduzem uma sanção disciplinar imputada ao comportamento do aluno, devendo a ocorrência dos factos susceptíveis de a configurarem ser participada de imediato, pelo professor ou funcionário que a presenciou, ou dela teve conhecimento, à direcção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada com conhecimento ao director de turma.

2. São medidas disciplinares sancionatórias:

a) A repreensão registada;

b) A suspensão por um dia;

c) A suspensão da Escola / Agrupamento até 10 dias úteis;

d) A transferência da Escola / Agrupamento

3. A aplicação da medida disciplinar sancionatória de repreensão registada, quando a infracção for praticada na sala de aula, é da competência do professor respectivo, sendo do director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada nas restantes situações, averbando -se no respectivo processo individual do aluno a identificação do autor do acto decisório, a data em que o mesmo foi proferido e a fundamentação, de facto e de direito, que norteou tal decisão.

4. Em casos excepcionais e enquanto medida dissuasora, a suspensão por um dia pode ser aplicada pelo director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, garantidos que estejam os direitos de audiência e defesa do visado e sempre fundamentada nos factos que a suportam.

5. A decisão de aplicar a medida disciplinar sancionatória de suspensão até 10 dias úteis é precedida da audição em processo disciplinar do aluno visado, do qual constam, em termos concretos e precisos, os factos que lhe são imputados, os deveres por ele violados e a referência expressa, não só da possibilidade de se pronunciar relativamente àqueles factos, como da defesa elaborada, sendo competente para a sua aplicação o director da escola, que pode, previamente, ouvir o conselho de turma.

6. Compete ao director da escola, ouvidos os pais ou o encarregado de educação do aluno, quando menor de idade, fixar os termos e condições em que a aplicação da medida disciplinar sancionatória referida no número anterior é executada, garantindo ao aluno um plano de actividades pedagógicas a realizar, coresponsabilizando-os pela sua execução e acompanhamento, podendo igualmente, se assim o entender, estabelecer eventuais parcerias ou celebrar protocolos ou acordos com entidades públicas ou privadas.

7. A aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola compete ao director regional de educação respectivo, após a conclusão do procedimento disciplinar a que se refere o artigo 43.º, da lei nº39/2010 e reporta-se à prática de factos notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino – aprendizagem dos restantes alunos da escola, ou do normal relacionamento com algum ou alguns dos membros da comunidade educativa.

8. A medida disciplinar sancionatória de transferência de escola apenas é aplicável a aluno de idade igual ou superior a 10 anos e, frequentando o aluno a escolaridade obrigatória, desde que esteja assegurada a frequência de outro estabelecimento de ensino situado na mesma localidade ou na localidade mais próxima servida de transporte público ou escolar.

9. Complementarmente às medidas previstas no nº2, compete ao Director do Agrupamento decidir sobre a reparação dos danos provocados pelo aluno no património escolar.

Secção IV-Docentes

Artigo 226º- Deveres dos docentes para com os alunos

- a) Respeitar a dignidade pessoal e as diferenças culturais dos alunos valorizando os diferentes saberes e culturas, prevenindo processos de exclusão e discriminação;
- b) Promover a formação e realização integral dos alunos, estimulando o desenvolvimento das suas capacidades, a sua autonomia e criatividade;
- c) Promover o desenvolvimento do rendimento escolar dos alunos e a qualidade das aprendizagens, de acordo com os respectivos programas curriculares e atendendo à diversidade dos seus conhecimentos e aptidões;
- d) Organizar e gerir o processo ensino - aprendizagem, adoptando estratégias de diferenciação pedagógica susceptíveis de responder às necessidades individuais dos alunos;
- e) Adequar os instrumentos de avaliação às exigências do currículo nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares e adoptar critérios de rigor, isenção e objectividade na sua correcção e classificação;
- f) Manter a disciplina e exercer a autoridade pedagógica com rigor, equidade e isenção;
- h) Respeitar a natureza confidencial da informação relativa aos alunos e respectivas famílias.

Subsecção III- Pessoal de Apoio Educativo e Pessoal Auxiliar de Acção Educativa

Deveres dos funcionários

Tentar resolver conflitos que surjam entre os Alunos e levar ao conhecimento do Director, por escrito, os mais graves;

Funcionamento das aulas

No decorrer da aula, o professor não deve abandonar a sala, a não ser em casos excepcionais, devendo o professor dar de imediato conhecimento ao elemento do pessoal auxiliar de acção educativa, de serviço no pavilhão respectivo.

6. No decorrer das aulas, não é permitida a permanência nem a circulação de alunos, nos pisos de acesso às salas de aulas. Incumbe ao funcionário de cada pavilhão zelar para que seja respeitada esta disposição.

7. Não é permitida a saída dos alunos da sala de aula, antes do final da mesma, a não ser em caso de indisposição ou outros igualmente ponderosos e sempre mediante o consentimento do professor.

8. Nas salas de aula é vedado/a:

a) O consumo de alimentos;

b) O funcionamento de telemóvel ou quaisquer equipamentos, passíveis de perturbarem o normal funcionamento das actividades lectivas;

c) A permanência dos alunos para além dos tempos lectivos, desde que não acompanhados

Deveres dos pais

Cooperar com os Professores no desempenho da sua actividade pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos;

f) Contribuir para a preservação da disciplina da Escola / Agrupamento e para a harmonia da comunidade educativa;

g) Contribuir para o correcto apuramento dos factos em processo disciplinar que incida sobre o seu educando e, sendo aplicada a este medida disciplinar, diligenciar para que a mesma prossiga os objectivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;

h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral.

A aplicação das medidas correctivas previstas nas alíneas c), d) e e) do n.º 2 é da competência do director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada que, para o efeito, pode ouvir o director de turma.

Anexo IV - Projecto Educativo da Escola

(consultado no sítio da escola, na Internet, em Outubro de 2010)



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

Considerando a dimensão deste documento, optámos por transcrever para este anexo apenas as partes que se relacionam directamente com o tema em estudo.

Deste modo, constam das páginas 23 e 24 do documento disponível no sítio da escola, na Internet, os problemas identificados relativamente aos alunos e que transcrevemos.

3.1. Alunos

- Dificuldades no uso da Língua Portuguesa, o que dificulta a competência da comunicação como formação interdisciplinar;
- Dificuldades na estruturação e organização do pensamento lógico – dedutivo;
- Acentuada falta de hábitos de estudo e trabalho;
- Comportamentos desajustados e/ou agressivos, dentro da sala de aula, de alguns alunos que demonstram alguma ausência de valores de cidadania;
- Utilização de linguagem pouco adequada entre alunos e destes para com os assistentes e, mesmo, com alguns docentes, devidamente identificados;
- Falta de limpeza e higiene de alguns alunos (corporal e ambiental);
- Assimetrias económico-sociais entre os alunos;
- Falta de expectativas em relação à escola;
- Pouca participação de alguns alunos nas actividades escolares, nomeadamente nas mais académicas devido, em grande parte, ao pouco acompanhamento familiar;
- Dificuldade de integração e inclusão dos alunos de etnia cigana que não querem frequentar a Escola.

3.2 Pais e encarregados de educação

No meio envolvente nota-se:

- uma recente degradação social, com famílias pobres e desestruturadas;
- baixa escolarização e formação profissional da maioria das famílias;

- pouca participação de alguns dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.

3.3. Pessoal docente

- falta de oferta de formação específica por disciplina ou grupo disciplinar;
- distância acentuada da Escola, provocando desgastes físicos e psicológicos;
- necessidade de mais gabinetes de trabalho para o pessoal docente;
- desgaste físico e emocional.

5. Concepção de educação e de escola

Após três anos da implementação do projecto educativo, torna-se necessário analisar as avaliações feitas no decorrer deste tempo, reflectir sobre o que aconteceu, reformular, decidir e procurar soluções para os problemas ainda não resolvidos.

Tendo em conta a identidade própria do Agrupamento, a concepção de um Projecto Educativo passa pela construção participada, pelo debate de ideias, na procura de consenso entre todos os intervenientes e por uma concepção de educação de modo a tornar possível uma resposta educativa para todos.

Por isso e para isso, teremos de continuar a procurar, recuperar e integrar, escolar e socialmente todos os alunos e outros intervenientes no processo ensino aprendizagem. Há que ter uma especial atenção aos que correm riscos de exclusão social/abandono escolar. Continua a ser uma das prioridades deste Agrupamento a consciencialização de que “a educação para todos é um imperativo social, político, económico, cultural e ético”. Depende do “modo como cada Homem olha o outro Homem, cada pessoa olha a outra pessoa, o lugar que lhe dá e o espaço que lhe abre” (Azevedo, J., 1994).

A escola terá de procurar efectivamente assumir uma atitude participativa com todos os agentes educativos, nos domínios da sociabilização, colaboração, intervenção, criatividade, investigação, organização, solidariedade, responsabilização, avaliação...

A qualidade do ensino exige práticas educativas também de qualidade que ponham em acção um conjunto de estratégias adequadas às necessidades, aos problemas e às expectativas da comunidade escolar. Que práticas educativas poderão responder aos problemas com que nos deparamos no dia-a-dia? Terá que haver uma cultura de co-responsabilização de todos os intervenientes no processo educativo, professores, alunos, pessoal assistente, pais ou encarregados de educação e outras

estruturas ou parcerias que possam ajudar ao sucesso de todos os intervenientes. Tudo passa pela definição clara das finalidades da educação ao nível da escola, com os alunos, professores e assistentes/técnicos operacionais, com pais e outros elementos do agregado familiar e ao nível do meio envolvente, com os recursos que este pode proporcionar.

6. Opções curriculares

6.1. Princípios e valores

Tendo como referência:

- a identificação das necessidades e as opções educativas, definidas no projecto educativo, a análise do contexto do agrupamento, a experiência do corpo docente, as competências definidas pelo Currículo Nacional e a legislação existente, pretendemos uma Escola, para todos, uma Escola de qualidade e rigor;
- em que a exigência, a responsabilidade, o respeito pelo outro e pelo ambiente, a tolerância, a auto-estima, a autonomia, sejam aprendizagens significativas que permitam a formação ética e a aquisição de competências sociais que promovam o gosto pela aprendizagem, quer na continuação dos estudos quer na vida profissional;
- onde o aluno seja o principal interveniente no seu processo de aprendizagem, onde a prática da reflexão e inter-ajuda contribua para a aquisição de competências que lhe permita o sucesso de futuras aprendizagens;
- que valorize os aspectos positivos da conduta dos alunos, proporcionando, sempre que necessário, adaptações curriculares, currículos escolares próprios ou percursos curriculares alternativos;
- que ofereça diversas opções curriculares;
- que ofereça actividades de complemento curricular;
- que continue a utilizar as TICs como uma das estratégias que pode conduzir ao sucesso.

Metas Prioritárias (pág. 27)

- 1- Promover o Sucesso Escolar; e
- 2- Promover a participação de todos os intervenientes no processo educativo.

Assim são objectivos deste projecto:

- proporcionar a aquisição de conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em formação profissional;
- fomentar a consciência e o espírito crítico numa perspectiva humana, universalista, de solidariedade e cooperação;
- desenvolver e valorizar os valores característicos de identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- motivar e formar os diferentes elementos da comunidade educativa para a implementação da educação sexual em meio escolar, criando estruturas diversificadas de apoio ao desenvolvimento afectivo e sexual dos jovens;
- garantir um ambiente físico agradável, saudável e seguro;
- constituir-se como um recurso para a comunidade.

Na página 31 e 32 pode ler-se apontadas como **Outras Estratégias** para combater o insucesso educativo:

- Manter e reforçar um bom relacionamento pedagógico, evitando problemas disciplinares graves;
- Preservar o bom ambiente de trabalho conseguido pelo relacionamento dos órgãos de direcção da escola com os restantes elementos da comunidade escolar e destes entre si;
- Fomentar a participação de todos os elementos da comunidade escolar na vida da escola, promovendo o trabalho colectivo;
- Aprofundar a ligação entre a Escola e os Pais/Encarregados de Educação e o meio social cultural e económico;
- Co-responsabilizar os pais e encarregados de educação no processo educativo;

No concernente às Competências Transversais, referidas nas páginas 33 e 34, pode ler-se relativamente ao **Relacionamento interpessoal e de grupo**, as seguintes situações de aprendizagem: Conhecer e actuar de acordo com as normas, regras e critérios de actuação pertinente, de convivência, trabalho de responsabilização e sentido ético das acções definidas pela comunidade escolar nos seus vários contextos, a começar pela sala de aula.

E por fim apresentamos o texto de **conclusão do Projecto Educativo**, constante da página 45, onde pode ler-se:

“Se as Escolas conseguirem melhorar os seus desempenhos de acordo com os objectivos traçados, certamente que se tornarão mais apelativas e a sua frequência será mais agradável. Se as Escolas forem capazes de fornecer mais respostas para os desafios de toda a ordem que hoje se colocam aos jovens, só então estarão verdadeiramente a cumprir a sua função e aí certamente que o insucesso diminuirá. É claro que este problema não tem a sua causa principal nas escolas e é muito mais um problema social e económico. Porém, o Agrupamento não pode demitir-se das suas responsabilidades mas não podemos estar isolados nessas responsabilidades. A aposta colectiva num caminho feito de aproximações, de contributos, de partilha de saberes e de experiências, de responsabilidade e de exigência partilhada, poderá ser a solução para enfrentar os novos desafios com mais confiança, com mais segurança e com melhores resultados”.

Anexo V - Atribuições do director, de acordo com o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de Abril

Preâmbulo

“Com este decreto-lei, procura-se reforçar as lideranças nas escolas, o que constitui reconhecidamente uma das mais necessárias medidas de reorganização do regime de administração escolar. Sob o regime até agora em vigor, emergiram boas lideranças e até lideranças fortes e existem até alguns casos assinaláveis de dinamismo e continuidade. Contudo, esse enquadramento legal em nada favorecia a emergência e muito menos a disseminação desses casos. Impunha-se por isso, criar condições para que se afirmem boas lideranças e lideranças eficazes, para que em cada escola exista um rosto, um primeiro responsável, dotado de autoridade necessária para desenvolver o projecto educativo. Esse objectivo concretiza-se no presente decreto-lei pela criação do cargo de director, coadjuvado por um subdirector e um pequeno número de adjuntos, mas constituindo um órgão unipessoal e não um órgão colegial”

Artigo 4º

c) e d)

- c) Assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional;
- d) Cumprir e fazer cumprir os direitos e deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina”

Artigo

20º

- 1 — Compete ao director submeter à aprovação do conselho geral o projecto educativo elaborado pelo conselho pedagógico.
- 2 — Ouvido o conselho pedagógico, compete também ao director:
 - a) Elaborar e submeter à aprovação do conselho geral:
 - i) As alterações ao regulamento interno;
 - ii) Os planos anual e plurianual de actividades;
 - iii) O relatório anual de actividades;
 - iv) As propostas de celebração de contratos de autonomia;
 - b) Aprovar o plano de formação e de actualização do pessoal docente e não docente, ouvido também, no último caso, o município.

3 — No acto de apresentação ao conselho geral, o director faz acompanhar os documentos referidos na alínea a) do número anterior dos pareceres do conselho pedagógico.

4 — Sem prejuízo das competências que lhe sejam cometidas por lei ou regulamento interno, no plano da gestão pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, compete ao director, em especial:

- a) Definir o regime de funcionamento do agrupamento de escolas ou escola não agrupada;
- b) Elaborar o projecto de orçamento, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral;
- c) Superintender na constituição de turmas e na elaboração de horários;
- d) Distribuir o serviço docente e não docente;
- e) Designar os coordenadores de escola ou estabelecimento de educação pré-escolar;
- f) Designar os coordenadores dos departamentos curriculares e os directores de turma;
- g) Planear e assegurar a execução das actividades no domínio da acção social escolar, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral;
- h) Gerir as instalações, espaços e equipamentos, bem como os outros recursos educativos;
- i) Estabelecer protocolos e celebrar acordos de cooperação ou de associação com outras escolas e instituições de formação, autarquias e colectividades, em conformidade com os critérios definidos pelo conselho geral nos termos da alínea p) do n.º 1 do artigo 13.º;
- j) Proceder à selecção e recrutamento do pessoal docente, nos termos dos regimes legais aplicáveis;
- l) Dirigir superiormente os serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos.

5 — Compete ainda ao director:

- a) Representar a escola;
- c) Exercer o poder hierárquico em relação ao pessoal docente e não docente;
- d) Exercer o poder disciplinar em relação aos alunos;**
- e) Intervir nos termos da lei no processo de avaliação de desempenho do pessoal docente;
- f) Proceder à avaliação de desempenho do pessoal não docente.

6 — O director exerce ainda as competências que lhe forem delegadas pela administração educativa e pela câmara municipal.

7 — O director pode delegar e subdelegar no subdirector e nos adjuntos as competências referidas nos números anteriores.

Anexo VI - Documento solicitando autorização aos Encarregados de Educação para aplicar os questionários aos alunos



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

Exmo Sr. Encarregado de Educação

No âmbito de um estudo sobre indisciplina em escolas do 2º e 3º ciclo, a realizar como aluna do curso de Mestrado em Administração e Políticas Educativas da Universidade de Aveiro, e dispondo já de anuência da direcção da escola, venho solicitar autorização para que o seu educando possa colaborar, respondendo a um questionário ou entrevista. Agradeço a sua resposta e compreensão.

DECLARAÇÃO

Eu, abaixo assinado, encarregado(a) de educação do aluno(a) nº___, da turma ___, do ___ ano, declaro que autorizo que ele colabore no estudo, respondendo, de forma anónima a um questionário/entrevista sobre indisciplina.

A....., ___ de _____ de 2011

O(a) Encarregado(a) de Educação

Anexo VII - Guião de entrevista a realizar aos directores de turma



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

GUIÃO DE ENTREVISTA AO(A) DIRECTOR(A) DE TURMA

1. Para si, o que configura indisciplina na sala de aula?

2. E fora da sala de aula?

3. E quais desses comportamentos considera serem mais graves?

4. Quais são os comportamentos de indisciplina mais frequentes nesta escola?

5. Como procede quando ocorrem na sua presença?

6. É frequente recorrer a outros agentes para resolver essas situações? Se sim, a quem? Justifique.

7. Em que situações recorre à direcção da escola para resolver as questões de indisciplina, tanto dentro como fora da sala de aula?

8. Nessas ocasiões, que medidas são tomadas pela directora?

9. A acção desenvolvida pela directora corresponde ao que considera necessário?

10. Das acções que são postas em prática, quais considera serem mais eficazes?

11. Na sua opinião, qual é a relação entre a eficácia das estratégias ou medidas que o/a Director(a) toma na resolução dos problemas de indisciplina e a repetição dos casos de indisciplina?

12. Acredita que o/a actual Director(a) da Escola possui as competências científicas e técnicas e perfil de liderança adequados para lidar com os casos de indisciplina em todas as suas vertentes (actuação com os alunos e encarregados de educação; articulação com professores e funcionários)? Justifique.

13. A escola estabelece contactos diferentes daqueles que são estabelecidos com os alunos sem referências de indisciplina com a família dos alunos com comportamentos de indisciplina?

14. Considera que estes contactos são eficazes? Justifique.

15. Se fosse Director(a) da Escola quais seriam as medidas que colocaria em prática para lidar com a problemática da indisciplina?

16. Assim, como avalia a acção da Directora da Escola face à indisciplina?

Ineficaz

Pouco Eficaz

Eficaz

Muito Eficaz

Anexo VIII - Modelo de questionário a aplicar aos directores de turma



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Administração e Políticas Educativas

O presente questionário integra-se num estudo a realizar sobre a indisciplina em escolas do 2º e 3º ciclos, no âmbito de dissertação de mestrado em Ciências da Educação.

As questões e respectivas respostas são absolutamente anónimas, assim como é mantida a confidencialidade relativamente a todos os dados recolhidos nesta escola.

Agradece-se a sinceridade nas respostas e a colaboração prestada.

QUESTIONÁRIO AO/A DIRECTOR/A DE TURMA

- Há quantos anos exerce actividade docente? _____
- Há quantos anos lecciona nesta escola? _____
- Há quantos anos é Director (a) de Turma nesta escola? _____
- De que ano é director(a) de turma?
5º ano 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano
- Caracterização da turma da qual é director(a) :
Média de idades: _____ Rapazes: _____ Raparigas: _____
- Quantos já tiveram retenções:

6.1. Qual é o número médio de retenções?

Uma vez Duas vezes Três vezes

7. Na sua opinião, no geral, a indisciplina é caracterizada por:

Características	Sim	Não
1. Apatia		
2. Comentários descontextualizados		
3. Verbalização de questões embaraçosas		
4. Falar sem aguardar ou pedir a palavra		
5. Atirar objectos ao ar, na aula		
6. Sair do lugar sem pedir licença		
7. Escrever na carteira		
8. Provocar os colegas		
9. Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores		
10. Não cumprir o horário		
11. Recusa em executar as tarefas		
12. Provocar ruídos		
13. Danificar materiais		
14. Outra:		
15. Outra:		
16. Outra:		

8. Qual é a sua opinião em relação ao nível de disciplina dos alunos desta escola?

Insatisfatório Pouco Satisfatório Satisfatório Muito Satisfatório

9. E da sua turma?

Insatisfatório Pouco Satisfatório Satisfatório Muito Satisfatório

10. No decorrer deste ano lectivo, quantas participações de ocorrências disciplinares recebeu?

Uma Duas Três Quatro Cinco

11. Nessas ocasiões, quantos foram os alunos envolvidos?

Um Dois Três Quatro Cinco Seis

12. Indique, por ordem decrescente de frequência, quais dos comportamentos atrás indicados são mais frequentes com os seus alunos.

13. Qual é a sua opinião em relação à qualidade/eficácia das medidas do Regulamento Interno, no que concerne a disciplina?

Insatisfatória Pouco Satisfatória Satisfatória Muito Satisfatória

14. Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais profícuas/necessárias?

Medida	Sim	Não	N.O.
1.Acção educativa focada na compreensão dos problemas emocionais/psicológicos do aluno			
2.Mais controlo e vigilância			
3.Esclarecimento das regras			
4.Agravamento das sanções disciplinares			
5.Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos			
6.Clarificação das regras			
7.Reforço da educação cívica			
8.Apelo a uma maior colaboração dos pais			
9.Penalização na avaliação sumativa			
10.Promoção de debate sobre valores e atitudes			
11.Responsabilização dos docentes e dos alunos			

12. Melhor divulgação do Regulamento Interno			
13. Participação dos alunos na elaboração do Regulamento Interno			
14. Participação dos alunos na definição das regras na sala de aula			
15. Outra			

15. Das medidas atrás referidas, quais são privilegiadas no seu quotidiano escolar?

16. Diga se concorda ou discorda com as seguintes medidas promovidas pelo Estatuto do Aluno:

	Sim	Não	S.O.
Preventivas			
Correctivas			
Sancionatórias			
Procedimento disciplinar			

17. Como avalia a eficácia da articulação entre o/a Director(a) de Turma e o/a Director(a) da Escola, na abordagem às situações de indisciplina?

Insatisfatória Pouco Satisfatória Satisfatória Muito Satisfatória

18. Como avalia a eficiência da articulação entre o/a Director(a) de Turma e o/a Director(a) da Escola, na abordagem às situações de indisciplina?

Insatisfatória Pouco Satisfatória Satisfatória Muito Satisfatória

Obrigada pela colaboração!

Anexo IX - Modelo de questionário a aplicar aos alunos



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

O presente questionário integra-se num estudo, a realizar sobre a indisciplina em escolas do 2º e 3º ciclos, no âmbito da Dissertação de Mestrado.

As respostas são absolutamente confidenciais, o que significa que não serão divulgadas a outras pessoas sem o consentimento do aluno e do seu encarregado de educação.

Agradece-se a sinceridade nas respostas e a colaboração prestada.

Idade _____

Ano de escolaridade _____

Masc. Fem.

1. Nível de instrução dos pais:

	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	E. Superior
Pai					
Mãe					

2. Profissão dos pais

a. Pai _____

b. Mãe _____

3. Com quem vives?

a. Mãe

b. Pai

c. Irmãos Quantos? _____

d. Avô

e. Avó

f. Outros Quem? _____

4. Já alguma vez reprovaste?

Sim Não

Se respondeste "Sim", quantas vezes? _____ Em que ano(s)? _____

5. Como avalias a tua escola?

Horrível Muito agradável Agradável Desagradável

6. Sentes-te bem na escola?

Sim Não Razoavelmente

7. O que sentes relativamente à tua turma?

Não gosto Gosto Gosto muito

8. Numa escala de 1 a 5, sendo 1 não gosto e 5 gosto muito, como avalias os seguintes itens?

Professores	
Colegas	
Aprendizagens	
Disciplinas	
Actividades escolares	
Director(a) de turma	

9. O que representa a escola para ti?

10. Gostavas de um dia ir estudar na universidade?

Sim Não Não sei

11. O que é para ti indisciplina? Assinala a opção escolhida com um X.

Características	Sim	Não
1. Fazer comentários descontextualizados		
2. Colocar questões embaraçosas ao professor		
3. Falar sem aguardar ou pedir a palavra		
4. Atirar objectos na aula		
5. Não levar o material necessário		
6. Sair do lugar sem pedir licença		
7. Não cumprir o Regulamento Interno		
8. Escrever na carteira ou nas paredes da escola		
9. Provocar os colegas		
10. Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores		
11. Não cumprir o horário		
12. Não executar as tarefas		
13. Fazer muito barulho		
14. Danificar materiais		
15. Outra (indica qual):		
16. Outra (indica qual):		
17. Outra (indica qual):		

12. Dos comportamentos atrás referidos, indica, por ordem de importância (do mais importante para o menos importante), quais ocorrem na tua escola.

- 1) _____ 2) _____ 3) _____
 4) _____ 5) _____ 6) _____
 7) _____ 8) _____ 9) _____
 10) _____ 11) _____ 12) _____
 13) _____ 14) _____ 15) _____

16)_____17)_____

13. Consideras que na tua turma há alunos indisciplinados?

Sim Não

14. Já alguma vez foste chamado ao/à Director(a) devido ao mau comportamento?

Sim Não

15. Já tiveste alguma participação disciplinar?

Sim Não

a. Se “Sim”, quando?

Este ano lectivo Noutro ano

16. E já alguma vez foste suspenso das actividades?

Sim Não

17. E tiveste um processo disciplinar?

Sim Não

18. Se sim, qual foi o motivo desse processo disciplinar?

19. Assinala quantas vezes o teu encarregado de educação foi à escola no ano lectivo passado.

Nenhuma Até três Entre três e seis Mais de seis

20. A quem atribuis a culpa da indisciplina nas aulas?

- Alunos Ao ambiente familiar
Á Direcção Professores
Outros _____

21. E fora das aulas?

- Alunos Ao ambiente familiar
Á Direcção Professores Funcionários
Outros _____

22. O que costumás fazer nos intervalos?

- Ando sozinho
- Ando com colegas
- Vou para o campo de jogos
- Vou ao bufete
- Vou à biblioteca
- Outras _____

23. Na parte que cabe ao aluno, o que julgas que contribui para o seu comportamento indisciplinado?

- Falhas na educação familiar
- Má influência de colegas perturbadores
- Falta de perspectivas
- Dificuldades de aprendizagem
- Vontade de chamar a atenção
- Outras _____

24. Na tua opinião, qual a medida sancionatória (“castigo”) mais eficaz?

- a) Advertência oral
- b) Repreensão registada
- c) Avisar o encarregado de educação
- d) Realizar trabalho cívico

e) Suspensão da escola

f) Transferência de escola

g) Outros _____

25. Conheces o Regulamento Interno da tua escola?

Sim Não

26. Participaste na sua elaboração?

Sim Não

27. O que pensas do Estatuto do Aluno?

Adequado Desadequado

Obrigado pela tua colaboração!

Anexo X - Guião de entrevista a realizar à coordenadora dos assistentes operacionais



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

- 1- Há quantos anos exerce funções nesta escola?
- 2- Foi sempre coordenadora do pessoal não docente?
- 3- Em que espaços está habitualmente?
- 4- Foram-lhe comunicadas claramente, quais são as regras de comportamento exigíveis aos alunos?
- 5- Quem lhas transmitiu?
- 6- Recebeu instruções de como deve agir face às situações de indisciplina?
- 7- Para si, quais são os comportamentos, da parte dos alunos que merecem a sua intervenção?
- 8- Desses, quais são os mais frequentes?
- 9- Nessas ocasiões, como procede?
- 10- A quem transmite as ocorrências?
- 11- Em que ocasiões recorre à direcção da escola?
- 12- Quem é que, na direcção da escola, trata das situações de indisciplina? Porquê?
- 13- Na sua opinião, o que deveria ser feito na escola, para reduzir os casos de indisciplina?
- 14- Pensa que as acções que são desenvolvidas na escola para combater a indisciplina são eficazes?
- 15- Porquê?
- 16- Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como fará?
Ineficaz / Pouco eficaz/ Eficaz/ Muito eficaz

Anexo XI - Guião de entrevista a realizar ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização
em **Administração e Políticas Educativas**

- 1- Há quantos anos exerce funções como presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação desta escola?
- 2- Conhece as regras de regras de comportamento que são exigíveis aos alunos?
- 3- De que forma chegaram ao seu conhecimento?
- 4- Na sua opinião, que comportamentos devem ser considerados indisciplina?
- 5- Participou na elaboração do Regulamento Interno? De que forma?
- 6- Considera que nesta escola há alunos indisciplinados?
- 7- Se sim, que incidentes chegam ao seu conhecimento?
- 8- Sabe que medidas são tomadas, na escola, face às questões de indisciplina?
- 9- E quem age, da direcção face a essas situações?
- 10- Para além das medidas tomadas, que outras poderia sugerir?
- 11- Se fosse director da escola, como agiria para tentar diminuir os casos de indisciplina?
- 12- Considera que a actual directora tem perfil adequado para resolver estes problemas?
- 13- Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como fará?
Ineficaz/Pouco eficaz/Eficaz/Muito eficaz

Anexo XII -Transcrição da entrevista realizada à directora da Escola Alfa

Pergunta: Na sua perspectiva, o que configura um episódio de indisciplina?

Resposta: É toda a atitude que um aluno toma de incumprimento de regras definidas, contrárias ao contrato social, de recusa em aceitar a autoridade do adulto, ultrapassar os limites da boa educação, pôr em cheque a liberdade dos outros, não desempenhar, no fundo, o seu papel de aluno na escola.

Pergunta: Dê-me alguns exemplos de situações de indisciplina.

Resposta: Recusa dos alunos em ir às aulas, ficar fora, destratar os professores, não respeitar as ordens dos professores, não respeitar os colegas, agredir um colega. Dentro da sala, no refeitório e nos balneários são os locais onde acontecem as situações mais graves, respondem mal aos professores, atiram comida uns aos outros, maltratam os funcionários (chamam nomes, respondem mal, fazem só o que querem). Nos balneários às vezes masturbam-se, vão espreitar ao balneário das raparigas...

Pergunta: A indisciplina dos alunos fazia parte do seu Projecto de Intervenção?

Resposta: Fazia. Porque deve-se prevenir antes. Tentamos envolver os encarregados de educação e quando não há resultados, recorremos à Associação de Pais.

Pergunta: No dia-a-dia, a indisciplina dos alunos é uma preocupação para si? Se sim, em que medida?

Resposta: Sim. O meio é pequeno, os pais estão atentos, tentam inculcar boas regras, não haverá muitos casos. O ano passado houve 7 processos disciplinares (dos piores alunos). Os alunos vindos de fora, vêm de famílias desestruturadas, transportam esses comportamentos para a escola.

Pergunta: Através de que canais é que estas situações chegam ao seu conhecimento?

Resposta: Em participações escritas de quem está confrontado com estas situações, dos professores, dos directores de turma, dos funcionários, via director de turma que comunica.

Pergunta: Quem actua nas situações de indisciplina?

Resposta: Primeiro são comunicados ao director de turma que contacta com o encarregado de educação. Se for um caso mais grave comunica à direcção. É o subdiretor que age mais nos casos.

Pergunta: Por que razão é o subdiretor?

Resposta: Porque está cá há mais anos e conhece melhor o meio...

Pergunta: Como age face às situações de indisciplina?

Resposta: Quando são reincidentes, avaliamos e falamos com o encarregado de educação. Só em último caso é que se vai para processo disciplinar. Tentamos ir resolvendo a situação. Quando não há envolvimento do encarregado de educação, apelamos à CPCJ.

Pergunta: Que métodos considera serem mais eficazes em termos de prevenção e de resposta ao problema? E quais os menos eficazes?

Resposta: Depende muito dos alunos. Para alguns é a conversa que temos, o facto de virem à direcção leva-os a reflectir. E também a envolvência dos pais. Outros alunos não querem conversa e nesses casos não dá resultado. Além disso, através do conselho de turma, pode vedar-se o acesso a alguns espaços, depois de se informar os pais disso, põe-se os alunos a trabalhar, por exemplo na biblioteca. Não sei dizer os menos eficazes...

Pergunta: Face à indisciplina, o que gostaria de fazer e não consegue? Porquê?

Resposta: Tal como consigo dialogar e com alguns isso dá alguns resultados, gostaria que isso resultasse com todos.

Pergunta: Por que razão considera que não resulta?

Resposta: Talvez devido à educação na família, falta de regras.

Pergunta: Sente reflexos na disciplina, do desemprego nas famílias?

Resposta: Sim. Quase 70% dos nossos alunos são apoiados. E há também os novos pobres, aqueles que ainda têm vergonha de pedir. E também contribui a incerteza quanto ao futuro. Sente-se...

Pergunta: Considera que o actual Estatuto do Aluno regulamenta convenientemente as respostas à indisciplina?

Resposta: Sim. Embora pense que deveria estar implícita mais responsabilização dos encarregados de educação. Infelizmente não há como os responsabilizar do que os filhos fazem.

Pergunta: Como envolve outros agentes (directores de turma, professores, funcionários, pais) face à indisciplina?

Resposta: Nas reuniões alertamos para essas situações e em Formação Cívica é o espaço ideal para trabalhar o que se espera dos alunos. Para tomar decisões consultamos os directores de turma e os conselhos de turma.

Pergunta: Numa abordagem mais lata, na sua opinião, que intervenientes deveriam agir para lidar/atenuar com a indisciplina?

Resposta: Temos a colaboração da assistente social do Centro Paroquial, não temos psicóloga em nenhum tempo, recorremos a outros que vêm dos gabinetes, temos parcerias com alguns gabinetes e às vezes pedimos colaboração. Apesar de tudo, cá na escola não há casos muito graves, como drogas ou violência. Mas sentimos a falta de um técnico de Psicologia.

Pergunta: De que forma sugere actuações dos assistentes operacionais face à indisciplina? Estão eles coordenados com a postura da directora e as suas orientações e o Estatuto do Aluno?

Resposta: Eles não actuam muito, passa pelo diálogo, indicam que estão a agir mal. E o mais habitual é comunicarem ao director de turma e à direcção.

Pergunta: Quais são os factores inibidores que existem na escola e que contribuem para o controlo do número de casos de indisciplina?

Resposta: Tentamos estar atentos aos distúrbios, aqueles que nós já sabemos que se portam mal. Este ano ainda não houve participações disciplinares. Também estamos atentos ao ambiente familiar e tentamos perceber se aí há problemas. A prevenção é melhor do que quaisquer outras medidas.

Pergunta: Quais os factores potenciadores de indisciplina já identificados pela escola?

Resposta: Perturbações da família, falta de assistência familiar, os pais não estão atentos, há vícios como o do álcool e algumas vezes mesmo nas mães, conflitos entre os membros da própria família. Em alguns casos há desemprego e por isso carências, nós damos cá o pequeno-almoço. Vemos que alguns alunos sentem fome.

Pergunta: A disciplina constitui meta do Projecto Educativo do seu agrupamento? Como?

Resposta: Sim. Nós temos duas grandes metas: a melhoria do sucesso e o envolvimento dos encarregados de educação. A indisciplina influencia o desempenho dos alunos e por isso tem de nos preocupar.

Anexo XIII - Transcrição das entrevistas realizadas às directoras de turma

Entrevista 1 (5º ano)

Pergunta: O que é que, na sua opinião, configura indisciplina na sala de aula?

Resposta: Assim rapidamente, considero todo o comportamento que, de alguma maneira impede o normal funcionamento da aula ou a transmissão dos conhecimentos, daquilo que estamos a desenvolver nas aulas.

Pergunta: Pode dar-me um exemplo de indisciplina?

Resposta: Falarem todos ao mesmo tempo, não respeitarem as regras de participação oral. Aquilo a que normalmente se chama a falta de educação, não é? Se calhar até acrescentaria que a indisciplina além de tudo, é aquilo que obstrua o trabalho normal de aula, tudo que colida com uma relação social, digamos assim.

Pergunta: O tipo de atitudes que se esperam dos alunos, está claramente definido em termos de escola, ou seja, os alunos têm conhecimento de quais são as regras? E acha que as situações que se consideram episódios de indisciplina ou não, são comuns a todos os docentes?

Resposta: Eu penso que há questões que não. No início do ano há sempre uma definição das regras de sala de aula, e que são basicamente as mesmas. Mas depois, se calhar, no decurso na nossa prática diária, vou-me apercebendo que de acordo com a sensibilidade de cada um, aquilo que eu considero ou não, grave, outro professor considerará muito grave, ou outras situações que para mim são intoleráveis que aconteçam, outros colegas acham que não. Por isso, penso que na prática se calhar, não haverá assim uma ideia uniforme.

Pergunta: Então posso depreender que as regras de comportamento nas aulas não estão muito claras e muito objectivamente definidas... Ou é antes, da parte do professor, uma maior ou menor tolerância em relação ao seu cumprimento?

Resposta: Eu acho que elas estão definidas, porque nós falamos em conselho de turma, falamos uns com os outros. Mas se calhar naquela vivência diária com os alunos, se calhar depois cada um age um pouco de acordo com a sua personalidade. Talvez até seja o normal, mas acredito que possa baralhar os alunos. Porque não somos todos iguais e alguns têm mais tolerância para umas coisas e outros para outras.

Pergunta: De que forma é que, as regras estão previstas, essas regras de comportamento, no regulamento interno?

Resposta: Sim, aquelas regras gerais sim, estão na parte dos direitos e deveres.

Pergunta: O que se exige do comportamento dos alunos é do conhecimento dos alunos e encarregados de educação. E como é que eles tomam conhecimento disso?

Resposta: Normalmente através do director de turma na aula de Formação Cívica.

Pergunta: Temos estado a falar em contexto de sala de aula. E no contexto fora de sala de aula, o que é considerado indisciplina?

Resposta: Aí talvez seja mesmo respeitar as regras estabelecidas em cada espaço escolar. Há espaços próprios tipo a sala de multiusos, biblioteca, a cantina e no fundo são as regras de convivência social entre todos.

Pergunta: Pode dar-me um exemplo do que pode ser uma atitude indisciplinada no espaço escolar, fora da sala de aula?

Resposta: Por exemplo a agressão uns aos outros.

Pergunta: Isso é em relação aos colegas. E em relação aos adultos?

Resposta: Pois, por exemplo, vai um adulto de fora ou uma visita, os alunos não se inibem de dizerem uma daquelas asneiras cabeludas à frente de quem passa e depois dizem que não estão dentro da sala.

Pergunta: Consideram que fora da sala já é permitido tudo?

Resposta: Sim, já acham que é permitido dizer, dentro da sala é que não.

Pergunta: De todos os comportamentos que para si, cabem no “saco” da indisciplina, que decerto são vários, quais considera que são mais graves?

Resposta: A mim (pessoalmente, lá está!), perturba-me mais o que tem a ver com a agressividade, a violência, com a falta de respeito pelo outro, seja professor, seja auxiliar. É das coisas que pessoalmente a mim incomoda mais, me perturba, principalmente a agressividade, a violência gratuita, é uma coisa que não aceito.

Pergunta: Mas acha que essa violência pressupõe que seja em relação ao adulto, ao funcionário, ao professor, que esteja fora da sala. Na aula, não existe, ou acha que existe também alguma violência verbal?

Resposta: Se calhar, há agressividade verbal sim. Aquilo que normalmente se chama falta de educação, dizer “não faço, não sei que, quero lá saber”... É também uma forma de agressividade, não é?

Pergunta: Então isso é o que considera mais grave?

Resposta: A mim é uma das coisas que me perturba. Normalmente se eles tiverem outra atitude, abertura, nós depois conseguimos chegar às outras questões. Ou pelo menos eu acho que vou conseguindo melhor, quer seja a falta de trabalho e de responsabilidade, se eles tiverem uma atitude mais tolerante em relação aos outros ou às chamadas de atenção, normalmente ouvem-nos e nós vamos conseguindo aos poucos levá-los por outro caminho.

Pergunta: Destes comportamentos de que falámos, quais acha que são mais frequentes cá na escola?

Resposta: Há agressividade, mas não sei dizer os mais frequentes, tenho que averiguar.

Pergunta: Como directora de turma quais acha que são os casos que acontecem mais frequentemente?

Resposta: Há casos de violência, mas não são assim aqueles casos extremos de que se ouve falar. Mas se calhar aqueles que eu destacava são a falta de responsabilidade, de não assumir responsabilidade por nada, o esquecimento. É aquilo que pela minha experiência pessoal eu vejo. Não posso dizer que andem sempre à luta uns com os outros.

Pergunta: Porque é que acha que esse tipo de comportamento é o mais frequente? Se lhe pedir para encontrar causas, quais são as que estão na origem desses comportamentos?

Resposta: Eu acho sinceramente que é uma questão de educação, que a educação começa em casa, a escola é um prolongamento. Eu acho que alguns desses comportamentos, têm origem na família. Ao conversar com alguns encarregados de educação eu vejo que os próprios desculpam os filhos dizendo que são as más companhias. Estou a falar no geral, não quero dizer que seja sempre assim. Os miúdos

que não tenham esse discurso, normalmente os pais também não têm. Eu penso que os pais têm de assumir responsabilidades.

Eu lembro-me que no meu tempo de aluna também fazia queixa do professor e a resposta da minha mãe era sempre a mesma, “foi porque fizeram algo” e eu penso que agora a resposta é quase sempre a mesma mas noutro sentido, “O que é que eles fizeram? Deixa lá que eu vou lá ver isso. Um também fez e a professora não fez nada.” Limpam um pouco a imagem dos seus filhos, digamos assim. Acho bem que venham, mas primeiro que se informem antes de atirar a pedra.

Pergunta: Tentam passar a responsabilidade para o outro, mas não para o próprio filho, é isso? O que é que faz perante estes casos de indisciplina, seja dentro ou fora da sala, como directora de turma e professora de outras turmas?

Resposta: Depende das circunstâncias. Eu vou tentando adaptar aos casos concretos, se calhar não tenho assim uma forma sempre igual. Há ocasiões em que tento fazer reflectir e assumir as suas responsabilidades, é uma coisa que tento fazer sempre e não deixá-los escapar com desculpas. Tento fazê-los assumir a responsabilidade e depois ajo dependendo da gravidade do que for o problema.

Pergunta: E em caso de situações mais graves?

Resposta: Tento sempre envolver os encarregados de educação, quando for caso disso. E tento sempre conversar com os alunos e tentar que eles assumam e que vejam que foi um erro para que eles não o repitam.

Pergunta: A questão da indisciplina na escola é uma questão que a preocupa? Que importância dá à disciplina dos alunos no contexto escolar?

Resposta: Dou muita importância.

Pergunta: Porquê?

Resposta: Acho que para aprender, é fundamental haver condições para que isso aconteça. E ordem e concentração nas aulas.

Pergunta: Quando está confrontada com situações de indisciplina, sente a necessidade ou conveniência de recorrer a outras agentes na escola para resolver essas questões?

Resposta: Sim

Pergunta: Em que situações? E a quem?

Resposta: Depende também um pouco da gravidade e da amplitude da questão. Se for uma situação pontual não, mas se for uma situação recorrente, tentamos várias estratégias e se não resultam, tentamos implementar coisas que funcionem melhor.

Pergunta: Quem é que na direcção age face às situações de disciplina e o que espera que seja feito?

Resposta: Espero ajuda. Depende, nem sempre é a directora, às vezes é o subdirector. Lembrei-me agora de um caso em que miúdos foram encontrados a fumar e foi tratado com o subdirector porque é a pessoa que está mais ligada a esta questão. O que é que eu espero? Espero apoio, espero que como órgão de direcção da escola em termos hierárquicos que tem mais poder, possa resolver melhor. Portanto espero que os miúdos respeitem mais, porque há sempre aquela ordem, o professor, o director de turma, a direcção da escola. Portanto se as coisas vão subindo estes degraus, é uma forma de alertar os miúdos de que o seu comportamento está a ser pior e tem que mudar porque senão temos que endurecer essas medidas.

Pergunta: E nessas ocasiões em que recorre á direcção, talvez porque acha que é preciso a intervenção deles, em que já não é suficiente aquilo que se tem feito, que medidas são postas em prática pela direcção da escola, seja a directora ou o subdirector?

Resposta: Eu também não recorro muitas vezes. Eu tento sempre começar por tomar algumas medidas, tento não esgotar tudo logo na primeira, começo por coisas mais leves. Também depende da gravidade do que aconteceu, não é? Das vezes que recorri, não houve procedimento disciplinar. Por exemplo, houve uma chamada de atenção, porque os meus são pequenitos, são do 5º ano, e se calhar uma chamada de atenção pela direcção da escola, resulta ainda com os mais pequeninos não é? Foi mais a esse nível, não passou daí. Para já.

Pergunta: Das medidas tomadas, e do que é esse papel da direcção, quando a ela recorre, acha que dá os efeitos que deseja ou pensa que ficam aquém daquilo que considera necessário?

Resposta: No meu caso resultou.

Pergunta: Então como diz, quando vão à direcção têm mais um motivo derivado por outras situações e têm uma conversa com o membro da direcção para chamar à atenção do aluno. Acha que essas medidas foram eficazes?

Resposta: No meu caso foram, até ao momento.

Pergunta: Habitualmente então há essa conversa e depois noutras situações mais graves, o que costuma fazer?

Resposta: Eu converso com eles, chamo os pais, muitas vezes converso com os pais e os filhos presentes. Penso que também resulta, porque à vezes os filhos dizem uma coisa e os pais dizem outras e quando estão juntos é possível confrontá-los e vermos até o tipo de relacionamento que há entre os elementos da família. Por vezes também aplico alguns castigos, digamos assim, com o conhecimento dos pais. Dou conhecimento aos pais, eles concordam, tento que os castigos estejam relacionados com aquilo que foi cometido. Por exemplo, havia um miúdo que constantemente batia nos colegas no intervalo. Acordámos que durante uns dias não ia estar com os colegas, ficava sozinho a pensar se preferia estar acompanhado ou sozinho, porque para estar acompanhado tem que saber respeitar os outros também. Então ele ficou sozinho num espaço ao ar livre, era um espaço onde ele podia, se precisasse, ir à casa de banho, podia lanchar, podia fazer tudo, mas sozinho.

Pergunta: E acha que resultou?

Resposta: Por um determinado tempo sim, mas penso que ultimamente, já não. No início, os colegas diziam “ele está melhor, ele está melhor.” Mas isso tem causas mais profundas não é assim uma coisa fácil de resolver, de um dia para o outro. Portanto, estou constantemente a falar com ele e a ver se a coisa se resolve.

Pergunta: Há alguma acção que a escola no geral e o director de turma em particular, tenha desenvolvido com os encarregados de educação dos alunos que têm problemas de indisciplina e que seja diferente daquelas que desenvolveu com os outros alunos?

Resposta: A direcção da escola?

Pergunta: A direcção da escola e o director de turma. Ou seja, se considerarmos os casos de indisciplina, as situações dos alunos que a escola tem? Algumas iniciativas levadas a efeito para tentar melhorar o problema da indisciplina na escola?

Resposta: Eu penso que sim.

Pergunta: O que é que costumam fazer ou o que pensa que poderia ser vantajoso se fosse feito?

Resposta: Por exemplo, falta a criação de alternativas diferentes, de cursos de educação e de formação. Penso que surgem como uma forma de minorar alguns problemas que a escola tem. Os miúdos que não querem estudar, pode levar a outro tipo de comportamentos. Portanto, procurar uma estratégia mais adequada a determinadas características dos miúdos que aqui temos.

Também conversar com os alunos. Há um elemento da direcção que muitas vezes anda aí pela escola e conversa com este e com aquele, mais com determinados miúdos, aqueles mais problemáticos. E segue a conversa com as famílias, vai mesmo a casa de determinadas famílias.

Pergunta: É o director?

Resposta: Penso que é mais o subdirector porque é uma pessoa aqui da terra, conhece bem o meio, está cá há muitos anos.

Pergunta: Então acha que ele tem um perfil adequado para lidar com esses casos de indisciplina?

Resposta: Bem, é uma pessoa que os conhece, conhece muito bem o meio. Se tem perfil não sei.

Pergunta: Se fosse directora da escola, para além daquilo que é feito, o que é que poderia pôr em prática e que na sua perspectiva pudesse ajudar a reduzir os casos de indisciplina?

Resposta: Eu acho que era pelos encarregados de educação que se tinha que começar. Eu penso que é aí a base de muitos problemas.

Pergunta: De que forma age a Associação de Pais?

Resposta: Podemos pensar que a Associação de Pais também não pode fazer muito. Eu não sei, nunca fui a nenhuma reunião de Associação Pais, mas pelo que me vou apercebendo, aqueles pais que estão na Associação, não são os pais dos filhos que criam mais problemas. Não sei, mas a Associação de Pais poderia colaborar no sentido de organizar iniciativas que pudessem ajudar, não sei, talvez com psicólogos ou outros.

Pergunta: A escola não tem psicólogo?

Resposta: Não, mas era preciso para fazer sessões para os pais, para debaterem determinadas questões que têm que ver com a educação.

Acho que se passou por uma época em que os meninos faziam tudo e não se ralhava, porque podiam ser traumatizados, não é? Era a ideia: “Não se pode dizer não a nada, tem que se fazer as vontades todas e o menino é pobre mas coitadinho, os outros têm as coisas e eu vou deixar de comer para lhe dar a *psp.* coitadinho e não sei quê”

Pergunta: Acha que já passou essa fase?

Resposta: Eu acho que não.

Pergunta: Ainda estamos nessa fase?

Resposta: Há muitos encarregados de educação que ainda estão nessa fase.

Pergunta: Na sua turma, os alunos são de que nível socioeconómico e cultural?

Resposta: Médio baixo.

Pergunta: Tem famílias desestruturadas, casos de desemprego, carência?

Resposta: Sim, há várias famílias monoparentais.

Pergunta: E acha que são esses os casos em que há mais indisciplina?

Resposta: Sim, em alguns coincidem.

Pergunta: E também acontece ter alunos com comportamento indisciplinado de um nível mais elevado?

Resposta: Na minha direcção de turma não.

Pergunta: Mas tem alunos de outras turmas em que acha que isso acontece?

Resposta: Por acaso, este ano lectivo as minhas turmas são todas de um nível médio baixo. Mas já observei e penso que noutras até se torna mais complicado. Porque acho que há aquela ideia de que os meninos da média-alta não têm problemas desses, não é? Os pais são bem informados sobre os seus direitos e dos deveres dos filhos e muito bem, nada contra, desde que seja numa medida certa e justa, não é? Penso que há alguns pais desse nível mais alto, ou médio-alto, que acham que os seus filhos estão acima de determinados problemas e não estão. São é mais, como é que eu hei-de dizer, sabem disfarçar, enquanto com os outros aquilo é assim e é assim. Mas às vezes os outros são mais perigosos porque fazem de igual maneira, mas sabem disfarçar, dá a entender que parece uma coisa mas é outra. Acontece com alguns pais, não estou a falar de todos.

Pergunta: Mas acha que também têm esse tipo de comportamento de falta de cumprimento de regras e de algum desrespeito?

Resposta: Têm.

Pergunta: Acha que os contactos que têm com os encarregados de educação dos alunos que têm comportamentos indisciplinados, dão o resultado que desejava?

Resposta: Há casos em que sim. Há outros casos em que não. Por exemplo, um dos casos que tenho na minha turma. Tentei por vários meios falar com o encarregado de educação, não conseguia de maneira nenhuma, nem por telefone, nem convocada por escrito, não vinha. E eu fiquei a saber que vinha todos os dias buscar o filho à escola e não vinha falar comigo. E um dia, eu disse-lhe: “Espera aí que vou contigo”. E pronto fui convocá-la ao carro e ela veio no dia seguinte falar comigo. Eu sei que é uma pessoa que não trabalha portanto tinha disponibilidade para vir a qualquer hora mas não vinha. E não vinha porque já sabia o que é que tinha que ouvir. Porque não sabia o que fazer ao filho. Percebi depois disso na primeira conversa, inclusivamente eu comecei a falar e ela começou logo a chorar. Sei que é uma família difícil porque ela olha para o filho e já vê o pai que é toxicodependente, e é assim como se fosse uma fatalidade, como se já não houvesse nada a fazer. Portanto, nesse primeiro contacto, tentei desmontar um bocado a coisa e fazê-la ver que ele é muito novo, só tem 10 anos, e que também está na mão dela fazer com que seja diferente. Mas imagine, à frente do filho, a chorar e a dizer: “Eu estou a ver, é igualzinho ao pai, vai dar na mesma coisa” Este género de conversa, não ajuda, mesmo eu dizendo: “Então não vai nada, vai ver que ele vai conseguir...” Combinei com ela vir de quinze em quinze dias para ver como é que ele estava mas nunca mais apareceu. Já convoquei novamente. Assinou o recado, mas não veio, portanto estou a ver que tenho que ir outra vez ao carro.

Pergunta: Pois, então é complicado, não é?

Resposta: É. Por isso é que eu digo que eu acho que é essencialmente na família que está o problema, quando os pais se empenham no seu papel ou não se empenham, se desempenham o seu papel de pais, os miúdos também “prevaricam” mas é diferente, é menos grave.

Pergunta: O que é que tem a dizer sobre a articulação entre a direcção da escola e os professores ou directores de turma nestas situações, de combate à indisciplina ou à manutenção da disciplina?

Resposta: Eu penso, que a direcção está aberta sempre a ajudar e ouvir. Mas, por vezes, uma coisa que eu noto e que não me agrada especialmente, é que há questões em que por exemplo, antes de o encarregado de educação, sei lá, uma questão qualquer que tenha ocorrido aí fora, normalmente não é nas aulas, por vezes os encarregados de educação vêm e vão directamente à direcção e nós até nem sabemos ou ficamos a saber depois de terem sido avisados os encarregados de educação. Não tenho nada contra a direcção falar com os encarregados de educação mas acho que poderia haver uma melhor comunicação entre todos. Um dos membros da direcção é daqui da zona, portanto as pessoas conhecem-no então vão directamente lá falar. Também sei que nem sempre estamos disponíveis, não é? Os pais chegam aqui sem avisar e nós algumas vezes estamos a dar aulas. E muitas vezes a informação não circula.

Pergunta: E o director de turma não tem conhecimento do que se passa?

Resposta: Pois, não lhe é dado conhecimento.

Pergunta: Se eu lhe pedisse para avaliar a acção da direcção face à indisciplina aqui na escola, entre ineficaz, pouco eficaz, eficaz ou muito eficaz, como é que avaliava?

Resposta: No meu caso pessoal ou de uma maneira geral?

Pergunta: No geral, no que lhe é dado aperceber, ou seja, da ideia que tem, de que é o funcionamento da escola, do que é a sua acção, pelo conhecimento do dia-a-dia e do tempo em que cá tem estado a trabalhar, de que são os casos de indisciplina. Não estou a falar só da sua turma, mas do que é feito pela direcção, ou das acções da direcção, como é que poderia avaliar, em termos de eficácia, ou seja, o que é que feito pela equipa de direcção e qual é a sua eficácia, se é muito eficaz, pouco eficaz?

Resposta: Eu vou-lhe dizer a percepção que eu tenho, pode não ser a correcta. Em relação ao meu caso pessoal, já lhe disse, não tenho razão de queixa, portanto aquilo que tenho feito, penso que tem resultado. Também não recorro muitas vezes à direcção, como lhe digo, tento não recorrer, não é como alguns que quase diariamente, “agora vais ali”. Eu tento não esgotar essa fonte, não é? Agora, a apreciação que eu tenho da escola, em relação a determinados casos que aqui são conhecidos, é isso, não é? Não me parece eficaz.

Pergunta: Posso perguntar porquê?

Resposta: Mas é não me parece, mas não tenho conhecimento directo, não faço parte do conselho de turma, não sei, talvez sejam casos difíceis...

Pergunta: Então o que é que acha que deveria ser feito diferente para que fizesse uma avaliação muito eficaz? Está a pensar nos casos concretos, não é? E nesses casos concretos o que é que acha que deveria ter sido feito de forma diferente para que possa haver mudança ou melhoria da disciplina?

Resposta: Eu não tenho conhecimento por dentro, por isso a postura é da minha percepção pode não ser assim, não estou directamente ligada aos casos. Mas, se um aluno entra na direcção, bate com a porta e sai, acho que há qualquer coisa que falha, na minha opinião não deveria bater com a porta ou então se bate, tem de ser repreendido e não é, deveria sofrer alguma sanção. Por vezes, há situações desse género, os alunos abandonam a sala, quer dizer, nem ouvem o que há para dizer, saem, batem com a porta e depois vão lá fora dizer “até bati com a porta na cara da directora”... Não me parece que isto seja bom. Mas isto é uma percepção que eu tenho de fora.

Pergunta: Isto também é uma forma de responder ao que eu perguntei antes: “Se tivesse na direcção o que é que fazia diferente ou como é que fazia”. Eu já depreendo, por aquilo que me está a dizer que se lá estivesse, agiria de outra forma, não aceitava que essas coisas acontecessem.

Resposta: Acho que não. Em determinados casos acho que não, porque são casos em que não foi só uma vez, portanto são reincidentes e se não se faz nada voltam a acontecer e as pessoas estão quase esgotadas e parece-me, pelo que eu ouço, ser em outras situações. Quer dizer que quando se recorre à direcção, nem ouvem o que há para ouvir, mas então se bate a porta na direcção bate a porta a toda a gente. Digo eu, desrespeita, porque é esse mesmo o problema, desrespeitar professores, desrespeitar os colegas, portanto acho que é preciso fazer sentir que alguém manda na escola, não é?

Pergunta: Pronto, não sei se quer acrescentar alguma coisa aqui, depois do que já disse.

Resposta: Eu acho que a direcção é muito sensível aos problemas sociais. Isso é bom. Não quero que me interprete mal. E conhece os problemas dos miúdos, conhece as famílias, conhece estes problemas, mas, eu também sou, também gosto de conhecer a família, também gosto, mas acho que chega a um ponto que eles têm de agir mais, ser mais firmes, que isto não pode ser desculpa para tudo.

Entrevista 2 (6º ano)

Pergunta: O que é que considera ser um episódio de indisciplina, ou seja, que comportamento, da parte dos alunos a leva a actuar?

Resposta: Para mim, indisciplina tem que ser mesmo uma coisa muito grave, pode ser, vamos imaginar, um comentário, um impropério, uma daquelas frases que eles às vezes dizem, “Seu filho desta, seu filho daquela...” que dentro de numa sala não se admite. ... E eles, por vezes, podem ter esse tipo de comportamento porque vêm quentes de lá de fora daquelas quezílias. Aí acho que sim, tenho de actuar. Ou então também um pouco mais grave quando começam a agredir um colega ou uma situação parecida.

Pergunta: Para além do que disse e que é frequente entre eles, relativamente ao professor, quais são as situações ou atitudes que considera como sendo indisciplina?

Resposta: Eles dizem muito aquela do “não faço, não me apetece e não estou para me chatear”, como às vezes, também aquele encolher de ombros quando se pede para realizarem um trabalho, apesar de ser muito educadamente que nós o dizemos. Hoje em dia, os professores não têm aquele tipo de comportamento de há 20 ou 30 anos atrás, já somos mais “*polite*”, mais “*soft*”, como dizem os ingleses e mesmo assim eles continuam “Ó, não me apetece, para quê? para quê? Não vale a pena!” Parece que não têm mesmo vontade de trabalhar.

Pergunta: Isso acontece então em contexto dentro de sala de aula. E fora da sala de aula, que atitudes considera como sendo de indisciplina?

Resposta: Ou não me apercebo ou eles estão numa escola muito sossegada em que não há grandes problemas de nível da indisciplina. Por enquanto não temos tido, porque normalmente é mais o tipo de linguagem ou quando há uma discussão entre eles e em que resolvem a questão a murro ou ao pontapé, porque de resto não há assim muitos casos complicados.

Pergunta: Desses comportamentos que me referiu, quais é que considera serem os mais graves? Se fizer uma pirâmide em termos de comportamentos de indisciplina, quais é que considera serem os mais graves de todos?

Resposta: É assim, para mim, considero mais grave um aluno que é capaz de desrespeitar o professor, porque está chateado, o professor diz alguma coisa e ele “vai

pró cara...o”. Isso é insulto e portanto é um desrespeito total. Considero muito mais grave do que dizer “Oh, hoje não me apetece, hoje não estou para me chatear, hoje não em apetece fazer o meu trabalho...” Isso aí já é mais preguiça.

Pergunta: Dos episódios que referiu, quais são os mais frequentes aqui na escola?

Resposta: Eu creio que os mais frequentes, por aquilo que estou informada, são exactamente o “não me apetece ou não quero fazer” embora pontualmente também acontece alguns alunos terem comportamentos mais graves, porque não sei se sabe, nós temos casos de alunos aqui, que estão numa instituição e vieram do Porto, de bairros degradados, foram tirados às famílias, têm muitos vícios mas vêm cá às aulas e têm uns comportamentos mais problemáticos. Às vezes, por arrasto, até levam outros, que já não são nada fáceis e com estes que têm umas vivências muito mais complicadas mas que são considerados uns heróis, as coisas complicam-se.

Pergunta: Quando acontecem essas situações como é que procede, seja consigo na sala ou fora, como é que costuma proceder? Quais são as atitudes que toma?

Resposta: Comigo não acontece. É engraçado ou porque eu tenho tido muita sorte, ou não sei porquê. Não tenho casos assim graves, para já. Só tive um caso de um aluno que actualmente está no 7º ano (porque ele repetiu senão estaria no 8º) que é um aluno que não é muito acompanhado em casa e que tem alguns problemas a nível familiar. E então, a uma dada altura, eles estava numa aula comigo (6º ano, Inglês), e eu pedi-lhe para ele mudar de lugar, porque ele não tinha trazido o manual para poder acompanhar melhor a aula, estar mais atento e mais concentrado e ele aí teve uma atitude, como eu nunca tinha visto, e disse: “não vou, não me apetece, não vou”. E eu disse, “olha, se faz favor, tu vais fazer o que te disse” e ele continuou: “Não vou...” e eu tive mesmo que usar a força, quase a força e dizer “Vais sim senhor, fazes o favor porque senão vais lá para fora...” E pronto, ele aí realmente foi mas não tenho tido esse tipo de casos frequentemente, embora às vezes digam “Ó professora hoje não me apetece...” e eu “Então, vamos lá...” e eles acabam por fazer.

Pergunta: Mas e noutras situações mais graves?

Resposta: Eu não sei, porque se calhar reagiria com eles, também de forma dura porque às vezes quando ouço aqueles casos de agressões etc. e nesses casos há colegas que dizem, “ai eu se calhar não ficava quietinha”.

Pergunta: Há casos de agressões ao próprio professor?

Resposta: Eu não conheço. Se fosse uma situação dessas que para mim é mesmo daquelas gravíssimas, eu se calhar teria...não sei, acho que não ficava assim quietinha de mãos e pés atados, não é? Não sei, ou chamava um funcionário, se calhar antes de chamar o funcionário...se calhar fazia, não sei. Percebe? Eu não sei porque nunca tive uma situação dessas, portanto...mas acho que não ficava quietinha porque não tenho cérebro de barata, como dizem os brasileiros.

Pergunta: Mesmo não sendo muito frequentes esses casos, acontece as pessoas recorrerem a outros agentes, ou seja, em caso de situações graves, os professores ou os directores de turma recorrem a outras pessoas, aqui na escola, para ajudar a resolver as situações?

Resposta: Se há uma situação em que o professor está mais incomodado com o comportamento do aluno, pede para ele sair e normalmente o aluno tem que sair acompanhado por um funcionário com uma tarefa a realizar, porque o aluno não vai sozinho. Se for uma situação de maior gravidade, creio que o leva à direcção.

Pergunta: É comum ou é frequente recorrerem à direcção da escola para resolver casos de indisciplina dentro e fora da sala?

Resposta: Eu nunca tive uma situação dessas mas acho que por vezes acontece e até acontece chamar o director de turma para resolver... Para apagar o fogo, como digo, o que sinceramente acho que não deve. Até porque às vezes nem é um fogo tão forte, não é? Uma pessoa resolve, tenta resolver ali e não chamar o director porque senão acho que os alunos até perante a turma ficam a pensar: “ então, o professor não é capaz de resolver?

Pergunta: E em relação à direcção, concretamente à directora? É chamada, em que situações e o que é que ela faz, ou seja, como são as intervenções dela quando há casos de indisciplina mais graves?

Resposta: Não sei dizer, sinceramente não sei, porque nunca tive uma situação assim tão séria, desse tipo, mas normalmente até creio que é o professor José que é mais chamado e não a directora. É mais o subdirector, a não ser que ele não esteja e que tenha de ser urgente. Mas normalmente eles vêm, por aquilo que eu sei, eles vêm depois com o director de turma ao gabinete e há ali uma conversa. Tenta-se chegar a um acordo

por boas vias. Depois é chamado o encarregado de educação e pronto... é mais ou menos assim.

Pergunta: Acha que essas medidas da parte da direcção, não propriamente da directora mas mais do subdirector que está mais ligado a esses assuntos, são eficazes, dão resultados positivos e que contribuem para reduzir os casos de indisciplina na escola?

Resposta: Sim, sim. Mas depende, há casos em que sim e há casos que não. Talvez na primeira vez... Eu sei que há casos aqui em que não resulta, já temos visto que há um aluno que já foi suspenso mais que uma vez e continua a dar problemas e no momento até está a faltar e diz que vai para a escola X.

Pergunta: Então acredita que da parte da direcção, de quem lida com essas situações, as estratégias ou perfil são adequados para lidar com os casos de indisciplina daqui na escola? Ou proporia, se fosse directora, acções diferentes?

Resposta: Não, eu acho que tomaria as mesmas. Eu acho que primeiro tem que ser pelo diálogo e tentar também chamar o encarregado de educação. à pedra como se costuma dizer para que a família intervenha, tenha também a sua quota parte para resolver a situação. Neste caso é importante e é o ponto fulcral. E em caso então que não resulte, partir-se-á para uma outra hipótese mais séria e às vezes mais dura.

Pergunta: A escola tem estabelecido algum tipo de contacto diferente, com os encarregados de educação dos alunos que têm mais situações de indisciplina, ou seja, há algumas acções para esses pais, considerando os casos de indisciplina? Se sim, quais?

Resposta: Já houve intervenção da comissão de protecção de crianças e jovens, sei que sim, já foi tomada essa atitude, por exemplo, porque há casos mais complicados. E também participou a associação de pais.

Pergunta: E acha então que essas acções são eficazes?

Resposta: Lá está, eficaz ou não, também depende depois da forma como reage a família, em casa, porque muitas vezes os pais (quase sempre) precisavam de um apoio muito mais forte que não temos na escola. Eu sei de situações até ao nível da assiduidade que depois vai para a CPCJ, depois é para o tribunal, depois é para polícia, e não sei ... e anda-se daqui para ali e depois no fim, anda-se de um dia para o outro e não se resolve nada. E vão-se passando as coisas e o tempo.

Pergunta: A direcção tem um papel muito importante na dinâmica e na resolução dos problemas do quotidiano escolar, sendo um deles a disciplina que é o caso em estudo. Se eu lhe pedisse para avaliar a acção da directora, considerando estes parâmetros, como é que avaliaria?

Resposta: Classifico de Eficaz, não iria para o muito porque há sempre aqueles situações que se calhar se vêm repetindo e que seria necessário ter uma atitude mais, talvez mais dura, mais eficaz, mais firme. Porque há casos que não se têm resolvido.

Pergunta: Porque é que lhe parece que os casos de indisciplina são tratados pelo subdirector e não pela directora?

Resposta: Em parte, não sei se é mesmo ele que está com a alçada esses assuntos ou se está sobre a alçada dela. Agora, talvez também seja por ele ser um homem... Talvez por ele ser homem esteja mais à vontade.

Entrevista 3 (8º ano)

Pergunta: Há quantos anos é directora de turma?

Resposta: Sou directora de turma há cerca de 12 anos.

Pergunta: E é directora desta turma pela primeira vez ou vem acompanhando-a desde o 7º ano?

Resposta: Não, já sou desde o 7º ano e eles estão no 8º.

Pergunta: Que atitude dos alunos dentro da sala, é que considera como sendo indisciplina?

Resposta: Depende. Há vários tipos de indisciplina: se for falar para o outro, sair do lugar sem autorização do professor, atirar papéis, o não acatar as instruções. Tudo são casos de indisciplina, mais graves ou menos graves.

Pergunta: Isso dentro da sala. E, fora da sala, o que é que também considera como sendo uma atitude de indisciplina?

Resposta: Quando uma pessoa chama à atenção por uma linguagem não correcta e eles não acatam as instruções, bater nos ou ofender os outros, colocar papéis no chão propositadamente, o não respeitar, por exemplo, a ordem de entrada no refeitório. Tudo isso são casos de indisciplina.

Pergunta: Se eu lhe pedir para posicionar as atitudes que dentro da sala de aula, considera indisciplina, em pirâmide, quais é que colocaria no topo, sendo das mais graves para as menos graves?

Resposta: Dentro da sala, é por exemplo, não acatar as instruções do professor, quando eles têm um comportamento incorrecto e em vez de acatarem, contestam. A provocação aos colegas ou provocar o professor, para mim são algo mais grave. Depois, vem aquelas situações de atirar papéis e não respeitar a ordem recebida.

Pergunta: Quando diz provocar os professores, está a pensar concretamente em que atitude?

Resposta: Por exemplo, quando o professor chama a atenção e o aluno não acata e continua a responder e continua a dizer que não está correcto, sabendo que está a cometer algo de errado. Não quer dizer que os professores também não se enganem, isso é um facto, mas sabendo que cometeu um delito, continua a não aceitar e a não assumir. Para mim isso é grave.

Pergunta: Dessas várias situações que referiu, quais é que são mais frequentes, nesta escola?

Resposta: Aqui talvez as mais frequentes sejam os conflitos entre colegas, portanto o provocar os colegas. Entre professores não há tantos casos, entre eles são conflituosos. A minha turma, por exemplo, é extremamente conflituosa.

Pergunta: Esses conflitos entre eles são mais entre rapaz-rapaz ou também rapaz-rapariga?

Resposta: Sim. Só há lá duas raparigas portanto é entre rapazes, com as raparigas não acontece.

Pergunta: Quando eles entram em conflito como é que concretamente agem?

Resposta: Muitas vezes agem ao pontapé ou empurram; quer dizer, é mais à violência física.

Pergunta: Quando acontecem, seja na sua presença, seja porque depois recebe esse conhecimento, como é que age? Que medidas é que toma?

Resposta: Há uma participação escrita e depois entretanto entro em contacto com a directora e atendendo à gravidade, a directora decide se suspende ou não os alunos. É também chamado o encarregado de educação e tudo isso lhe é comunicado.

Pergunta: Então recorre à acção da directora nessas situações mais graves?

Resposta: Mais graves, sim, evidentemente. Quando não são muito graves é convocado o encarregado de educação e é discutido o assunto com a presença do aluno. Eu normalmente chamo o encarregado de educação e o aluno está presente. Acho que é uma boa estratégia.

Pergunta: E nesses casos em que recorre à direcção, que acções é que a directora toma?

Resposta: A directora costuma agir. Se for um caso muito grave o aluno é suspenso preventivamente e depois é organizado todo o procedimento disciplinar. Entretanto em contacto com o director de turma, vê-se a medida melhor, se for grave é suspenso logo, ou se faz um trabalho cívico em vez de suspensão. Será um trabalho feito a nível de escola, por exemplo. Mas normalmente a directora, com o director de turma, costuma definir o procedimento.

Pergunta: Então considera que quando recorre à directora para ajudar a resolver ou para lidar com esses casos de indisciplina, a acção dela corresponde ao que espera, que considera necessário? E ao que deseja?

Resposta: Sim, até à data tem correspondido.

Pergunta: Dessas acções que a directora da escola toma, já me disse pelo menos duas, quais é que considera mais eficazes?

Resposta: Depende da sua situação. Eu já tive duas situações graves em que a decisão foi diferente: um dos alunos foi suspenso preventivamente e cumpriu pena. Na outra situação também grave mas atendendo às características do aluno, pensou-se que era mais benéfico fazê-lo pensar mais na atitude que tomou não indo para casa, mas ficar aqui, fazendo uma tarefa. Depende do aluno e das suas características.

Pergunta: Nesses casos, a decisão da medida a tomar, é da directora da escola e da directora de turma?

Resposta: É da directora e da directora de turma. Normalmente a directora da escola nunca toma posição sem falar antes com o director de turma.

Pergunta: E acha que é eficaz?

Resposta: Eu acho que é eficaz, até à data acho que tem sido sempre eficaz.

Pergunta: Para além do que é feito com o aluno, há algumas acções que a escola tome, que seja por iniciativa dos professores ou da direcção da escola, orientada especificamente para os encarregados de educação dos alunos que têm problemas de indisciplina?

Resposta: Nós já fizemos uma reunião, já convocámos os pais quando vimos que havia vários casos. Na minha situação também já aconteceu, a turma é um bocadinho indisciplinada. Já convoquei os encarregados de educação todos, já se dialogou com eles. O grande problema é que muitas vezes os encarregados de educação não vêm. Aqueles que propriamente queriam que viessem não aparecem. Às vezes é complicado chamar os pais à escola para tratar dos problemas dos filhos e não surte muito efeito essa medida.

Pergunta: Então, considerando a acção da direcção, concretamente da directora, acha que se fosse directora faria exactamente as mesmas coisas, tomaria as mesmas medidas ou há alguma coisa que lhe ocorra que poderia pôr em prática se estivesse no lugar dela?

Resposta: Não, eu acho que fazia exactamente o que a directora faz.

Pergunta: Na parte dos contactos com os encarregados de educação, acha que realmente o que falha, é não culpa da escola, mas o acompanhamento da parte da família. É isso?

Resposta: Falta alguns encarregados de educação virem à escola, é difícil virem à escola resolver os problemas. Inclusivamente houve um encarregado de educação que me disse que o filho era assim mesmo e portanto que já estava farta de vir à escola para saber do filho porque em casa era assim e por isso não vinha mais. Assim como quem diz que estava farta de vir à escola. Não havia nada a fazer. Não são casos muito graves que o aluno cometa, são aquelas situações de indisciplina, irrequieto, perturba, está sempre a falar, levanta-se, não consegue estar concentrado.

Pergunta: Desses casos, sem recorrer a registos é capaz de me dizer se esses alunos têm mau rendimento?

Resposta: É uma turma de currículo alternativo portanto à partida já têm mau rendimento e leva à desconcentração total. O problema é esse.

Pergunta: E em relação aos funcionários, como é que eles agem face às situações de indisciplina?

Resposta: Eu nunca assisti assim a nada mas já tive participação de funcionários. Sempre que ocorre, eles falam comigo. Eu acho que os funcionários cumprem o seu papel e desempenham bem, chamam a atenção sempre que é necessário e não permitem barulho. Mas às vezes é complicado, não é?

Pergunta: Se eu lhe pedisse para me fazer uma avaliação considerando, a acção da direcção da escola como órgão de gestão, relativamente à indisciplina dos alunos, como avaliaria?

Resposta: Eu acho que é eficaz.

Entrevista 4 (5º ano)

Pergunta: Quais são as atitudes dos alunos que considera serem indisciplina?

Resposta: Há diversos graus de indisciplina. Acho que o grau mais grave da indisciplina é a agressão física ao professor e a colegas. Eu, felizmente na minha turma não tenho nada disso, nunca tive. Tirando estas situações extremas, o mais habitual que eu considere indisciplina será talvez, um aluno recusar-se a acatar uma ordem do professor para uma saída de sala de aula, de execução de uma tarefa, o teimar que não faz. É a insolência, falta de educação.

Pergunta: Vou dar-lhe um exemplo: E entrar com um boné na sala de aula? Considera isso indisciplina?

Resposta: Não, não considero.

Pergunta: E comer na sala de aula?

Resposta: Também não considero mas atendendo ao perfil de certos alunos. Por exemplo, acho que não posso exigir isso a um aluno que vem de um centro de recuperação de toxicodependentes, como temos aqui nesta escola. Acho que a certos

pormenores nós devemos fechar os olhos senão ainda vamos criar mais conflitos. Há aqueles que andam de boné naturalmente e não é indisciplina. Eu tenho um aluno de 16 anos que está num centro de recuperação de toxicod dependência e que vem de boné, é de etnia cigana e eu deixo, não me causa problemas nenhuns que eles estejam assim. Desde que cumpram para que vou estar eu a perturbar o clima da sala de aula e a dizer para tirar e a perturbar os outros alunos? Para mim não afecta nada a aula.

Pergunta: Isso que refere é em contexto de sala de aula. E fora da sala de aula, o que é que entende como sendo uma situação de indisciplina?

Resposta: As agressões físicas, são o mais grave, seja a colegas, a professores, a funcionários (e que já tem acontecido ao segurança cá da escola), o uso de palavrões.

Pergunta: Dos comportamentos que referiu, quais considera serem os mais graves?

Resposta: No topo colocaria a agressão física.

Pergunta: Isso entre eles. E em relação aos adultos, professores, funcionários, o que considera ser o mais grave?

Resposta: Eu continuo a achar que é a agressão física.

Pergunta: É frequente? Destes comportamentos enumerados qual é o que ocorre com mais frequência, aqui na escola?

Resposta: Aqui na escola, não há assim tantas agressões físicas a professores. Até que eu tenha conhecimento nunca houve. Entre eles há diariamente. Há sempre dois ou três alunos em cada turma, dependendo da turma, há turmas mais calmas que outras mas mesmo assim há dois ou três alunos, em que as agressões entre eles são diárias. Em todos os intervalos, envolvendo rapazes, meninas não. Entre rapazes é diário.

Pergunta: Porque é que acha que isso acontece? Porque é que eles chegam à agressão física?

Resposta: Eu acho que tem a ver com a personalidade, com o sexo. Com os rapazes apercebo-me que é assim, partem logo para a violência, qualquer pretexto, qualquer conversa sobre um telemóvel, sobre uma bola, leva certos miúdos a partir logo para a agressão. Não sei se tem a ver com o ambiente que têm em casa. Estou-me a lembrar de um aluno que tinha na minha turma do ano passado que chegou a ter aqui um processo disciplinar e com a aplicação da medida sancionatória máxima, os dez dias de suspensão. Ele batia em tudo e todos, tinha problemas familiares, tinha a mãe doente,

alcoólica, o pai violento. Há outros casos em que os miúdos vêm de famílias mais calmas e também têm esses problemas. É uma situação complicada.

Pergunta: Se acontecer uma situação dessas na sua presença, que atitudes assume?

Resposta: Sinceramente, se for fora da sala de aula e não for com alunos meus, (isto aqui entre nós), eu finjo que não vejo, vou para outro lado. Se forem alunos a quem dou aulas, (dou aulas ao quinto e ao sexto), mesmo que não sejam meus alunos mas que sejam dos anos que eu estou mais habituada a lidar, aproximo-me, tento perguntar o que se passa e tento acalmar. Se forem alunos grandes, sétimo, oitavo e nono, ciganos, alunos do centro de recuperação de toxicodependentes, e fora da sala de aula, eu finjo que não vejo e comunico à direcção. Não me vou meter ali numa bulha com alunos maiores que eu, sobretudo se eu estiver sozinha. Agora, se eu vier com mais quatro ou cinco colegas meus, nós vamos em grupo, falamos. Mas sozinha nem me aproximo.

Pergunta: E se for com os seus alunos, fora ou não da sala de aula, em que situações pede a intervenção da direcção?

Resposta: A intervenção da direcção na sala de aula, nunca pedi, porque tento dialogar com o aluno, tento fazer valer o meu ponto de vista, tento que ele mude o seu procedimento e desculpo sempre coisas que eu considero menores porque acho que não vale a pena estar a estragar a aula, incomodar os outros, por uma questiúncula. Tento desvalorizar o que pode ser desvalorizado. Quando eu acho que é uma coisa realmente grave, tento falar com o aluno, a bem, uma vez, duas vezes.

Se de todo em todo, o aluno se recusar a cumprir o que lhe pedi, não chamo a direcção, antes expulso o aluno da sala de aula. Chamo a funcionária e faço o que está previsto no regulamento da escola.

Pergunta: E quando faz chegar o caso à direcção para eles agirem? Pede a intervenção da direcção a seguir à aula?

Resposta: Só se eu achar que é aquela indisciplina muito grave. Se for uma resposta um pouco mais torta, não vou para a direcção.

Pergunta: O que faz cada um dos agentes da escola quando ocorrem estas situações?

Resposta: Eu acho que o mais conveniente é nós comunicarmos ao director de turma e o mesmo chamar o encarregado de educação. Só se chega à direcção quando são aqueles alunos reincidentes, quase diariamente, e quando há percepção por parte do

director de turma que não há feedback familiar. Não vale a pena andar a chamar o pai, a mãe, quando eles já não fazem nada, mais vale então envolver a direcção.

Pergunta: Nesse caso, quem é a pessoa da direcção a quem recorre?

Resposta: É o professor José.

Pergunta: Ele é o subdirector?

Resposta: Acho que sim.

Pergunta: Porque é que recorrem mais ao subdirector? É por uma razão especial?

Resposta: Sim, por várias razões. Por um lado achamos que é ele a pessoa que está mais canalizada para os alunos. Achamos que na direcção cada um tem a sua área de trabalho. É uma tradição, de longos anos, aqui na escola que o Professor José está virado para os alunos. Será a tradição, o facto de ser calmo, embora os outros membros da direcção também sejam calmos, ele dedica-se mais a resolver este tipo de problemas. A directora tem outro tipo de tarefas, produzir documentos, etc. O trabalho dele já é mais de acompanhar os alunos e tem outra coisa, é uma pessoa que já está aqui há muitos anos e é uma pessoa muito ligada ao meio e conhece toda a gente. Ele é de Albergaria e não de cá, mas conhece aqui toda a gente. Qualquer aluno que aqui chega, ele sabe quem é o pai, quem é a mãe. Ele acaba por resolver muitos problemas fora da escola, apesar de acontecerem cá dentro. Fala com o tio, com o vizinho e manda recado e assim acaba por resolver.

Pergunta: Então, nos casos em que recorre à direcção, mais concretamente ao Professor José, ele corresponde aquilo que espera dele? Aquilo que acha conveniente? Fica satisfeita com a actuação dele?

Resposta: Penso que ele faz aquilo que pode fazer. Às vezes era desejável fazer-se muito mais, mas ele também só pode ir até um certo ponto, não é? Muitas vezes a situação acalma naquele dia mas sabemos muito bem que no dia seguinte, o aluno está na mesma e não passa disto. Ele não dispõe de muitos meios para além daqueles de que nós próprios dispomos.

Pergunta: É capaz, de uma forma geral, de indicar o que é que está por trás desses alunos com episódios frequentes de indisciplina?

Resposta: No meu entendimento, é muito complicado apontar-lhe só a família. Acho que não é só isso. Não sei mesmo o que é.

Pergunta: Mas atribui um papel importante ao meio familiar?

Resposta: Dou. Constatado que são das famílias mais desestruturadas que chegam os miúdos mais complicados. Penso que há alguma relação mas também penso que existem mais algumas causas. O professor para lidar com alunos destes tem de ter um perfil especial. Tem de ter paciência, tem que saber dialogar, não pode estar ali a medir forças, tem que fazer algumas cedências. Não é fácil.

Pergunta: Para esses alunos que têm comportamentos frequentes de indisciplina, que acções desenvolve a escola?

Resposta: O que se faz aqui, é aquela primeira etapa: Comunicar ao director de turma, falar com o Professor José e este chama a família e faz-se uma reunião mais abrangente, com o aluno, pai, director de turma e um membro da direcção. Depois passa-se para a CPCJ e mais nada.

Pergunta: No seu caso, como directora de turma do 5º ano, tem destes casos?

Resposta: Não, nada. De experiência própria só do que tive em outros anos. Já tive turmas difíceis mas este ano não tenho nenhuma situação problemática.

Pergunta: Nota que os casos de indisciplina têm vindo a aumentar?

Resposta: Este ano é excepção. Não sei bem dizer, sempre houve muita agressividade física entre os alunos e sempre houve casos que ficaram na história. Há historial mas se calhar agora, existe um pouco mais. Eu estou aqui há 20 anos e houve sempre mas talvez haja um acréscimo. Os alunos, agora, estão mais à vontade connosco, são mais atrevidos, não há noção de hierarquia, estamos quase em pé de igualdade. São capazes de nos dizerem coisas que a gente não ouvia há uns anos mas, continuo a achar que nesta escola, actualmente, a indisciplina mais grave não é dos alunos daqui mas dos alunos que vêm de fora. Os que são transferidos de outras escolas e que estão integrados no Centro de Recuperação. São alunos do Porto, do Cerco. São tirados à família por ordem do Tribunal e que vêm para uma instituição que funciona cá e então frequentam a nossa escola. Os ciganos também são complicados, temos cerca de 10,12, na escola. São muito agressivos para com os outros rapazes e fumam, fala-se de haxixe. E depois os alunos novos integram-se muito rapidamente. Por exemplo um aluno que

venha hoje do Porto, vai para ao centro e no dia seguinte ele já está integrado no grupo dos alunos mais problemáticos desta escola. Eles parece que têm um sexto sentido e formam logo um bloco. Os ciganos são também muito complicados. Estes são, no meu entender, os focos de problema. Não são os alunos de cá. A escola aceita quatro, cinco vezes por ano alunos vindos do Porto, de Lisboa, porque a escola tem que ter alunos senão tem que agrupar. Acho que o agrupamento tem 750 alunos, se descer até aos 700, agrupa. De maneira que a direcção tem interesse em receber novos alunos e aceita tudo, inclusive, aqueles casos que ninguém quer e que já correram as escolas todas da vizinhança, já estiveram na escola da área da residência do pai, são expulsos de todo o lado e a escola aceita que é para não descer aos 700.

Pergunta: São geralmente só de 3º ciclo?

Resposta: Não, são de 2º e 3º ciclo.

Pergunta: Das acções tomadas pela direcção, em concreto pelo Professor José, quais considera serem as mais eficazes?

Resposta: Eu acho que é o contacto com a família.

Pergunta: Por ser aqui uma pessoa da zona?

Resposta: Sim, mas quando são casos mesmo graves a directora também intervém. Em caso de alunos reincidentes, com vários processos disciplinares a directora promove uma reunião com os pais e com o Professor José. Acho que tem alguma eficácia por os pais se sentirem comprometidos, por serem todos da mesma terra.

Pergunta: Se fosse directora da escola, que medidas tomaria para tentar combater ou reduzir a indisciplina?

Resposta: A pergunta é muito difícil. O problema é tão complexo que seriam necessárias várias medidas: apoio às famílias, formação dos professores...

Pergunta: Como directora que medidas aplicaria? Seriam medidas iguais às que têm sido tomadas ou diversas?

Resposta: Não sei. É um problema que é difícil de resolver. Sei lá, uma reunião por período com os pais, uma palestra com a directora? Mas os pais dos alunos complicados não vêm à escola. Só vêm os pais dos meninos que já se portam bem.

Pergunta: Se eu lhe pedir para avaliar a acção da direcção face à indisciplina dos alunos como ineficaz, pouco eficaz, eficaz e muito eficaz, como avaliaria?

Resposta: Olhe, entre os professores cá na escola, nós achamos que a direcção é um pouco branda com os casos de indisciplina. É a opinião que o corpo docente tem. São muito brandos e tentam sempre pôr água na fervura, partir para o conselho disciplinar é sempre a última medida. E nós quando temos um aluno que nos deixa muito exaltadas, queremos sempre fazer mais qualquer coisa, vamos á direcção e aquilo fica tudo ali numa conversa. Por outro lado, nós também reconhecemos que quando se faz o que a lei permite, o procedimento disciplinar, o aluno vai e vem, fica na mesma, está a perceber? Eu também acho que o que se pode fazer a seguir, segundo a lei, o conselho disciplinar, não resolve nada. O aluno vem igual depois da suspensão. É difícil. Mas talvez pouco eficaz.

Pergunta: Poderei eu entender, diga-me se sim ou se não, que a acção da direcção está condicionada pela legislação?

Resposta: Acho que sim.

Pergunta: Acha que seria diferente se a legislação fosse outra?

Resposta: Acho. Sinceramente acho. Acho que eles não podem fazer mais que aquilo.

Entrevista 5 (9º ano)

Pergunta: O que é que considera como indisciplina?

Resposta: Por exemplo, a falta de respeito para com o professor, atitudes agressivas mesmo orais, não precisa de ser físicas. A própria tentativa de falar sempre fora de tempo sistematicamente, não é uma vez ou outra, nem é por distração. Para mim começa a ser um pouco de indisciplina.

Pergunta: Isso dentro da sala. E fora da sala?

Resposta: Por exemplo, as agressões físicas ou verbais aos colegas, e também existe muito mau comportamento na cantina.

Pergunta: O que é que considera mau comportamento na cantina?

Resposta: Atirar a comida, colocarem a comida dentro da sopa uns dos outros, espinhas ou ossos, isso para mim é indisciplina.

Pergunta: Desses comportamentos todos que considera como sendo de indisciplina, quais é que lhe parecem ser mais graves? Se fizesse uma pirâmide o que é que colocaria em termos de gravidade, no topo?

Resposta: As agressões físicas provavelmente.

Pergunta: De todos esses, aqui na escola quais é que são mais frequentes? Dentro das atitudes que engloba como indisciplina?

Resposta: Penso que na cantina, há miúdos que têm uma postura que tem que ser corrigida.

Em termos de sala de aula, eu pessoalmente não tenho problemas de indisciplina mas não quer dizer que não os veja, mas não posso falar por experiência própria. Eu acho que provavelmente a falta de educação para com a outra pessoa, seja aluno, seja professor, seja funcionário é se calhar a maior indisciplina que neste momento existe.

Pergunta: Quando ocorre algum desses episódios consigo, como é que actua?

Resposta: Quando é a primeira vez, tento não colocar o aluno na rua, por ser a primeira, aliás é uma das coisas que quase nunca faço. Tento falar com o aluno, levá-lo a ter uma atitude diferente e comunico sempre à directora de turma quando isso acontece para que ele se corrija. Mesmo que ele não tenha tomado mais nenhuma atitude, comunico sempre para que ele esteja alerta e também para que possa alertar o encarregado de educação. Se o encarregado de educação for uma pessoa que esteja aberta ao diálogo e que possa fazer algo, dá resultado. Na maior parte dos casos, o encarregado de educação também é uma pessoa que não sabe o que há-de fazer ou acha que o aluno não faz nada de mal.

Pergunta: Acha tudo normal?

Resposta: Acha tudo normal, acha que os professores, os funcionários, os colegas é que não o entendem, normalmente a reacção dos pais dos alunos que são indisciplinados é essa.

Pergunta: Falou do caso dos pais que não sabem o que é que hão-de fazer. Quer pormenorizar?

Resposta: Sim, também há casos de pais que não conseguem fazer nada, apesar de virem à escola e sei de casos, na outra direcção de turma, em que vêm à escola e que

tomam conta das ocorrências mas depois dizem: “não sei o que hei-de fazer...”

Pergunta: Esses casos são de famílias desestruturadas?

Resposta: Não.

Pergunta: Qual é o entendimento que tem dessas situações em que os pais dizem que não sabem o que hão-de fazer?

Resposta: É um problema familiar, quanto a mim. Quando se têm um filho de 13 ou 14 anos e já não se sabe o que há-de fazer, o que lhes reserva o futuro? Noto que os pais deixam de controlar os filhos.

Pergunta: Porque é que acha que isso acontece?

Resposta: Eu acho que, antes de mais, os pais têm que ser pais e acho que muitos pais acham que ser pai é ser amigo e “então vamos ser amigos antes ser pais”. E não deve acontecer isso. Depois chega-se a um ponto em que o filho acha que pode estar em pé de igualdade. Por isso gera-se sempre um conflito e há uma grande confusão de valores e sobre quem manda o quê.

Pergunta: Acha que há uma perda de autoridade por parte dos pais?

Resposta: Da parte dos pais, sim.

Pergunta: E acha que isso se transfere para a escola?

Resposta: Com certeza. A própria instabilidade da sociedade nota-se. Eu dou aulas há 21 ou 22 anos e nota-se cada vez mais instabilidade social e instabilidade dos filhos.

Pergunta: Então acha que se transferem para a escola as atitudes de falta de reconhecimento da autoridade?

Resposta: Sim.

Pergunta: Em algumas ocasiões recorre, a outros agentes aqui da escola para ajudar a resolver as situações, seja no momento ou à posteriori?

Resposta: Sim. A direcção é um dos elementos que eu acho que também tem que se envolver em todas as situações de indisciplina.

Pergunta: E recorre à direcção para resolver esses problemas?

Resposta: Eu, pessoalmente, raramente porque como digo, tenho sorte por ter turmas com poucos problemas.

Pergunta: É professora do 3º ciclo e directora do 9º. Tem acompanhado sempre esta turma?

Resposta: Sim, no 7º, 8º, e 9º e sem problemas.

Pergunta: E em nenhuma vez recorreu, recorreu à direcção em caso de indisciplina?

Resposta: Acho que uma vez ou duas. No momento acho que recorri uma ou duas vezes mas não era nada de transcendente. Situações mais graves não houve.

Pergunta: E que acção foi tomada por parte da direcção?

Resposta: A direcção nesse caso chamou o aluno, na presença do director de turma, e falou com o aluno.

Pergunta: Na direcção é a directora que resolve esses casos ou outro elemento?

Resposta: Normalmente está sempre presente a directora e também os outros elementos.

Pergunta: E o que foi feito, correspondeu ao que acha necessário, ao que deveria ser feito?

Resposta: No meu caso sim.

Pergunta: O que me disse foi que houve um diálogo com o aluno. Para além desse diálogo, sabe se em algumas outras ocasiões são feitas outras acções por parte da direcção?

Resposta: Normalmente, quando se avança para processo disciplinar, já aconteceu os alunos serem suspensos preventivamente e não se viram resultados positivos.

Pergunta: Então acha que as estratégias que são postas em prática pela direcção da escola são satisfatórias?

Resposta: Tendo em conta a legislação, sim.

Pergunta: Acha que a acção da direcção é muito condicionada pela legislação?

Resposta: Todos nós achamos que sim.

Pergunta: O que é que acha que deveria ser diferente?

Resposta: Eu acho que os professores neste momento têm muito pouco poder. Os pais têm muito mais poder que nós e embora não se possa dizer alto, penso que isto ainda vai piorar e nós estamos numa santa terra, não é? Em outros locais, cidades, acho que o problema é maior, onde há problemas sociais maiores.

Pergunta: A escola estabelece ou já estabeleceu em outras ocasiões contactos diferentes com esses pais, ou seja há alguma acção da escola diferenciada para os pais dos alunos que têm problemas de indisciplina?

Resposta: Pronto, sei com os pais desses miúdos que têm casos de indisciplina são muitas vezes chamados, muitas vezes à direcção, já houve casos em se participou à Comissão de Protecção de Menores, portanto é diferenciada.

Pergunta: Sim, mas desenvolveu outro tipo de acções?

Resposta: Que eu saiba não.

Pergunta: Quando as acções a que referiu são concretizadas, acha que são eficazes?

Resposta: Se surtem efeito no aluno?

Pergunta: Sim.

Resposta: Muitas vezes não.

Pergunta: E porque é que acha que não?

Resposta: Lá está, acho que continua a ser uma questão de autoridade, de quem é que manda, dos princípios, porque eles acham que vão para casa uma semana ou 5 dias mas quando regressam, volta tudo ao mesmo.

Pergunta: Se fosse directora da escola o que é que faria face à indisciplina dos alunos?

Resposta: Não sei, é muito complicado. Uma coisa é eu estar como directora de turma outra coisa é assumir papel de liderança. Nesse papel de liderança as pessoas colocam-se noutra postura. Eu acho que a direcção tem que ser extremamente firme nas medidas que toma e nas atitudes que assume, porque os alunos precisam de saber que há alguém que manda e portanto, eu iria ter essa preocupação. Agora o que iria fazer, é complicado de dizer.

Pergunta: E acha que há essa postura de firmeza e de mostrar quem é que manda na escola actualmente e que essa imagem passa para os alunos?

Resposta: Nem sempre.

Pergunta: Acha que há algum aspecto que poderia ser melhorado?

Resposta: Sim.

Pergunta: Se lhe pedisse para avaliar a acção da direcção face à indisciplina como, ineficaz, pouco eficaz, eficaz, muito eficaz, como é que avaliaria?

Resposta: Avalio como Eficaz.

Entrevista 6 (9º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na escola?

Resposta: O que eu considero indisciplina é não respeitar as regras, não obedecer ao professor, ter atitudes agressivas, não acatar as ordens do professor, ser mal-educado.

Pergunta: As regras de comportamento estão claramente definidas?

Resposta: Estão estipuladas em regulamento interno, eles sabem as regras, são divulgadas, o professor de cada disciplina diz, o director de turma diz, nas aulas de Formação Cívica, etc. Eles sabem disso.

Pergunta: O que é que pensa do facto de eles, ainda assim, não respeitarem as regras?

Resposta: Um desses alunos, é um aluno repetente, já repetiu o 8º ano, repetiu o 9º ano, não quer estar na escola, revolta-se contra a escola e contra os pais que o obrigam a cá estar. Esse é o caso mais complicado. Ele faz isso porque é uma revolta, não está cá para fazer mal, porque depois vem-me dizer “vou ter uma participação disciplinar na disciplina tal porque...É humilde. Tenho um outro aluno que não quer estudar, simplesmente isto não lhe diz nada e para ele, 90 minutos dentro da sala de aula, embora ele não queira portar-se mal, não consegue. Não consegue estar 90 minutos dentro da sala de aula e portanto há professores compreensivos e que o deixam sair 5 minutos. Basta deixá-lo sair 5 minutos e ele dá uma volta ou vai à casa de banho e depois fica o resto da aula bem. Mas há outros professores que não entendem isso e que o obrigam a estar lá à força e depois acontecem essas faltas disciplinares. Também tenho outro aluno

que não dava problemas, só que no ano passado o pai morreu-lhe nos braços e a partir daí ele é um miúdo um bocadinho revoltado, anda no psicólogo, etc. Às vezes ele responde um bocado agressivamente, não é mal-educado, pelo menos eu não o acho mal-educado, há 2 professores que consideram que ele não deveria falar assim, mas é por isso que ele tem faltas disciplinares, mas eu não considero que seja má educação. Embora os professores considerem que ele fala muito agressivamente, passaram a entender um bocadinho melhor o miúdo.

Pergunta: E eles são alunos dentro da escolaridade obrigatória?

Resposta: O primeiro que falei não, tem 16 anos feitos, vai fazer 17 e esse, porque está a chumbar, quer sair da escola, os pais não deixam. Queria ir para uma escola profissional mas os pais não deixaram.

Pergunta: O que disse são situações de indisciplina na sala de aula. E fora da sala de aula, o que considera que sejam situações de indisciplina?

Resposta: É a mesma coisa, é não respeitar as regras dentro do espaço físico da escola, que muitos não respeitam, não é? Batem muito uns nos outros, geralmente o mais forte tem tendência a bater no mais fraco, também temos os mais pequenitos que provocam os maiores e os maiores depois batem. Outra coisa que acontece e é grave, acho que é o facto de tentarem infringir as regras como fumar cá dentro, sabem que não podem mas tentam e vão-se esconder. Para mim isso é grave.

Pergunta: Desses comportamentos todos de que me falou, quais é que considera mais graves na sala de aula?

Resposta: O que considero mais grave é a falta de respeito para com o professor. A partir do momento em que eles desrespeitam o professor, tratam mal o professor, já tem de se agir. Chegam mesmo, este ano ainda não tive, mas já tive nos outros anos, casos em que insultavam mesmo o professor.

Pergunta: Isso é o que considera mais grave?

Resposta: Para mim é. Para mim ultrapassa todos os limites porque eu digo-lhes: “você não falam assim com os vossos pais, não têm que falar assim com uma pessoa que vos é estranha praticamente. Neste ano, tenho este tipo de atitude, é uma coisa que estou sempre a avisar, não admito isso, posso admitir muitas outras coisas, e aviso-os: “posso admitir que vocês falem mal com o vosso colega, posso admitir que vos mando calar e

vocês não se calam.” Mas a falta de respeito, o não acatar ordens, considero tudo isto muito grave.

Pergunta: Qual é a disciplina que lecciona?

Resposta: Neste momento estou a leccionar francês.

Pergunta: Quando acontecem essas situações mais graves, o que é que faz? E quando o aluno tem este tipo de comportamento, o que é que é feito pelos professores?

Resposta: Este ano não aconteceu, mas no ano passado ou em outros anos em que isso aconteceu, o aluno vai a conselho disciplinar. Primeira coisa peço uma participação detalhada do professor que sofreu essa violência, chamo os pais, os pais tomam conhecimento, assinam, recorro a testemunhas e faço o processo e tento não deixar passar a situação impune. Noutras ocasiões, tenho várias participações disciplinares, mas são casos em que o miúdo muitas vezes não fez os trabalhos, reage porque o colega provocou, mas falta de educação é matéria para conselho disciplinar.

Pergunta: Isso se for participado por outros colegas. E se for consigo?

Resposta: Eu também teria que fazer, embora o processo não fosse por mim mas seria feito por outro professor, mas claro que sim, que daria processo disciplinar.

Pergunta: Em algumas ocasiões recorre a outras pessoas aqui na escola, outros agentes, por exemplo à direcção para intervirem quando são comunicados casos de indisciplina na sua direcção de turma?

Resposta: Nas minhas aulas nunca recorri, mas já recorri em casos de indisciplina mas não nesse sentido. Houve um caso grave, eu chamei a direcção e questionei o que eu devia fazer, expliquei o que tinha acontecido e perguntei se era caso para levar a conselho disciplinar ou se só chamava os pais. Nesse género de situações recorro mas há, às vezes, aqueles casos em que não sei o que fazer, só nesse sentido. Então eles sugerem o que se há-de fazer.

Pergunta: Então nesses casos é para ouvir opinião?

Resposta: E não só, às vezes é porque tenho o encarregado de educação e já cheguei a reunir com um encarregado de educação e pedir a presença de um elemento da direcção da escola, quando eu acho que os pais precisam de sentir mais firmeza. Por exemplo, tive aquele tal aluno que quis desistir da escola e os pais vieram cá mesmo à escola para

o aluno anular a matrícula e etc. Aí eu pedi a um elemento da direcção da escola para esclarecer comigo que não se anula assim a matrícula sem mais nem menos. A escola tem o papel de motivar o aluno para estar na escola e não é para o empurrar para fora e portanto foi mais nesse sentido. E houve outro caso de um furto, por brincadeira, mas o objecto apareceu, resolveu-se tudo, mas também pedi a presença da direcção da escola para falar com o encarregado de educação, porque eles não acreditavam que o filho tenha feito aquilo.

Pergunta: Então, nessas ocasiões quando recorre á direcção no sentido de transmitir algum acontecimento de indisciplina ou pedir sugestões de actuação, qual é a acção da direcção?

Resposta: Este ano, nos casos que tive, disseram-me que ainda não era motivo para fazer processo disciplinar ao aluno. Em outros anos, houve uma situação em que me disseram para avançar, que era grave e que íamos suspender o aluno.

Pergunta: As medidas que são tomadas pela direcção da escola correspondem ao que considera que é necessário e desejável?

Resposta: O que a direcção da escola faz são todas as medidas que estão previstas pela lei, mas eu acho que não tem efeito nenhum, porque o miúdo que é suspenso volta a fazer o mesmo, os comportamentos do aluno repetem-se.

Pergunta: Porque acha que isso acontece?

Resposta: Acontece porque há uma desmotivação do aluno relativamente à escola, porque o aluno não quer estar cá e por isso faz propositadamente por ser suspenso, até serão uns dias em que vai para casa descansar. Se for fazer trabalho comunitário, aqui na escola, já não gostam muito, porque os colegas riem-se, mas ainda vão fazendo. Eu acho que isso não é solução. Mas também depende dos alunos. Há 2 ou 3 anos, suspendi um aluno 3 dias por ter tratado mal um professor e a partir daí o aluno que tinha 5 negativas, foi suspenso, voltou, portou-se lindamente e acabou o ano sem negativas. Por isso, tudo depende dos alunos, da família e se querem fazer algo da vida.

Pergunta: Em que casos considera que essa medida não dá resultado? Consegue ter ideia de quando é que essas medidas não surtem efeito?

Resposta: Não têm efeito quando eles não têm objectivos. Eu acho que quando há um objectivo a atingir, quando um aluno tem um objectivo na vida, tem o objectivo de fazer

qualquer coisa, ele empenha-se. Quando ele não tem objectivos tanto lhe faz. Eu acho que vai por aí e por muito que se fale com eles, por muito que se lhes diga que é bom que não sei quê, que não sei que mais, não tem nenhuns objectivos, também não tem acompanhamento, também não tem ninguém em casa que os ajude a traçar objectivos, nada resulta.

Pergunta: Quando me disse que as medidas que a direcção toma são aquelas que estão previstas na lei, era capaz de sugerir que fossem tomadas outras medidas pela direcção?

Resposta: Eu não sei, eu acho que não há nenhuma medida para este tipo de alunos que resolva. Eu acho que o que primeiro falta à escola é apoio psicológico porque nós não temos técnicos de psicologia.

Pergunta: Não há ninguém que colabore aqui com a escola, mesmo em part-time?

Resposta: Em part-time sim, mas tem que se pagar e não é a mesma coisa. Não temos nada disso, a escola não é de intervenção prioritária, automaticamente não temos nada disso, mas faz falta, porque há alunos que deveria ter acompanhamento. Sabemos que faz falta e nós falamos com os pais para procurarem mas eles não têm dinheiro para pagar. No ano passado falei com um encarregado de educação, o psicólogo disponha-se a vir cá, mas o encarregado de educação tinha que pagar 28€. É menos que lá.

Pergunta: Supostamente aqui o nível socioeconómico não é muito elevado...

Resposta: Não. Não é e até tem vindo a piorar.

Pergunta: Na direcção é a directora ou outra pessoa que trata disso?

Resposta: Eu falava da direcção mas nesses casos disciplinares eu até falo mais com o professor José que é o subdirector e que talvez conheça melhor os alunos porque anda sempre por aqui, ou melhor, conhece-os a todos.

Pergunta: Para além dessa acção, da participação da elaboração do processo disciplinar, há mais alguma acção que a direcção tome quando há casos de indisciplina, mais ou menos graves?

Resposta: Quando acontece, há um diálogo com os alunos, chama-se o aluno à direcção, o professor envolvido, o encarregado de educação e tenta-se chegar ali a um consenso, chamar a atenção do aluno e também do encarregado de educação para, na presença do professor se desculpar. Por isso, primeiro parte-se para um diálogo, mostrar

ao aluno que deve mudar e já vi muitas vezes a direcção mostrar ao aluno que é importante ele acabar a escolaridade obrigatória.

Pergunta: Então, quando diz direcção, refere-se a uma pessoa que trata mais dessas questões de indisciplina, ou seja, é mais o subdirector do que a directora?

Resposta: Sim, mas é a directora claro que assina os papéis e que toma a decisão final, não é ele. Nós dirigimo-nos mais a ele porque ele anda sempre por aí, ele conhece os miúdos todos, se eu falar do fulano tal, ele sabe quem é. Conhece as famílias, ele vai a casa das famílias mais problemáticas porque ele é de cá e conhece bem o meio. Mesmo se um aluno estiver a faltar 2 ou 3 dias seguidos ele vai ver o que se passa.

Pergunta: Está aqui há mais anos do que a directora?

Resposta: Sim, porque ela vem do primeiro ciclo e ele esteve sempre aqui nesta escola, na 2, 3 e por isso conhece melhor os alunos.

Pergunta: Em síntese, acha que da parte da direcção são tomadas todas as medidas que são possíveis ou necessárias para lidar com as situações?

Resposta: Eu acho que sim, quer dizer, eu também me ponho no lugar deles e penso no que poderia fazer, mas é complicado agir porque há limites legais.

Pergunta: Se fosse directora o que é que faria? Nesta escola imagina-se no papel de directora (ou da direcção) e aí o que é que faria, considerando os casos que conhece bem?

Resposta: Bem, há tempos houve uma reunião com os pais e não esteve nenhum membro da direcção e eu acho que deveria estar. Eu estive sozinha com os pais da minha turma mas eu acho que era bom estar um elemento da direcção para, tanto os alunos e como os pais, tomarem consciência do comportamento dos filhos, do que estava a acontecer e das consequências. Eu, se fosse da direcção, estaria presente, ninguém esteve lá, nem sendo convidados estiveram, portanto há certas situações em que eu faria diferente. Estaria mais presente e acho que aí falham.

Pergunta: O que é que a escola, enquanto estrutura educativa, a direcção e os directores de turma fazem especificamente orientado para os encarregados de educação dos alunos com situações de indisciplina, diferente do que faz para os outros, ou seja, pretendo saber se existe alguma acção desenvolvida em conjunto.

Resposta: Em conjunto não há. Chama-se é frequentemente os pais desses alunos com problemas.

Pergunta: Considera que esses contactos são eficazes? E se não são, porquê?

Resposta: Na minha turma têm sido, eu insisto muito. No geral, sei de alguns casos que não são eficazes noutras turmas porque eu ouço os colegas comentarem, e também ouço que os directores de turma se queixam, chamam cá os pais porque tem alunos que têm problemas muito graves e que alunos já foram suspensos e etc. Mas pais passam para a mesma conversa dos filhos. Os filhos têm apoio por parte dos pais, sentem que os pais os estão a proteger e por isso eles continuam a fazer o mesmo. O que é uma atitude errada, eles acreditarem no filho e não acreditarem no professor. Na minha turma, tenho um caso em que a mãe se não vier cá, telefona-me todas as semanas para saber como anda o filho, embora raramente o aluno tenha participações disciplinares. No geral, este ano as coisas melhoraram relativamente ao ano passado, ele realmente disse que não queria que a mãe sofresse mais com isso e as coisas têm melhorado. Em relação aos outros, e àquele que eu disse que já reprovou várias vezes acho que não porque, eu disse-lhe “Olha, continua assim que vou avisar o teu pai e o teu pai vai-te castigar” e ele disse assim “ Não vai nada. Eu faço o que eu quero.”

Pergunta: Acha que isso corresponde à verdade?

Resposta: Não sei se não corresponderá um bocadinho à verdade, porque já reuni aqui com a mãe dele e com o subdirector da escola, estávamos os 4, o miúdo também e ele começou a levantar a voz para o subdirector da escola e a mãe não disse nada, deixou o filho levantar a voz e eu tive que ralhar com o aluno e dizer: “e tu aqui falas baixo e respeitas as pessoas e se ninguém te dá educação em casa damos nós na escola”, e a mãe ao lado. A mãe não disse nada, deixou levantar a voz e começar a maltratar as pessoas. Se ela faz isso, se ela deixa o filho tratar mal as pessoas que estão presentes então imagine o que será em casa. Portanto, eu acho que a culpa vem de casa, dá-nos a impressão que os pais têm medo deles.

Pergunta: Acha que isso acontece só nas famílias de nível socioeconómico e cultural mais baixo?

Resposta: Sim, no nível mais baixo é assim porque os outros ainda tentam impor regras. Agora nessas famílias de nível mais baixo, acho que nem tentam. Primeiro são muito permissivos, nessas casas não há regras, os pais permitem tudo e eles não respeitam os

pais mas os pais protegem os filhos, porque os pais acreditam mais nos filhos. Há uma versão contraditória e desses eu muitas vezes recebo participações.

No outro dia, tive uma participação, telefonei, foi o avô que me atendeu e disse-me logo: “Não acha Sra professora, que o meu neto anda a ser perseguido por essa professora?” Pronto, foi a primeira resposta que eu ouvi, mas não pode ser assim, não é? Mas foi a primeira coisa “O meu neto anda a ser perseguido por esta professora”, e portanto as coisas já chegaram ao avô, porque eles acreditam no que o aluno vai dizer para casa e não no que o professor diz. Eu acho que é o mal deste século: é que há uma super protecção, uma desresponsabilização. Parece que os miúdos não são responsáveis e tudo lhes é tolerado.

Pergunta: Se tiver que avaliar o trabalho desempenhado pela direcção no que toca à indisciplina dos alunos e considerando obviamente as necessidades da escola, como é que avaliaria? Ineficaz, pouco eficaz, eficaz, muito eficaz?

Resposta: É difícil porque o papel deles também é difícil, mas avalio de pouco eficaz. Mas também acho que a culpa não é deles, porque há limites. Nós temos limites impostos e há muitos problemas, nos temos aqui ciganos, temos alunos da comunidade dos drogados, quer dizer, é muito difícil. Mas mesmo assim, acho que é pouco eficaz, mas não sei se eu faria melhor, porque isto de lidar com seres humanos é muito complicado. Porque o ser humano diz que sim, que vai mudar mas não muda nada.

Pergunta: Então já me disse e reitera que a principal causa de indisciplina é a falta de educação e acompanhamento por parte do encarregado de educação?

Resposta: Eu acho que sim. Eu acho que eles trazem para a escola a educação que têm em casa.

Pergunta: E relativamente aos funcionários?

Resposta: Também, muitas vezes eu passo e ouço e chamo atenção dos alunos. Há uma coisa que mudou relativamente a quando eu era aluna, por exemplo, que é: a escola tornou-se obrigatória, então os pais acham que os professores é que têm que educar os alunos e aturar o que eles fazem.

Entrevista 7 (7º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na sala de aula?

Resposta: Considero fumar, insultar, dizer aquelas bocas, aquelas asneiras que nos chamam à atenção.

Pergunta: Há muitos alunos que têm assim esse tipo de atitudes ou é um grupo isolado?

Resposta: Há muitos alunos.

Pergunta: Porquê? Acha que alguns se deixam influenciar pelos outros?

Resposta: Eles acham que essa linguagem é uma linguagem moderna.

Pergunta: Em que ocasiões, recorre à direcção para ajudar a resolver?

Resposta: Quando é mesmo muito grave.

Pergunta: Como, por exemplo?

Resposta: Para mim quando é muito grave é quando me faltam ao respeito. Já me chegaram a levantar a mão para me bater, (um cigano) porque aos ciganos uma pessoa parece que não pode dizer nada. Mas eu, o que tenho a dizer também digo. Tal como da mesma forma que digo aos pais o que tenho a dizer, os ciganos para mim são iguais aos outros. Um ameaçou-me e mandou-me para o outro lado (um cigano) e eu falei com o professor José, pronto aí foi muito grave. Até a professora A. estava aflitíssima porque quando viu ele a levantar-me a mão pensando que ele me ia bater. Mas aí também se ele me levantasse a mão eu não levantava a mão, eu empurrava-o com toda a força. Mas ele não me bateu mas eu fui ao professor José. É melhor comunicar ao director de turma porque eles têm que saber para comunicar com os pais.

Pergunta: O que é que na sua opinião devia ser feito na escola para tentar combater as situações de indisciplina?

Resposta: Era a gente poder, não é bater, sei lá, mas castigar, dar um castigo, que eles pudessem ver que realmente fizeram mal e que merecem aquele castigo, para eles pensarem que “Bem, eu vou ter esse castigo, já não vou fazer o que fiz.”

Pergunta: Nessas situações em que recorre à direcção, o que é que a direcção faz? Disse-me que é o professor José, que age.

Resposta: É o professor José ou a professora Ana (directora), porque não estando o professor José, a professora Ana tem conhecimento. Ela diz para eu comunicar com o

director de turma para o director de turma comunicar com o pai e chamar o pai e fala com ele. É esse o circuito.

Pergunta: Acha que o que se faz da parte da gestão da escola é aquilo que é necessário para as situações de indisciplina ou acha que deveria ser feito mais alguma coisa?

Resposta: Eu acho que é o possível.

Pergunta: Se tivesse poder para implementar algumas medidas, o que é que era capaz de sugerir?

Resposta: Eu acho que devíamos ter mais poder. Não vou pôr mais nada porque não o podemos fazer, não é? A gente vê as coisas, comunica mas...e acho que não é preciso dizer mais nada.

Pergunta: Quais acha que são as dificuldades, ou seja, não se pode fazer mais nada porquê?

Resposta: Não sei o que se poderia fazer mais, não sei. Se não vêm educados de casa, não podemos bater porque depois os pais vêm cá e é logo fazer processo disciplinar contra o funcionário. O que se fará?

Pergunta: Já houve situações dessas?

Resposta: Houve, houve uma mãe que não é mãe, é uma mulherzinha qualquer que pensa que dá educação aos filhos mas não dá. Os seus filhos depois faziam do pior aqui dentro da escola e tínhamos aqui um senhor que, o senhor João, que se reformou, que é da GNR e veio para cá e até ele se revoltou. Esse miúdo já saiu da escola, foi para outra escola mas tem cá o irmão que é terrível e é uma mãe que nunca dá educação. Ela só quer é fazer asneiras para depois poder receber dinheiro do Estado, que foi o funcionário ou a escola que lhe bateu ou assim outras coisas para depois receber indemnizações; é uma mãe dessas.

Pergunta: Uma vez que trabalha na escola há muitos anos, acha que os casos de indisciplina dos alunos têm vindo a aumentar ao longo dos anos?

Resposta: Eu acho que sim. Eu trabalho aqui há muitos anos e tenho pais dos meus alunos que já foram meus alunos e não tínhamos problemas com eles. Eram bons alunos e não havia tanta falta de respeito e educação como agora há.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar o trabalho desempenhado pela direcção no que toca à indisciplina dos alunos e considerando obviamente as necessidades da escola, como é que avaliaria? Ineficaz, pouco eficaz, eficaz, muito eficaz?

Resposta: É difícil o trabalho deles mas eu avalio como pouco eficaz.

Entrevista 8 (6º ano)

Pergunta: A primeira questão é, o que é que para si é indisciplina na sala de aula?

Resposta: A indisciplina é o não cumprimento das regras da sala de aula. Normalmente quando o aluno está na aula a brincar com os colegas, não executa as tarefas, não deixa cumprir com o planeado.

Pergunta: E fora da sala de aula?

Resposta: É quando não cumpre também as regras, é agressivo para com os colegas e funcionários.

Pergunta: Essas regras estão perfeitamente tipificadas no regulamento interno? Eles sabem o que não é considerado aceitável?

Resposta: Sim. Estão no Regulamento Interno, eles sabem que não podem fazer. Além disso, no início do ano, em Formação Cívica trabalha-se isso, eles sabem o que não podem fazer.

Pergunta: Esses comportamentos na sala de aula, o que é mais graves neles?

Resposta: É quando o aluno está sempre a conversar e é mal-educado com o professor, não acata.

Pergunta: Quais os comportamentos de indisciplina que são mais frequentes nesta escola?

Resposta: São as agressões entre os alunos.

Pergunta: O que faz quando acontecem na sua presença?

Resposta: Chamo logo à atenção e se ele não aceitar e não corrigir o comportamento, então chamo um funcionário e ele é encaminhado para outro local com uma tarefa específica.

Pergunta: Alguma vez lhe aconteceu recorrer a outras pessoas para tentar resolver a situação?

Resposta: Sim, à direcção. Em situações mais complicadas.

Pergunta: Na direcção quem lida com as situações?

Resposta: Normalmente é o professor José, mas também é às vezes a directora Ana. Normalmente o professor José está mais presente, anda mais “em cima dos miúdos”, circula mais pela escola.

Pergunta: Na sua opinião, a acção desenvolvida por ele corresponde ao que considera necessário e desejável?

Resposta: Será o possível...

Pergunta: nesses casos o que é feito?

Resposta: São chamados. Há uma conversa com eles. Nos casos muito graves, faz-se um processo disciplinar.

Pergunta: Os resultados correspondem ao que considera necessário?

Resposta: Não, porque voltam a reincidir. Os alunos são mal-educados, as famílias não ajudam, não há colaboração. A culpa não é da escola, não se pode fazer mais.

Pergunta: A escola tem acções diferentes para os alunos que têm mais problemas de indisciplina?

Resposta: Não.

Pergunta: E como directora de turma: Tem acções diferenciadas?

Resposta: Não. Mas tento chamar os pais, tentar que acompanhem mais os filhos

Pergunta: E da parte da direcção? O que considera que mais poderia ser feito?

Resposta: Por exemplo, poderiam dar mais tarefas de colaboração na limpeza da escola.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da direcção relativamente à indisciplina, como faria?

Resposta: Avalio como eficaz.

Entrevista 9 (7º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na sala de aula?

Resposta: Considero insultar, dizer bocas, fazer aquelas asneiras que nos chamam à atenção, perturbar, desrespeitar o professor.

Pergunta: Há muitos alunos cá na escola que têm assim esse tipo de atitudes?

Resposta: Sim, há muitos alunos.

Pergunta: Como actua nessas situações?

Resposta: Chamo à atenção, alerto para a necessidade de mudar o comportamento.

Pergunta: Em que ocasiões recorre à direcção?

Resposta: Quando é mesmo um caso muito grave e eu vejo que eles não respeitam.

Pergunta: Como, por exemplo?

Resposta: Se houver agressões ou insultos. Ou também se sistematicamente perturbarem as aulas.

Pergunta: O que é que na sua opinião devia ser feito na escola para tentar combater as situações de indisciplina?

Resposta: O mais importante era conseguir-se que os pais percebessem que a escola é um local de trabalho e que os filhos estão a ser os mais prejudicados. E ainda que lhes incutissem atitudes de respeito.

Pergunta: Recorre à direcção para resolver situações de indisciplina?

Resposta: Sim.

Pergunta: É a directora que trata dessas questões?

Resposta: É mais o professor José mas também a professora Ana, porque não estando o professor José, a professora Ana tem conhecimento. Ela diz para eu comunicar com o director de turma para o director de turma comunicar com o pai e chamar o pai e ela fala com ele.

Pergunta: Considera essa acção a adequada?

Resposta: Eu acho que é o possível.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da direcção relativamente à indisciplina, como faria?

Resposta: Bem, talvez avalie como eficaz. Também não podem fazer muito, não é?

Pergunta: Se tivesse poder para implementar algumas medidas, o que é que era capaz de sugerir?

Resposta: Eu acho que devíamos ter mais poder. E haver mais respeito, mas isso devia partir da educação que os pais transmitem aos filhos.

Pergunta: Para além do que já se faz, o que mais poderia sugerir?

Resposta: Não sei o que se poderia fazer mais. É uma questão difícil.

Pergunta: Uma vez que trabalha na escola há muitos anos, acha que os casos de indisciplina dos alunos têm vindo a aumentar ao longo dos anos?

Resposta: Eu acho que sim, são cada vez mais.

Entrevista 10 (8º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na sala de aula?

Resposta: Considero que é não cumprir as regras do regulamento interno e de que os alunos têm conhecimento no início do ano lectivo e que se resumem a saber estar e respeitar.

Pergunta: E fora da sala de aula?

Resposta: Será o mesmo que lhe respondi antes e também as falhas no relacionamento inter-pessoal, com o pessoal auxiliar e os professores em geral.

Pergunta: Se eu lhe pedir para posicionar as atitudes que dentro da sala de aula, considera indisciplina, em pirâmide, quais é que colocaria no topo, sendo das mais graves para as menos graves?

Resposta: Eu acho que colocaria as atitudes de desafio à autoridade do professor, de provocação e seguidas das faltas de respeito para com os colegas. Sabe, ser director de turma dá mais sensibilidade para lidar com algumas situações, tem-se outra forma de confrontar os alunos, mais capacidade de lidar com eles. Por exemplo, eu acho

lamentável que, algumas vezes, se mande chamar o director de turma para resolver uma questão dentro da sala. Um professor tem de saber impor-se.

Pergunta: Como actua nessas situações?

Resposta: Se assistir a alguma atitude incorrecta mesmo nos corredores, quer sejam meus alunos ou não, se sinto que há conflitos e faltas de educação, não passo indiferente; falo com o aluno, intervenho. Com os meus alunos faço o mesmo, sempre.

Pergunta: Recorre a outros agentes, em algumas ocasiões, para resolver as situações?

Resposta: Tento sempre que possível, ser apenas eu a resolver. Também tento incutir nos colegas que resolvam as questões na sala de aula. Aí têm de ser eles a impor a sua autoridade. Não acho bem chamarem o director de turma.

Pergunta: E também recorre à direcção?

Resposta: Só recorro mesmo em situações extremas, só mesmo quando ultrapassam o limite ou se for necessário ter-se um procedimento disciplinar.

Pergunta: Nesses casos por exemplo, o que é feito?

Resposta: Normalmente é uma repreensão dada ao aluno, registada ou não, e que penso ter um papel pedagógico. No entanto, se o aluno reincidir, pode então fazer-se um processo disciplinar.

Pergunta: Essas medidas parecem-lhe suficientes?

Resposta: Penso que se poderia ir mais longe, fazer melhor. O director da escola tem funções acrescidas relativamente ao presidente do conselho executivo. Nesta escola, penso que deveria ter um papel mais interventivo, tomar o pulso à escola, ter mais vivência do dia-a-dia, sair mais do gabinete para ter melhor conhecimento do que se passa na escola.

Pergunta: O que é que na sua opinião devia ser feito na escola para tentar combater as situações de indisciplina?

Resposta: Penso que deveria haver uma atitude de mais firmeza, de mais intervenção, de mais acção. E talvez também agir mais com os encarregados de educação.

Pergunta: E concretamente relativamente ao que é feito, considera adequado?

Resposta: Às vezes dá resultados. Depende de muita coisa. Uma medida que eu considero que dá resultados é mandar os alunos fazerem serviço cívico na escola, por exemplo, ajudar a limpar no refeitório. Isto às vezes resulta porque os colegas vêm e eles sentem-se envergonhados. Mas, como já disse, depende dos alunos e das famílias. Para os alunos da instituição não costuma resultar.

Pergunta: Então pensa que seria bom implementarem-se outras medidas?

Resposta: Sim. Estas não parecem de grande eficácia. As situações repetem-se frequentemente.

Pergunta: Reconhece na directora perfil para lidar com os casos de indisciplina?

Resposta: Não.

Pergunta: Porquê?

Resposta: Porque é uma pessoa demasiado passiva, não tem uma atitude assertiva, está demasiado fechada no gabinete, talvez porque é do 1º ciclo, enfim... Talvez por isso é muitas vezes o subdirector que trata dessas coisas.

Pergunta: Então o que lhe parece que deveria ser diferente, da parte da direcção?

Resposta: Deveria haver um papel mais activo da parte da directora. Praticamente a função dela dilui-se no meio da restante equipa. E também em relação aos directores de turma, criar uma relação mais próxima, com os alunos e com os encarregados de educação.

É tudo passado para o director de turma. Eu gosto de ser directora de turma mas penso que outros colegas deveriam também passar por essa função. Vivenciar é diferente de imaginar. Era importante que outros professores tivessem mais contacto com os encarregados de educação e com os alunos.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como o faria?

Resposta: Avalio como Ineficaz.

Anexo XIV - Transcrição da entrevista realizada ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Pergunta: Há quantos anos exerce funções como presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação desta escola?

Resposta: É o segundo ano que estou como presidente da Associação, embora já antes colaborasse.

Pergunta: O que é que na sua perspectiva e embora não trabalhe na escola, é capaz de considerar como indisciplina?

Resposta: É assim! Antigamente é verdade que havia, digamos mais respeito, mas também havia uma autoridade que agora não há, mas foi como lhe disse ao telefone, antigamente era porrada a mais, digamos assim, os professores batiam por tudo e por nada e o mesmo acontecia com os pais, por tudo e por nada, muitas vezes não era como uma atitude de educar mas mais como vingança. Alguém teria que levar, seriam os garotos, ou seja, não cabe na cabeça de ninguém bater com um cabo de um enxada, como se fazia, nem mandar com tachos e panelas como se fazia. Agora é claro que, como garotos, nós ríamos da situação, achávamos piada porque era comum, agora chegamos ao extremo oposto, não se pode bater em ninguém, mesmo uma simples palmada muitas vezes é mal vista, logo se diz: “Ah aquele pai bate no filho, mas que pai é este que bate no filho?” Mas a verdade é que os garotos precisam de regras. Mas aí entra a educação que o pai dá aos filhos. Por exemplo eu tenho uma filha e se ela faz o que quer, então eu não lhe incuto regras, eu não lhe incuto respeito.

Pergunta: Que atitudes um aluno pode ter, que considere que seja indisciplina, em casos concretos?

Resposta: Por exemplo, o professor mandar ele estar quieto, ele simplesmente não ligar. A indisciplina ao fim e ao cabo é a desobediência a uma série de regras que são dadas aos alunos pelo estatuto do aluno. Essas regras, na prática são regras simples do dia-a-dia, não perturbar, não falar alto, não levar uma chiclete para a aula, porque o espaço de aula é um local de aprendizagem. Se os alunos perturbam a aula, o trabalho do professor, que já por si é complicado, mais complicado se torna.

Pergunta: É capaz de me dizer porque é que acha que isso acontece? Porque é que há esses comportamentos?

Resposta: Não é um problema simples. Podia começar pelos pais que não têm tempo para os filhos, podia começar pela televisão que rouba tempo á família, podia começar pelos ordenados que são baixos que obrigam os pais a trabalhar, podia começar pela Internet que permite toda uma série de conhecimentos aos garotos que não é a altura própria. Podia começar, é como tudo, podia começar e continuar por muitas coisas.

Pergunta: Se os pais trabalham mais e os filhos são cuidados por alguém, então achará que a sociedade faz mal em substituir o papel dos pais na educação? Acha que estão a fazer mal o seu papel?

Resposta: Talvez! Sabe, isto é muito complicado...Muitas vezes os pais ignoram a educação que a escola quer dar!

Pergunta: Conhece o regulamento interno da escola, no que respeita aos deveres dos alunos e medidas disciplinares?

Resposta: Conheço. Já se tem falado e eu acho que não são nada de especial. É o que todos sabemos: respeitar os outros, não fazer confusão, estar com atenção...

Pergunta: De que forma tomou conhecimento do seu conteúdo?

Resposta: No início do ano é mandado para casa pelos alunos.

Pergunta: Então porque é que não os alunos e os pais parecem não as conhecer?

Resposta: Não querem saber. O trabalho de casa, digamos assim, não é feito.

Pergunta: Deu sugestões para a sua elaboração?

Resposta: Não. Não participei. E também acho que a escola é que deve tratar disso. No fundo, são os professores que devem definir o que os alunos não devem fazer cá dentro.

Pergunta: Considera que a indisciplina é um problema nesta escola?

Resposta: Sim, pelo que ouço por aí, quando cá venho, ou pelo que os professores se queixam nas reuniões, claro que há alunos indisciplinados. Esses assuntos são resolvidos pela escola mas às vezes contam-me. É tudo uma questão de falta de educação.

Pergunta: Que medidas considera serem mais eficazes na prevenção da indisciplina?

Resposta: Esses assuntos são resolvidos pela escola mas às vezes contam-me. No fundo, é tudo uma questão de falta de educação e por isso é difícil a escola resolver. A família é que deve educar.

Pergunta: Sabe que medidas são postas em prática na escola?

Resposta: Os alunos são repreendidos, são chamados os pais, mas aqueles que precisavam de vir mais vezes não põem cá os pés! É como lhe disse há bocado. O problema é os pais não educarem os filhos e não deixar castigá-los. Se fosse como no meu tempo (mas também era exagero)...

Mas havia respeito, ninguém se atrevia a insultar um pai ou um professor. Sabia que levava uma tapon. Agora não, e é demais. Até parece que os filhos é que mandam nos pais. Sabe, os pais também trabalham os dois, chegam tarde, estão cansados, quase não falam, deixam-nos andar ao Deus dará. E não querem saber. Com a minha filha não é assim (frequenta o 4º ano). Ela sabe que estou atento, todos os dias vejo os cadernos, estudo com ela. Eu digo-lhe que se ela se portar mal, eu venho à escola e castigo à frente de todos. Não admito isso. Mas a maior parte dos pais não liga. Quando fazemos aqui acções para os pais, aparece meia dúzia e aqueles que precisam menos...Mas acho que se os professores pudessem castigar, bastava uma vez e dava resultado. Assim não!

Pergunta: E quem age, da direcção face a essas situações?

Resposta: Eu não sei bem... São questões internas, não sei se é o professor José ou a Prof. Ana... Se calhar até são os dois... Não sei!

Pergunta: Para além das medidas tomadas, que outras poderiam sugerir?

Resposta: Não sei... Isso é uma questão complicada! São muitos problemas num só. Mas a educação é preciso começar na família. A escola deve estar para ensinar e a educação tem de começar em casa... Se não, nada feito! Mas não se pode deixar esses alunos prejudicarem os outros. Deviam ir logo para a rua. O que andam cá a fazer se não aproveitam? Eu acredito que os professores não têm trabalho fácil.

Pergunta: Se fosse director da escola, como agiria para tentar diminuir os casos de indisciplina?

Resposta: Já disse. Não sei. Mas gostava de saber. Não sei qual vai ser o futuro destes alunos.

Pergunta: Considera que a actual directora tem perfil adequado para resolver estes problemas?

Resposta: Não sei. Não sei o que ela faz. Mas se é directora, acho que deve ter.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como fará?
Ineficaz / Pouco eficaz / Eficaz/ Muito eficaz?

Resposta: Não sei muito bem. Se calhar eles também não conseguem fazer mais... Os pais não educam!

Anexo XV - Transcrição da entrevista realizada à coordenadora dos assistentes operacionais

Pergunta: Há quantos anos exerce funções nesta escola?

Resposta: Estou cá na escola desde que ela abriu, há mais de 20 anos.

Pergunta: Foi sempre coordenadora do pessoal não docente?

Resposta: Não. Antes era auxiliar. Já conheço este meio há muito tempo, mesmo os pais dos que agora são alunos.

Pergunta: Que função desempenha na escola?

Resposta: Eu resolvo com a directora onde devem estar os auxiliares, em que sectores e a que horas e também vou ajudar em alguns, onde é mais preciso.

Pergunta: Em que espaços está habitualmente?

Resposta: Eu passo por todos os sectores mas estou mais no bufete e também vou à cantina, nas horas mais complicadas.

Pergunta: Foram-lhe comunicadas claramente, quais são as regras de comportamento exigíveis aos alunos?

Resposta: Sim. E afinal as regras são todas muito simples, nada que não se saiba. É respeitar as pessoas, obedecer aos professores e pessoal auxiliar, não estragar os materiais, não andarem à pancada, não se insultarem, não fumarem cá dentro. Os pais também sabem quais são mas não querem saber.

Pergunta: Quem lhas transmitiu?

Resposta: Foi a direcção da escola. E sempre foi assim, não é nada de novo.

Pergunta: Recebeu instruções de como deve agir face às situações de indisciplina?

Resposta: O que devemos fazer é chamar à atenção e comunicar à directora de turma se forem situações mais graves ou se eles não acatarem.

Pergunta: Para si, quais são os comportamentos, da parte dos alunos que merecem a sua intervenção?

Resposta: A indisciplina é não respeitar os adultos, os professores, é perturbar as aulas, não estar atentos. São as faltas de educação. No fundo, o que eu acho é que há uma grande falta de educação. Muitos pais não educam os filhos...deixam andar e quando são chamados à atenção, também não gostam.

Pergunta: Desses comportamentos, quais são os mais frequentes?

Resposta: Do que eu vejo, nos corredores, recreio e cantina, é insultarem-se e agredirem-se. E também fumarem nos cantos dos corredores do exterior. Na cantina também acontece, às vezes, estragarem a comida e atirarem uns aos outros.

Pergunta: Nessas ocasiões, como procede?

Resposta: Ralho, ameaço que vou dizer à directora de turma e à Direcção

Pergunta: A quem transmite as ocorrências?

Resposta: Quando eles são mal-educados e me respondem mal, digo mesmo à directora de turma e levo-os à Direcção. Alguns insultam-me (e aos outros auxiliares) e eu já lhes disse que isso não lhes admito. Sabe que eles gostam de imitar ou maus. E basta um fazer isso para os outros irem atrás. É muita falta de educação.

Pergunta: Quem é que, na direcção da escola, trata das situações de indisciplina? Porquê?

Resposta: É quase sempre o Prof. José. Eu não sei porquê, mas ele é que anda mais pela escola....Acho que o respeitam mais.

Pergunta: Na sua opinião, o que deveria ser feito na escola, para reduzir os casos de indisciplina?

Resposta: Era podermos castigar mais. E os pais educarem os filhos. Eu tenho cá uma neta e estou sempre a chamar à atenção. É que alguns alunos insultam até os professores.

Pergunta: Pensa que as acções que são desenvolvidas na escola para combater a indisciplina são eficazes?

Resposta: Eu também não sei o que se poderá fazer mais.... Não se pode ralhar aos meninos... alguns pais vêm logo para cá tirar satisfações... Não educam nem deixam educar!

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, considerando Ineficaz / Pouco eficaz/ Eficaz/ Muito eficaz, como fará?

Resposta: Bem, eu não sei bem.... Mas será eficaz? Não sei!

Anexo XVI - Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados às directoras de turma e aos alunos (em suporte digital)

Anexos

Anexo I - Documento de contacto com a escola solicitando autorização para a realização do estudo

Anexo II - Guião de entrevista à directora

Anexo III - Regulamento Interno da Escola

Anexo IV - Projecto Educativo da Escola

Anexo V- Decreto-Lei 75/2008

Anexo IIII - Documento solicitando autorização aos encarregados de educação para aplicar questionários aos alunos

Anexo IVII - Guião de entrevista aos directores de turma

Anexo VII - Modelo de questionário a aplicar aos directores de turma

Anexo IX- Modelo de questionário a aplicar aos alunos

Anexo X- Guião de entrevista a realizar ao coordenador dos assistentes operacionais

Anexo XI- Guião de entrevista a realizar ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Anexo VIII - Transcrição da entrevista realizada à directora da escola

Anexo VIIIII - Transcrição das entrevistas realizadas às directoras de turma

Anexo XIV - Transcrição da entrevista realizada ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Anexo XV - Transcrição da entrevista realizada à coordenadora dos assistentes operacionais

Anexo XVI- Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados às directoras de turma (apresentados em suporte digital)

Anexo XVII- Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados aos alunos (em suporte digital)

Anexo I - Documento de contacto com a escola, solicitando autorização para a realização do estudo



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

O documento que a seguir se apresenta foi acompanhado por uma declaração do professor da Universidade de Aveiro, orientador deste trabalho de dissertação.

Exma Sra. Directora do Agrupamento de Escolas,

Eu, Filomena Maria Pinto Almeida, professora e aluna do Curso de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Administração e Políticas Educativas, da Universidade de Aveiro, venho por este meio solicitar a V^a Exa. autorização/colaboração para a realização de um estudo nesse Agrupamento de Escolas, no âmbito da elaboração da Dissertação de Mestrado, sob o tema "Indisciplina dos alunos: Formas de encarar e lidar" (título provisório), sob a orientação do Professor Doutor Jorge Adelino Costa.

No âmbito deste estudo, se for deferido este pedido, será aplicado um questionário a alguns docentes (sobretudo directores de turma), a alguns alunos, à directora da escola e serão também consultados alguns documentos como o Regulamento Interno e o Projecto Educativo.

Desde já, agradeço a disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

A professora,
Filomena Almeida

Anexo II – Guião de entrevista à directora da escola



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

Objectivos

Conhecer a percepção da directora relativamente à indisciplina;
Conhecer os objectivos da sua acção na escola, relativamente à indisciplina;
Averiguar que estratégias define e aplica para fazer face à indisciplina;
Conhecer que agentes envolve e de que forma, para fazer face à indisciplina na escola;
Conhecer a sua opinião sobre os normativos legais.

Questões:

- 1- Na sua perspectiva, o que configura um episódio de indisciplina?
- 2- Dê-me alguns exemplos de situações de indisciplina.
- 3- A indisciplina dos alunos fazia parte do seu Projecto de Intervenção?
- 4- No dia-a-dia, a indisciplina dos alunos é uma preocupação para si? Se sim, em que medida?
- 5- Como age face aos episódios de indisciplina?
- 6- Através de que canais de comunicação é que estas situações chegam ao seu conhecimento?
- 7- Que métodos considera serem mais eficazes em termos de prevenção e de resposta ao problema? E quais os menos eficazes?
- 8- Face à indisciplina, o que gostaria de concretizar mas não consegue? Porquê?
- 9- Consegue perceber a relação entre a indisciplina, a dinâmica familiar, a educação e outros factores sociais como o desemprego?
- 10- Considera que o actual Estatuto do Aluno regulamenta convenientemente as respostas à indisciplina?
- 11- Como envolve outros agentes (directores de turma, professores, pais) face à indisciplina?
- 12- Numa abordagem mais lata, na sua opinião, que intervenientes deveriam agir para lidar/atenuar com a indisciplina?

13- De que forma sugere actuações dos AAE face à indisciplina? Estão eles coordenados com a postura da directora e as suas orientações e o EA?

14-Quais são os factores inibidores que existem na escola e que contribuem para o controlo do número de casos de indisciplina?

15- Quais os factores potenciadores de indisciplina já identificados pela escola?

16- A disciplina constitui meta do Projecto Educativo do seu agrupamento? Como?

Anexo III - Regulamento Interno da Escola

(consultado no sítio da escola, na Internet, em Outubro de 2010)



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Administração e Políticas Educativas

Dada a dimensão do documento, optámos por transcrever apenas capítulos e artigos que se relacionam directamente com a temática em estudo, razão pela qual a ordem das alíneas pode não ser sequencial.

No artigo 4º do Regulamento Interno, dos Princípios orientadores e Objectivos, na alínea c) “Assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional”; e na alínea d) pode ler-se: “cumprir e fazer cumprir os direitos e os deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina.

No artigo 18º do Regulamento Interno (Competências do director) pode ler-se na alínea d) “Exercer o poder disciplinar em relação aos alunos”;

No ponto 7 pode ler-se: “O Director pode delegar e subdelegar no subdirector e nos adjuntos as competências referidas nos números anteriores”.

No mesmo documento, na página 79 e seguintes, Secção III, artigo 201º, são especificados como deveres dos alunos, o que de seguida se transcreve:

1. São deveres dos Alunos:

- a) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral;
- b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das actividades escolares;
- c) Seguir as orientações dos Professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem;
- d) Tratar com respeito e correcção qualquer membro da comunidade educativa;
- e) Guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa;

- f) Respeitar as instruções dos Professores e do Pessoal Não Docente;
- g) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na Escola;
- i) Respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa;
- j) Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e psicológica dos mesmos;
- k) Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didáctico, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correcto dos mesmos;
- l) Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;
- o) Conhecer e cumprir o estatuto do aluno, as normas de funcionamento dos serviços da escola que frequenta e o Regulamento Interno do Agrupamento, subscrevendo declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral;
- p) Não possuir e não consumir substâncias aditivas, em especial tabaco, drogas e bebidas alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;
- q) Não transportar quaisquer materiais, equipamentos tecnológicos, instrumentos ou engenhos, passíveis de objectivamente perturbarem o normal funcionamento das actividades lectivas ou poderem causar danos físicos ou psicológicos aos outros alunos ou a terceiros;
- r) Não utilizar telemóvel no decurso das actividades lectivas, mantendo-o na mochila e em silêncio ou desligado; em caso de incumprimento incorre em procedimento disciplinar;
- s) Respeitar a autoridade do professor;
- t) Utilizar indevidamente quaisquer equipamentos tecnológicos no recinto escolar é passível de sanção disciplinar;
- u) Trazer diariamente o cartão magnético e garantir a sua posse em perfeitas condições de conservação;
- v) Manter o Encarregado de Educação informado do seu percurso escolar e solicitar que assine as comunicações feitas na caderneta e os testes;

2. Especificamente no âmbito da sala de aula constituem deveres do Aluno:

- a) Comparecer pontualmente às aulas. Na escola sede, deve dirigir-se para a porta exterior da sala de aula. Quando chover, deverá permanecer na entrada principal do bloco e aguardar, com serenidade, a chegada do Professor;
- b) Entrar de forma calma e ordeira na sala de aula, sem boné na cabeça;
- c) Justificar a sua demora, perante o professor, caso chegue atrasado;
- d) Cumprir regras de conduta exemplar dentro da sala de aula, sem esquecer o devido respeito pelos colegas e professores;
- e) Manter a postura adequada ao espaço e actividades em desenvolvimento;
- f) Aguardar a sua vez para tomar a palavra;
- g) Respeitar a opinião dos outros;
- ¹g) Não comer;
- h) Não mascar pastilhas elásticas;
- i) Cumprir as regras de utilização do material didáctico ou outro, determinadas pelo professor. Os estragos causados propositadamente ou por desleixo/negligência obrigarão ao pagamento da despesa necessária aos consertos, podendo o responsável ficar sujeito a acção disciplinar;
- j) Cumprir as normas de higiene que conduzam às melhores condições de trabalho e bem-estar físico e psíquico;
- k) Solicitar a autorização do professor sempre que necessite de se ausentar da sala de aula;
- l) Manter a devida ordem e não perturbar outros trabalhos e actividades, mesmo quando abandonar a sala de aula com a autorização do professor;
- m) Não permanecer nas salas de aula durante os intervalos, excepto quando acompanhado pelo professor ou com a presença de outro profissional.

3. Especificamente no âmbito do uso de espaços comuns, interiores ou exteriores, constituem deveres do Aluno:

- a) Utilizar unicamente o portão principal e as regras estabelecidas para sair e entrar na Escola;
- b) Não saltar ou danificar a vedação da escola;
- c) Não participar em actividades que possam causar danos físicos, materiais ou morais a si ou a terceiros (rebetamento de bombas de Carnaval, lançamento de balões de água, ovos, farinha, etc.)

¹ A repetição da alínea g) encontra-se no documento original.

- e) Aceitar a livre discussão e as ideias dos outros;
- f) Não afixar cartazes ou comunicações sem prévia autorização do Director;
- g) Respeitar os cartazes afixados e ler atentamente os avisos afixados em locais próprios;
- h) Prestar atenção às normas de segurança afixadas nos locais próprios;
- i) Manter-se afastado do depósito de gás, instalações eléctricas e outros equipamentos com aviso expresso.
- j) Não utilizar bicicletas, *skates*, patins dentro do recinto da escola, salvo em provas devidamente organizadas e após autorização do Director;
- k) Entregar aos Auxiliares de Acção Educativa todos os objectos achados;

4. Especificamente no âmbito da utilização dos recintos desportivos são deveres do Aluno:

- a) Preocupar-se em manter as condições de higiene, indispensáveis à prática do desporto;
- b) Não praticar actividades desportivas fora dos locais para o efeito destinado;
- c) Respeitar escrupulosamente as regras de segurança respeitantes à utilização dos equipamentos desportivos;
- d) Não utilizar linguagem imprópria no decorrer das actividades não monitorizadas a realizar nestes espaços;
- e) Entregar, obrigatoriamente, objectos de valor e/ou dinheiro ao Delegado de Turma/ que posteriormente os colocará à responsabilidade do Professor. No Pavilhão, estes objectos serão guardados em cacifos destinados para esse efeito.
- f) Zelar pela conservação dos espaços acima mencionados.

Na subsecção III, (página 86) referente à Disciplina, artigo 210º, pode ler-se a **Qualificação de Infracção Disciplinar:**

A violação pelo aluno de alguns deveres previstos no artigo 15º. da Lei nº. 39/2010 e/ou do Regulamento Interno do Agrupamento, em termos que se revelem perturbadores do normal funcionamento das actividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infracção, passível da aplicação de medida correctiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes.

No artigo 211º, **Participação da Ocorrência**, pode ler-se:

1. O professor ou membro do pessoal não docente que presencie ou tenha conhecimento de comportamentos susceptíveis de constituir infracção disciplinar nos termos do artigo anterior deve participá-los imediatamente ao director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.
2. O aluno que presencie comportamentos referidos no número anterior deve comunicá-los imediatamente ao professor titular de turma ou ao director de turma, o qual, no caso de os considerar graves ou muito graves, os participa, no prazo de um dia útil, ao director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

Artigo 212 °

Qualificação de Infracção Disciplinar

A violação pelo aluno de alguns deveres previstos no artigo 15º. da Lei nº. 39/2010 e/ou do Regulamento Interno do Agrupamento, em termos que se revelem perturbadores do normal funcionamento das actividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infracção, passível da aplicação de medida correctiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes..

Artigo 212º

Finalidades das medidas correctivas e das disciplinares sancionatórias

1. Todas as medidas correctivas e medidas disciplinares sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos professores no exercício da sua actividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa.
2. As medidas correctivas e as medidas disciplinares sancionatórias visam ainda garantir o normal prosseguimento das actividades da escola, a correcção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.
3. As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e a gravidade da infracção praticada, prosseguem igualmente, para além das identificadas no número anterior, finalidades punitivas.

4. As medidas correctivas e as medidas disciplinares sancionatórias devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objectivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projecto educativo da escola, de acordo com as orientações do Conselho de Turma.

Artigo 213º

Determinação da medida disciplinar

1. Na determinação da medida disciplinar correctiva ou sancionatória a aplicar, deve ter-se em consideração a gravidade do incumprimento do dever, as circunstâncias, atenuantes e agravantes apuradas, em que esse incumprimento se verificou, o grau de culpa do aluno, a sua maturidade e demais condições pessoais, familiares e sociais.
2. São circunstâncias atenuantes da responsabilidade disciplinar do aluno o seu bom comportamento anterior, o seu aproveitamento escolar e o seu reconhecimento, com arrependimento, da natureza ilícita da sua conduta.
3. São circunstâncias agravantes da responsabilidade do aluno a premeditação, o conluio, bem como a acumulação de infracções disciplinares e a reincidência, em especial se no decurso do mesmo ano lectivo.

Artigo 214º

Medidas Correctivas

1. As medidas correctivas prosseguem finalidades pedagógicas, dissuasoras e de integração, nos termos do n.º 1 do artigo 212.º, assumindo uma natureza eminentemente preventiva.
2. São medidas correctivas, sem prejuízo de outras que, obedecendo ao disposto no número anterior, venham a estar contempladas no regulamento interno da escola:
 - a) A advertência.
 - b) A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar.
 - c) A realização de tarefas e actividades de integração escolar, podendo, para esse efeito, ser aumentado o período de permanência obrigatória diária ou semanal do aluno na escola.
 - d) O condicionamento no acesso a certos espaços escolares, ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se encontrem afectos a actividades lectivas.
3. A advertência consiste numa chamada verbal de atenção ao aluno, perante um comportamento perturbador do funcionamento normal das actividades escolares ou das

relações entre os presentes no local onde elas decorrem, com vista a alertá-lo para que deve evitar tal tipo de conduta e a responsabilizá-lo pelo cumprimento dos seus deveres como aluno.

4. Na sala de aula, a repreensão é da exclusiva competência do professor, enquanto, fora dela, qualquer professor ou membro do pessoal não docente tem competência para repreender o aluno.

5. A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar é da exclusiva competência do professor respectivo e implica a permanência do aluno na escola, competindo àquele determinar o período de tempo durante o qual o aluno deve permanecer fora da sala de aula, se a aplicação da medida correctiva acarreta ou não marcação de falta e, se for caso disso, quais as actividades que o aluno deve desenvolver no decurso desse período de tempo.

6. A aplicação das medidas correctivas previstas nas alíneas c), d) e e) do n.º 2 é da competência do director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada que, para o efeito, pode ouvir o director de turma ou o professor titular da turma a que o aluno pertença.

7. A aplicação, e posterior execução, da medida correctiva prevista na alínea d) do n.º 2 não pode ultrapassar o período de tempo correspondente a um ano lectivo.

8. O Conselho de Turma deverá, identificar as actividades, local e período de tempo durante o qual as mesmas ocorrem e, bem assim, definir as competências e procedimentos a observar, tendo em vista a aplicação e posterior execução da medida correctiva prevista na alínea c) do n.º 2.

9. Obedece igualmente ao disposto no número anterior, com as devidas adaptações, a aplicação e posterior execução da medida correctiva prevista na alínea d) do n.º 2.

10. A aplicação das medidas correctivas previstas no n.º 2 é comunicada aos pais ou a encarregado de educação, tratando -se de aluno menor de idade.

Artigo 215º

Medidas Disciplinares Sancionatórias

As medidas disciplinares sancionatórias traduzem uma sanção disciplinar imputada ao comportamento do aluno, devendo a ocorrência dos factos susceptíveis de a configurarem ser participada de imediato, pelo professor ou funcionário que a presenciou, ou dela teve conhecimento, à direcção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada com conhecimento ao director de turma.

2. São medidas disciplinares sancionatórias:

- a) A repreensão registada;
- b) A suspensão por um dia;
- c) A suspensão da Escola / Agrupamento até 10 dias úteis;
- d) A transferência da Escola / Agrupamento

3. A aplicação da medida disciplinar sancionatória de repreensão registada, quando a infracção for praticada na sala de aula, é da competência do professor respectivo, sendo do director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada nas restantes situações, averbando -se no respectivo processo individual do aluno a identificação do autor do acto decisório, a data em que o mesmo foi proferido e a fundamentação, de facto e de direito, que norteou tal decisão.

4. Em casos excepcionais e enquanto medida dissuasora, a suspensão por um dia pode ser aplicada pelo director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, garantidos que estejam os direitos de audiência e defesa do visado e sempre fundamentada nos factos que a suportam.

5. A decisão de aplicar a medida disciplinar sancionatória de suspensão até 10 dias úteis é precedida da audiência em processo disciplinar do aluno visado, do qual constam, em termos concretos e precisos, os factos que lhe são imputados, os deveres por ele violados e a referência expressa, não só da possibilidade de se pronunciar relativamente àqueles factos, como da defesa elaborada, sendo competente para a sua aplicação o director da escola, que pode, previamente, ouvir o conselho de turma.

6. Compete ao director da escola, ouvidos os pais ou o encarregado de educação do aluno, quando menor de idade, fixar os termos e condições em que a aplicação da medida disciplinar sancionatória referida no número anterior é executada, garantindo ao aluno um plano de actividades pedagógicas a realizar, coresponsabilizando-os pela sua execução e acompanhamento, podendo igualmente, se assim o entender, estabelecer eventuais parcerias ou celebrar protocolos ou acordos com entidades públicas ou privadas.

7. A aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola compete ao director regional de educação respectivo, após a conclusão do procedimento disciplinar a que se refere o artigo 43.º, da lei nº39/2010 e reporta-se à prática de factos notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino – aprendizagem dos restantes alunos da escola, ou do normal relacionamento com algum ou alguns dos membros da comunidade educativa.

8. A medida disciplinar sancionatória de transferência de escola apenas é aplicável a aluno de idade igual ou superior a 10 anos e, frequentando o aluno a escolaridade

obrigatória, desde que esteja assegurada a frequência de outro estabelecimento de ensino situado na mesma localidade ou na localidade mais próxima servida de transporte público ou escolar.

9. Complementarmente às medidas previstas no nº2, compete ao Director do Agrupamento decidir sobre a reparação dos danos provocados pelo aluno no património escolar.

Secção IV-Docentes

Artigo 226º- Deveres dos docentes para com os alunos

- a) Respeitar a dignidade pessoal e as diferenças culturais dos alunos valorizando os diferentes saberes e culturas, prevenindo processos de exclusão e discriminação;
- b) Promover a formação e realização integral dos alunos, estimulando o desenvolvimento das suas capacidades, a sua autonomia e criatividade;
- c) Promover o desenvolvimento do rendimento escolar dos alunos e a qualidade das aprendizagens, de acordo com os respectivos programas curriculares e atendendo à diversidade dos seus conhecimentos e aptidões;
- d) Organizar e gerir o processo ensino - aprendizagem, adoptando estratégias de diferenciação pedagógica susceptíveis de responder às necessidades individuais dos alunos;
- e) Adequar os instrumentos de avaliação às exigências do currículo nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares e adoptar critérios de rigor, isenção e objectividade na sua correcção e classificação;
- f) Manter a disciplina e exercer a autoridade pedagógica com rigor, equidade e isenção;
- h) Respeitar a natureza confidencial da informação relativa aos alunos e respectivas famílias.

Subsecção III- Pessoal de Apoio Educativo e Pessoal Auxiliar de Acção Educativa

Deveres dos funcionários

Tentar resolver conflitos que surjam entre os Alunos e levar ao conhecimento do Director, por escrito, os mais graves;

Funcionamento das aulas

No decorrer da aula, o professor não deve abandonar a sala, a não ser em casos excepcionais, devendo o professor dar de imediato conhecimento ao elemento do pessoal auxiliar de acção educativa, de serviço no pavilhão respectivo.

6. No decorrer das aulas, não é permitida a permanência nem a circulação de alunos, nos pisos de acesso às salas de aulas. Incumbe ao funcionário de cada pavilhão zelar para que seja respeitada esta disposição.

7. Não é permitida a saída dos alunos da sala de aula, antes do final da mesma, a não ser em caso de indisposição ou outros igualmente ponderosos e sempre mediante o consentimento do professor.

8. Nas salas de aula é vedado/a:

a) O consumo de alimentos;

b) O funcionamento de telemóvel ou quaisquer equipamentos, passíveis de perturbarem o normal funcionamento das actividades lectivas;

c) A permanência dos alunos para além dos tempos lectivos, desde que não acompanhados

Deveres dos pais

Cooperar com os Professores no desempenho da sua actividade pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos;

f) Contribuir para a preservação da disciplina da Escola / Agrupamento e para a harmonia da comunidade educativa;

g) Contribuir para o correcto apuramento dos factos em processo disciplinar que incida sobre o seu educando e, sendo aplicada a este medida disciplinar, diligenciar para que a mesma prossiga os objectivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;

h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral.

A aplicação das medidas correctivas previstas nas alíneas c), d) e e) do n.º 2 é da competência do director do agrupamento de escolas ou escola não agrupada que, para o efeito, pode ouvir o director de turma.

Anexo IV - Projecto Educativo da Escola

(consultado no sítio da escola, na Internet, em Outubro de 2010)



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

Considerando a dimensão deste documento, optámos por transcrever para este anexo apenas as partes que se relacionam directamente com o tema em estudo.

Deste modo, constam das páginas 23 e 24 do documento disponível no sítio da escola, na Internet, os problemas identificados relativamente aos alunos e que transcrevemos.

3.1. Alunos

- Dificuldades no uso da Língua Portuguesa, o que dificulta a competência da comunicação como formação interdisciplinar;
- Dificuldades na estruturação e organização do pensamento lógico – dedutivo;
- Acentuada falta de hábitos de estudo e trabalho;
- Comportamentos desajustados e/ou agressivos, dentro da sala de aula, de alguns alunos que demonstram alguma ausência de valores de cidadania;
- Utilização de linguagem pouco adequada entre alunos e destes para com os assistentes e, mesmo, com alguns docentes, devidamente identificados;
- Falta de limpeza e higiene de alguns alunos (corporal e ambiental);
- Assimetrias económico-sociais entre os alunos;
- Falta de expectativas em relação à escola;
- Pouca participação de alguns alunos nas actividades escolares, nomeadamente nas mais académicas devido, em grande parte, ao pouco acompanhamento familiar;
- Dificuldade de integração e inclusão dos alunos de etnia cigana que não querem frequentar a Escola.

3.2 Pais e encarregados de educação

No meio envolvente nota-se:

- uma recente degradação social, com famílias pobres e desestruturadas;
- baixa escolarização e formação profissional da maioria das famílias;

- pouca participação de alguns dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.

3.3. Pessoal docente

- falta de oferta de formação específica por disciplina ou grupo disciplinar;
- distância acentuada da Escola, provocando desgastes físicos e psicológicos;
- necessidade de mais gabinetes de trabalho para o pessoal docente;
- desgaste físico e emocional.

5. Concepção de educação e de escola

Após três anos da implementação do projecto educativo, torna-se necessário analisar as avaliações feitas no decorrer deste tempo, reflectir sobre o que aconteceu, reformular, decidir e procurar soluções para os problemas ainda não resolvidos.

Tendo em conta a identidade própria do Agrupamento, a concepção de um Projecto Educativo passa pela construção participada, pelo debate de ideias, na procura de consenso entre todos os intervenientes e por uma concepção de educação de modo a tornar possível uma resposta educativa para todos.

Por isso e para isso, teremos de continuar a procurar, recuperar e integrar, escolar e socialmente todos os alunos e outros intervenientes no processo ensino aprendizagem. Há que ter uma especial atenção aos que correm riscos de exclusão social/abandono escolar. Continua a ser uma das prioridades deste Agrupamento a consciencialização de que “a educação para todos é um imperativo social, político, económico, cultural e ético”. Depende do “modo como cada Homem olha o outro Homem, cada pessoa olha a outra pessoa, o lugar que lhe dá e o espaço que lhe abre” (Azevedo, J., 1994).

A escola terá de procurar efectivamente assumir uma atitude participativa com todos os agentes educativos, nos domínios da sociabilização, colaboração, intervenção, criatividade, investigação, organização, solidariedade, responsabilização, avaliação...

A qualidade do ensino exige práticas educativas também de qualidade que ponham em acção um conjunto de estratégias adequadas às necessidades, aos problemas e às expectativas da comunidade escolar. Que práticas educativas poderão responder aos problemas com que nos deparamos no dia-a-dia? Terá que haver uma cultura de co-responsabilização de todos os intervenientes no processo educativo, professores, alunos, pessoal assistente, pais ou encarregados de educação e outras

estruturas ou parcerias que possam ajudar ao sucesso de todos os intervenientes. Tudo passa pela definição clara das finalidades da educação ao nível da escola, com os alunos, professores e assistentes/técnicos operacionais, com pais e outros elementos do agregado familiar e ao nível do meio envolvente, com os recursos que este pode proporcionar.

6. Opções curriculares

6.1. Princípios e valores

Tendo como referência:

- a identificação das necessidades e as opções educativas, definidas no projecto educativo, a análise do contexto do agrupamento, a experiência do corpo docente, as competências definidas pelo Currículo Nacional e a legislação existente, pretendemos uma Escola, para todos, uma Escola de qualidade e rigor;
- em que a exigência, a responsabilidade, o respeito pelo outro e pelo ambiente, a tolerância, a auto-estima, a autonomia, sejam aprendizagens significativas que permitam a formação ética e a aquisição de competências sociais que promovam o gosto pela aprendizagem, quer na continuação dos estudos quer na vida profissional;
- onde o aluno seja o principal interveniente no seu processo de aprendizagem, onde a prática da reflexão e inter-ajuda contribua para a aquisição de competências que lhe permita o sucesso de futuras aprendizagens;
- que valorize os aspectos positivos da conduta dos alunos, proporcionando, sempre que necessário, adaptações curriculares, currículos escolares próprios ou percursos curriculares alternativos;
- que ofereça diversas opções curriculares;
- que ofereça actividades de complemento curricular;
- que continue a utilizar as TICs como uma das estratégias que pode conduzir ao sucesso.

Metas Prioritárias (pág. 27)

- 1- Promover o Sucesso Escolar; e
- 2- Promover a participação de todos os intervenientes no processo educativo.

Assim são objectivos deste projecto:

- proporcionar a aquisição de conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em formação profissional;
- fomentar a consciência e o espírito crítico numa perspectiva humana, universalista, de solidariedade e cooperação;
- desenvolver e valorizar os valores característicos de identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- motivar e formar os diferentes elementos da comunidade educativa para a implementação da educação sexual em meio escolar, criando estruturas diversificadas de apoio ao desenvolvimento afectivo e sexual dos jovens;
- garantir um ambiente físico agradável, saudável e seguro;
- constituir-se como um recurso para a comunidade.

Na página 31 e 32 pode ler-se apontadas como **Outras Estratégias** para combater o insucesso educativo:

- Manter e reforçar um bom relacionamento pedagógico, evitando problemas disciplinares graves;
- Preservar o bom ambiente de trabalho conseguido pelo relacionamento dos órgãos de direcção da escola com os restantes elementos da comunidade escolar e destes entre si;
- Fomentar a participação de todos os elementos da comunidade escolar na vida da escola, promovendo o trabalho colectivo;
- Aprofundar a ligação entre a Escola e os Pais/Encarregados de Educação e o meio social cultural e económico;
- Co-responsabilizar os pais e encarregados de educação no processo educativo;

No concernente às Competências Transversais, referidas nas páginas 33 e 34, pode ler-se relativamente ao **Relacionamento interpessoal e de grupo**, as seguintes situações de aprendizagem: Conhecer e actuar de acordo com as normas, regras e critérios de actuação pertinente, de convivência, trabalho de responsabilização e sentido ético das acções definidas pela comunidade escolar nos seus vários contextos, a começar pela sala de aula.

E por fim apresentamos o texto de **conclusão do Projecto Educativo**, constante da página 45, onde pode ler-se:

“Se as Escolas conseguirem melhorar os seus desempenhos de acordo com os objectivos traçados, certamente que se tornarão mais apelativas e a sua frequência será mais agradável. Se as Escolas forem capazes de fornecer mais respostas para os desafios de toda a ordem que hoje se colocam aos jovens, só então estarão verdadeiramente a cumprir a sua função e aí certamente que o insucesso diminuirá. É claro que este problema não tem a sua causa principal nas escolas e é muito mais um problema social e económico. Porém, o Agrupamento não pode demitir-se das suas responsabilidades mas não podemos estar isolados nessas responsabilidades. A aposta colectiva num caminho feito de aproximações, de contributos, de partilha de saberes e de experiências, de responsabilidade e de exigência partilhada, poderá ser a solução para enfrentar os novos desafios com mais confiança, com mais segurança e com melhores resultados”.

Anexo V - Atribuições do director, de acordo com o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de Abril

Preâmbulo

“Com este decreto-lei, procura-se reforçar as lideranças nas escolas, o que constitui reconhecidamente uma das mais necessárias medidas de reorganização do regime de administração escolar. Sob o regime até agora em vigor, emergiram boas lideranças e até lideranças fortes e existem até alguns casos assinaláveis de dinamismo e continuidade. Contudo, esse enquadramento legal em nada favorecia a emergência e muito menos a disseminação desses casos. Impunha-se por isso, criar condições para que se afirmem boas lideranças e lideranças eficazes, para que em cada escola exista um rosto, um primeiro responsável, dotado de autoridade necessária para desenvolver o projecto educativo. Esse objectivo concretiza-se no presente decreto-lei pela criação do cargo de director, coadjuvado por um subdirector e um pequeno número de adjuntos, mas constituindo um órgão unipessoal e não um órgão colegial”

Artigo 4º

c) e d)

- c) Assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional;
- d) Cumprir e fazer cumprir os direitos e deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina”

Artigo

20º

- 1 — Compete ao director submeter à aprovação do conselho geral o projecto educativo elaborado pelo conselho pedagógico.
- 2 — Ouvido o conselho pedagógico, compete também ao director:
 - a) Elaborar e submeter à aprovação do conselho geral:
 - i) As alterações ao regulamento interno;
 - ii) Os planos anual e plurianual de actividades;
 - iii) O relatório anual de actividades;
 - iv) As propostas de celebração de contratos de autonomia;
 - b) Aprovar o plano de formação e de actualização do pessoal docente e não docente, ouvido também, no último caso, o município.

3 — No acto de apresentação ao conselho geral, o director faz acompanhar os documentos referidos na alínea a) do número anterior dos pareceres do conselho pedagógico.

4 — Sem prejuízo das competências que lhe sejam cometidas por lei ou regulamento interno, no plano da gestão pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, compete ao director, em especial:

- a) Definir o regime de funcionamento do agrupamento de escolas ou escola não agrupada;
- b) Elaborar o projecto de orçamento, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral;
- c) Superintender na constituição de turmas e na elaboração de horários;
- d) Distribuir o serviço docente e não docente;
- e) Designar os coordenadores de escola ou estabelecimento de educação pré-escolar;
- f) Designar os coordenadores dos departamentos curriculares e os directores de turma;
- g) Planear e assegurar a execução das actividades no domínio da acção social escolar, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral;
- h) Gerir as instalações, espaços e equipamentos, bem como os outros recursos educativos;
- i) Estabelecer protocolos e celebrar acordos de cooperação ou de associação com outras escolas e instituições de formação, autarquias e colectividades, em conformidade com os critérios definidos pelo conselho geral nos termos da alínea p) do n.º 1 do artigo 13.º;
- j) Proceder à selecção e recrutamento do pessoal docente, nos termos dos regimes legais aplicáveis;
- l) Dirigir superiormente os serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos.

5 — Compete ainda ao director:

- a) Representar a escola;
- c) Exercer o poder hierárquico em relação ao pessoal docente e não docente;
- d) Exercer o poder disciplinar em relação aos alunos;**
- e) Intervir nos termos da lei no processo de avaliação de desempenho do pessoal docente;
- f) Proceder à avaliação de desempenho do pessoal não docente.

6 — O director exerce ainda as competências que lhe forem delegadas pela administração educativa e pela câmara municipal.

7 — O director pode delegar e subdelegar no subdirector e nos adjuntos as competências referidas nos números anteriores.

Anexo VI - Documento solicitando autorização aos Encarregados de Educação para aplicar os questionários aos alunos



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

Exmo Sr. Encarregado de Educação

No âmbito de um estudo sobre indisciplina em escolas do 2º e 3º ciclo, a realizar como aluna do curso de Mestrado em Administração e Políticas Educativas da Universidade de Aveiro, e dispondo já de anuência da direcção da escola, venho solicitar autorização para que o seu educando possa colaborar, respondendo a um questionário ou entrevista. Agradeço a sua resposta e compreensão.

DECLARAÇÃO

Eu, abaixo assinado, encarregado(a) de educação do aluno(a) nº___, da turma ___, do ___ ano, declaro que autorizo que ele colabore no estudo, respondendo, de forma anónima a um questionário/entrevista sobre indisciplina.

A....., ___ de _____ de 2011

O(a) Encarregado(a) de Educação

Anexo VII - Guião de entrevista a realizar aos directores de turma



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

GUIÃO DE ENTREVISTA AO(A) DIRECTOR(A) DE TURMA

1. Para si, o que configura indisciplina na sala de aula?

2. E fora da sala de aula?

3. E quais desses comportamentos considera serem mais graves?

4. Quais são os comportamentos de indisciplina mais frequentes nesta escola?

5. Como procede quando ocorrem na sua presença?

6. É frequente recorrer a outros agentes para resolver essas situações? Se sim, a quem? Justifique.

7. Em que situações recorre à direcção da escola para resolver as questões de indisciplina, tanto dentro como fora da sala de aula?

8. Nessas ocasiões, que medidas são tomadas pela directora?

9. A acção desenvolvida pela directora corresponde ao que considera necessário?

10. Das acções que são postas em prática, quais considera serem mais eficazes?

11. Na sua opinião, qual é a relação entre a eficácia das estratégias ou medidas que o/a Director(a) toma na resolução dos problemas de indisciplina e a repetição dos casos de indisciplina?

12. Acredita que o/a actual Director(a) da Escola possui as competências científicas e técnicas e perfil de liderança adequados para lidar com os casos de indisciplina em todas as suas vertentes (actuação com os alunos e encarregados de educação; articulação com professores e funcionários)? Justifique.

13. A escola estabelece contactos diferentes daqueles que são estabelecidos com os alunos sem referências de indisciplina com a família dos alunos com comportamentos de indisciplina?

14. Considera que estes contactos são eficazes? Justifique.

15. Se fosse Director(a) da Escola quais seriam as medidas que colocaria em prática para lidar com a problemática da indisciplina?

16. Assim, como avalia a acção da Directora da Escola face à indisciplina?

Ineficaz

Pouco Eficaz

Eficaz

Muito Eficaz

Anexo VIII - Modelo de questionário a aplicar aos directores de turma



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Administração e Políticas Educativas

O presente questionário integra-se num estudo a realizar sobre a indisciplina em escolas do 2º e 3º ciclos, no âmbito de dissertação de mestrado em Ciências da Educação.

As questões e respectivas respostas são absolutamente anónimas, assim como é mantida a confidencialidade relativamente a todos os dados recolhidos nesta escola.

Agradece-se a sinceridade nas respostas e a colaboração prestada.

QUESTIONÁRIO AO/A DIRECTOR/A DE TURMA

- Há quantos anos exerce actividade docente? _____
- Há quantos anos lecciona nesta escola? _____
- Há quantos anos é Director (a) de Turma nesta escola? _____
- De que ano é director(a) de turma?
5º ano 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano
- Caracterização da turma da qual é director(a) :
Média de idades: _____ Rapazes: _____ Raparigas: _____
- Quantos já tiveram retenções:

6.1. Qual é o número médio de retenções?

Uma vez Duas vezes Três vezes

7. Na sua opinião, no geral, a indisciplina é caracterizada por:

Características	Sim	Não
1. Apatia		
2. Comentários descontextualizados		
3. Verbalização de questões embaraçosas		
4. Falar sem aguardar ou pedir a palavra		
5. Atirar objectos ao ar, na aula		
6. Sair do lugar sem pedir licença		
7. Escrever na carteira		
8. Provocar os colegas		
9. Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores		
10. Não cumprir o horário		
11. Recusa em executar as tarefas		
12. Provocar ruídos		
13. Danificar materiais		
14. Outra:		
15. Outra:		
16. Outra:		

8. Qual é a sua opinião em relação ao nível de disciplina dos alunos desta escola?

Insatisfatório Pouco Satisfatório Satisfatório Muito Satisfatório

9. E da sua turma?

Insatisfatório Pouco Satisfatório Satisfatório Muito Satisfatório

10. No decorrer deste ano lectivo, quantas participações de ocorrências disciplinares recebeu?

Uma Duas Três Quatro Cinco

11. Nessas ocasiões, quantos foram os alunos envolvidos?

Um Dois Três Quatro Cinco Seis

12. Indique, por ordem decrescente de frequência, quais dos comportamentos atrás indicados são mais frequentes com os seus alunos.

13. Qual é a sua opinião em relação à qualidade/eficácia das medidas do Regulamento Interno, no que concerne a disciplina?

Insatisfatória Pouco Satisfatória Satisfatória Muito Satisfatória

14. Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais profícuas/necessárias?

Medida	Sim	Não	N.O.
1.Acção educativa focada na compreensão dos problemas emocionais/psicológicos do aluno			
2.Mais controlo e vigilância			
3.Esclarecimento das regras			
4.Agravamento das sanções disciplinares			
5.Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos			
6.Clarificação das regras			
7.Reforço da educação cívica			
8.Apelo a uma maior colaboração dos pais			
9.Penalização na avaliação sumativa			
10.Promoção de debate sobre valores e atitudes			
11.Responsabilização dos docentes e dos alunos			

12. Melhor divulgação do Regulamento Interno			
13. Participação dos alunos na elaboração do Regulamento Interno			
14. Participação dos alunos na definição das regras na sala de aula			
15. Outra			

15. Das medidas atrás referidas, quais são privilegiadas no seu quotidiano escolar?

16. Diga se concorda ou discorda com as seguintes medidas promovidas pelo Estatuto do Aluno:

	Sim	Não	S.O.
Preventivas			
Correctivas			
Sancionatórias			
Procedimento disciplinar			

17. Como avalia a eficácia da articulação entre o/a Director(a) de Turma e o/a Director(a) da Escola, na abordagem às situações de indisciplina?

Insatisfatória Pouco Satisfatória Satisfatória Muito Satisfatória

18. Como avalia a eficiência da articulação entre o/a Director(a) de Turma e o/a Director(a) da Escola, na abordagem às situações de indisciplina?

Insatisfatória Pouco Satisfatória Satisfatória Muito Satisfatória

Obrigada pela colaboração!

Anexo IX - Modelo de questionário a aplicar aos alunos



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Administração e Políticas Educativas

O presente questionário integra-se num estudo, a realizar sobre a indisciplina em escolas do 2º e 3º ciclos, no âmbito da Dissertação de Mestrado.

As respostas são absolutamente confidenciais, o que significa que não serão divulgadas a outras pessoas sem o consentimento do aluno e do seu encarregado de educação.

Agradece-se a sinceridade nas respostas e a colaboração prestada.

Idade _____

Ano de escolaridade _____

Masc. Fem.

1. Nível de instrução dos pais:

	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	E. Superior
Pai					
Mãe					

2. Profissão dos pais

a. Pai _____

b. Mãe _____

3. Com quem vives?

a. Mãe

b. Pai

c. Irmãos Quantos? _____

d. Avô

e. Avó

f. Outros Quem? _____

4. Já alguma vez reprovaste?

Sim Não

Se respondeste “Sim”, quantas vezes? _____ Em que ano(s)? _____

5. Como avalias a tua escola?

Horrível Muito agradável Agradável Desagradável

6. Sentes-te bem na escola?

Sim Não Razoavelmente

7. O que sentes relativamente à tua turma?

Não gosto Gosto Gosto muito

8. Numa escala de 1 a 5, sendo 1 não gosto e 5 gosto muito, como avalias os seguintes itens?

Professores	
Colegas	
Aprendizagens	
Disciplinas	
Actividades escolares	
Director(a) de turma	

9. O que representa a escola para ti?

10. Gostavas de um dia ir estudar na universidade?

Sim Não Não sei

11. O que é para ti indisciplina? Assinala a opção escolhida com um X.

Características	Sim	Não
1. Fazer comentários descontextualizados		
2. Colocar questões embaraçosas ao professor		
3. Falar sem aguardar ou pedir a palavra		
4. Atirar objectos na aula		
5. Não levar o material necessário		
6. Sair do lugar sem pedir licença		
7. Não cumprir o Regulamento Interno		
8. Escrever na carteira ou nas paredes da escola		
9. Provocar os colegas		
10. Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores		
11. Não cumprir o horário		
12. Não executar as tarefas		
13. Fazer muito barulho		
14. Danificar materiais		
15. Outra (indica qual):		
16. Outra (indica qual):		
17. Outra (indica qual):		

12. Dos comportamentos atrás referidos, indica, por ordem de importância (do mais importante para o menos importante), quais ocorrem na tua escola.

- 1) _____ 2) _____ 3) _____
4) _____ 5) _____ 6) _____
7) _____ 8) _____ 9) _____
10) _____ 11) _____ 12) _____
13) _____ 14) _____ 15) _____

16)_____17)_____

13. Consideras que na tua turma há alunos indisciplinados?

Sim Não

14. Já alguma vez foste chamado ao/à Director(a) devido ao mau comportamento?

Sim Não

15. Já tiveste alguma participação disciplinar?

Sim Não

a. Se “Sim”, quando?

Este ano lectivo Noutro ano

16. E já alguma vez foste suspenso das actividades?

Sim Não

17. E tiveste um processo disciplinar?

Sim Não

18. Se sim, qual foi o motivo desse processo disciplinar?

19. Assinala quantas vezes o teu encarregado de educação foi à escola no ano lectivo passado.

Nenhuma Até três Entre três e seis Mais de seis

20. A quem atribuis a culpa da indisciplina nas aulas?

- Alunos Ao ambiente familiar
Á Direcção Professores
Outros _____

21. E fora das aulas?

- Alunos Ao ambiente familiar
Á Direcção Professores Funcionários
Outros _____

22. O que costumás fazer nos intervalos?

- Ando sozinho
- Ando com colegas
- Vou para o campo de jogos
- Vou ao bufete
- Vou à biblioteca
- Outras _____

23. Na parte que cabe ao aluno, o que julgas que contribui para o seu comportamento indisciplinado?

- Falhas na educação familiar
- Má influência de colegas perturbadores
- Falta de perspectivas
- Dificuldades de aprendizagem
- Vontade de chamar a atenção
- Outras _____

24. Na tua opinião, qual a medida sancionatória (“castigo”) mais eficaz?

- a) Advertência oral
- b) Repreensão registada
- c) Avisar o encarregado de educação
- d) Realizar trabalho cívico

e) Suspensão da escola

f) Transferência de escola

g) Outros _____

25. Conheces o Regulamento Interno da tua escola?

Sim Não

26. Participaste na sua elaboração?

Sim Não

27. O que pensas do Estatuto do Aluno?

Adequado Desadequado

Obrigado pela tua colaboração!

Anexo X - Guião de entrevista a realizar à coordenadora dos assistentes operacionais



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em
Administração e Políticas Educativas

- 1- Há quantos anos exerce funções nesta escola?
- 2- Foi sempre coordenadora do pessoal não docente?
- 3- Em que espaços está habitualmente?
- 4- Foram-lhe comunicadas claramente, quais são as regras de comportamento exigíveis aos alunos?
- 5- Quem lhas transmitiu?
- 6- Recebeu instruções de como deve agir face às situações de indisciplina?
- 7- Para si, quais são os comportamentos, da parte dos alunos que merecem a sua intervenção?
- 8- Desses, quais são os mais frequentes?
- 9- Nessas ocasiões, como procede?
- 10- A quem transmite as ocorrências?
- 11- Em que ocasiões recorre à direcção da escola?
- 12- Quem é que, na direcção da escola, trata das situações de indisciplina? Porquê?
- 13- Na sua opinião, o que deveria ser feito na escola, para reduzir os casos de indisciplina?
- 14- Pensa que as acções que são desenvolvidas na escola para combater a indisciplina são eficazes?
- 15- Porquê?
- 16- Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como fará?
Ineficaz / Pouco eficaz/ Eficaz/ Muito eficaz

Anexo XI - Guião de entrevista a realizar ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação



Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização
em **Administração e Políticas Educativas**

- 1- Há quantos anos exerce funções como presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação desta escola?
- 2- Conhece as regras de regras de comportamento que são exigíveis aos alunos?
- 3- De que forma chegaram ao seu conhecimento?
- 4- Na sua opinião, que comportamentos devem ser considerados indisciplina?
- 5- Participou na elaboração do Regulamento Interno? De que forma?
- 6- Considera que nesta escola há alunos indisciplinados?
- 7- Se sim, que incidentes chegam ao seu conhecimento?
- 8- Sabe que medidas são tomadas, na escola, face às questões de indisciplina?
- 9- E quem age, da direcção face a essas situações?
- 10- Para além das medidas tomadas, que outras poderia sugerir?
- 11- Se fosse director da escola, como agiria para tentar diminuir os casos de indisciplina?
- 12- Considera que a actual directora tem perfil adequado para resolver estes problemas?
- 13- Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como fará?
Ineficaz/Pouco eficaz/Eficaz/Muito eficaz

Anexo XII -Transcrição da entrevista realizada à directora da Escola Alfa

Pergunta: Na sua perspectiva, o que configura um episódio de indisciplina?

Resposta: É toda a atitude que um aluno toma de incumprimento de regras definidas, contrárias ao contrato social, de recusa em aceitar a autoridade do adulto, ultrapassar os limites da boa educação, pôr em cheque a liberdade dos outros, não desempenhar, no fundo, o seu papel de aluno na escola.

Pergunta: Dê-me alguns exemplos de situações de indisciplina.

Resposta: Recusa dos alunos em ir às aulas, ficar fora, destratar os professores, não respeitar as ordens dos professores, não respeitar os colegas, agredir um colega. Dentro da sala, no refeitório e nos balneários são os locais onde acontecem as situações mais graves, respondem mal aos professores, atiram comida uns aos outros, maltratam os funcionários (chamam nomes, respondem mal, fazem só o que querem). Nos balneários às vezes masturbam-se, vão espreitar ao balneário das raparigas...

Pergunta: A indisciplina dos alunos fazia parte do seu Projecto de Intervenção?

Resposta: Fazia. Porque deve-se prevenir antes. Tentamos envolver os encarregados de educação e quando não há resultados, recorremos à Associação de Pais.

Pergunta: No dia-a-dia, a indisciplina dos alunos é uma preocupação para si? Se sim, em que medida?

Resposta: Sim. O meio é pequeno, os pais estão atentos, tentam inculcar boas regras, não haverá muitos casos. O ano passado houve 7 processos disciplinares (dos piores alunos). Os alunos vindos de fora, vêm de famílias desestruturadas, transportam esses comportamentos para a escola.

Pergunta: Através de que canais é que estas situações chegam ao seu conhecimento?

Resposta: Em participações escritas de quem está confrontado com estas situações, dos professores, dos directores de turma, dos funcionários, via director de turma que comunica.

Pergunta: Quem actua nas situações de indisciplina?

Resposta: Primeiro são comunicados ao director de turma que contacta com o encarregado de educação. Se for um caso mais grave comunica à direcção. É o subdiretor que age mais nos casos.

Pergunta: Por que razão é o subdiretor?

Resposta: Porque está cá há mais anos e conhece melhor o meio...

Pergunta: Como age face às situações de indisciplina?

Resposta: Quando são reincidentes, avaliamos e falamos com o encarregado de educação. Só em último caso é que se vai para processo disciplinar. Tentamos ir resolvendo a situação. Quando não há envolvimento do encarregado de educação, apelamos à CPCJ.

Pergunta: Que métodos considera serem mais eficazes em termos de prevenção e de resposta ao problema? E quais os menos eficazes?

Resposta: Depende muito dos alunos. Para alguns é a conversa que temos, o facto de virem à direcção leva-os a reflectir. E também a envolvência dos pais. Outros alunos não querem conversa e nesses casos não dá resultado. Além disso, através do conselho de turma, pode vedar-se o acesso a alguns espaços, depois de se informar os pais disso, põe-se os alunos a trabalhar, por exemplo na biblioteca. Não sei dizer os menos eficazes...

Pergunta: Face à indisciplina, o que gostaria de fazer e não consegue? Porquê?

Resposta: Tal como consigo dialogar e com alguns isso dá alguns resultados, gostaria que isso resultasse com todos.

Pergunta: Por que razão considera que não resulta?

Resposta: Talvez devido à educação na família, falta de regras.

Pergunta: Sente reflexos na disciplina, do desemprego nas famílias?

Resposta: Sim. Quase 70% dos nossos alunos são apoiados. E há também os novos pobres, aqueles que ainda têm vergonha de pedir. E também contribui a incerteza quanto ao futuro. Sente-se...

Pergunta: Considera que o actual Estatuto do Aluno regulamenta convenientemente as respostas à indisciplina?

Resposta: Sim. Embora pense que deveria estar implícita mais responsabilização dos encarregados de educação. Infelizmente não há como os responsabilizar do que os filhos fazem.

Pergunta: Como envolve outros agentes (directores de turma, professores, funcionários, pais) face à indisciplina?

Resposta: Nas reuniões alertamos para essas situações e em Formação Cívica é o espaço ideal para trabalhar o que se espera dos alunos. Para tomar decisões consultamos os directores de turma e os conselhos de turma.

Pergunta: Numa abordagem mais lata, na sua opinião, que intervenientes deveriam agir para lidar/atenuar com a indisciplina?

Resposta: Temos a colaboração da assistente social do Centro Paroquial, não temos psicóloga em nenhum tempo, recorremos a outros que vêm dos gabinetes, temos parcerias com alguns gabinetes e às vezes pedimos colaboração. Apesar de tudo, cá na escola não há casos muito graves, como drogas ou violência. Mas sentimos a falta de um técnico de Psicologia.

Pergunta: De que forma sugere actuações dos assistentes operacionais face à indisciplina? Estão eles coordenados com a postura da directora e as suas orientações e o Estatuto do Aluno?

Resposta: Eles não actuam muito, passa pelo diálogo, indicam que estão a agir mal. E o mais habitual é comunicarem ao director de turma e à direcção.

Pergunta: Quais são os factores inibidores que existem na escola e que contribuem para o controlo do número de casos de indisciplina?

Resposta: Tentamos estar atentos aos distúrbios, aqueles que nós já sabemos que se portam mal. Este ano ainda não houve participações disciplinares. Também estamos atentos ao ambiente familiar e tentamos perceber se aí há problemas. A prevenção é melhor do que quaisquer outras medidas.

Pergunta: Quais os factores potenciadores de indisciplina já identificados pela escola?

Resposta: Perturbações da família, falta de assistência familiar, os pais não estão atentos, há vícios como o do álcool e algumas vezes mesmo nas mães, conflitos entre os membros da própria família. Em alguns casos há desemprego e por isso carências, nós damos cá o pequeno-almoço. Vemos que alguns alunos sentem fome.

Pergunta: A disciplina constitui meta do Projecto Educativo do seu agrupamento? Como?

Resposta: Sim. Nós temos duas grandes metas: a melhoria do sucesso e o envolvimento dos encarregados de educação. A indisciplina influencia o desempenho dos alunos e por isso tem de nos preocupar.

Anexo XIII - Transcrição das entrevistas realizadas às directoras de turma

Entrevista 1 (5º ano)

Pergunta: O que é que, na sua opinião, configura indisciplina na sala de aula?

Resposta: Assim rapidamente, considero todo o comportamento que, de alguma maneira impede o normal funcionamento da aula ou a transmissão dos conhecimentos, daquilo que estamos a desenvolver nas aulas.

Pergunta: Pode dar-me um exemplo de indisciplina?

Resposta: Falarem todos ao mesmo tempo, não respeitarem as regras de participação oral. Aquilo a que normalmente se chama a falta de educação, não é? Se calhar até acrescentaria que a indisciplina além de tudo, é aquilo que obstrua o trabalho normal de aula, tudo que colida com uma relação social, digamos assim.

Pergunta: O tipo de atitudes que se esperam dos alunos, está claramente definido em termos de escola, ou seja, os alunos têm conhecimento de quais são as regras? E acha que as situações que se consideram episódios de indisciplina ou não, são comuns a todos os docentes?

Resposta: Eu penso que há questões que não. No início do ano há sempre uma definição das regras de sala de aula, e que são basicamente as mesmas. Mas depois, se calhar, no decurso na nossa prática diária, vou-me apercebendo que de acordo com a sensibilidade de cada um, aquilo que eu considero ou não, grave, outro professor considerará muito grave, ou outras situações que para mim são intoleráveis que aconteçam, outros colegas acham que não. Por isso, penso que na prática se calhar, não haverá assim uma ideia uniforme.

Pergunta: Então posso depreender que as regras de comportamento nas aulas não estão muito claras e muito objectivamente definidas... Ou é antes, da parte do professor, uma maior ou menor tolerância em relação ao seu cumprimento?

Resposta: Eu acho que elas estão definidas, porque nós falamos em conselho de turma, falamos uns com os outros. Mas se calhar naquela vivência diária com os alunos, se calhar depois cada um age um pouco de acordo com a sua personalidade. Talvez até seja o normal, mas acredito que possa baralhar os alunos. Porque não somos todos iguais e alguns têm mais tolerância para umas coisas e outros para outras.

Pergunta: De que forma é que, as regras estão previstas, essas regras de comportamento, no regulamento interno?

Resposta: Sim, aquelas regras gerais sim, estão na parte dos direitos e deveres.

Pergunta: O que se exige do comportamento dos alunos é do conhecimento dos alunos e encarregados de educação. E como é que eles tomam conhecimento disso?

Resposta: Normalmente através do director de turma na aula de Formação Cívica.

Pergunta: Temos estado a falar em contexto de sala de aula. E no contexto fora de sala de aula, o que é considerado indisciplina?

Resposta: Aí talvez seja mesmo respeitar as regras estabelecidas em cada espaço escolar. Há espaços próprios tipo a sala de multiusos, biblioteca, a cantina e no fundo são as regras de convivência social entre todos.

Pergunta: Pode dar-me um exemplo do que pode ser uma atitude indisciplinada no espaço escolar, fora da sala de aula?

Resposta: Por exemplo a agressão uns aos outros.

Pergunta: Isso é em relação aos colegas. E em relação aos adultos?

Resposta: Pois, por exemplo, vai um adulto de fora ou uma visita, os alunos não se inibem de dizerem uma daquelas asneiras cabeludas à frente de quem passa e depois dizem que não estão dentro da sala.

Pergunta: Consideram que fora da sala já é permitido tudo?

Resposta: Sim, já acham que é permitido dizer, dentro da sala é que não.

Pergunta: De todos os comportamentos que para si, cabem no “saco” da indisciplina, que decerto são vários, quais considera que são mais graves?

Resposta: A mim (pessoalmente, lá está!), perturba-me mais o que tem a ver com a agressividade, a violência, com a falta de respeito pelo outro, seja professor, seja auxiliar. É das coisas que pessoalmente a mim incomoda mais, me perturba, principalmente a agressividade, a violência gratuita, é uma coisa que não aceito.

Pergunta: Mas acha que essa violência pressupõe que seja em relação ao adulto, ao funcionário, ao professor, que esteja fora da sala. Na aula, não existe, ou acha que existe também alguma violência verbal?

Resposta: Se calhar, há agressividade verbal sim. Aquilo que normalmente se chama falta de educação, dizer “não faço, não sei que, quero lá saber”... É também uma forma de agressividade, não é?

Pergunta: Então isso é o que considera mais grave?

Resposta: A mim é uma das coisas que me perturba. Normalmente se eles tiverem outra atitude, abertura, nós depois conseguimos chegar às outras questões. Ou pelo menos eu acho que vou conseguindo melhor, quer seja a falta de trabalho e de responsabilidade, se eles tiverem uma atitude mais tolerante em relação aos outros ou às chamadas de atenção, normalmente ouvem-nos e nós vamos conseguindo aos poucos levá-los por outro caminho.

Pergunta: Destes comportamentos de que falámos, quais acha que são mais frequentes cá na escola?

Resposta: Há agressividade, mas não sei dizer os mais frequentes, tenho que averiguar.

Pergunta: Como directora de turma quais acha que são os casos que acontecem mais frequentemente?

Resposta: Há casos de violência, mas não são assim aqueles casos extremos de que se ouve falar. Mas se calhar aqueles que eu destacava são a falta de responsabilidade, de não assumir responsabilidade por nada, o esquecimento. É aquilo que pela minha experiência pessoal eu vejo. Não posso dizer que andem sempre à luta uns com os outros.

Pergunta: Porque é que acha que esse tipo de comportamento é o mais frequente? Se lhe pedir para encontrar causas, quais são as que estão na origem desses comportamentos?

Resposta: Eu acho sinceramente que é uma questão de educação, que a educação começa em casa, a escola é um prolongamento. Eu acho que alguns desses comportamentos, têm origem na família. Ao conversar com alguns encarregados de educação eu vejo que os próprios desculpam os filhos dizendo que são as más companhias. Estou a falar no geral, não quero dizer que seja sempre assim. Os miúdos

que não tenham esse discurso, normalmente os pais também não têm. Eu penso que os pais têm de assumir responsabilidades.

Eu lembro-me que no meu tempo de aluna também fazia queixa do professor e a resposta da minha mãe era sempre a mesma, “foi porque fizeram algo” e eu penso que agora a resposta é quase sempre a mesma mas noutro sentido, “O que é que eles fizeram? Deixa lá que eu vou lá ver isso. Um também fez e a professora não fez nada.” Limpam um pouco a imagem dos seus filhos, digamos assim. Acho bem que venham, mas primeiro que se informem antes de atirar a pedra.

Pergunta: Tentam passar a responsabilidade para o outro, mas não para o próprio filho, é isso? O que é que faz perante estes casos de indisciplina, seja dentro ou fora da sala, como directora de turma e professora de outras turmas?

Resposta: Depende das circunstâncias. Eu vou tentando adaptar aos casos concretos, se calhar não tenho assim uma forma sempre igual. Há ocasiões em que tento fazer reflectir e assumir as suas responsabilidades, é uma coisa que tento fazer sempre e não deixá-los escapar com desculpas. Tento fazê-los assumir a responsabilidade e depois ajo dependendo da gravidade do que for o problema.

Pergunta: E em caso de situações mais graves?

Resposta: Tento sempre envolver os encarregados de educação, quando for caso disso. E tento sempre conversar com os alunos e tentar que eles assumam e que vejam que foi um erro para que eles não o repitam.

Pergunta: A questão da indisciplina na escola é uma questão que a preocupa? Que importância dá à disciplina dos alunos no contexto escolar?

Resposta: Dou muita importância.

Pergunta: Porquê?

Resposta: Acho que para aprender, é fundamental haver condições para que isso aconteça. E ordem e concentração nas aulas.

Pergunta: Quando está confrontada com situações de indisciplina, sente a necessidade ou conveniência de recorrer a outras agentes na escola para resolver essas questões?

Resposta: Sim

Pergunta: Em que situações? E a quem?

Resposta: Depende também um pouco da gravidade e da amplitude da questão. Se for uma situação pontual não, mas se for uma situação recorrente, tentamos várias estratégias e se não resultam, tentamos implementar coisas que funcionem melhor.

Pergunta: Quem é que na direcção age face às situações de disciplina e o que espera que seja feito?

Resposta: Espero ajuda. Depende, nem sempre é a directora, às vezes é o subdiretor. Lembrei-me agora de um caso em que miúdos foram encontrados a fumar e foi tratado com o subdirector porque é a pessoa que está mais ligada a esta questão. O que é que eu espero? Espero apoio, espero que como órgão de direcção da escola em termos hierárquicos que tem mais poder, possa resolver melhor. Portanto espero que os miúdos respeitem mais, porque há sempre aquela ordem, o professor, o director de turma, a direcção da escola. Portanto se as coisas vão subindo estes degraus, é uma forma de alertar os miúdos de que o seu comportamento está a ser pior e tem que mudar porque senão temos que endurecer essas medidas.

Pergunta: E nessas ocasiões em que recorre à direcção, talvez porque acha que é preciso a intervenção deles, em que já não é suficiente aquilo que se tem feito, que medidas são postas em prática pela direcção da escola, seja a directora ou o subdiretor?

Resposta: Eu também não recorro muitas vezes. Eu tento sempre começar por tomar algumas medidas, tento não esgotar tudo logo na primeira, começo por coisas mais leves. Também depende da gravidade do que aconteceu, não é? Das vezes que recorri, não houve procedimento disciplinar. Por exemplo, houve uma chamada de atenção, porque os meus são pequenitos, são do 5º ano, e se calhar uma chamada de atenção pela direcção da escola, resulta ainda com os mais pequeninos não é? Foi mais a esse nível, não passou daí. Para já.

Pergunta: Das medidas tomadas, e do que é esse papel da direcção, quando a ela recorre, acha que dá os efeitos que deseja ou pensa que ficam aquém daquilo que considera necessário?

Resposta: No meu caso resultou.

Pergunta: Então como diz, quando vão à direcção têm mais um motivo derivado por outras situações e têm uma conversa com o membro da direcção para chamar à atenção do aluno. Acha que essas medidas foram eficazes?

Resposta: No meu caso foram, até ao momento.

Pergunta: Habitualmente então há essa conversa e depois noutras situações mais graves, o que costuma fazer?

Resposta: Eu converso com eles, chamo os pais, muitas vezes converso com os pais e os filhos presentes. Penso que também resulta, porque à vezes os filhos dizem uma coisa e os pais dizem outras e quando estão juntos é possível confrontá-los e vermos até o tipo de relacionamento que há entre os elementos da família. Por vezes também aplico alguns castigos, digamos assim, com o conhecimento dos pais. Dou conhecimento aos pais, eles concordam, tento que os castigos estejam relacionados com aquilo que foi cometido. Por exemplo, havia um miúdo que constantemente batia nos colegas no intervalo. Acordámos que durante uns dias não ia estar com os colegas, ficava sozinho a pensar se preferia estar acompanhado ou sozinho, porque para estar acompanhado tem que saber respeitar os outros também. Então ele ficou sozinho num espaço ao ar livre, era um espaço onde ele podia, se precisasse, ir à casa de banho, podia lanchar, podia fazer tudo, mas sozinho.

Pergunta: E acha que resultou?

Resposta: Por um determinado tempo sim, mas penso que ultimamente, já não. No início, os colegas diziam “ele está melhor, ele está melhor.” Mas isso tem causas mais profundas não é assim uma coisa fácil de resolver, de um dia para o outro. Portanto, estou constantemente a falar com ele e a ver se a coisa se resolve.

Pergunta: Há alguma acção que a escola no geral e o director de turma em particular, tenha desenvolvido com os encarregados de educação dos alunos que têm problemas de indisciplina e que seja diferente daquelas que desenvolveu com os outros alunos?

Resposta: A direcção da escola?

Pergunta: A direcção da escola e o director de turma. Ou seja, se considerarmos os casos de indisciplina, as situações dos alunos que a escola tem? Algumas iniciativas levadas a efeito para tentar melhorar o problema da indisciplina na escola?

Resposta: Eu penso que sim.

Pergunta: O que é que costumam fazer ou o que pensa que poderia ser vantajoso se fosse feito?

Resposta: Por exemplo, falta a criação de alternativas diferentes, de cursos de educação e de formação. Penso que surgem como uma forma de minorar alguns problemas que a escola tem. Os miúdos que não querem estudar, pode levar a outro tipo de comportamentos. Portanto, procurar uma estratégia mais adequada a determinadas características dos miúdos que aqui temos.

Também conversar com os alunos. Há um elemento da direcção que muitas vezes anda aí pela escola e conversa com este e com aquele, mais com determinados miúdos, aqueles mais problemáticos. E segue a conversa com as famílias, vai mesmo a casa de determinadas famílias.

Pergunta: É o director?

Resposta: Penso que é mais o subdirector porque é uma pessoa aqui da terra, conhece bem o meio, está cá há muitos anos.

Pergunta: Então acha que ele tem um perfil adequado para lidar com esses casos de indisciplina?

Resposta: Bem, é uma pessoa que os conhece, conhece muito bem o meio. Se tem perfil não sei.

Pergunta: Se fosse directora da escola, para além daquilo que é feito, o que é que poderia pôr em prática e que na sua perspectiva pudesse ajudar a reduzir os casos de indisciplina?

Resposta: Eu acho que era pelos encarregados de educação que se tinha que começar. Eu penso que é aí a base de muitos problemas.

Pergunta: De que forma age a Associação de Pais?

Resposta: Podemos pensar que a Associação de Pais também não pode fazer muito. Eu não sei, nunca fui a nenhuma reunião de Associação Pais, mas pelo que me vou apercebendo, aqueles pais que estão na Associação, não são os pais dos filhos que criam mais problemas. Não sei, mas a Associação de Pais poderia colaborar no sentido de organizar iniciativas que pudessem ajudar, não sei, talvez com psicólogos ou outros.

Pergunta: A escola não tem psicólogo?

Resposta: Não, mas era preciso para fazer sessões para os pais, para debaterem determinadas questões que têm que ver com a educação.

Acho que se passou por uma época em que os meninos faziam tudo e não se ralhava, porque podiam ser traumatizados, não é? Era a ideia: “Não se pode dizer não a nada, tem que se fazer as vontades todas e o menino é pobre mas coitadinho, os outros têm as coisas e eu vou deixar de comer para lhe dar a *psp.* coitadinho e não sei quê”

Pergunta: Acha que já passou essa fase?

Resposta: Eu acho que não.

Pergunta: Ainda estamos nessa fase?

Resposta: Há muitos encarregados de educação que ainda estão nessa fase.

Pergunta: Na sua turma, os alunos são de que nível socioeconómico e cultural?

Resposta: Médio baixo.

Pergunta: Tem famílias desestruturadas, casos de desemprego, carência?

Resposta: Sim, há várias famílias monoparentais.

Pergunta: E acha que são esses os casos em que há mais indisciplina?

Resposta: Sim, em alguns coincidem.

Pergunta: E também acontece ter alunos com comportamento indisciplinado de um nível mais elevado?

Resposta: Na minha direcção de turma não.

Pergunta: Mas tem alunos de outras turmas em que acha que isso acontece?

Resposta: Por acaso, este ano lectivo as minhas turmas são todas de um nível médio baixo. Mas já observei e penso que noutras até se torna mais complicado. Porque acho que há aquela ideia de que os meninos da média-alta não têm problemas desses, não é? Os pais são bem informados sobre os seus direitos e dos deveres dos filhos e muito bem, nada contra, desde que seja numa medida certa e justa, não é? Penso que há alguns pais desse nível mais alto, ou médio-alto, que acham que os seus filhos estão acima de determinados problemas e não estão. São é mais, como é que eu hei-de dizer, sabem disfarçar, enquanto com os outros aquilo é assim e é assim. Mas às vezes os outros são mais perigosos porque fazem de igual maneira, mas sabem disfarçar, dá a entender que parece uma coisa mas é outra. Acontece com alguns pais, não estou a falar de todos.

Pergunta: Mas acha que também têm esse tipo de comportamento de falta de cumprimento de regras e de algum desrespeito?

Resposta: Têm.

Pergunta: Acha que os contactos que têm com os encarregados de educação dos alunos que têm comportamentos indisciplinados, dão o resultado que desejava?

Resposta: Há casos em que sim. Há outros casos em que não. Por exemplo, um dos casos que tenho na minha turma. Tentei por vários meios falar com o encarregado de educação, não conseguia de maneira nenhuma, nem por telefone, nem convocada por escrito, não vinha. E eu fiquei a saber que vinha todos os dias buscar o filho à escola e não vinha falar comigo. E um dia, eu disse-lhe: “Espera aí que vou contigo”. E pronto fui convocá-la ao carro e ela veio no dia seguinte falar comigo. Eu sei que é uma pessoa que não trabalha portanto tinha disponibilidade para vir a qualquer hora mas não vinha. E não vinha porque já sabia o que é que tinha que ouvir. Porque não sabia o que fazer ao filho. Percebi depois disso na primeira conversa, inclusivamente eu comecei a falar e ela começou logo a chorar. Sei que é uma família difícil porque ela olha para o filho e já vê o pai que é toxicodependente, e é assim como se fosse uma fatalidade, como se já não houvesse nada a fazer. Portanto, nesse primeiro contacto, tentei desmontar um bocado a coisa e fazê-la ver que ele é muito novo, só tem 10 anos, e que também está na mão dela fazer com que seja diferente. Mas imagine, à frente do filho, a chorar e a dizer: “Eu estou a ver, é igualzinho ao pai, vai dar na mesma coisa” Este género de conversa, não ajuda, mesmo eu dizendo: “Então não vai nada, vai ver que ele vai conseguir...” Combinei com ela vir de quinze em quinze dias para ver como é que ele estava mas nunca mais apareceu. Já convoquei novamente. Assinou o recado, mas não veio, portanto estou a ver que tenho que ir outra vez ao carro.

Pergunta: Pois, então é complicado, não é?

Resposta: É. Por isso é que eu digo que eu acho que é essencialmente na família que está o problema, quando os pais se empenham no seu papel ou não se empenham, se desempenham o seu papel de pais, os miúdos também “prevaricam” mas é diferente, é menos grave.

Pergunta: O que é que tem a dizer sobre a articulação entre a direcção da escola e os professores ou directores de turma nestas situações, de combate à indisciplina ou à manutenção da disciplina?

Resposta: Eu penso, que a direcção está aberta sempre a ajudar e ouvir. Mas, por vezes, uma coisa que eu noto e que não me agrada especialmente, é que há questões em que por exemplo, antes de o encarregado de educação, sei lá, uma questão qualquer que tenha ocorrido aí fora, normalmente não é nas aulas, por vezes os encarregados de educação vêm e vão directamente à direcção e nós até nem sabemos ou ficamos a saber depois de terem sido avisados os encarregados de educação. Não tenho nada contra a direcção falar com os encarregados de educação mas acho que poderia haver uma melhor comunicação entre todos. Um dos membros da direcção é daqui da zona, portanto as pessoas conhecem-no então vão directamente lá falar. Também sei que nem sempre estamos disponíveis, não é? Os pais chegam aqui sem avisar e nós algumas vezes estamos a dar aulas. E muitas vezes a informação não circula.

Pergunta: E o director de turma não tem conhecimento do que se passa?

Resposta: Pois, não lhe é dado conhecimento.

Pergunta: Se eu lhe pedisse para avaliar a acção da direcção face à indisciplina aqui na escola, entre ineficaz, pouco eficaz, eficaz ou muito eficaz, como é que avaliava?

Resposta: No meu caso pessoal ou de uma maneira geral?

Pergunta: No geral, no que lhe é dado aperceber, ou seja, da ideia que tem, de que é o funcionamento da escola, do que é a sua acção, pelo conhecimento do dia-a-dia e do tempo em que cá tem estado a trabalhar, de que são os casos de indisciplina. Não estou a falar só da sua turma, mas do que é feito pela direcção, ou das acções da direcção, como é que poderia avaliar, em termos de eficácia, ou seja, o que é que feito pela equipa de direcção e qual é a sua eficácia, se é muito eficaz, pouco eficaz?

Resposta: Eu vou-lhe dizer a percepção que eu tenho, pode não ser a correcta. Em relação ao meu caso pessoal, já lhe disse, não tenho razão de queixa, portanto aquilo que tenho feito, penso que tem resultado. Também não recorro muitas vezes à direcção, como lhe digo, tento não recorrer, não é como alguns que quase diariamente, “agora vais ali”. Eu tento não esgotar essa fonte, não é? Agora, a apreciação que eu tenho da escola, em relação a determinados casos que aqui são conhecidos, é isso, não é? Não me parece eficaz.

Pergunta: Posso perguntar porquê?

Resposta: Mas é não me parece, mas não tenho conhecimento directo, não faço parte do conselho de turma, não sei, talvez sejam casos difíceis...

Pergunta: Então o que é que acha que deveria ser feito diferente para que fizesse uma avaliação muito eficaz? Está a pensar nos casos concretos, não é? E nesses casos concretos o que é que acha que deveria ter sido feito de forma diferente para que possa haver mudança ou melhoria da disciplina?

Resposta: Eu não tenho conhecimento por dentro, por isso a postura é da minha percepção pode não ser assim, não estou directamente ligada aos casos. Mas, se um aluno entra na direcção, bate com a porta e sai, acho que há qualquer coisa que falha, na minha opinião não deveria bater com a porta ou então se bate, tem de ser repreendido e não é, deveria sofrer alguma sanção. Por vezes, há situações desse género, os alunos abandonam a sala, quer dizer, nem ouvem o que há para dizer, saem, batem com a porta e depois vão lá fora dizer “até bati com a porta na cara da directora”... Não me parece que isto seja bom. Mas isto é uma percepção que eu tenho de fora.

Pergunta: Isto também é uma forma de responder ao que eu perguntei antes: “Se tivesse na direcção o que é que fazia diferente ou como é que fazia”. Eu já depreendo, por aquilo que me está a dizer que se lá estivesse, agiria de outra forma, não aceitava que essas coisas acontecessem.

Resposta: Acho que não. Em determinados casos acho que não, porque são casos em que não foi só uma vez, portanto são reincidentes e se não se faz nada voltam a acontecer e as pessoas estão quase esgotadas e parece-me, pelo que eu ouço, ser em outras situações. Quer dizer que quando se recorre à direcção, nem ouvem o que há para ouvir, mas então se bate a porta na direcção bate a porta a toda a gente. Digo eu, desrespeita, porque é esse mesmo o problema, desrespeitar professores, desrespeitar os colegas, portanto acho que é preciso fazer sentir que alguém manda na escola, não é?

Pergunta: Pronto, não sei se quer acrescentar alguma coisa aqui, depois do que já disse.

Resposta: Eu acho que a direcção é muito sensível aos problemas sociais. Isso é bom. Não quero que me interprete mal. E conhece os problemas dos miúdos, conhece as famílias, conhece estes problemas, mas, eu também sou, também gosto de conhecer a família, também gosto, mas acho que chega a um ponto que eles têm de agir mais, ser mais firmes, que isto não pode ser desculpa para tudo.

Entrevista 2 (6º ano)

Pergunta: O que é que considera ser um episódio de indisciplina, ou seja, que comportamento, da parte dos alunos a leva a actuar?

Resposta: Para mim, indisciplina tem que ser mesmo uma coisa muito grave, pode ser, vamos imaginar, um comentário, um impropério, uma daquelas frases que eles às vezes dizem, “Seu filho desta, seu filho daquela...” que dentro de numa sala não se admite. ... E eles, por vezes, podem ter esse tipo de comportamento porque vêm quentes de lá de fora daquelas quezílias. Aí acho que sim, tenho de actuar. Ou então também um pouco mais grave quando começam a agredir um colega ou uma situação parecida.

Pergunta: Para além do que disse e que é frequente entre eles, relativamente ao professor, quais são as situações ou atitudes que considera como sendo indisciplina?

Resposta: Eles dizem muito aquela do “não faço, não me apetece e não estou para me chatear”, como às vezes, também aquele encolher de ombros quando se pede para realizarem um trabalho, apesar de ser muito educadamente que nós o dizemos. Hoje em dia, os professores não têm aquele tipo de comportamento de há 20 ou 30 anos atrás, já somos mais “*polite*”, mais “*soft*”, como dizem os ingleses e mesmo assim eles continuam “Ó, não me apetece, para quê? para quê? Não vale a pena!” Parece que não têm mesmo vontade de trabalhar.

Pergunta: Isso acontece então em contexto dentro de sala de aula. E fora da sala de aula, que atitudes considera como sendo de indisciplina?

Resposta: Ou não me apercebo ou eles estão numa escola muito sossegada em que não há grandes problemas de nível da indisciplina. Por enquanto não temos tido, porque normalmente é mais o tipo de linguagem ou quando há uma discussão entre eles e em que resolvem a questão a murro ou ao pontapé, porque de resto não há assim muitos casos complicados.

Pergunta: Desses comportamentos que me referiu, quais é que considera serem os mais graves? Se fizer uma pirâmide em termos de comportamentos de indisciplina, quais é que considera serem os mais graves de todos?

Resposta: É assim, para mim, considero mais grave um aluno que é capaz de desrespeitar o professor, porque está chateado, o professor diz alguma coisa e ele “vai pró cara...o”. Isso é insulto e portanto é um desrespeito total. Considero muito mais grave

do que dizer “Oh, hoje não me apetece, hoje não estou para me chatear, hoje não em apetece fazer o meu trabalho...” Isso aí já é mais preguiça.

Pergunta: Dos episódios que referiu, quais são os mais frequentes aqui na escola?

Resposta: Eu creio que os mais frequentes, por aquilo que estou informada, são exactamente o “não me apetece ou não quero fazer” embora pontualmente também acontece alguns alunos terem comportamentos mais graves, porque não sei se sabe, nós temos casos de alunos aqui, que estão numa instituição e vieram do Porto, de bairros degradados, foram tirados às famílias, têm muitos vícios mas vêm cá às aulas e têm uns comportamentos mais problemáticos. Às vezes, por arrasto, até levam outros, que já não são nada fáceis e com estes que têm umas vivências muito mais complicadas mas que são considerados uns heróis, as coisas complicam-se.

Pergunta: Quando acontecem essas situações como é que procede, seja consigo na sala ou fora, como é que costuma proceder? Quais são as atitudes que toma?

Resposta: Comigo não acontece. É engraçado ou porque eu tenho tido muita sorte, ou não sei porquê. Não tenho casos assim graves, para já. Só tive um caso de um aluno que actualmente está no 7º ano (porque ele repetiu senão estaria no 8º) que é um aluno que não é muito acompanhado em casa e que tem alguns problemas a nível familiar. E então, a uma dada altura, eles estava numa aula comigo (6º ano, Inglês), e eu pedi-lhe para ele mudar de lugar, porque ele não tinha trazido o manual para poder acompanhar melhor a aula, estar mais atendo e mais concentrado e ele aí teve uma atitude, como eu nunca tinha visto, e disse: “não vou, não me apetece, não vou”. E eu disse, “olha, se faz favor, tu vais fazer o que te disse” e ele continuou: “Não vou...” e eu tive mesmo que usar a força, quase a força e dizer “Vais sim senhor, fazes o favor porque senão vais lá para fora...” E pronto, ele aí realmente foi mas não tenho tido esse tipo de casos frequentemente, embora às vezes digam “Ó professora hoje não me apetece...” e eu “Então, vamos lá...” e eles acabam por fazer.

Pergunta: Mas e noutras situações mais graves?

Resposta: Eu não sei, porque se calhar reagiria com eles, também de forma dura porque às vezes quando ouço aqueles casos de agressões etc. e nesses casos há colegas que dizem, “ai eu se calhar não ficava quietinha”.

Pergunta: Há casos de agressões ao próprio professor?

Resposta: Eu não conheço. Se fosse uma situação dessas que para mim é mesmo daquelas gravíssimas, eu se calhar teria...não sei, acho que não ficava assim quietinha de mãos e pés atados, não é? Não sei, ou chamava um funcionário, se calhar antes de chamar o funcionário...se calhar fazia, não sei. Percebe? Eu não sei porque nunca tive uma situação dessas, portanto...mas acho que não ficava quietinha porque não tenho cérebro de barata, como dizem os brasileiros.

Pergunta: Mesmo não sendo muito frequentes esses casos, acontece as pessoas recorrerem a outros agentes, ou seja, em caso de situações graves, os professores ou os directores de turma recorrem a outras pessoas, aqui na escola, para ajudar a resolver as situações?

Resposta: Se há uma situação em que o professor está mais incomodado com o comportamento do aluno, pede para ele sair e normalmente o aluno tem que sair acompanhado por um funcionário com uma tarefa a realizar, porque o aluno não vai sozinho. Se for uma situação de maior gravidade, creio que o leva à direcção.

Pergunta: É comum ou é frequente recorrerem á direcção da escola para resolver casos de indisciplina dentro e fora da sala?

Resposta: Eu nunca tive uma situação dessas mas acho que por vezes acontece e até acontece chamar o director de turma para resolver... Para apagar o fogo, como digo, o que sinceramente acho que não deve. Até porque às vezes nem é um fogo tão forte, não é? Uma pessoa resolve, tenta resolver ali e não chamar o director porque senão acho que os alunos até perante a turma ficam a pensar: “ então, o professor não é capaz de resolver?

Pergunta: E em relação à direcção, concretamente à directora? É chamada, em que situações e o que é que ela faz, ou seja, como são as intervenções dela quando há casos de indisciplina mais graves?

Resposta: Não sei dizer, sinceramente não sei, porque nunca tive uma situação assim tão séria, desse tipo, mas normalmente até creio que é o professor José que é mais chamado e não a directora. É mais o subdirector, a não ser que ele não esteja e que tenha de ser urgente. Mas normalmente eles vêm, por aquilo que eu sei, eles vêm depois com o director de turma ao gabinete e há ali uma conversa. Tenta-se chegar a um acordo por boas vias. Depois é chamado o encarregado de educação e pronto... é mais ou menos assim.

Pergunta: Acha que essas medidas da parte da direcção, não propriamente da directora mas mais do subdirector que está mais ligado a esses assuntos, são eficazes, dão resultados positivos e que contribuem para reduzir os casos de indisciplina na escola?

Resposta: Sim, sim. Mas depende, há casos em que sim e há casos que não. Talvez na primeira vez... Eu sei que há casos aqui em que não resulta, já temos visto que há um aluno que já foi suspenso mais que uma vez e continua a dar problemas e no momento até está a faltar e diz que vai para a escola X.

Pergunta: Então acredita que da parte da direcção, de quem lida com essas situações, as estratégias ou perfil são adequados para lidar com os casos de indisciplina daqui na escola? Ou proporia, se fosse directora, acções diferentes?

Resposta: Não, eu acho que tomaria as mesmas. Eu acho que primeiro tem que ser pelo diálogo e tentar também chamar o encarregado de educação. à pedra como se costuma dizer para que a família intervenha, tenha também a sua quota parte para resolver a situação. Neste caso é importante e é o ponto fulcral. E em caso então que não resulte, partir-se-á para uma outra hipótese mais séria e às vezes mais dura.

Pergunta: A escola tem estabelecido algum tipo de contacto diferente, com os encarregados de educação dos alunos que têm mais situações de indisciplina, ou seja, há algumas acções para esses pais, considerando os casos de indisciplina? Se sim, quais?

Resposta: Já houve intervenção da comissão de protecção de crianças e jovens, sei que sim, já foi tomada essa atitude, por exemplo, porque há casos mais complicados. E também participou a associação de pais.

Pergunta: E acha então que essas acções são eficazes?

Resposta: Lá está, eficaz ou não, também depende depois da forma como reage a família, em casa, porque muitas vezes os pais (quase sempre) precisavam de um apoio muito mais forte que não temos na escola. Eu sei de situações até ao nível da assiduidade que depois vai para a CPCJ, depois é para o tribunal, depois é para polícia, e não sei ... e anda-se daqui para ali e depois no fim, anda-se de um dia para o outro e não se resolve nada. E vão-se passando as coisas e o tempo.

Pergunta: A direcção tem um papel muito importante na dinâmica e na resolução dos problemas do quotidiano escolar, sendo um deles a disciplina que é o caso em estudo.

Se eu lhe pedisse para avaliar a acção da directora, considerando estes parâmetros, como é que avaliaria?

Resposta: Classifico de Eficaz, não iria para o muito porque há sempre aqueles situações que se calhar se vêm repetindo e que seria necessário ter uma atitude mais, talvez mais dura, mais eficaz, mais firme. Porque há casos que não se têm resolvido.

Pergunta: Porque é que lhe parece que os casos de indisciplina são tratados pelo subdirector e não pela directora?

Resposta: Em parte, não sei se é mesmo ele que está com a alçada esses assuntos ou se está sobre a alçada dela. Agora, talvez também seja por ele ser um homem... Talvez por ele ser homem esteja mais à vontade.

Entrevista 3 (8º ano)

Pergunta: Há quantos anos é directora de turma?

Resposta: Sou directora de turma há cerca de 12 anos.

Pergunta: E é directora desta turma pela primeira vez ou vem acompanhando-a desde o 7º ano?

Resposta: Não, já sou desde o 7º ano e eles estão no 8º.

Pergunta: Que atitude dos alunos dentro da sala, é que considera como sendo indisciplina?

Resposta: Depende. Há vários tipos de indisciplina: se for falar para o outro, sair do lugar sem autorização do professor, atirar papéis, o não acatar as instruções. Tudo são casos de indisciplina, mais graves ou menos graves.

Pergunta: Isso dentro da sala. E, fora da sala, o que é que também considera como sendo uma atitude de indisciplina?

Resposta: Quando uma pessoa chama à atenção por uma linguagem não correcta e eles não acatam as instruções, bater nos ou ofender os outros, colocar papéis no chão propositadamente, o não respeitar, por exemplo, a ordem de entrada no refeitório. Tudo isso são casos de indisciplina.

Pergunta: Se eu lhe pedir para posicionar as atitudes que dentro da sala de aula, considera indisciplina, em pirâmide, quais é que colocaria no topo, sendo das mais graves para as menos graves?

Resposta: Dentro da sala, é por exemplo, não acatar as instruções do professor, quando eles têm um comportamento incorrecto e em vez de acatarem, contestam. A provocação aos colegas ou provocar o professor, para mim são algo mais grave. Depois, vem aquelas situações de atirar papéis e não respeitar a ordem recebida.

Pergunta: Quando diz provocar os professores, está a pensar concretamente em que atitude?

Resposta: Por exemplo, quando o professor chama a atenção e o aluno não acata e continua a responder e continua a dizer que não está correcto, sabendo que está a cometer algo de errado. Não quer dizer que os professores também não se enganem, isso é um facto, mas sabendo que cometeu um delito, continua a não aceitar e a não assumir. Para mim isso é grave.

Pergunta: Dessas várias situações que referiu, quais é que são mais frequentes, nesta escola?

Resposta: Aqui talvez as mais frequentes sejam os conflitos entre colegas, portanto o provocar os colegas. Entre professores não há tantos casos, entre eles são conflituosos. A minha turma, por exemplo, é extremamente conflituosa.

Pergunta: Esses conflitos entre eles são mais entre rapaz-rapaz ou também rapaz-rapariga?

Resposta: Sim. Só há lá duas raparigas portanto é entre rapazes, com as raparigas não acontece.

Pergunta: Quando eles entram em conflito como é que concretamente agem?

Resposta: Muitas vezes agem ao pontapé ou empurram; quer dizer, é mais à violência física.

Pergunta: Quando acontecem, seja na sua presença, seja porque depois recebe esse conhecimento, como é que age? Que medidas é que toma?

Resposta: Há uma participação escrita e depois entretanto entro em contacto com a directora e atendendo à gravidade, a directora decide se suspende ou não os alunos. É também chamado o encarregado de educação e tudo isso lhe é comunicado.

Pergunta: Então recorre à acção da directora nessas situações mais graves?

Resposta: Mais graves, sim, evidentemente. Quando não são muito graves é convocado o encarregado de educação e é discutido o assunto com a presença do aluno. Eu normalmente chamo o encarregado de educação e o aluno está presente. Acho que é uma boa estratégia.

Pergunta: E nesses casos em que recorre à direcção, que acções é que a directora toma?

Resposta: A directora costuma agir. Se for um caso muito grave o aluno é suspenso preventivamente e depois é organizado todo o procedimento disciplinar. Entretanto em contacto com o director de turma, vê-se a medida melhor, se for grave é suspenso logo, ou se faz um trabalho cívico em vez de suspensão. Será um trabalho feito a nível de escola, por exemplo. Mas normalmente a directora, com o director de turma, costuma definir o procedimento.

Pergunta: Então considera que quando recorre à directora para ajudar a resolver ou para lidar com esses casos de indisciplina, a acção dela corresponde ao que espera, que considera necessário? E ao que deseja?

Resposta: Sim, até à data tem correspondido.

Pergunta: Dessas acções que a directora da escola toma, já me disse pelo menos duas, quais é que considera mais eficazes?

Resposta: Depende da sua situação. Eu já tive duas situações graves em que a decisão foi diferente: um dos alunos foi suspenso preventivamente e cumpriu pena. Na outra situação também grave mas atendendo às características do aluno, pensou-se que era mais benéfico fazê-lo pensar mais na atitude que tomou não indo para casa, mas ficar aqui, fazendo uma tarefa. Depende do aluno e das suas características.

Pergunta: Nesses casos, a decisão da medida a tomar, é da directora da escola e da directora de turma?

Resposta: É da directora e da directora de turma. Normalmente a directora da escola nunca toma posição sem falar antes com o director de turma.

Pergunta: E acha que é eficaz?

Resposta: Eu acho que é eficaz, até à data acho que tem sido sempre eficaz.

Pergunta: Para além do que é feito com o aluno, há algumas acções que a escola tome, que seja por iniciativa dos professores ou da direcção da escola, orientada especificamente para os encarregados de educação dos alunos que têm problemas de indisciplina?

Resposta: Nós já fizemos uma reunião, já convocámos os pais quando vimos que havia vários casos. Na minha situação também já aconteceu, a turma é um bocadinho indisciplinada. Já convoquei os encarregados de educação todos, já se dialogou com eles. O grande problema é que muitas vezes os encarregados de educação não vêm. Aqueles que propriamente queriam que viessem não aparecem. Às vezes é complicado chamar os pais à escola para tratar dos problemas dos filhos e não surte muito efeito essa medida.

Pergunta: Então, considerando a acção da direcção, concretamente da directora, acha que se fosse directora faria exactamente as mesmas coisas, tomaria as mesmas medidas ou há alguma coisa que lhe ocorra que poderia pôr em prática se estivesse no lugar dela?

Resposta: Não, eu acho que fazia exactamente o que a directora faz.

Pergunta: Na parte dos contactos com os encarregados de educação, acha que realmente o que falha, é não culpa da escola, mas o acompanhamento da parte da família. É isso?

Resposta: Falta alguns encarregados de educação virem à escola, é difícil virem à escola resolver os problemas. Inclusivamente houve um encarregado de educação que me disse que o filho era assim mesmo e portanto que já estava farta de vir à escola para saber do filho porque em casa era assim e por isso não vinha mais. Assim como quem diz que estava farta de vir à escola. Não havia nada a fazer. Não são casos muito graves que o aluno cometa, são aquelas situações de indisciplina, irrequieto, perturba, está sempre a falar, levanta-se, não consegue estar concentrado.

Pergunta: Desses casos, sem recorrer a registos é capaz de me dizer se esses alunos têm mau rendimento?

Resposta: É uma turma de currículo alternativo portanto à partida já têm mau rendimento e leva à desconcentração total. O problema é esse.

Pergunta: E em relação aos funcionários, como é que eles agem face às situações de indisciplina?

Resposta: Eu nunca assisti assim a nada mas já tive participação de funcionários. Sempre que ocorre, eles falam comigo. Eu acho que os funcionários cumprem o seu papel e desempenham bem, chamam a atenção sempre que é necessário e não permitem barulho. Mas às vezes é complicado, não é?

Pergunta: Se eu lhe pedisse para me fazer uma avaliação considerando, a acção da direcção da escola como órgão de gestão, relativamente à indisciplina dos alunos, como avaliaria?

Resposta: Eu acho que é eficaz.

Entrevista 4 (5º ano)

Pergunta: Quais são as atitudes dos alunos que considera serem indisciplina?

Resposta: Há diversos graus de indisciplina. Acho que o grau mais grave da indisciplina é a agressão física ao professor e a colegas. Eu, felizmente na minha turma não tenho nada disso, nunca tive. Tirando estas situações extremas, o mais habitual que eu considere indisciplina será talvez, um aluno recusar-se a acatar uma ordem do professor para uma saída de sala de aula, de execução de uma tarefa, o teimar que não faz. É a insolência, falta de educação.

Pergunta: Vou dar-lhe um exemplo: E entrar com um boné na sala de aula? Considera isso indisciplina?

Resposta: Não, não considero.

Pergunta: E comer na sala de aula?

Resposta: Também não considero mas atendendo ao perfil de certos alunos. Por exemplo, acho que não posso exigir isso a um aluno que vem de um centro de recuperação de toxicodependentes, como temos aqui nesta escola. Acho que a certos

pormenores nós devemos fechar os olhos senão ainda vamos criar mais conflitos. Há aqueles que andam de boné naturalmente e não é indisciplina. Eu tenho um aluno de 16 anos que está num centro de recuperação de toxicoddependência e que vem de boné, é de etnia cigana e eu deixo, não me causa problemas nenhuns que eles estejam assim. Desde que cumpram para que vou estar eu a perturbar o clima da sala de aula e a dizer para tirar e a perturbar os outros alunos? Para mim não afecta nada a aula.

Pergunta: Isso que refere é em contexto de sala de aula. E fora da sala de aula, o que é que entende como sendo uma situação de indisciplina?

Resposta: As agressões físicas, são o mais grave, seja a colegas, a professores, a funcionários (e que já tem acontecido ao segurança cá da escola), o uso de palavrões.

Pergunta: Dos comportamentos que referiu, quais considera serem os mais graves?

Resposta: No topo colocaria a agressão física.

Pergunta: Isso entre eles. E em relação aos adultos, professores, funcionários, o que considera ser o mais grave?

Resposta: Eu continuo a achar que é a agressão física.

Pergunta: É frequente? Destes comportamentos enumerados qual é o que ocorre com mais frequência, aqui na escola?

Resposta: Aqui na escola, não há assim tantas agressões físicas a professores. Até que eu tenha conhecimento nunca houve. Entre eles há diariamente. Há sempre dois ou três alunos em cada turma, dependendo da turma, há turmas mais calmas que outras mas mesmo assim há dois ou três alunos, em que as agressões entre eles são diárias. Em todos os intervalos, envolvendo rapazes, meninas não. Entre rapazes é diário.

Pergunta: Porque é que acha que isso acontece? Porque é que eles chegam à agressão física?

Resposta: Eu acho que tem a ver com a personalidade, com o sexo. Com os rapazes apercebo-me que é assim, partem logo para a violência, qualquer pretexto, qualquer conversa sobre um telemóvel, sobre uma bola, leva certos miúdos a partir logo para a agressão. Não sei se tem a ver com o ambiente que têm em casa. Estou-me a lembrar de um aluno que tinha na minha turma do ano passado que chegou a ter aqui um processo disciplinar e com a aplicação da medida sancionatória máxima, os dez dias de suspensão. Ele batia em tudo e todos, tinha problemas familiares, tinha a mãe doente,

alcoólica, o pai violento. Há outros casos em que os miúdos vêm de famílias mais calmas e também têm esses problemas. É uma situação complicada.

Pergunta: Se acontecer uma situação dessas na sua presença, que atitudes assume?

Resposta: Sinceramente, se for fora da sala de aula e não for com alunos meus, (isto aqui entre nós), eu finjo que não vejo, vou para outro lado. Se forem alunos a quem dou aulas, (dou aulas ao quinto e ao sexto), mesmo que não sejam meus alunos mas que sejam dos anos que eu estou mais habituada a lidar, aproximo-me, tento perguntar o que se passa e tento acalmar. Se forem alunos grandes, sétimo, oitavo e nono, ciganos, alunos do centro de recuperação de toxicodependentes, e fora da sala de aula, eu finjo que não vejo e comunico à direcção. Não me vou meter ali numa bulha com alunos maiores que eu, sobretudo se eu estiver sozinha. Agora, se eu vier com mais quatro ou cinco colegas meus, nós vamos em grupo, falamos. Mas sozinha nem me aproximo.

Pergunta: E se for com os seus alunos, fora ou não da sala de aula, em que situações pede a intervenção da direcção?

Resposta: A intervenção da direcção na sala de aula, nunca pedi, porque tento dialogar com o aluno, tento fazer valer o meu ponto de vista, tento que ele mude o seu procedimento e desculpo sempre coisas que eu considero menores porque acho que não vale a pena estar a estragar a aula, incomodar os outros, por uma questiúncula. Tento desvalorizar o que pode ser desvalorizado. Quando eu acho que é uma coisa realmente grave, tento falar com o aluno, a bem, uma vez, duas vezes.

Se de todo em todo, o aluno se recusar a cumprir o que lhe pedi, não chamo a direcção, antes expulso o aluno da sala de aula. Chamo a funcionária e faço o que está previsto no regulamento da escola.

Pergunta: E quando faz chegar o caso à direcção para eles agirem? Pede a intervenção da direcção a seguir à aula?

Resposta: Só se eu achar que é aquela indisciplina muito grave. Se for uma resposta um pouco mais torta, não vou para a direcção.

Pergunta: O que faz cada um dos agentes da escola quando ocorrem estas situações?

Resposta: Eu acho que o mais conveniente é nós comunicarmos ao director de turma e o mesmo chamar o encarregado de educação. Só se chega à direcção quando são aqueles alunos reincidentes, quase diariamente, e quando há percepção por parte do

director de turma que não há feedback familiar. Não vale a pena andar a chamar o pai, a mãe, quando eles já não fazem nada, mais vale então envolver a direcção.

Pergunta: Nesse caso, quem é a pessoa da direcção a quem recorre?

Resposta: É o professor José.

Pergunta: Ele é o subdirector?

Resposta: Acho que sim.

Pergunta: Porque é que recorrem mais ao subdirector? É por uma razão especial?

Resposta: Sim, por várias razões. Por um lado achamos que é ele a pessoa que está mais canalizada para os alunos. Achamos que na direcção cada um tem a sua área de trabalho. É uma tradição, de longos anos, aqui na escola que o Professor José está virado para os alunos. Será a tradição, o facto de ser calmo, embora os outros membros da direcção também sejam calmos, ele dedica-se mais a resolver este tipo de problemas. A directora tem outro tipo de tarefas, produzir documentos, etc. O trabalho dele já é mais de acompanhar os alunos e tem outra coisa, é uma pessoa que já está aqui há muitos anos e é uma pessoa muito ligada ao meio e conhece toda a gente. Ele é de Albergaria e não de cá, mas conhece aqui toda a gente. Qualquer aluno que aqui chega, ele sabe quem é o pai, quem é a mãe. Ele acaba por resolver muitos problemas fora da escola, apesar de acontecerem cá dentro. Fala com o tio, com o vizinho e manda recado e assim acaba por resolver.

Pergunta: Então, nos casos em que recorre à direcção, mais concretamente ao Professor José, ele corresponde aquilo que espera dele? Aquilo que acha conveniente? Fica satisfeita com a actuação dele?

Resposta: Penso que ele faz aquilo que pode fazer. Às vezes era desejável fazer-se muito mais, mas ele também só pode ir até um certo ponto, não é? Muitas vezes a situação acalma naquele dia mas sabemos muito bem que no dia seguinte, o aluno está na mesma e não passa disto. Ele não dispõe de muitos meios para além daqueles de que nós próprios dispomos.

Pergunta: É capaz, de uma forma geral, de indicar o que é que está por trás desses alunos com episódios frequentes de indisciplina?

Resposta: No meu entendimento, é muito complicado apontar-lhe só a família. Acho que não é só isso. Não sei mesmo o que é.

Pergunta: Mas atribui um papel importante ao meio familiar?

Resposta: Dou. Constatado que são das famílias mais desestruturadas que chegam os miúdos mais complicados. Penso que há alguma relação mas também penso que existem mais algumas causas. O professor para lidar com alunos destes tem de ter um perfil especial. Tem de ter paciência, tem de saber dialogar, não pode estar ali a medir forças, tem de fazer algumas cedências. Não é fácil.

Pergunta: Para esses alunos que têm comportamentos frequentes de indisciplina, que acções desenvolve a escola?

Resposta: O que se faz aqui, é aquela primeira etapa: Comunicar ao director de turma, falar com o Professor José e este chama a família e faz-se uma reunião mais abrangente, com o aluno, pai, director de turma e um membro da direcção. Depois passa-se para a CPCJ e mais nada.

Pergunta: No seu caso, como directora de turma do 5º ano, tem destes casos?

Resposta: Não, nada. De experiência própria só do que tive em outros anos. Já tive turmas difíceis mas este ano não tenho nenhuma situação problemática.

Pergunta: Nota que os casos de indisciplina têm vindo a aumentar?

Resposta: Este ano é excepção. Não sei bem dizer, sempre houve muita agressividade física entre os alunos e sempre houve casos que ficaram na história. Há historial mas se calhar agora, existe um pouco mais. Eu estou aqui há 20 anos e houve sempre mas talvez haja um acréscimo. Os alunos, agora, estão mais à vontade connosco, são mais atrevidos, não há noção de hierarquia, estamos quase em pé de igualdade. São capazes de nos dizerem coisas que a gente não ouvia há uns anos mas, continuo a achar que nesta escola, actualmente, a indisciplina mais grave não é dos alunos daqui mas dos alunos que vêm de fora. Os que são transferidos de outras escolas e que estão integrados no Centro de Recuperação. São alunos do Porto, do Cerco. São tirados à família por ordem do Tribunal e que vêm para uma instituição que funciona cá e então frequentam a nossa escola. Os ciganos também são complicados, temos cerca de 10,12, na escola. São muito agressivos para com os outros rapazes e fumam, fala-se de haxixe. E depois os alunos novos integram-se muito rapidamente. Por exemplo um aluno que

venha hoje do Porto, vai para ao centro e no dia seguinte ele já está integrado no grupo dos alunos mais problemáticos desta escola. Eles parece que têm um sexto sentido e formam logo um bloco. Os ciganos são também muito complicados. Estes são, no meu entender, os focos de problema. Não são os alunos de cá. A escola aceita quatro, cinco vezes por ano alunos vindos do Porto, de Lisboa, porque a escola tem que ter alunos senão tem que agrupar. Acho que o agrupamento tem 750 alunos, se descer até aos 700, agrupa. De maneira que a direcção tem interesse em receber novos alunos e aceita tudo, inclusive, aqueles casos que ninguém quer e que já correram as escolas todas da vizinhança, já estiveram na escola da área da residência do pai, são expulsos de todo o lado e a escola aceita que é para não descer aos 700.

Pergunta: São geralmente só de 3º ciclo?

Resposta: Não, são de 2º e 3º ciclo.

Pergunta: Das acções tomadas pela direcção, em concreto pelo Professor José, quais considera serem as mais eficazes?

Resposta: Eu acho que é o contacto com a família.

Pergunta: Por ser aqui uma pessoa da zona?

Resposta: Sim, mas quando são casos mesmo graves a directora também intervém. Em caso de alunos reincidentes, com vários processos disciplinares a directora promove uma reunião com os pais e com o Professor José. Acho que tem alguma eficácia por os pais se sentirem comprometidos, por serem todos da mesma terra.

Pergunta: Se fosse directora da escola, que medidas tomaria para tentar combater ou reduzir a indisciplina?

Resposta: A pergunta é muito difícil. O problema é tão complexo que seriam necessárias várias medidas: apoio às famílias, formação dos professores...

Pergunta: Como directora que medidas aplicaria? Seriam medidas iguais às que têm sido tomadas ou diversas?

Resposta: Não sei. É um problema que é difícil de resolver. Sei lá, uma reunião por período com os pais, uma palestra com a directora? Mas os pais dos alunos complicados não vêm à escola. Só vêm os pais dos meninos que já se portam bem.

Pergunta: Se eu lhe pedir para avaliar a acção da direcção face à indisciplina dos alunos como ineficaz, pouco eficaz, eficaz e muito eficaz, como avaliaria?

Resposta: Olhe, entre os professores cá na escola, nós achamos que a direcção é um pouco branda com os casos de indisciplina. É a opinião que o corpo docente tem. São muito brandos e tentam sempre pôr água na fervura, partir para o conselho disciplinar é sempre a última medida. E nós quando temos um aluno que nos deixa muito exaltadas, queremos sempre fazer mais qualquer coisa, vamos á direcção e aquilo fica tudo ali numa conversa. Por outro lado, nós também reconhecemos que quando se faz o que a lei permite, o procedimento disciplinar, o aluno vai e vem, fica na mesma, está a perceber? Eu também acho que o que se pode fazer a seguir, segundo a lei, o conselho disciplinar, não resolve nada. O aluno vem igual depois da suspensão. É difícil. Mas talvez pouco eficaz.

Pergunta: Poderei eu entender, diga-me se sim ou se não, que a acção da direcção está condicionada pela legislação?

Resposta: Acho que sim.

Pergunta: Acha que seria diferente se a legislação fosse outra?

Resposta: Acho. Sinceramente acho. Acho que eles não podem fazer mais que aquilo.

Entrevista 5 (9º ano)

Pergunta: O que é que considera como indisciplina?

Resposta: Por exemplo, a falta de respeito para com o professor, atitudes agressivas mesmo orais, não precisa de ser físicas. A própria tentativa de falar sempre fora de tempo sistematicamente, não é uma vez ou outra, nem é por distração. Para mim começa a ser um pouco de indisciplina.

Pergunta: Isso dentro da sala. E fora da sala?

Resposta: Por exemplo, as agressões físicas ou verbais aos colegas, e também existe muito mau comportamento na cantina.

Pergunta: O que é que considera mau comportamento na cantina?

Resposta: Atirar a comida, colocarem a comida dentro da sopa uns dos outros, espinhas ou ossos, isso para mim é indisciplina.

Pergunta: Desses comportamentos todos que considera como sendo de indisciplina, quais é que lhe parecem ser mais graves? Se fizesse uma pirâmide o que é que colocaria em termos de gravidade, no topo?

Resposta: As agressões físicas provavelmente.

Pergunta: De todos esses, aqui na escola quais é que são mais frequentes? Dentro das atitudes que engloba como indisciplina?

Resposta: Penso que na cantina, há miúdos que têm uma postura que tem que ser corrigida.

Em termos de sala de aula, eu pessoalmente não tenho problemas de indisciplina mas não quer dizer que não os veja, mas não posso falar por experiência própria. Eu acho que provavelmente a falta de educação para com a outra pessoa, seja aluno, seja professor, seja funcionário é se calhar a maior indisciplina que neste momento existe.

Pergunta: Quando ocorre algum desses episódios consigo, como é que actua?

Resposta: Quando é a primeira vez, tento não colocar o aluno na rua, por ser a primeira, aliás é uma das coisas que quase nunca faço. Tento falar com o aluno, levá-lo a ter uma atitude diferente e comunico sempre à directora de turma quando isso acontece para que ele se corrija. Mesmo que ele não tenha tomado mais nenhuma atitude, comunico sempre para que ele esteja alerta e também para que possa alertar o encarregado de educação. Se o encarregado de educação for uma pessoa que esteja aberta ao diálogo e que possa fazer algo, dá resultado. Na maior parte dos casos, o encarregado de educação também é uma pessoa que não sabe o que há-de fazer ou acha que o aluno não faz nada de mal.

Pergunta: Acha tudo normal?

Resposta: Acha tudo normal, acha que os professores, os funcionários, os colegas é que não o entendem, normalmente a reacção dos pais dos alunos que são indisciplinados é essa.

Pergunta: Falou do caso dos pais que não sabem o que é que hão-de fazer. Quer pormenorizar?

Resposta: Sim, também há casos de pais que não conseguem fazer nada, apesar de virem à escola e sei de casos, na outra direcção de turma, em que vêm à escola e que

tomam conta das ocorrências mas depois dizem: “não sei o que hei-de fazer...”

Pergunta: Esses casos são de famílias desestruturadas?

Resposta: Não.

Pergunta: Qual é o entendimento que tem dessas situações em que os pais dizem que não sabem o que hão-de fazer?

Resposta: É um problema familiar, quanto a mim. Quando se têm um filho de 13 ou 14 anos e já não se sabe o que há-de fazer, o que lhes reserva o futuro? Noto que os pais deixam de controlar os filhos.

Pergunta: Porque é que acha que isso acontece?

Resposta: Eu acho que, antes de mais, os pais têm que ser pais e acho que muitos pais acham que ser pai é ser amigo e “então vamos ser amigos antes ser pais”. E não deve acontecer isso. Depois chega-se a um ponto em que o filho acha que pode estar em pé de igualdade. Por isso gera-se sempre um conflito e há uma grande confusão de valores e sobre quem manda o quê.

Pergunta: Acha que há uma perda de autoridade por parte dos pais?

Resposta: Da parte dos pais, sim.

Pergunta: E acha que isso se transfere para a escola?

Resposta: Com certeza. A própria instabilidade da sociedade nota-se. Eu dou aulas há 21 ou 22 anos e nota-se cada vez mais instabilidade social e instabilidade dos filhos.

Pergunta: Então acha que se transferem para a escola as atitudes de falta de reconhecimento da autoridade?

Resposta: Sim.

Pergunta: Em algumas ocasiões recorre, a outros agentes aqui da escola para ajudar a resolver as situações, seja no momento ou à posteriori?

Resposta: Sim. A direcção é um dos elementos que eu acho que também tem que se envolver em todas as situações de indisciplina.

Pergunta: E recorre à direcção para resolver esses problemas?

Resposta: Eu, pessoalmente, raramente porque como digo, tenho sorte por ter turmas com poucos problemas.

Pergunta: É professora do 3º ciclo e directora do 9º. Tem acompanhado sempre esta turma?

Resposta: Sim, no 7º, 8º, e 9º e sem problemas.

Pergunta: E em nenhuma vez recorreu, recorreu à direcção em caso de indisciplina?

Resposta: Acho que uma vez ou duas. No momento acho que recorri uma ou duas vezes mas não era nada de transcendente. Situações mais graves não houve.

Pergunta: E que acção foi tomada por parte da direcção?

Resposta: A direcção nesse caso chamou o aluno, na presença do director de turma, e falou com o aluno.

Pergunta: Na direcção é a directora que resolve esses casos ou outro elemento?

Resposta: Normalmente está sempre presente a directora e também os outros elementos.

Pergunta: E o que foi feito, correspondeu ao que acha necessário, ao que deveria ser feito?

Resposta: No meu caso sim.

Pergunta: O que me disse foi que houve um diálogo com o aluno. Para além desse diálogo, sabe se em algumas outras ocasiões são feitas outras acções por parte da direcção?

Resposta: Normalmente, quando se avança para processo disciplinar, já aconteceu os alunos serem suspensos preventivamente e não se viram resultados positivos.

Pergunta: Então acha que as estratégias que são postas em prática pela direcção da escola são satisfatórias?

Resposta: Tendo em conta a legislação, sim.

Pergunta: Acha que a acção da direcção é muito condicionada pela legislação?

Resposta: Todos nós achamos que sim.

Pergunta: O que é que acha que deveria ser diferente?

Resposta: Eu acho que os professores neste momento têm muito pouco poder. Os pais têm muito mais poder que nós e embora não se possa dizer alto, penso que isto ainda vai piorar e nós estamos numa santa terra, não é? Em outros locais, cidades, acho que o problema é maior, onde há problemas sociais maiores.

Pergunta: A escola estabelece ou já estabeleceu em outras ocasiões contactos diferentes com esses pais, ou seja há alguma acção da escola diferenciada para os pais dos alunos que têm problemas de indisciplina?

Resposta: Pronto, sei com os pais desses miúdos que têm casos de indisciplina são muitas vezes chamados, muitas vezes à direcção, já houve casos em se participou à Comissão de Protecção de Menores, portanto é diferenciada.

Pergunta: Sim, mas desenvolveu outro tipo de acções?

Resposta: Que eu saiba não.

Pergunta: Quando as acções a que referiu são concretizadas, acha que são eficazes?

Resposta: Se surtem efeito no aluno?

Pergunta: Sim.

Resposta: Muitas vezes não.

Pergunta: E porque é que acha que não?

Resposta: Lá está, acho que continua a ser uma questão de autoridade, de quem é que manda, dos princípios, porque eles acham que vão para casa uma semana ou 5 dias mas quando regressam, volta tudo ao mesmo.

Pergunta: Se fosse directora da escola o que é que faria face à indisciplina dos alunos?

Resposta: Não sei, é muito complicado. Uma coisa é eu estar como directora de turma outra coisa é assumir papel de liderança. Nesse papel de liderança as pessoas colocam-se noutra postura. Eu acho que a direcção tem que ser extremamente firme nas medidas que toma e nas atitudes que assume, porque os alunos precisam de saber que há alguém que manda e portanto, eu iria ter essa preocupação. Agora o que iria fazer, é complicado de dizer.

Pergunta: E acha que há essa postura de firmeza e de mostrar quem é que manda na escola actualmente e que essa imagem passa para os alunos?

Resposta: Nem sempre.

Pergunta: Acha que há algum aspecto que poderia ser melhorado?

Resposta: Sim.

Pergunta: Se lhe pedisse para avaliar a acção da direcção face à indisciplina como, ineficaz, pouco eficaz, eficaz, muito eficaz, como é que avaliaria?

Resposta: Avalio como Eficaz.

Entrevista 6 (9º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na escola?

Resposta: O que eu considero indisciplina é não respeitar as regras, não obedecer ao professor, ter atitudes agressivas, não acatar as ordens do professor, ser mal-educado.

Pergunta: As regras de comportamento estão claramente definidas?

Resposta: Estão estipuladas em regulamento interno, eles sabem as regras, são divulgadas, o professor de cada disciplina diz, o director de turma diz, nas aulas de Formação Cívica, etc. Eles sabem disso.

Pergunta: O que é que pensa do facto de eles, ainda assim, não respeitarem as regras?

Resposta: Um desses alunos, é um aluno repetente, já repetiu o 8º ano, repetiu o 9º ano, não quer estar na escola, revolta-se contra a escola e contra os pais que o obrigam a cá estar. Esse é o caso mais complicado. Ele faz isso porque é uma revolta, não está cá para fazer mal, porque depois vem-me dizer “vou ter uma participação disciplinar na disciplina tal porque...É humilde. Tenho um outro aluno que não quer estudar, simplesmente isto não lhe diz nada e para ele, 90 minutos dentro da sala de aula, embora ele não queira portar-se mal, não consegue. Não consegue estar 90 minutos dentro da sala de aula e portanto há professores compreensivos e que o deixam sair 5 minutos. Basta deixá-lo sair 5 minutos e ele dá uma volta ou vai à casa de banho e depois fica o resto da aula bem. Mas há outros professores que não entendem isso e que o obrigam a estar lá à força e depois acontecem essas faltas disciplinares. Também tenho outro aluno

que não dava problemas, só que no ano passado o pai morreu-lhe nos braços e a partir daí ele é um miúdo um bocadinho revoltado, anda no psicólogo, etc. Às vezes ele responde um bocado agressivamente, não é mal-educado, pelo menos eu não o acho mal-educado, há 2 professores que consideram que ele não deveria falar assim, mas é por isso que ele tem faltas disciplinares, mas eu não considero que seja má educação. Embora os professores considerem que ele fala muito agressivamente, passaram a entender um bocadinho melhor o miúdo.

Pergunta: E eles são alunos dentro da escolaridade obrigatória?

Resposta: O primeiro que falei não, tem 16 anos feitos, vai fazer 17 e esse, porque está a chumbar, quer sair da escola, os pais não deixam. Queria ir para uma escola profissional mas os pais não deixaram.

Pergunta: O que disse são situações de indisciplina na sala de aula. E fora da sala de aula, o que considera que sejam situações de indisciplina?

Resposta: É a mesma coisa, é não respeitar as regras dentro do espaço físico da escola, que muitos não respeitam, não é? Batem muito uns nos outros, geralmente o mais forte tem tendência a bater no mais fraco, também temos os mais pequenitos que provocam os maiores e os maiores depois batem. Outra coisa que acontece e é grave, acho que é o facto de tentarem infringir as regras como fumar cá dentro, sabem que não podem mas tentam e vão-se esconder. Para mim isso é grave.

Pergunta: Desses comportamentos todos de que me falou, quais é que considera mais graves na sala de aula?

Resposta: O que considero mais grave é a falta de respeito para com o professor. A partir do momento em que eles desrespeitam o professor, tratam mal o professor, já tem de se agir. Chegam mesmo, este ano ainda não tive, mas já tive nos outros anos, casos em que insultavam mesmo o professor.

Pergunta: Isso é o que considera mais grave?

Resposta: Para mim é. Para mim ultrapassa todos os limites porque eu digo-lhes: “você não falam assim com os vossos pais, não têm que falar assim com uma pessoa que vos é estranha praticamente. Neste ano, tenho este tipo de atitude, é uma coisa que estou sempre a avisar, não admito isso, posso admitir muitas outras coisas, e aviso-os: “posso admitir que vocês falem mal com o vosso colega, posso admitir que vos mando calar e

vocês não se calam.” Mas a falta de respeito, o não acatar ordens, considero tudo isto muito grave.

Pergunta: Qual é a disciplina que lecciona?

Resposta: Neste momento estou a leccionar francês.

Pergunta: Quando acontecem essas situações mais graves, o que é que faz? E quando o aluno tem este tipo de comportamento, o que é que é feito pelos professores?

Resposta: Este ano não aconteceu, mas no ano passado ou em outros anos em que isso aconteceu, o aluno vai a conselho disciplinar. Primeira coisa peço uma participação detalhada do professor que sofreu essa violência, chamo os pais, os pais tomam conhecimento, assinam, recorro a testemunhas e faço o processo e tento não deixar passar a situação impune. Noutras ocasiões, tenho várias participações disciplinares, mas são casos em que o miúdo muitas vezes não fez os trabalhos, reage porque o colega provocou, mas falta de educação é matéria para conselho disciplinar.

Pergunta: Isso se for participado por outros colegas. E se for consigo?

Resposta: Eu também teria que fazer, embora o processo não fosse por mim mas seria feito por outro professor, mas claro que sim, que daria processo disciplinar.

Pergunta: Em algumas ocasiões recorre a outras pessoas aqui na escola, outros agentes, por exemplo à direcção para intervirem quando são comunicados casos de indisciplina na sua direcção de turma?

Resposta: Nas minhas aulas nunca recorri, mas já recorri em casos de indisciplina mas não nesse sentido. Houve um caso grave, eu chamei a direcção e questionei o que eu devia fazer, expliquei o que tinha acontecido e perguntei se era caso para levar a conselho disciplinar ou se só chamava os pais. Nesse género de situações recorro mas há, às vezes, aqueles casos em que não sei o que fazer, só nesse sentido. Então eles sugerem o que se há-de fazer.

Pergunta: Então nesses casos é para ouvir opinião?

Resposta: E não só, às vezes é porque tenho o encarregado de educação e já cheguei a reunir com um encarregado de educação e pedir a presença de um elemento da direcção da escola, quando eu acho que os pais precisam de sentir mais firmeza. Por exemplo, tive aquele tal aluno que quis desistir da escola e os pais vieram cá mesmo à escola para

o aluno anular a matrícula e etc. Aí eu pedi a um elemento da direcção da escola para esclarecer comigo que não se anula assim a matrícula sem mais nem menos. A escola tem o papel de motivar o aluno para estar na escola e não é para o empurrar para fora e portanto foi mais nesse sentido. E houve outro caso de um furto, por brincadeira, mas o objecto apareceu, resolveu-se tudo, mas também pedi a presença da direcção da escola para falar com o encarregado de educação, porque eles não acreditavam que o filho tenha feito aquilo.

Pergunta: Então, nessas ocasiões quando recorre á direcção no sentido de transmitir algum acontecimento de indisciplina ou pedir sugestões de actuação, qual é a acção da direcção?

Resposta: Este ano, nos casos que tive, disseram-me que ainda não era motivo para fazer processo disciplinar ao aluno. Em outros anos, houve uma situação em que me disseram para avançar, que era grave e que íamos suspender o aluno.

Pergunta: As medidas que são tomadas pela direcção da escola correspondem ao que considera que é necessário e desejável?

Resposta: O que a direcção da escola faz são todas as medidas que estão previstas pela lei, mas eu acho que não tem efeito nenhum, porque o miúdo que é suspenso volta a fazer o mesmo, os comportamentos do aluno repetem-se.

Pergunta: Porque acha que isso acontece?

Resposta: Acontece porque há uma desmotivação do aluno relativamente à escola, porque o aluno não quer estar cá e por isso faz propositadamente por ser suspenso, até serão uns dias em que vai para casa descansar. Se for fazer trabalho comunitário, aqui na escola, já não gostam muito, porque os colegas riem-se, mas ainda vão fazendo. Eu acho que isso não é solução. Mas também depende dos alunos. Há 2 ou 3 anos, suspendi um aluno 3 dias por ter tratado mal um professor e a partir daí o aluno que tinha 5 negativas, foi suspenso, voltou, portou-se lindamente e acabou o ano sem negativas. Por isso, tudo depende dos alunos, da família e se querem fazer algo da vida.

Pergunta: Em que casos considera que essa medida não dá resultado? Consegue ter ideia de quando é que essas medidas não surtem efeito?

Resposta: Não têm efeito quando eles não têm objectivos. Eu acho que quando há um objectivo a atingir, quando um aluno tem um objectivo na vida, tem o objectivo de fazer

qualquer coisa, ele empenha-se. Quando ele não tem objectivos tanto lhe faz. Eu acho que vai por aí e por muito que se fale com eles, por muito que se lhes diga que é bom que não sei quê, que não sei que mais, não tem nenhuns objectivos, também não tem acompanhamento, também não tem ninguém em casa que os ajude a traçar objectivos, nada resulta.

Pergunta: Quando me disse que as medidas que a direcção toma são aquelas que estão previstas na lei, era capaz de sugerir que fossem tomadas outras medidas pela direcção?

Resposta: Eu não sei, eu acho que não há nenhuma medida para este tipo de alunos que resolva. Eu acho que o que primeiro falta à escola é apoio psicológico porque nós não temos técnicos de psicologia.

Pergunta: Não há ninguém que colabore aqui com a escola, mesmo em part-time?

Resposta: Em part-time sim, mas tem que se pagar e não é a mesma coisa. Não temos nada disso, a escola não é de intervenção prioritária, automaticamente não temos nada disso, mas faz falta, porque há alunos que deveria ter acompanhamento. Sabemos que faz falta e nós falamos com os pais para procurarem mas eles não têm dinheiro para pagar. No ano passado falei com um encarregado de educação, o psicólogo disponha-se a vir cá, mas o encarregado de educação tinha que pagar 28€. É menos que lá.

Pergunta: Supostamente aqui o nível socioeconómico não é muito elevado...

Resposta: Não. Não é e até tem vindo a piorar.

Pergunta: Na direcção é a directora ou outra pessoa que trata disso?

Resposta: Eu falava da direcção mas nesses casos disciplinares eu até falo mais com o professor José que é o subdirector e que talvez conheça melhor os alunos porque anda sempre por aqui, ou melhor, conhece-os a todos.

Pergunta: Para além dessa acção, da participação da elaboração do processo disciplinar, há mais alguma acção que a direcção tome quando há casos de indisciplina, mais ou menos graves?

Resposta: Quando acontece, há um diálogo com os alunos, chama-se o aluno à direcção, o professor envolvido, o encarregado de educação e tenta-se chegar ali a um consenso, chamar a atenção do aluno e também do encarregado de educação para, na presença do professor se desculpar. Por isso, primeiro parte-se para um diálogo, mostrar

ao aluno que deve mudar e já vi muitas vezes a direcção mostrar ao aluno que é importante ele acabar a escolaridade obrigatória.

Pergunta: Então, quando diz direcção, refere-se a uma pessoa que trata mais dessas questões de indisciplina, ou seja, é mais o subdirector do que a directora?

Resposta: Sim, mas é a directora claro que assina os papéis e que toma a decisão final, não é ele. Nós dirigimo-nos mais a ele porque ele anda sempre por aí, ele conhece os miúdos todos, se eu falar do fulano tal, ele sabe quem é. Conhece as famílias, ele vai a casa das famílias mais problemáticas porque ele é de cá e conhece bem o meio. Mesmo se um aluno estiver a faltar 2 ou 3 dias seguidos ele vai ver o que se passa.

Pergunta: Está aqui há mais anos do que a directora?

Resposta: Sim, porque ela vem do primeiro ciclo e ele esteve sempre aqui nesta escola, na 2, 3 e por isso conhece melhor os alunos.

Pergunta: Em síntese, acha que da parte da direcção são tomadas todas as medidas que são possíveis ou necessárias para lidar com as situações?

Resposta: Eu acho que sim, quer dizer, eu também me ponho no lugar deles e penso no que poderia fazer, mas é complicado agir porque há limites legais.

Pergunta: Se fosse directora o que é que faria? Nesta escola imagina-se no papel de directora (ou da direcção) e aí o que é que faria, considerando os casos que conhece bem?

Resposta: Bem, há tempos houve uma reunião com os pais e não esteve nenhum membro da direcção e eu acho que deveria estar. Eu estive sozinha com os pais da minha turma mas eu acho que era bom estar um elemento da direcção para, tanto os alunos e como os pais, tomarem consciência do comportamento dos filhos, do que estava a acontecer e das consequências. Eu, se fosse da direcção, estaria presente, ninguém esteve lá, nem sendo convidados estiveram, portanto há certas situações em que eu faria diferente. Estaria mais presente e acho que aí falham.

Pergunta: O que é que a escola, enquanto estrutura educativa, a direcção e os directores de turma fazem especificamente orientado para os encarregados de educação dos alunos com situações de indisciplina, diferente do que faz para os outros, ou seja, pretendo saber se existe alguma acção desenvolvida em conjunto.

Resposta: Em conjunto não há. Chama-se é frequentemente os pais desses alunos com problemas.

Pergunta: Considera que esses contactos são eficazes? E se não são, porquê?

Resposta: Na minha turma têm sido, eu insisto muito. No geral, sei de alguns casos que não são eficazes noutras turmas porque eu ouço os colegas comentarem, e também ouço que os directores de turma se queixam, chamam cá os pais porque tem alunos que têm problemas muito graves e que alunos já foram suspensos e etc. Mas pais passam para a mesma conversa dos filhos. Os filhos têm apoio por parte dos pais, sentem que os pais os estão a proteger e por isso eles continuam a fazer o mesmo. O que é uma atitude errada, eles acreditarem no filho e não acreditarem no professor. Na minha turma, tenho um caso em que a mãe se não vier cá, telefona-me todas as semanas para saber como anda o filho, embora raramente o aluno tenha participações disciplinares. No geral, este ano as coisas melhoraram relativamente ao ano passado, ele realmente disse que não queria que a mãe sofresse mais com isso e as coisas têm melhorado. Em relação aos outros, e àquele que eu disse que já reprovou várias vezes acho que não porque, eu disse-lhe “Olha, continua assim que vou avisar o teu pai e o teu pai vai-te castigar” e ele disse assim “ Não vai nada. Eu faço o que eu quero.”

Pergunta: Acha que isso corresponde à verdade?

Resposta: Não sei se não corresponderá um bocadinho à verdade, porque já reuni aqui com a mãe dele e com o subdirector da escola, estávamos os 4, o miúdo também e ele começou a levantar a voz para o subdirector da escola e a mãe não disse nada, deixou o filho levantar a voz e eu tive que ralhar com o aluno e dizer: “e tu aqui falas baixo e respeitas as pessoas e se ninguém te dá educação em casa damos nós na escola”, e a mãe ao lado. A mãe não disse nada, deixou levantar a voz e começar a maltratar as pessoas. Se ela faz isso, se ela deixa o filho tratar mal as pessoas que estão presentes então imagine o que será em casa. Portanto, eu acho que a culpa vem de casa, dá-nos a impressão que os pais têm medo deles.

Pergunta: Acha que isso acontece só nas famílias de nível socioeconómico e cultural mais baixo?

Resposta: Sim, no nível mais baixo é assim porque os outros ainda tentam impor regras. Agora nessas famílias de nível mais baixo, acho que nem tentam. Primeiro são muito permissivos, nessas casas não há regras, os pais permitem tudo e eles não respeitam os

pais mas os pais protegem os filhos, porque os pais acreditam mais nos filhos. Há uma versão contraditória e desses eu muitas vezes recebo participações.

No outro dia, tive uma participação, telefonei, foi o avô que me atendeu e disse-me logo: “Não acha Sra professora, que o meu neto anda a ser perseguido por essa professora?” Pronto, foi a primeira resposta que eu ouvi, mas não pode ser assim, não é? Mas foi a primeira coisa “O meu neto anda a ser perseguido por esta professora”, e portanto as coisas já chegaram ao avô, porque eles acreditam no que o aluno vai dizer para casa e não no que o professor diz. Eu acho que é o mal deste século: é que há uma super protecção, uma desresponsabilização. Parece que os miúdos não são responsáveis e tudo lhes é tolerado.

Pergunta: Se tiver que avaliar o trabalho desempenhado pela direcção no que toca à indisciplina dos alunos e considerando obviamente as necessidades da escola, como é que avaliaria? Ineficaz, pouco eficaz, eficaz, muito eficaz?

Resposta: É difícil porque o papel deles também é difícil, mas avalio de pouco eficaz. Mas também acho que a culpa não é deles, porque há limites. Nós temos limites impostos e há muitos problemas, nos temos aqui ciganos, temos alunos da comunidade dos drogados, quer dizer, é muito difícil. Mas mesmo assim, acho que é pouco eficaz, mas não sei se eu faria melhor, porque isto de lidar com seres humanos é muito complicado. Porque o ser humano diz que sim, que vai mudar mas não muda nada.

Pergunta: Então já me disse e reitera que a principal causa de indisciplina é a falta de educação e acompanhamento por parte do encarregado de educação?

Resposta: Eu acho que sim. Eu acho que eles trazem para a escola a educação que têm em casa.

Pergunta: E relativamente aos funcionários?

Resposta: Também, muitas vezes eu passo e ouço e chamo atenção dos alunos. Há uma coisa que mudou relativamente a quando eu era aluna, por exemplo, que é: a escola tornou-se obrigatória, então os pais acham que os professores é que têm que educar os alunos e aturar o que eles fazem.

Entrevista 7 (7º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na sala de aula?

Resposta: Considero fumar, insultar, dizer aquelas bocas, aquelas asneiras que nos chamam à atenção.

Pergunta: Há muitos alunos que têm assim esse tipo de atitudes ou é um grupo isolado?

Resposta: Há muitos alunos.

Pergunta: Porquê? Acha que alguns se deixam influenciar pelos outros?

Resposta: Eles acham que essa linguagem é uma linguagem moderna.

Pergunta: Em que ocasiões, recorre à direcção para ajudar a resolver?

Resposta: Quando é mesmo muito grave.

Pergunta: Como, por exemplo?

Resposta: Para mim quando é muito grave é quando me faltam ao respeito. Já me chegaram a levantar a mão para me bater, (um cigano) porque aos ciganos uma pessoa parece que não pode dizer nada. Mas eu, o que tenho a dizer também digo. Tal como da mesma forma que digo aos pais o que tenho a dizer, os ciganos para mim são iguais aos outros. Um ameaçou-me e mandou-me para o outro lado (um cigano) e eu falei com o professor José, pronto aí foi muito grave. Até a professora A. estava aflitíssima porque quando viu ele a levantar-me a mão pensando que ele me ia bater. Mas aí também se ele me levantasse a mão eu não levantava a mão, eu empurrava-o com toda a força. Mas ele não me bateu mas eu fui ao professor José. É melhor comunicar ao director de turma porque eles têm que saber para comunicar com os pais.

Pergunta: O que é que na sua opinião devia ser feito na escola para tentar combater as situações de indisciplina?

Resposta: Era a gente poder, não é bater, sei lá, mas castigar, dar um castigo, que eles pudessem ver que realmente fizeram mal e que merecem aquele castigo, para eles pensarem que “Bem, eu vou ter esse castigo, já não vou fazer o que fiz.”

Pergunta: Nessas situações em que recorre à direcção, o que é que a direcção faz? Disse-me que é o professor José, que age.

Resposta: É o professor José ou a professora Ana (directora), porque não estando o professor José, a professora Ana tem conhecimento. Ela diz para eu comunicar com o

director de turma para o director de turma comunicar com o pai e chamar o pai e fala com ele. É esse o circuito.

Pergunta: Acha que o que se faz da parte da gestão da escola é aquilo que é necessário para as situações de indisciplina ou acha que deveria ser feito mais alguma coisa?

Resposta: Eu acho que é o possível.

Pergunta: Se tivesse poder para implementar algumas medidas, o que é que era capaz de sugerir?

Resposta: Eu acho que devíamos ter mais poder. Não vou pôr mais nada porque não o podemos fazer, não é? A gente vê as coisas, comunica mas...e acho que não é preciso dizer mais nada.

Pergunta: Quais acha que são as dificuldades, ou seja, não se pode fazer mais nada porquê?

Resposta: Não sei o que se poderia fazer mais, não sei. Se não vêm educados de casa, não podemos bater porque depois os pais vêm cá e é logo fazer processo disciplinar contra o funcionário. O que se fará?

Pergunta: Já houve situações dessas?

Resposta: Houve, houve uma mãe que não é mãe, é uma mulherzinha qualquer que pensa que dá educação aos filhos mas não dá. Os seus filhos depois faziam do pior aqui dentro da escola e tínhamos aqui um senhor que, o senhor João, que se reformou, que é da GNR e veio para cá e até ele se revoltou. Esse miúdo já saiu da escola, foi para outra escola mas tem cá o irmão que é terrível e é uma mãe que nunca dá educação. Ela só quer é fazer asneiras para depois poder receber dinheiro do Estado, que foi o funcionário ou a escola que lhe bateu ou assim outras coisas para depois receber indemnizações; é uma mãe dessas.

Pergunta: Uma vez que trabalha na escola há muitos anos, acha que os casos de indisciplina dos alunos têm vindo a aumentar ao longo dos anos?

Resposta: Eu acho que sim. Eu trabalho aqui há muitos anos e tenho pais dos meus alunos que já foram meus alunos e não tínhamos problemas com eles. Eram bons alunos e não havia tanta falta de respeito e educação como agora há.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar o trabalho desempenhado pela direcção no que toca à indisciplina dos alunos e considerando obviamente as necessidades da escola, como é que avaliaria? Ineficaz, pouco eficaz, eficaz, muito eficaz?

Resposta: É difícil o trabalho deles mas eu avalio como pouco eficaz.

Entrevista 8 (6º ano)

Pergunta: A primeira questão é, o que é que para si é indisciplina na sala de aula?

Resposta: A indisciplina é o não cumprimento das regras da sala de aula. Normalmente quando o aluno está na aula a brincar com os colegas, não executa as tarefas, não deixa cumprir com o planeado.

Pergunta: E fora da sala de aula?

Resposta: É quando não cumpre também as regras, é agressivo para com os colegas e funcionários.

Pergunta: Essas regras estão perfeitamente tipificadas no regulamento interno? Eles sabem o que não é considerado aceitável?

Resposta: Sim. Estão no Regulamento Interno, eles sabem que não podem fazer. Além disso, no início do ano, em Formação Cívica trabalha-se isso, eles sabem o que não podem fazer.

Pergunta: Esses comportamentos na sala de aula, o que é mais graves neles?

Resposta: É quando o aluno está sempre a conversar e é mal-educado com o professor, não acata.

Pergunta: Quais os comportamentos de indisciplina que são mais frequentes nesta escola?

Resposta: São as agressões entre os alunos.

Pergunta: O que faz quando acontecem na sua presença?

Resposta: Chamo logo à atenção e se ele não aceitar e não corrigir o comportamento, então chamo um funcionário e ele é encaminhado para outro local com uma tarefa específica.

Pergunta: Alguma vez lhe aconteceu recorrer a outras pessoas para tentar resolver a situação?

Resposta: Sim, à direcção. Em situações mais complicadas.

Pergunta: Na direcção quem lida com as situações?

Resposta: Normalmente é o professor José, mas também é às vezes a directora Ana. Normalmente o professor José está mais presente, anda mais “em cima dos miúdos”, circula mais pela escola.

Pergunta: Na sua opinião, a acção desenvolvida por ele corresponde ao que considera necessário e desejável?

Resposta: Será o possível...

Pergunta: nesses casos o que é feito?

Resposta: São chamados. Há uma conversa com eles. Nos casos muito graves, faz-se um processo disciplinar.

Pergunta: Os resultados correspondem ao que considera necessário?

Resposta: Não, porque voltam a reincidir. Os alunos são mal-educados, as famílias não ajudam, não há colaboração. A culpa não é da escola, não se pode fazer mais.

Pergunta: A escola tem acções diferentes para os alunos que têm mais problemas de indisciplina?

Resposta: Não.

Pergunta: E como directora de turma: Tem acções diferenciadas?

Resposta: Não. Mas tento chamar os pais, tentar que acompanhem mais os filhos

Pergunta: E da parte da direcção? O que considera que mais poderia ser feito?

Resposta: Por exemplo, poderiam dar mais tarefas de colaboração na limpeza da escola.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da direcção relativamente à indisciplina, como faria?

Resposta: Avalio como eficaz.

Entrevista 9 (7º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na sala de aula?

Resposta: Considero insultar, dizer bocas, fazer aquelas asneiras que nos chamam à atenção, perturbar, desrespeitar o professor.

Pergunta: Há muitos alunos cá na escola que têm assim esse tipo de atitudes?

Resposta: Sim, há muitos alunos.

Pergunta: Como actua nessas situações?

Resposta: Chamo à atenção, alerto para a necessidade de mudar o comportamento.

Pergunta: Em que ocasiões recorre à direcção?

Resposta: Quando é mesmo um caso muito grave e eu vejo que eles não respeitam.

Pergunta: Como, por exemplo?

Resposta: Se houver agressões ou insultos. Ou também se sistematicamente perturbarem as aulas.

Pergunta: O que é que na sua opinião devia ser feito na escola para tentar combater as situações de indisciplina?

Resposta: O mais importante era conseguir-se que os pais percebessem que a escola é um local de trabalho e que os filhos estão a ser os mais prejudicados. E ainda que lhes incutissem atitudes de respeito.

Pergunta: Recorre à direcção para resolver situações de indisciplina?

Resposta: Sim.

Pergunta: É a directora que trata dessas questões?

Resposta: É mais o professor José mas também a professora Ana, porque não estando o professor José, a professora Ana tem conhecimento. Ela diz para eu comunicar com o director de turma para o director de turma comunicar com o pai e chamar o pai e ela fala com ele.

Pergunta: Considera essa acção a adequada?

Resposta: Eu acho que é o possível.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da direcção relativamente à indisciplina, como faria?

Resposta: Bem, talvez avalie como eficaz. Também não podem fazer muito, não é?

Pergunta: Se tivesse poder para implementar algumas medidas, o que é que era capaz de sugerir?

Resposta: Eu acho que devíamos ter mais poder. E haver mais respeito, mas isso devia partir da educação que os pais transmitem aos filhos.

Pergunta: Para além do que já se faz, o que mais poderia sugerir?

Resposta: Não sei o que se poderia fazer mais. É uma questão difícil.

Pergunta: Uma vez que trabalha na escola há muitos anos, acha que os casos de indisciplina dos alunos têm vindo a aumentar ao longo dos anos?

Resposta: Eu acho que sim, são cada vez mais.

Entrevista 10 (8º ano)

Pergunta: O que é que considera que é indisciplina na sala de aula?

Resposta: Considero que é não cumprir as regras do regulamento interno e de que os alunos têm conhecimento no início do ano lectivo e que se resumem a saber estar e respeitar.

Pergunta: E fora da sala de aula?

Resposta: Será o mesmo que lhe respondi antes e também as falhas no relacionamento inter-pessoal, com o pessoal auxiliar e os professores em geral.

Pergunta: Se eu lhe pedir para posicionar as atitudes que dentro da sala de aula, considera indisciplina, em pirâmide, quais é que colocaria no topo, sendo das mais graves para as menos graves?

Resposta: Eu acho que colocaria as atitudes de desafio à autoridade do professor, de provocação e seguidas das faltas de respeito para com os colegas. Sabe, ser director de turma dá mais sensibilidade para lidar com algumas situações, tem-se outra forma de confrontar os alunos, mais capacidade de lidar com eles. Por exemplo, eu acho

lamentável que, algumas vezes, se mande chamar o director de turma para resolver uma questão dentro da sala. Um professor tem de saber impor-se.

Pergunta: Como actua nessas situações?

Resposta: Se assistir a alguma atitude incorrecta mesmo nos corredores, quer sejam meus alunos ou não, se sinto que há conflitos e faltas de educação, não passo indiferente; falo com o aluno, intervenho. Com os meus alunos faço o mesmo, sempre.

Pergunta: Recorre a outros agentes, em algumas ocasiões, para resolver as situações?

Resposta: Tento sempre que possível, ser apenas eu a resolver. Também tento inculir nos colegas que resolvam as questões na sala de aula. Aí têm de ser eles a impor a sua autoridade. Não acho bem chamarem o director de turma.

Pergunta: E também recorre à direcção?

Resposta: Só recorro mesmo em situações extremas, só mesmo quando ultrapassam o limite ou se for necessário ter-se um procedimento disciplinar.

Pergunta: Nesses casos por exemplo, o que é feito?

Resposta: Normalmente é uma repreensão dada ao aluno, registada ou não, e que penso ter um papel pedagógico. No entanto, se o aluno reincidir, pode então fazer-se um processo disciplinar.

Pergunta: Essas medidas parecem-lhe suficientes?

Resposta: Penso que se poderia ir mais longe, fazer melhor. O director da escola tem funções acrescidas relativamente ao presidente do conselho executivo. Nesta escola, penso que deveria ter um papel mais interventivo, tomar o pulso à escola, ter mais vivência do dia-a-dia, sair mais do gabinete para ter melhor conhecimento do que se passa na escola.

Pergunta: O que é que na sua opinião devia ser feito na escola para tentar combater as situações de indisciplina?

Resposta: Penso que deveria haver uma atitude de mais firmeza, de mais intervenção, de mais acção. E talvez também agir mais com os encarregados de educação.

Pergunta: E concretamente relativamente ao que é feito, considera adequado?

Resposta: Às vezes dá resultados. Depende de muita coisa. Uma medida que eu considero que dá resultados é mandar os alunos fazerem serviço cívico na escola, por exemplo, ajudar a limpar no refeitório. Isto às vezes resulta porque os colegas vêm e eles sentem-se envergonhados. Mas, como já disse, depende dos alunos e das famílias. Para os alunos da instituição não costuma resultar.

Pergunta: Então pensa que seria bom implementarem-se outras medidas?

Resposta: Sim. Estas não parecem de grande eficácia. As situações repetem-se frequentemente.

Pergunta: Reconhece na directora perfil para lidar com os casos de indisciplina?

Resposta: Não.

Pergunta: Porquê?

Resposta: Porque é uma pessoa demasiado passiva, não tem uma atitude assertiva, está demasiado fechada no gabinete, talvez porque é do 1º ciclo, enfim... Talvez por isso é muitas vezes o subdirector que trata dessas coisas.

Pergunta: Então o que lhe parece que deveria ser diferente, da parte da direcção?

Resposta: Deveria haver um papel mais activo da parte da directora. Praticamente a função dela dilui-se no meio da restante equipa. E também em relação aos directores de turma, criar uma relação mais próxima, com os alunos e com os encarregados de educação.

É tudo passado para o director de turma. Eu gosto de ser directora de turma mas penso que outros colegas deveriam também passar por essa função. Vivenciar é diferente de imaginar. Era importante que outros professores tivessem mais contacto com os encarregados de educação e com os alunos.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como o faria?

Resposta: Avalio como Ineficaz.

Anexo XIV - Transcrição da entrevista realizada ao presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação

Pergunta: Há quantos anos exerce funções como presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação desta escola?

Resposta: É o segundo ano que estou como presidente da Associação, embora já antes colaborasse.

Pergunta: O que é que na sua perspectiva e embora não trabalhe na escola, é capaz de considerar como indisciplina?

Resposta: É assim! Antigamente é verdade que havia, digamos mais respeito, mas também havia uma autoridade que agora não há, mas foi como lhe disse ao telefone, antigamente era porrada a mais, digamos assim, os professores batiam por tudo e por nada e o mesmo acontecia com os pais, por tudo e por nada, muitas vezes não era como uma atitude de educar mas mais como vingança. Alguém teria que levar, seriam os garotos, ou seja, não cabe na cabeça de ninguém bater com um cabo de um enxada, como se fazia, nem mandar com tachos e panelas como se fazia. Agora é claro que, como garotos, nós ríamos da situação, achávamos piada porque era comum, agora chegamos ao extremo oposto, não se pode bater em ninguém, mesmo uma simples palmada muitas vezes é mal vista, logo se diz: “Ah aquele pai bate no filho, mas que pai é este que bate no filho?” Mas a verdade é que os garotos precisam de regras. Mas aí entra a educação que o pai dá aos filhos. Por exemplo eu tenho uma filha e se ela faz o que quer, então eu não lhe incuto regras, eu não lhe incuto respeito.

Pergunta: Que atitudes um aluno pode ter, que considere que seja indisciplina, em casos concretos?

Resposta: Por exemplo, o professor mandar ele estar quieto, ele simplesmente não ligar. A indisciplina ao fim e ao cabo é a desobediência a uma série de regras que são dadas aos alunos pelo estatuto do aluno. Essas regras, na prática são regras simples do dia-a-dia, não perturbar, não falar alto, não levar uma chiclete para a aula, porque o espaço de aula é um local de aprendizagem. Se os alunos perturbam a aula, o trabalho do professor, que já por si é complicado, mais complicado se torna.

Pergunta: É capaz de me dizer porque é que acha que isso acontece? Porque é que há esses comportamentos?

Resposta: Não é um problema simples. Podia começar pelos pais que não têm tempo para os filhos, podia começar pela televisão que rouba tempo á família, podia começar pelos ordenados que são baixos que obrigam os pais a trabalhar, podia começar pela Internet que permite toda uma série de conhecimentos aos garotos que não é a altura própria. Podia começar, é como tudo, podia começar e continuar por muitas coisas.

Pergunta: Se os pais trabalham mais e os filhos são cuidados por alguém, então achará que a sociedade faz mal em substituir o papel dos pais na educação? Acha que estão a fazer mal o seu papel?

Resposta: Talvez! Sabe, isto é muito complicado...Muitas vezes os pais ignoram a educação que a escola quer dar!

Pergunta: Conhece o regulamento interno da escola, no que respeita aos deveres dos alunos e medidas disciplinares?

Resposta: Conheço. Já se tem falado e eu acho que não são nada de especial. É o que todos sabemos: respeitar os outros, não fazer confusão, estar com atenção...

Pergunta: De que forma tomou conhecimento do seu conteúdo?

Resposta: No início do ano é mandado para casa pelos alunos.

Pergunta: Então porque é que não os alunos e os pais parecem não as conhecer?

Resposta: Não querem saber. O trabalho de casa, digamos assim, não é feito.

Pergunta: Deu sugestões para a sua elaboração?

Resposta: Não. Não participei. E também acho que a escola é que deve tratar disso. No fundo, são os professores que devem definir o que os alunos não devem fazer cá dentro.

Pergunta: Considera que a indisciplina é um problema nesta escola?

Resposta: Sim, pelo que ouço por aí, quando cá venho, ou pelo que os professores se queixam nas reuniões, claro que há alunos indisciplinados. Esses assuntos são resolvidos pela escola mas às vezes contam-me. É tudo uma questão de falta de educação.

Pergunta: Que medidas considera serem mais eficazes na prevenção da indisciplina?

Resposta: Esses assuntos são resolvidos pela escola mas às vezes contam-me. No fundo, é tudo uma questão de falta de educação e por isso é difícil a escola resolver. A família é que deve educar.

Pergunta: Sabe que medidas são postas em prática na escola?

Resposta: Os alunos são repreendidos, são chamados os pais, mas aqueles que precisavam de vir mais vezes não põem cá os pés! É como lhe disse há bocado. O problema é os pais não educarem os filhos e não deixar castigá-los. Se fosse como no meu tempo (mas também era exagero)...

Mas havia respeito, ninguém se atrevia a insultar um pai ou um professor. Sabia que levava uma tapon. Agora não, e é demais. Até parece que os filhos é que mandam nos pais. Sabe, os pais também trabalham os dois, chegam tarde, estão cansados, quase não falam, deixam-nos andar ao Deus dar. E não querem saber. Com a minha filha não é assim (frequenta o 4º ano). Ela sabe que estou atento, todos os dias vejo os cadernos, estudo com ela. Eu digo-lhe que se ela se portar mal, eu venho à escola e castigo à frente de todos. Não admito isso. Mas a maior parte dos pais não liga. Quando fazemos aqui acções para os pais, aparece meia dúzia e aqueles que precisam menos...Mas acho que se os professores pudessem castigar, bastava uma vez e dava resultado. Assim não!

Pergunta: E quem age, da direcção face a essas situações?

Resposta: Eu não sei bem... São questões internas, não sei se é o professor José ou a Prof. Ana... Se calhar até são os dois... Não sei!

Pergunta: Para além das medidas tomadas, que outras poderiam sugerir?

Resposta: Não sei... Isso é uma questão complicada! São muitos problemas num só. Mas a educação é preciso começar na família. A escola deve estar para ensinar e a educação tem de começar em casa... Se não, nada feito! Mas não se pode deixar esses alunos prejudicarem os outros. Deviam ir logo para a rua. O que andam cá a fazer se não aproveitam? Eu acredito que os professores não têm trabalho fácil.

Pergunta: Se fosse director da escola, como agiria para tentar diminuir os casos de indisciplina?

Resposta: Já disse. Não sei. Mas gostava de saber. Não sei qual vai ser o futuro destes alunos.

Pergunta: Considera que a actual directora tem perfil adequado para resolver estes problemas?

Resposta: Não sei. Não sei o que ela faz. Mas se é directora, acho que deve ter.

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, como fará?
Ineficaz / Pouco eficaz / Eficaz/ Muito eficaz?

Resposta: Não sei muito bem. Se calhar eles também não conseguem fazer mais... Os pais não educam!

Anexo XV - Transcrição da entrevista realizada à coordenadora dos assistentes operacionais

Pergunta: Há quantos anos exerce funções nesta escola?

Resposta: Estou cá na escola desde que ela abriu, há mais de 20 anos.

Pergunta: Foi sempre coordenadora do pessoal não docente?

Resposta: Não. Antes era auxiliar. Já conheço este meio há muito tempo, mesmo os pais dos que agora são alunos.

Pergunta: Que função desempenha na escola?

Resposta: Eu resolvo com a directora onde devem estar os auxiliares, em que sectores e a que horas e também vou ajudar em alguns, onde é mais preciso.

Pergunta: Em que espaços está habitualmente?

Resposta: Eu passo por todos os sectores mas estou mais no bufete e também vou à cantina, nas horas mais complicadas.

Pergunta: Foram-lhe comunicadas claramente, quais são as regras de comportamento exigíveis aos alunos?

Resposta: Sim. E afinal as regras são todas muito simples, nada que não se saiba. É respeitar as pessoas, obedecer aos professores e pessoal auxiliar, não estragar os materiais, não andarem à pancada, não se insultarem, não fumarem cá dentro. Os pais também sabem quais são mas não querem saber.

Pergunta: Quem lhas transmitiu?

Resposta: Foi a direcção da escola. E sempre foi assim, não é nada de novo.

Pergunta: Recebeu instruções de como deve agir face às situações de indisciplina?

Resposta: O que devemos fazer é chamar à atenção e comunicar à directora de turma se forem situações mais graves ou se eles não acatarem.

Pergunta: Para si, quais são os comportamentos, da parte dos alunos que merecem a sua intervenção?

Resposta: A indisciplina é não respeitar os adultos, os professores, é perturbar as aulas, não estar atentos. São as faltas de educação. No fundo, o que eu acho é que há uma grande falta de educação. Muitos pais não educam os filhos...deixam andar e quando são chamados à atenção, também não gostam.

Pergunta: Desses comportamentos, quais são os mais frequentes?

Resposta: Do que eu vejo, nos corredores, recreio e cantina, é insultarem-se e agredirem-se. E também fumarem nos cantos dos corredores do exterior. Na cantina também acontece, às vezes, estragarem a comida e atirarem uns aos outros.

Pergunta: Nessas ocasiões, como procede?

Resposta: Ralho, ameaço que vou dizer à directora de turma e à Direcção

Pergunta: A quem transmite as ocorrências?

Resposta: Quando eles são mal-educados e me respondem mal, digo mesmo à directora de turma e levo-os à Direcção. Alguns insultam-me (e aos outros auxiliares) e eu já lhes disse que isso não lhes admito. Sabe que eles gostam de imitar ou maus. E basta um fazer isso para os outros irem atrás. É muita falta de educação.

Pergunta: Quem é que, na direcção da escola, trata das situações de indisciplina? Porquê?

Resposta: É quase sempre o Prof. José. Eu não sei porquê, mas ele é que anda mais pela escola....Acho que o respeitam mais.

Pergunta: Na sua opinião, o que deveria ser feito na escola, para reduzir os casos de indisciplina?

Resposta: Era podermos castigar mais. E os pais educarem os filhos. Eu tenho cá uma neta e estou sempre a chamar à atenção. É que alguns alunos insultam até os professores.

Pergunta: Pensa que as acções que são desenvolvidas na escola para combater a indisciplina são eficazes?

Resposta: Eu também não sei o que se poderá fazer mais.... Não se pode ralhar aos meninos... alguns pais vêm logo para cá tirar satisfações... Não educam nem deixam educar!

Pergunta: Se lhe pedir para avaliar a acção da directora face à indisciplina, considerando Ineficaz / Pouco eficaz/ Eficaz/ Muito eficaz, como fará?

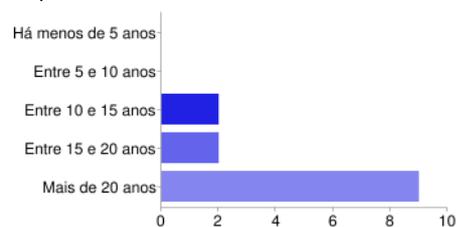
Resposta: Bem, eu não sei bem.... Mas será eficaz? Não sei!

Anexo XVI - Apresentação gráfica dos resultados dos questionários aplicados às directoras de turma e aos alunos (em suporte digital)

16 [respostas](#)

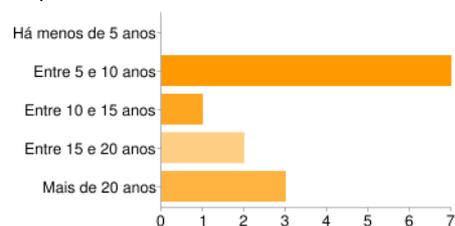
Resumo [Ver as respostas completas](#)

Há quantos anos exerce actividade docente?



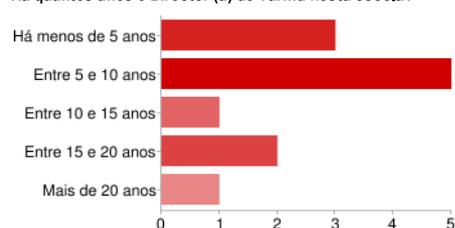
Categoria	Contagem	Porcentagem
Há menos de 5 anos	0	0%
Entre 5 e 10 anos	0	0%
Entre 10 e 15 anos	2	13%
Entre 15 e 20 anos	2	13%
Mais de 20 anos	9	56%

Há quantos anos lecciona nesta escola?



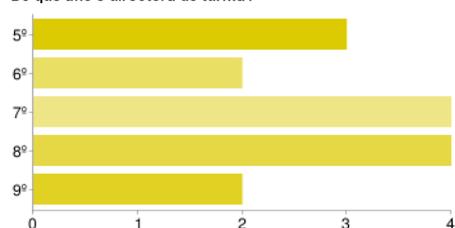
Categoria	Contagem	Porcentagem
Há menos de 5 anos	0	0%
Entre 5 e 10 anos	7	44%
Entre 10 e 15 anos	1	6%
Entre 15 e 20 anos	2	13%
Mais de 20 anos	3	19%

Há quantos anos é Director (a) de Turma nesta escola?



Categoria	Contagem	Porcentagem
Há menos de 5 anos	3	19%
Entre 5 e 10 anos	5	31%
Entre 10 e 15 anos	1	6%
Entre 15 e 20 anos	2	13%
Mais de 20 anos	1	6%

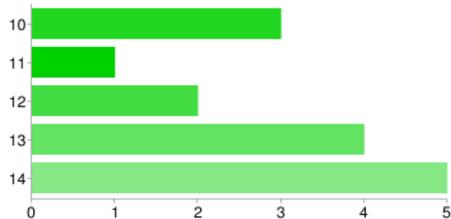
De que ano é directora de turma?



Categoria	Contagem	Porcentagem
5º	3	19%
6º	2	13%
7º	4	25%
8º	4	25%
9º	2	13%

Média de idade dos alunos da turma

Idade	Contagem	Porcentagem
10	3	19%
11	1	6%
12	2	13%
13	4	25%
14	5	31%



Número de raparigas da turma

12 13 13 13 18 6 8 9 7 8 13 10 23 12

Número de rapazes da turma

11 7 12 19 9 14 14 8 12 6 9

Número de alunos com retenções

4 3 4 3 4 5 6 2 2 1 2 10 3 4

Número médio de retenções

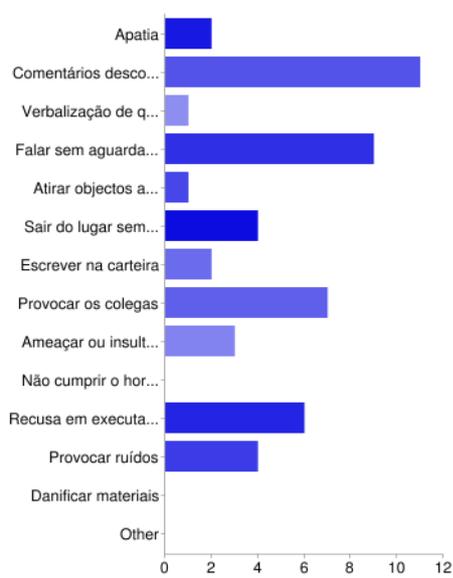
1 2 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 2 1

Quais dos seguintes comportamentos constituem comportamentos de indisciplina?



Quais dos seguintes comportamentos são mais frequentes entre os seus alunos?

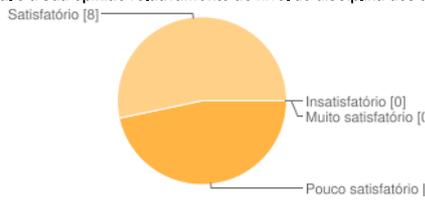
Comportamento	Contagem	Porcentagem
Apatia	2	14%
Comentários descontextualizados	11	79%
Verbalização de questões embaraçosas	1	7%
Falar sem aguardar ou pedir palavra	9	64%
Atirar objectos ao ar na aula	1	7%
Sair do lugar sem pedir licença	4	29%
Escrever na carteira	2	14%
Provocar os colegas	7	50%
Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores	3	21%
Não cumprir o horário	0	0%
Recusa em executar as tarefas	6	43%
Provocar ruídos	4	29%
Danificar materiais	0	0%



Other 0 0%

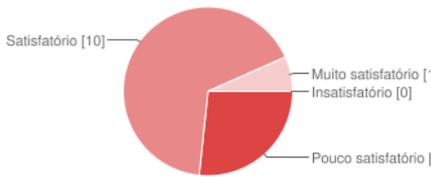
É possível seleccionar mais de uma caixa de verificação, pelo que as percentagens podem somar mais de 100%.

Qual é a sua opinião relativamente ao nível de disciplina dos alunos desta escola?



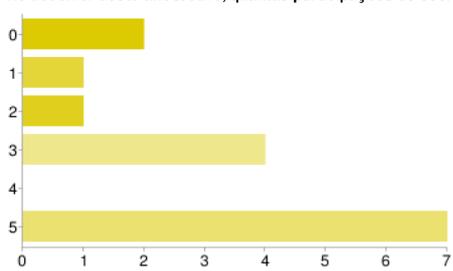
Insatisfatório	0	0%
Pouco satisfatório	7	44%
Satisfatório	8	50%
Muito satisfatório	0	0%

Qual é a sua opinião relativamente ao nível de disciplina da sua turma?



Insatisfatório	0	0%
Pouco satisfatório	4	25%
Satisfatório	10	63%
Muito satisfatório	1	6%

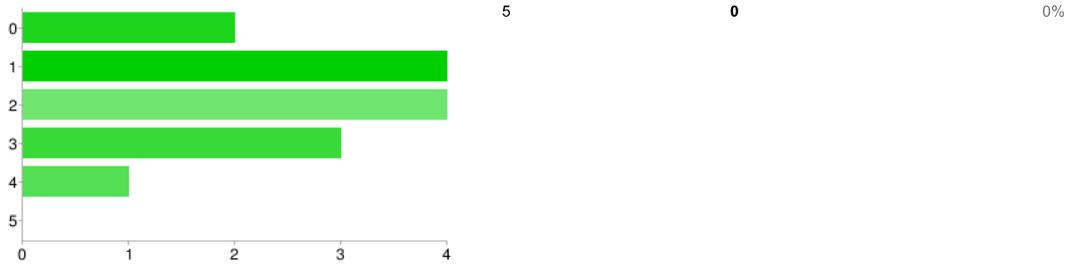
No decorrer deste ano lectivo, quantas participações de ocorrências disciplinares recebeu?



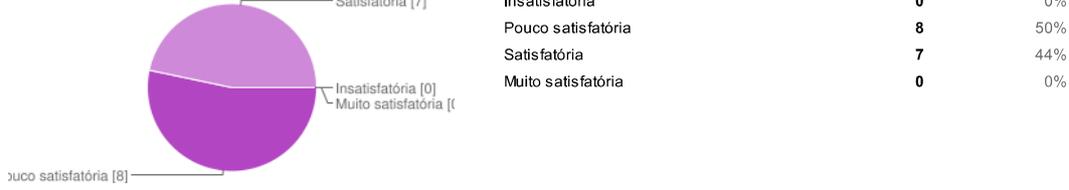
0	2	13%
1	1	6%
2	1	6%
3	4	25%
4	0	0%
5	7	44%

Nessas ocasiões, quantos foram os alunos envolvidos?

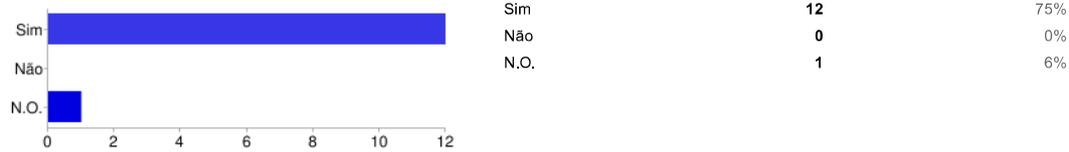
0	2	13%
1	4	25%
2	4	25%
3	3	19%
4	1	6%



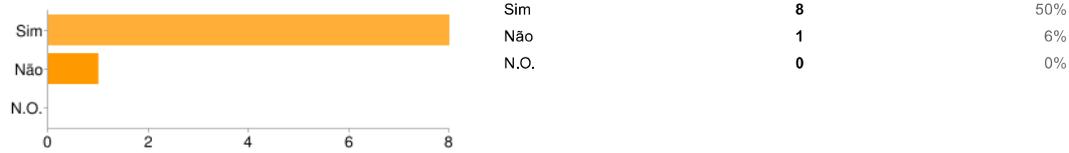
Qual é a sua opinião em relação à qualidade/eficácia das medidas do Regulamento Interno, no que concerne à indisciplina?



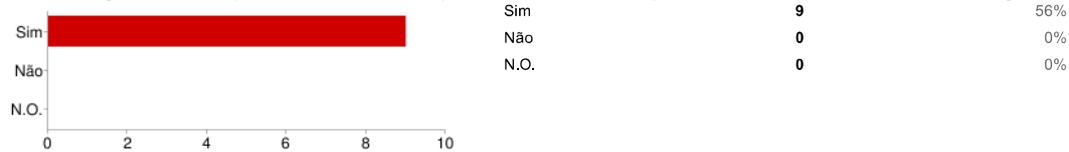
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Acção educativa focada na compreensão dos problemas emocionais/psicológicos do aluno



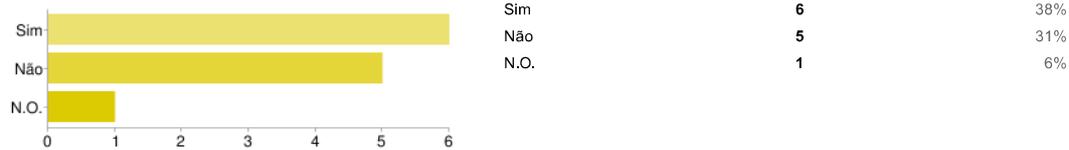
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Mais controlo e vigilância



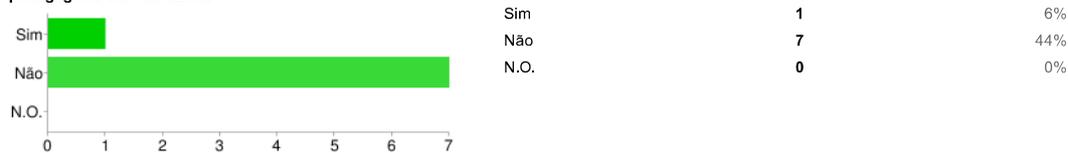
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Esclarecimento das regras



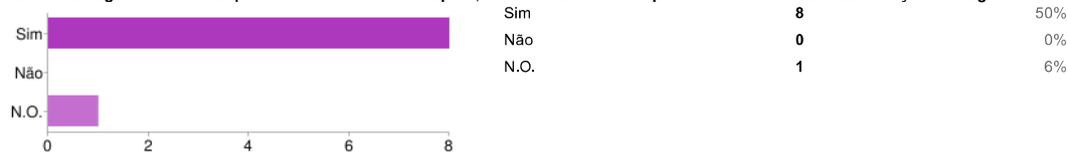
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Agravamento das sanções disciplinares



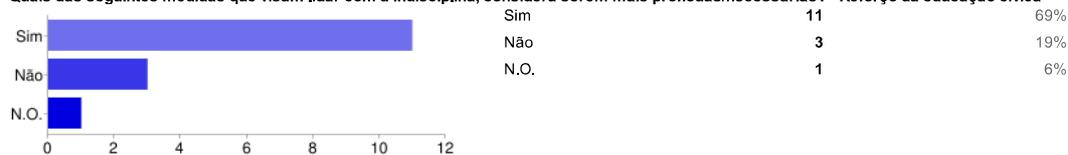
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos



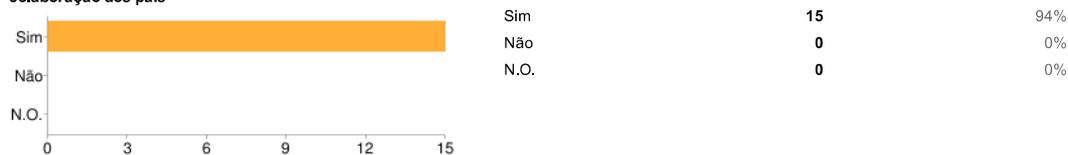
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Clarificação das regras



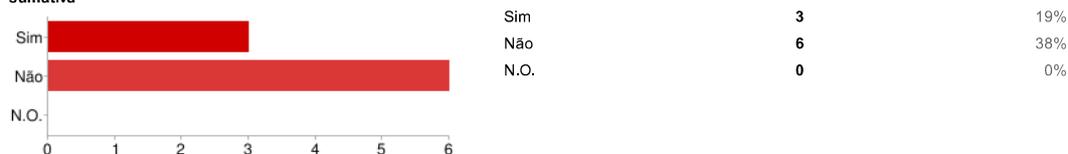
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Reforço da educação cívica



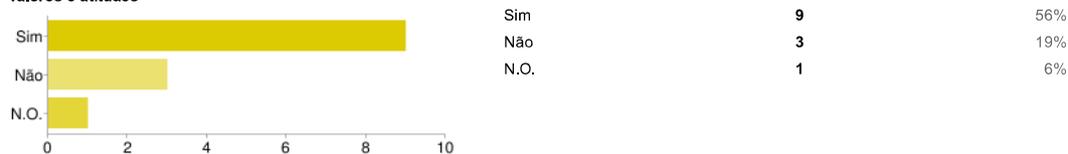
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Apelo a uma maior colaboração dos pais



Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Penalização na avaliação sumativa



Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Promoção de debate sobre valores e atitudes

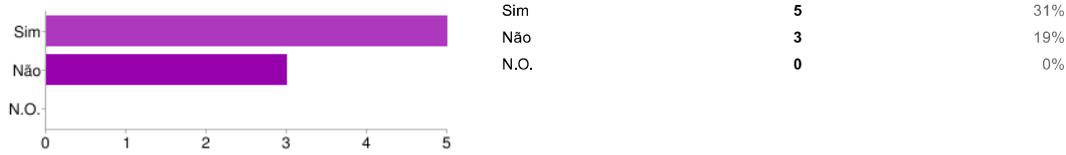


Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Responsabilização dos docentes e dos alunos

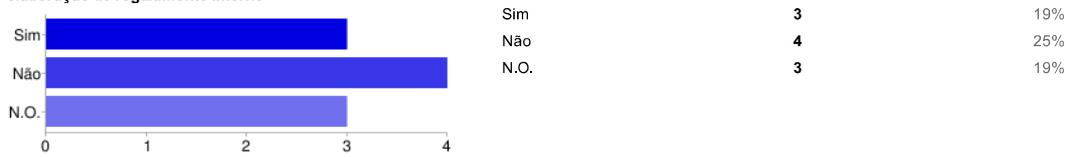
Sim	3	19%
Não	5	31%
N.O.	0	0%



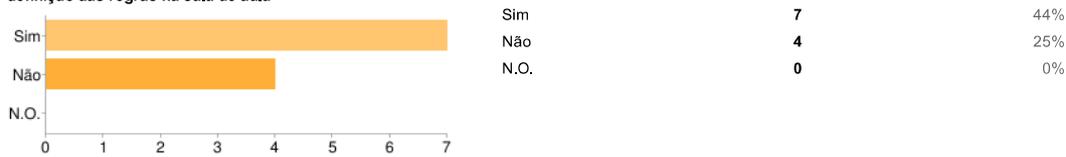
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Melhor divulgação do regulamento interno



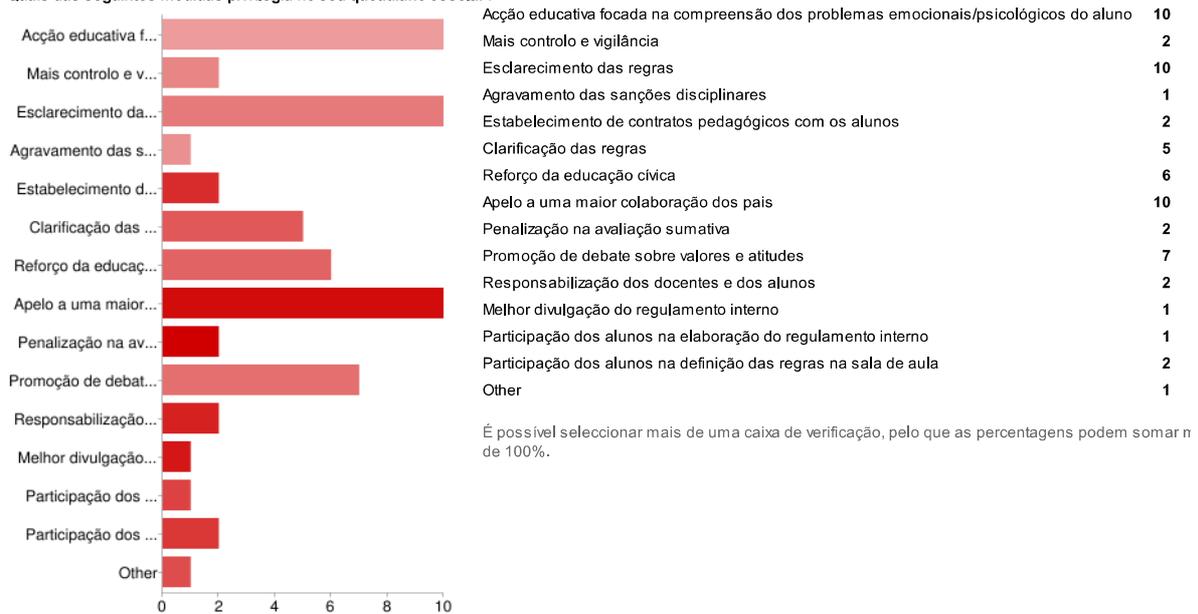
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Participação dos alunos na elaboração do regulamento interno



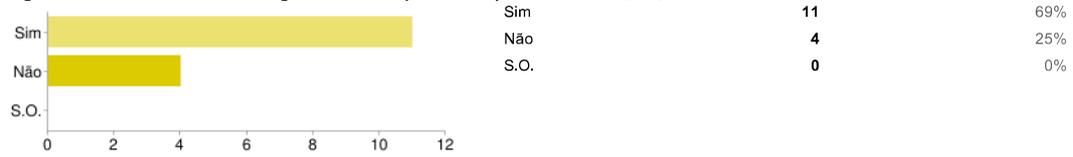
Quais das seguintes medidas que visam lidar com a indisciplina, considera serem mais proficuas/necessárias? - Participação dos alunos na definição das regras na sala de aula



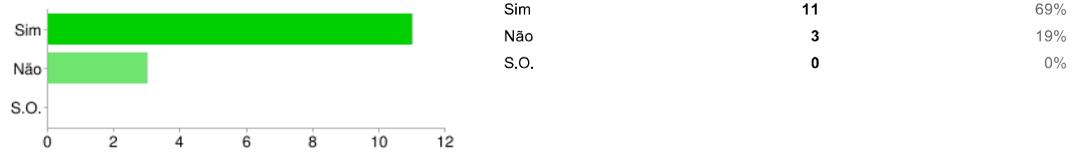
Quais das seguintes medidas privilegia no seu quotidiano escolar?



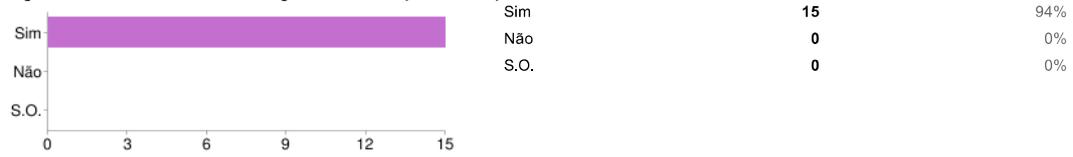
Diga se concorda ou discorda das seguintes medidas promovidas pelo Estatuto do Aluno, - Preventivas



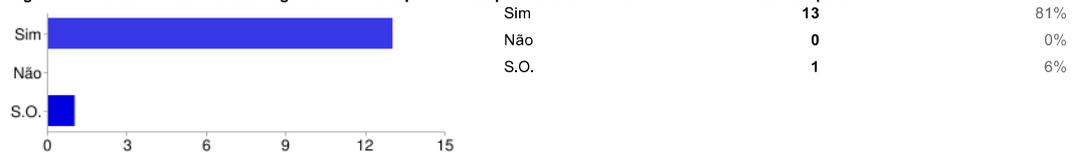
Diga se concorda ou discorda das seguintes medidas promovidas pelo Estatuto do Aluno, - Correctivas



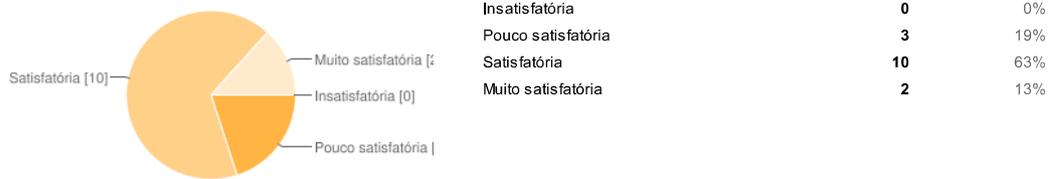
Diga se concorda ou discorda das seguintes medidas promovidas pelo Estatuto do Aluno, - Sancionatórias



Diga se concorda ou discorda das seguintes medidas promovidas pelo Estatuto do Aluno, - Procedimento disciplinar



Como avalia a eficácia da articulação entre o/a Director(a) de Turma e o/a Director(a) da Escola, na abordagem às situações de indisciplina?



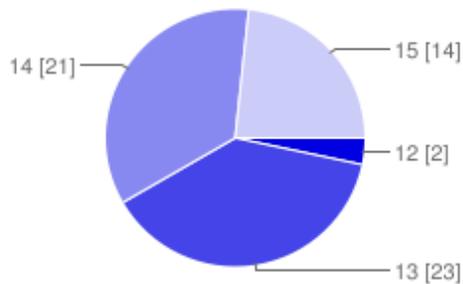
Número de respostas diárias



60 [responses](#)

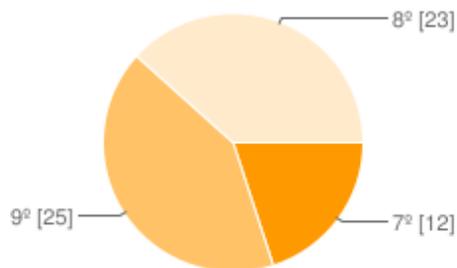
Summary [See complete responses](#)

Idade



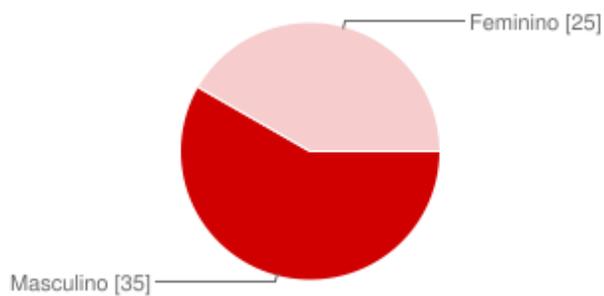
12	2	3%
13	23	38%
14	21	35%
15	14	23%

Ano de escolaridade



7º	12	20%
9º	25	42%
8º	23	38%

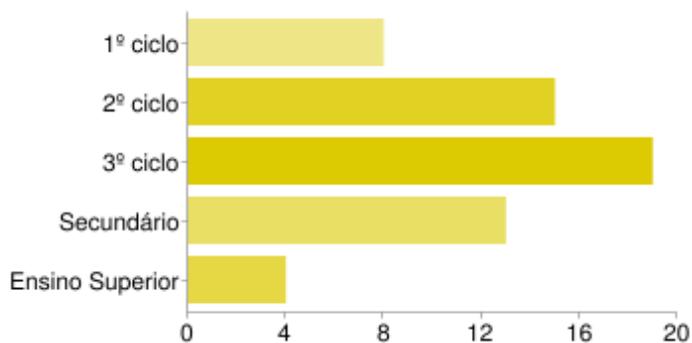
Género



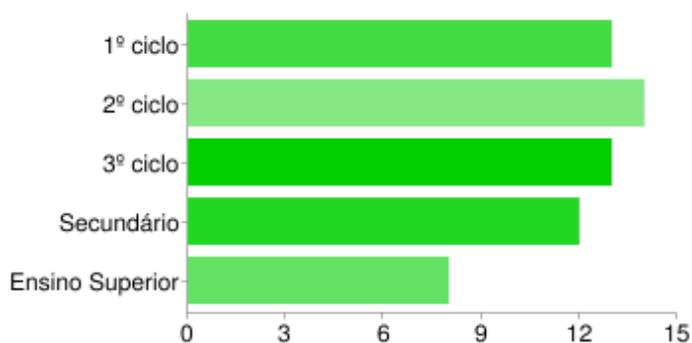
Masculino	35	58%
Feminino	25	42%

Nível de instrução - Pai

1º ciclo	8	13%
2º ciclo	15	25%
3º ciclo	19	32%
Secundário	13	22%
Ensino Superior	4	7%

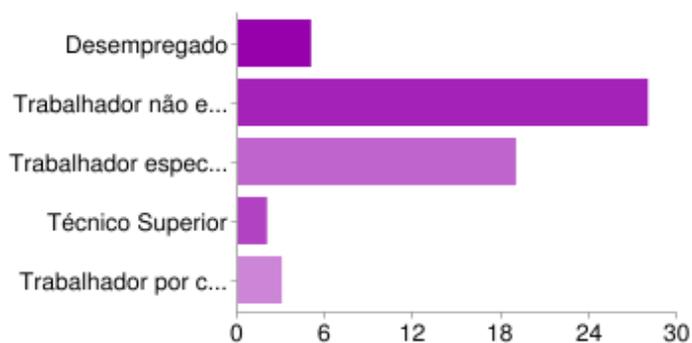


Nível de instrução - Mãe



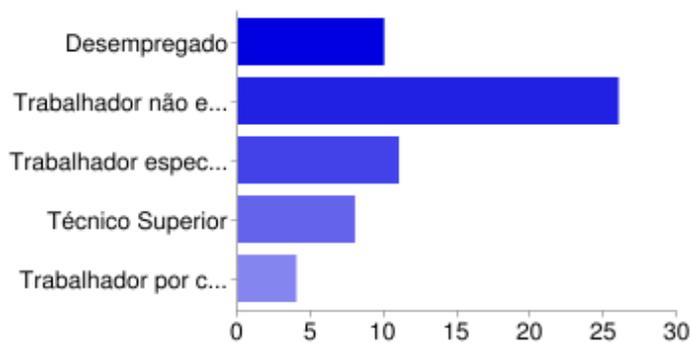
1º ciclo	13	22%
2º ciclo	14	23%
3º ciclo	13	22%
Secundário	12	20%
Ensino Superior	8	13%

Profissão dos pais - Pai



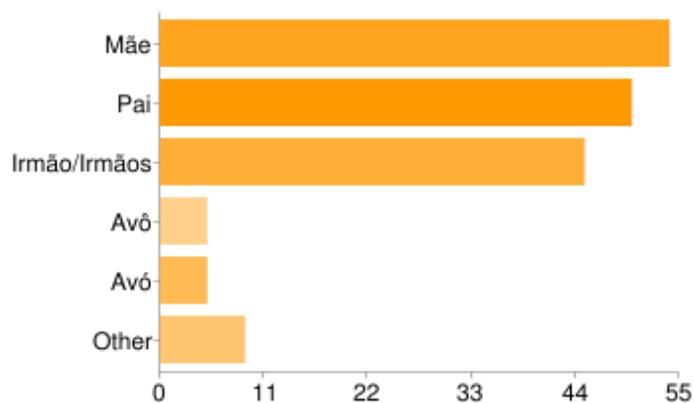
Desempregado	5	8%
Trabalhador não especializado	28	47%
Trabalhador especializado	19	32%
Técnico Superior	2	3%
Trabalhador por conta própria	3	5%

Profissão dos pais - Mãe



Desempregado	10	17%
Trabalhador não especializado	26	43%
Trabalhador especializado	11	18%
Técnico Superior	8	13%
Trabalhador por conta própria	4	7%

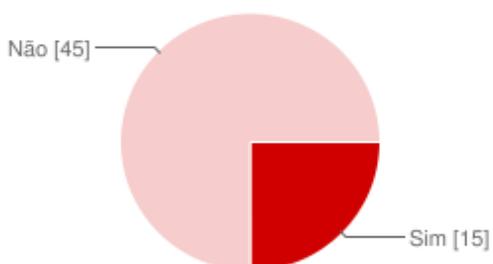
Com quem vives?



Mãe	54	90%
Pai	50	83%
Irmão/Irmãos	45	75%
Avô	5	8%
Avó	5	8%
Other	9	15%

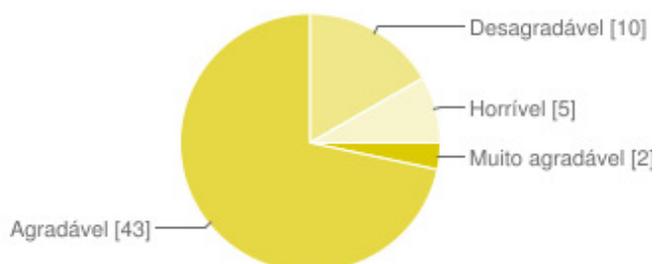
People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

Já alguma reprovaste?



Sim	15	25%
Não	45	75%

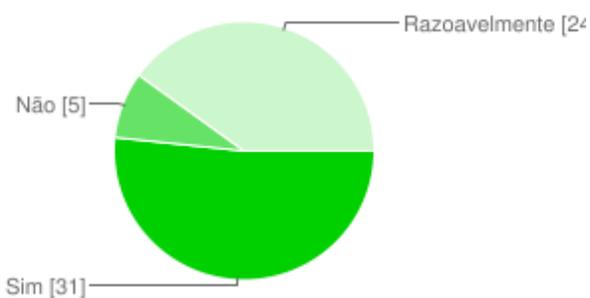
Como avalias a tua escola?



Muito agradável	2	3%
Agradável	43	72%
Desagradável	10	17%
Horrível	5	8%

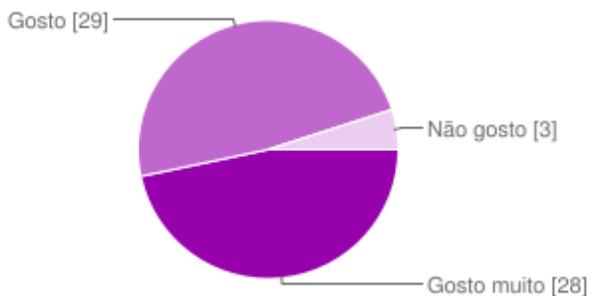
Sentes-te bem na escola?

Sim	31	52%
-----	-----------	-----



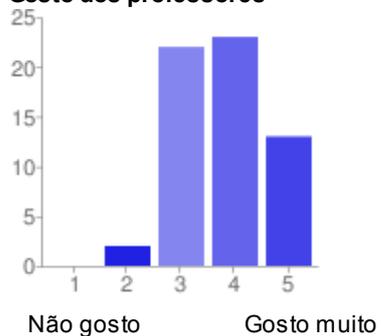
Não	5	8%
Razoavelmente	24	40%

O que sentes relativamente à turma?



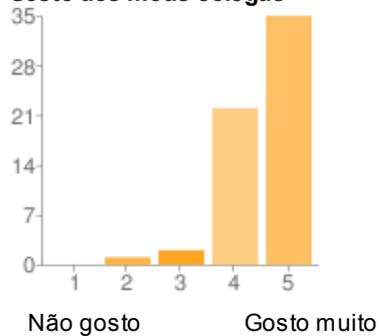
Gosto muito	28	47%
Gosto	29	48%
Não gosto	3	5%

Gosto dos professores



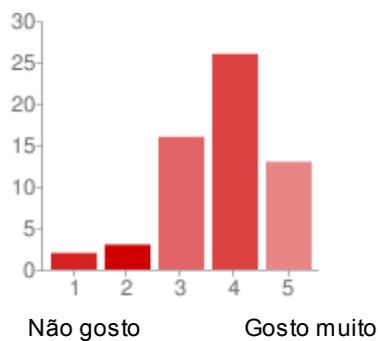
1 - Não gosto	0	0%
2	2	3%
3	22	37%
4	23	38%
5 - Gosto muito	13	22%

Gosto dos meus colegas



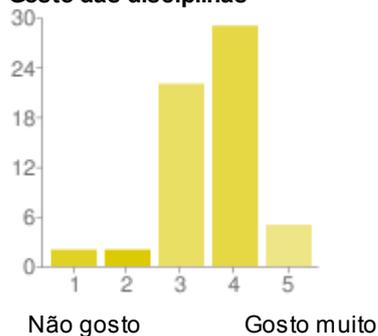
1 - Não gosto	0	0%
2	1	2%
3	2	3%
4	22	37%
5 - Gosto muito	35	58%

Gosto do que aprendo



1 - Não gosto	2	3%
2	3	5%
3	16	27%
4	26	43%
5 - Gosto muito	13	22%

Gosto das disciplinas



1 - Não gosto	2	3%
2	2	3%
3	22	37%
4	29	48%
5 - Gosto muito	5	8%

Gosto das actividades



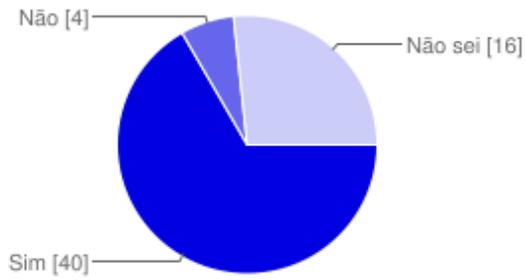
1 - Não gosto	3	5%
2	1	2%
3	12	20%
4	31	52%
5 - Gosto muito	13	22%

Gosto do(a) director(a) de turma



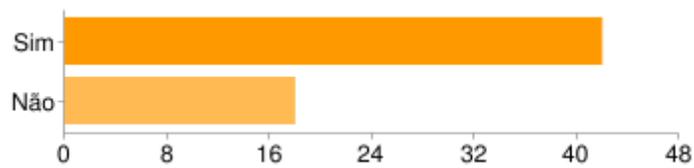
1 - Não gosto	3	5%
2	2	3%
3	2	3%
4	24	40%
5 - Gosto muito	29	48%

Gostavas de um dia ir estudar na universidade?



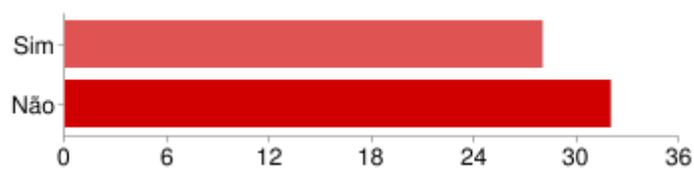
Sim	40	67%
Não	4	7%
Não sei	16	27%

O que é indisciplina? - Fazer comentários descontextualizados



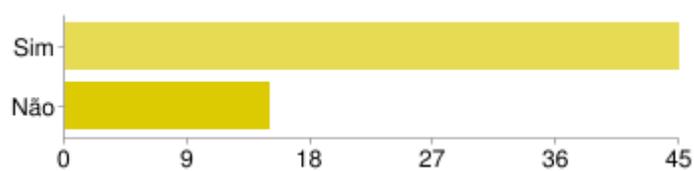
Sim	42	70%
Não	18	30%

O que é indisciplina? - Colocar questões embaraçosas ao professor



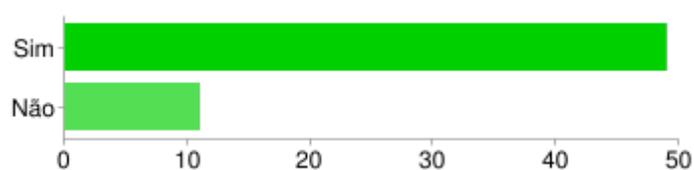
Sim	28	47%
Não	32	53%

O que é indisciplina? - Falar sem aguardar ou pedir palavra



Sim	45	75%
Não	15	25%

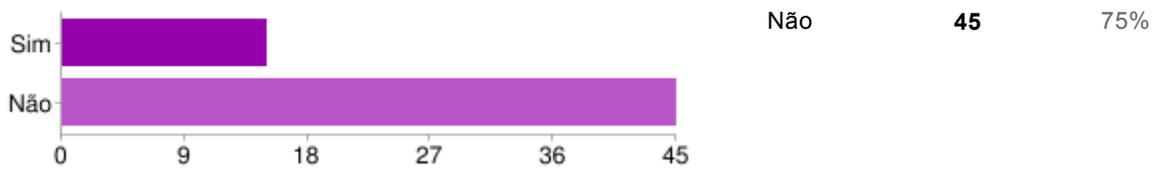
O que é indisciplina? - Atirar objectos na aula



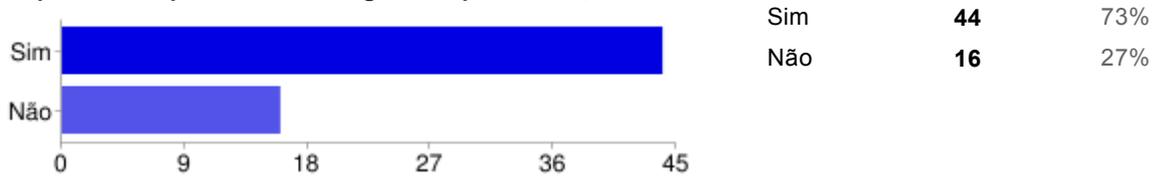
Sim	49	82%
Não	11	18%

O que é indisciplina? - Não levar o material necessário

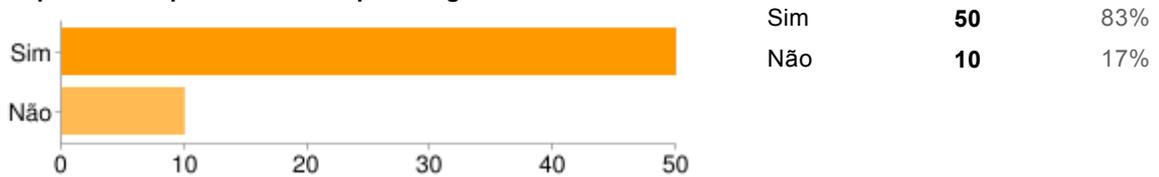
Sim	15	25%
-----	-----------	-----



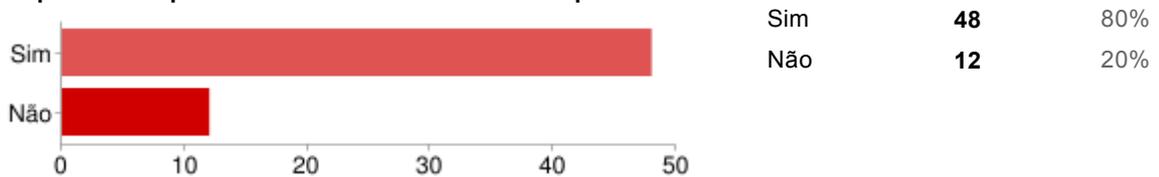
O que é indisciplina? - Sair do lugar sem pedir licença



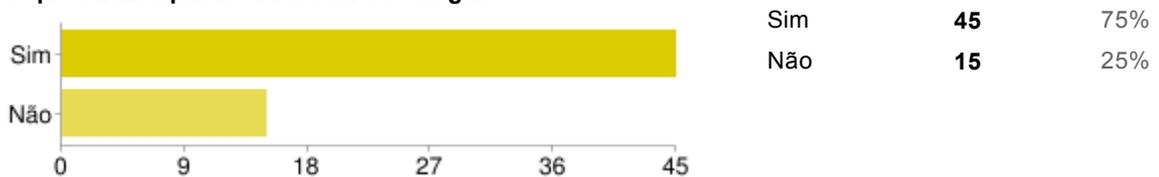
O que é indisciplina? - Não cumprir o regulamento interno



O que é indisciplina? - Escrever na carteira ou nas paredes das escolas

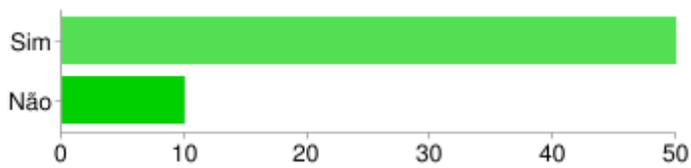


O que é indisciplina? - Provocar os colegas

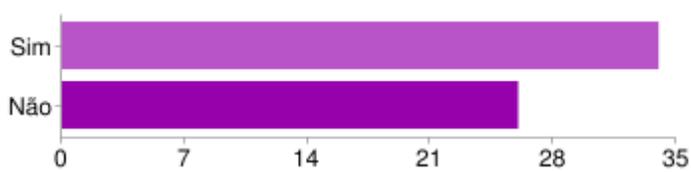


O que é indisciplina? - Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores

Sim	50	83%
Não	10	17%

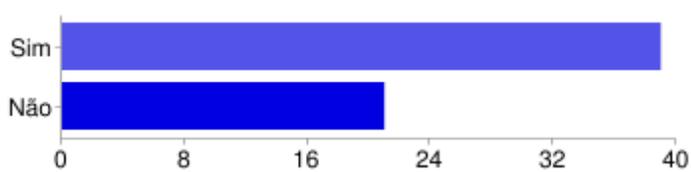


O que é indisciplina? - Não cumprir o horário



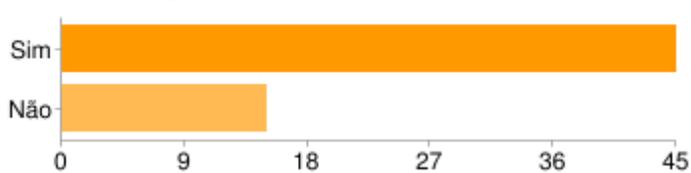
Sim	34	57%
Não	26	43%

O que é indisciplina? - Não executar as tarefas



Sim	39	65%
Não	21	35%

O que é indisciplina? - Fazer muito barulho



Sim	45	75%
Não	15	25%

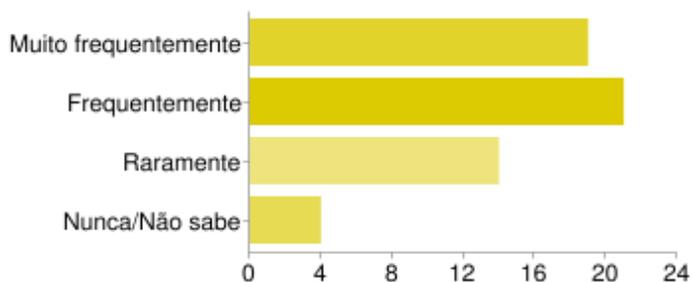
O que é indisciplina? - Danificar materiais



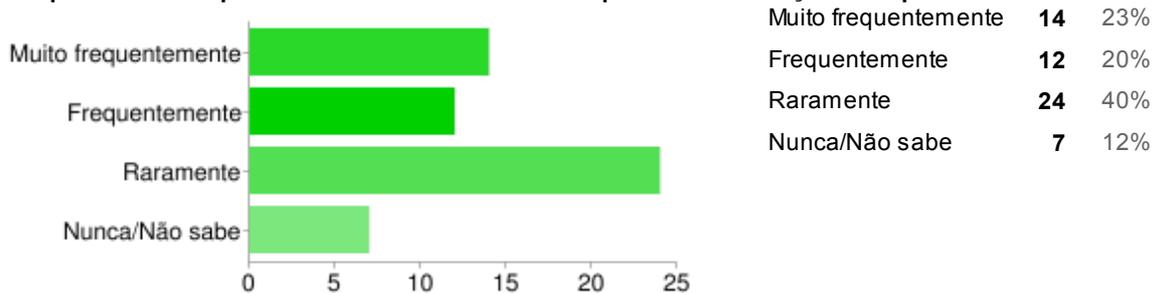
Sim	47	78%
Não	13	22%

Frequência de comportamentos na escola - Fazer comentários descontextualizados

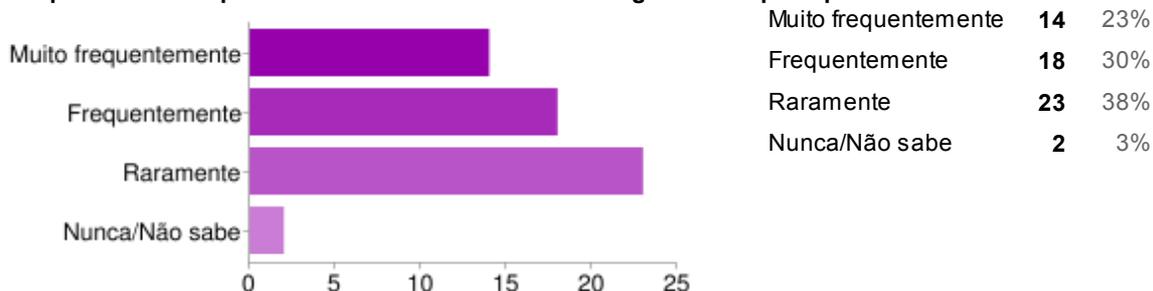
Muito frequentemente	19	32%
Frequentemente	21	35%
Raramente	14	23%
Nunca/Não sabe	4	7%



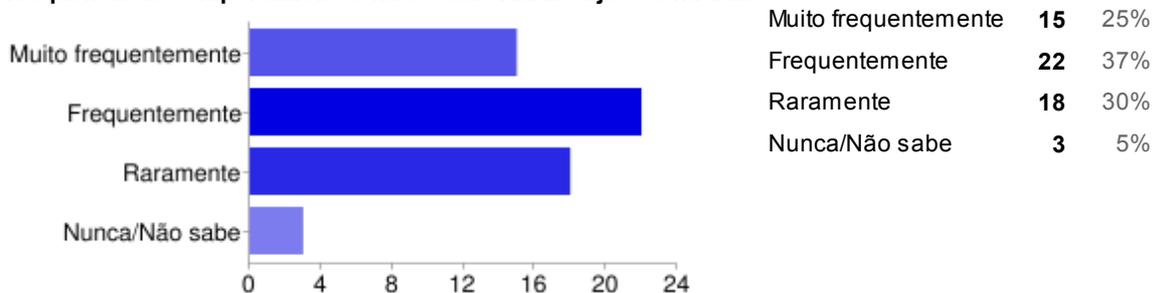
Frequência de comportamentos na escola - Colocar questões embaraçosas ao professor



Frequência de comportamentos na escola - Falar sem aguardar ou pedir palavra

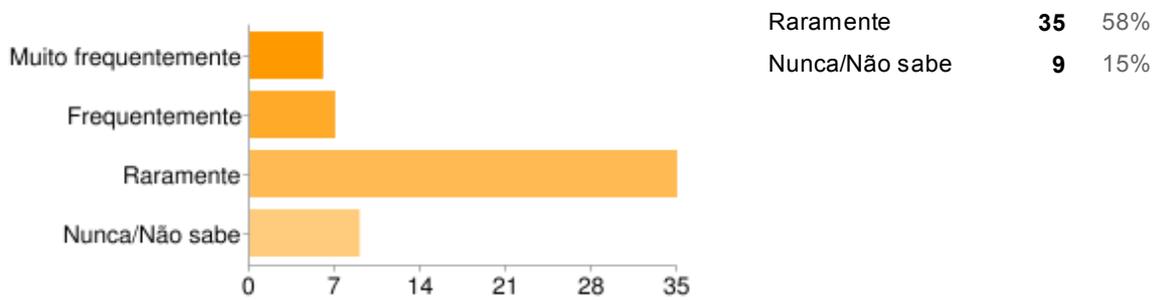


Frequência de comportamentos na escola - Atirar objectos na aula

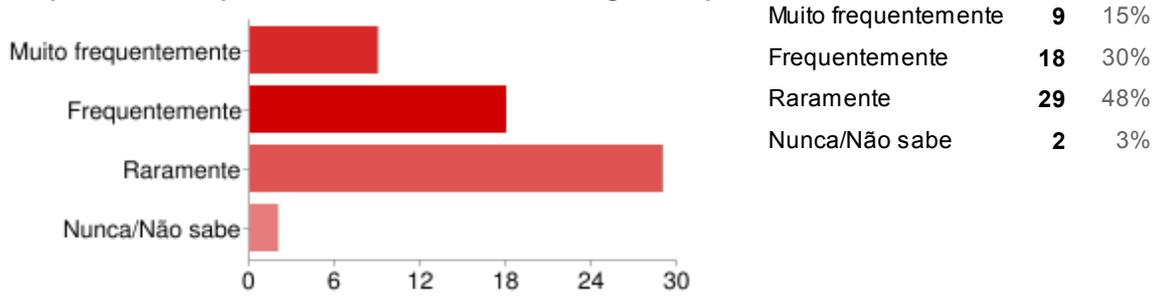


Frequência de comportamentos na escola - Não levar o material necessário

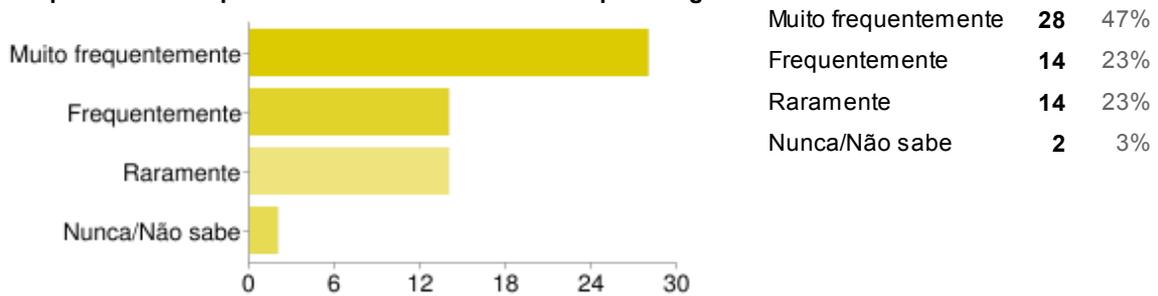
Muito frequentemente	6	10%
Frequentemente	7	12%



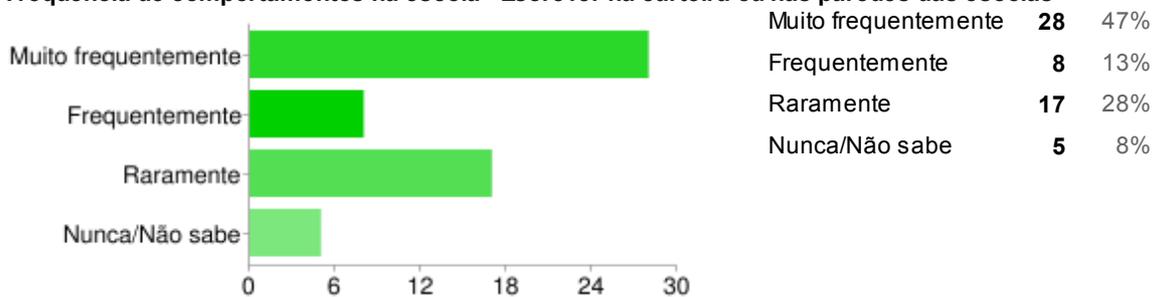
Frequência de comportamentos na escola - Sair do lugar sem pedir licença



Frequência de comportamentos na escola - Não cumprir o regulamento interno

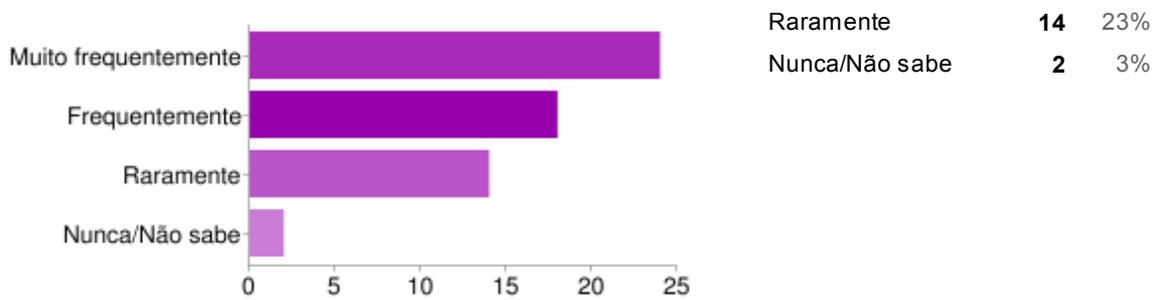


Frequência de comportamentos na escola - Escrever na carteira ou nas paredes das escolas

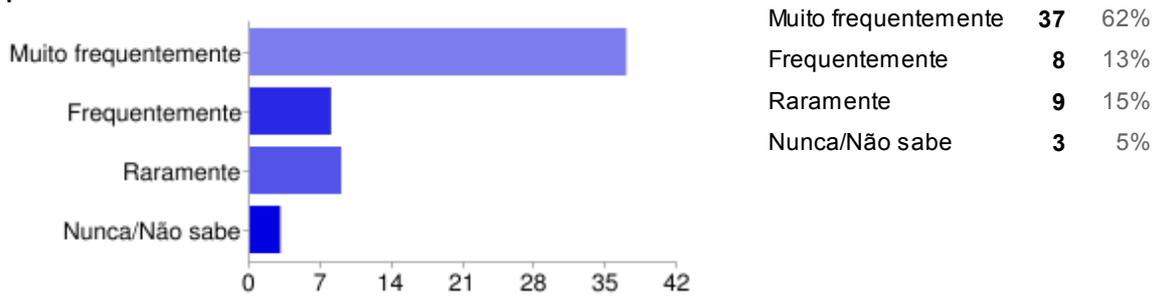


Frequência de comportamentos na escola - Provocar os colegas

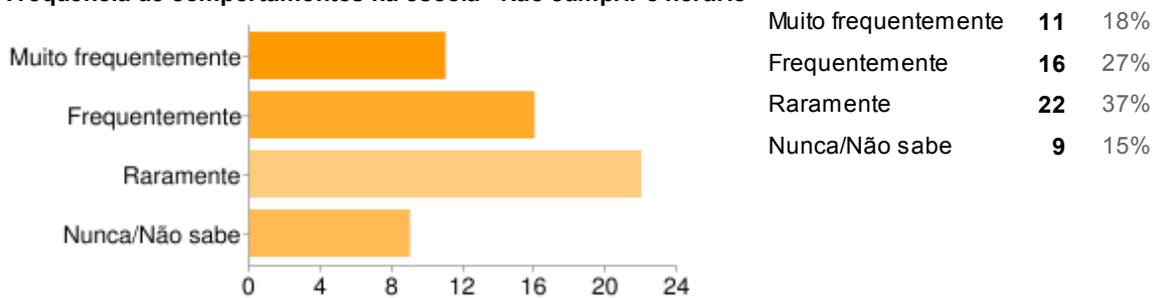
Muito frequentemente	24	40%
Frequentemente	18	30%



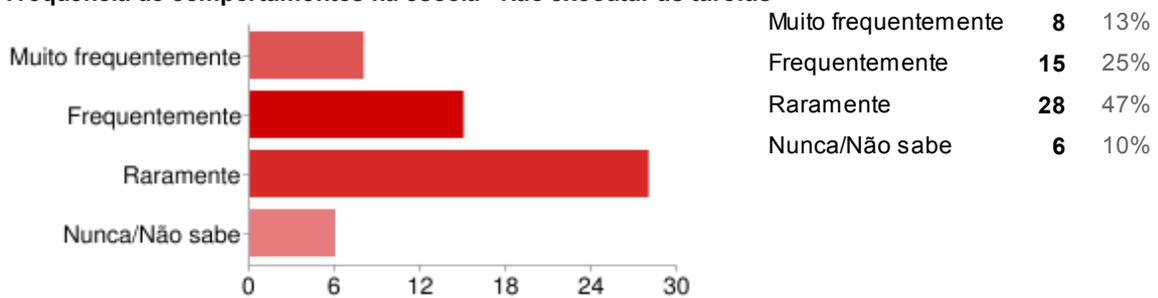
Frequência de comportamentos na escola - Ameaçar ou insultar colegas, funcionários ou professores



Frequência de comportamentos na escola - Não cumprir o horário

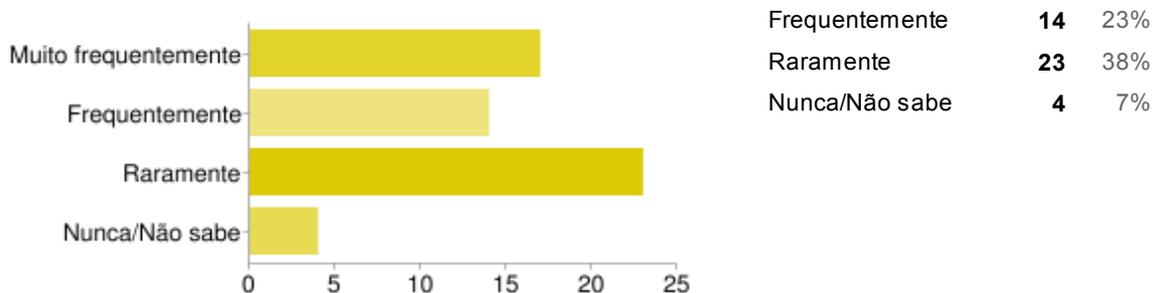


Frequência de comportamentos na escola - Não executar as tarefas

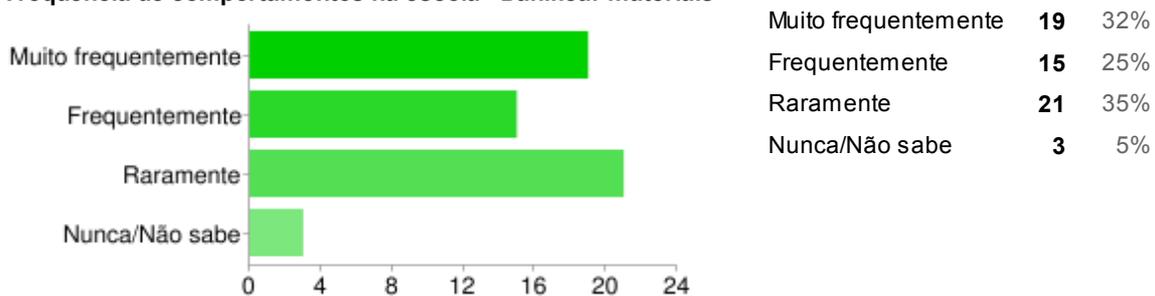


Frequência de comportamentos na escola - Fazer muito barulho

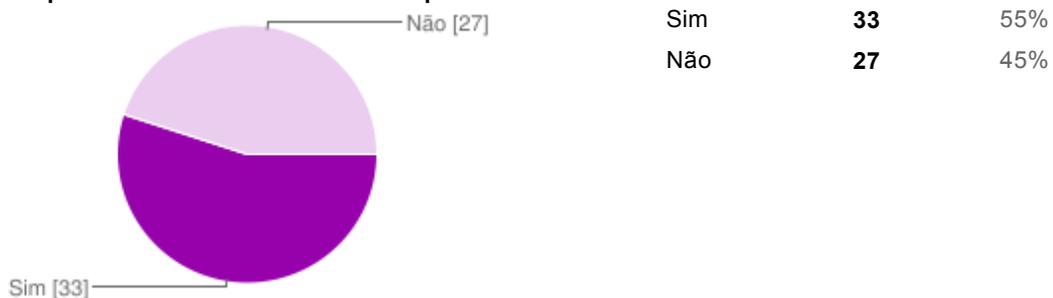
Muito frequentemente	17	28%
----------------------	----	-----



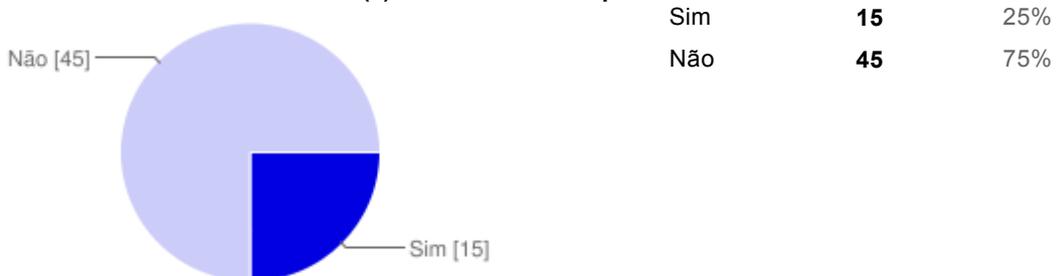
Frequência de comportamentos na escola - Danificar materiais



Consideras que na tua turma há alunos indisciplinados?

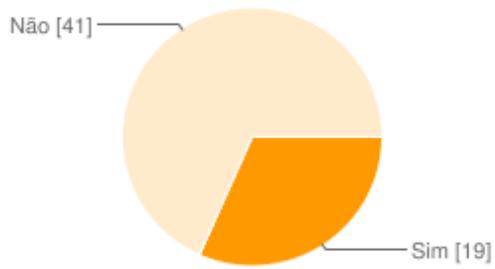


Alguma vez foste chamado ao/à Director(a) devido a mau comportamento?



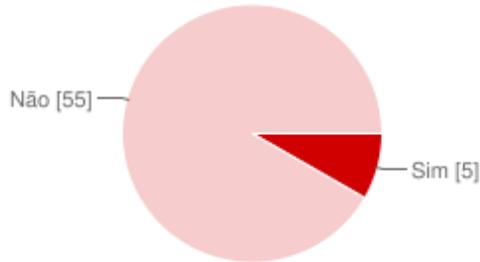
Já tiveste alguma participação disciplinar?

Resposta	Contagem	Porcentagem
Sim	19	32%
Não	41	68%



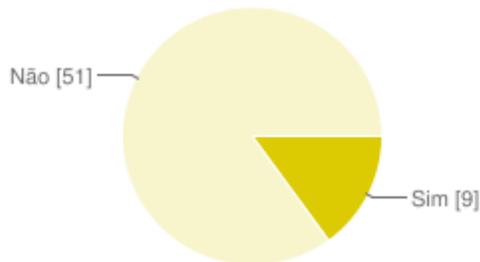
Alguma vez foste suspenso(a) das actividades?

Sim	5	8%
Não	55	92%



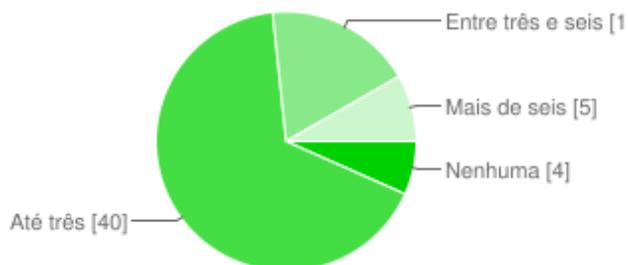
E já tiveste um processo disciplinar?

Sim	9	15%
Não	51	85%



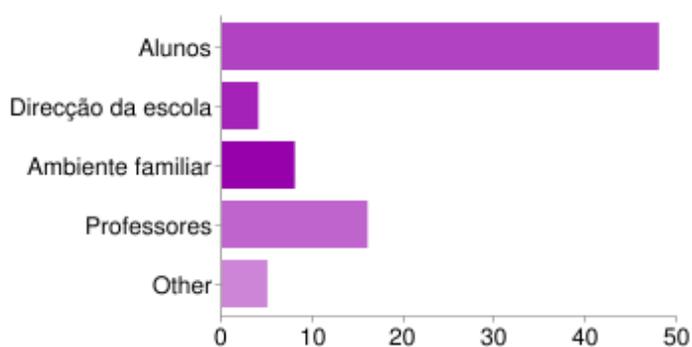
Quantas vezes é que o teu encarregado de educação foi à escola no ano lectivo passado?

Nenhuma	4	7%
Até três	40	67%
Entre três e seis	11	18%
Mais de seis	5	8%



De quem é a culpa da indisciplina nas aulas?

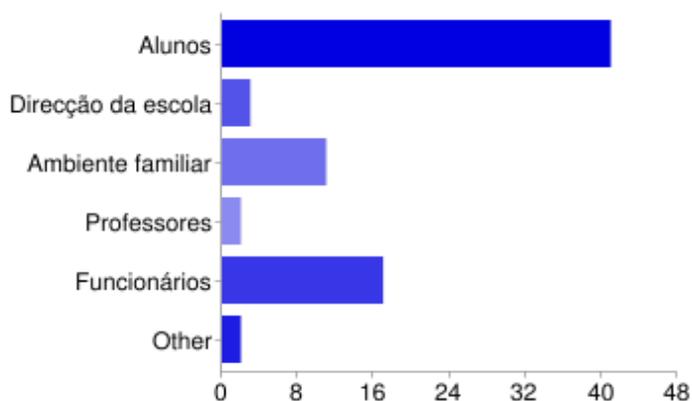
Alunos	48	80%
Direcção da escola	4	7%



Ambiente familiar	8	13%
Professores	16	27%
Other	5	8%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

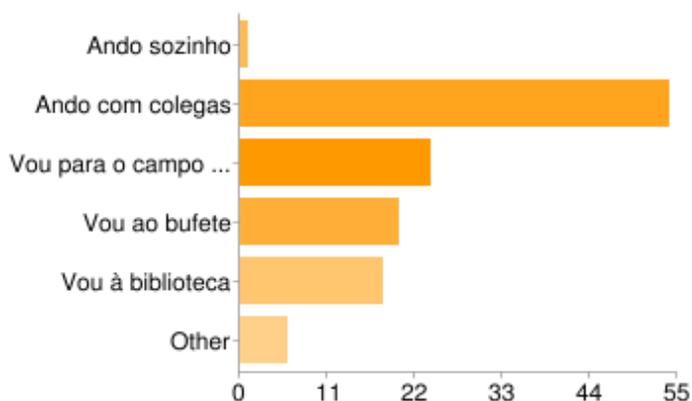
De quem é a culpa da indisciplina quando ocorre fora da sala?



Alunos	41	68%
Direcção da escola	3	5%
Ambiente familiar	11	18%
Professores	2	3%
Funcionários	17	28%
Other	2	3%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

O que costumam fazer nos intervalos?



Ando sozinho	1	2%
Ando com colegas	54	90%
Vou para o campo de jogos	24	40%
Vou ao bufete	20	33%
Vou à biblioteca	18	30%
Other	6	10%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

Na parte que cabe ao aluno, o que julgas que contribui para o seu comportamento indisciplinado?

Falhas na educação familiar	24	40%
Má influência de colegas perturbadores	36	60%
Falta de perspectivas	9	15%
Dificuldades de aprendizagem	10	17%
Vontade de chamar à atenção	34	57%
Other	9	15%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.



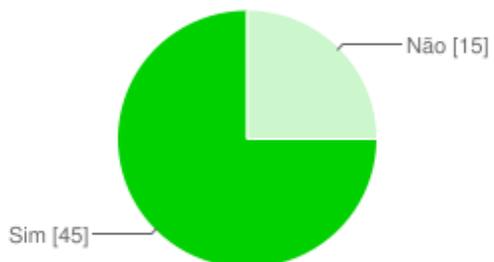
Na tua opinião, quais são as medidas correctivas ("castigo") mais eficazes?



Advertência oral	11	18%
Repreensão registada	9	15%
Avisar o encarregado de educação	28	47%
Realizar trabalho cívico	23	38%
Suspensão da escola	12	20%
Transferência de escola	13	22%
Other	1	2%

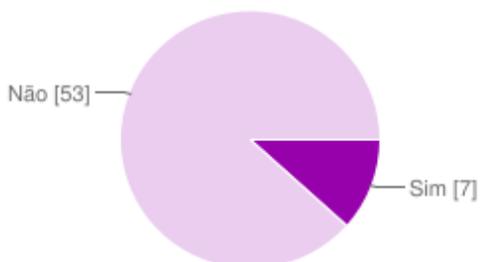
People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

Conheces o Regulamento Interno da tua escola?



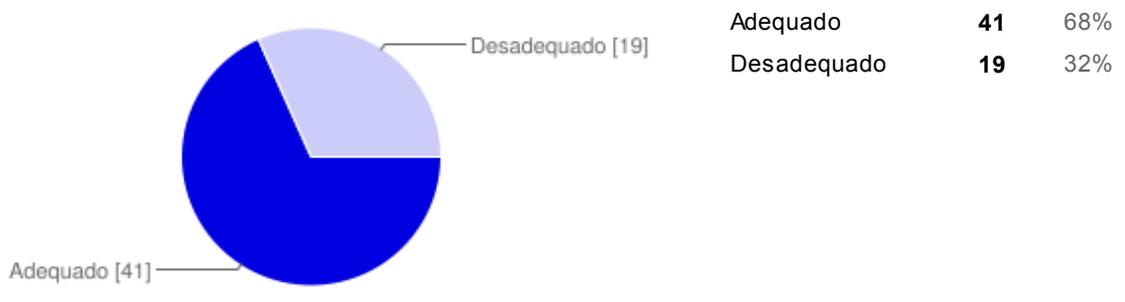
Sim	45	75%
Não	15	25%

Participaste na elaboração do Regulamento Interno da escola?



Sim	7	12%
Não	53	88%

O que pensas do Estatuto do Aluno?



Number of daily responses

